A LENDA DO
SABRE DOURADO

Obra mediúnica psicografada por **Rubens Saraceni**
e inspirada por **Pai Benedito de Aruanda**

A LENDA DO
SABRE DOURADO

Obra mediúnica psicografada por Rubens Saraceni
e inspirada por Pai Benedito de Aruanda

CORTESIA
DO EDITOR

Cristális Editora e Livraria Ltda.

Copyright © by Rubens Saraceni
Copyright desta edição by *Cristális* **Editora e Livraria Ltda.**

Editor: Luiz A. L. Silva
Revisão: Sueli Silva Segrégio
Capa: Edson Gomes
Diagramação e Editoração Eletrônica: *Cristális*

Capa: textura sob carta geográfica de autoria de Piri Reis, navegador egípcio do início do séc. XVI., focalizando o Oriente Médio e o Extremo Oriente.

ISBN 85-86536-19-9

Reservados todos os direitos desta edição para Cristális Editora e Livraria Ltda. Proibida a reprodução, mesmo que parcial, e sob qualquer forma ou meio eletrônico, sem expressa autorização da Editora (Lei nº 5988, de 14.12.73).

***Cristális* Editora e Livraria Ltda.**
Caixa Postal 14323 - São Paulo/SP - CEP 02199-970
Fone: (011) 6949-2868 * Fax: (011) 6949-9567
Internet: www.alcateia.net/cristalis
e-mail: cristalis@alcateia.net

SUMÁRIO

A Lenda do Sabre Dourado

Introdução —— 9

Primeira Parte

A Grande Tempestade ——— 11
O Filho da Tempestade ——— 18
Tendo o Tempo Como Aliado ——— 30
Procura-se um Discípulo ——— 39
No Templo dos Monges Tibetanos ——— 49
Quase o Discípulo ——— 64
Mestre Anaanda e a Força do Carma ——— 71
O Sabre Dourado é Empunhado ——— 86
Cumpra-se o Destino do Libertador ——— 100
A Campanha do Tibete ——— 120

Segunda Parte

O Fundo do Abismo ——— 139
O Consolador ——— 179
O Vale da Luz Eterna ——— 191
Levi Ben Yohai, o Mestre de Akenaton ——— 205
As Espadas Simbólicas Encantadas ——— 220
Zandor e o Divino Mestre ——— 238
Carma e Destino ——— 257
O Iniciado na Origem Retoma o Combate ——— 290
O Antigo Jogo Entre o Bem e o Mal ——— 308
Fúrias dos Infernos ——— 328
O Retorno ao Meio ——— 349
Luz e Trevas, o Eterno Conflito ——— 359
Desejo e Ambição, Prazer e Possessão - Surge Nova Arma — 382

A LENDA DO SABRE DOURADO

PRIMEIRA PARTE

Introdução

Há quanto tempo esta estória se passou, pouco importa, pois ao escrevê-la temos em mente mostrar como é fácil aos seres humanos cruzarem a tênue linha que separa a vida da morte, o amor do ódio, a luz das trevas, a sanidade mental da loucura. Ela se passou há pouco mais de mil anos e no princípio foi guiada pelo destino e no final, por homens. Muitos podem dizer que é impossível que isso tenha acontecido.

Nós dizemos: aconteceu!, e ficou como uma página negra no grande livro dos iniciados na origem que servem ao Grande Oriente Luminoso. Ela revela o porque das coisas e o que causa nos espíritos imortais certas ações impensadas praticadas por homens muito sábios, preocupados com a ordenação material do mundo. Tal ordenação nunca deve ser confiada a um místico, porque as razões que o guiam não são as dos políticos, que são boas na origem, ótimas no meio, mas às vezes incompreensivas na aplicação, e portanto, inaceitáveis por muitos.

O Oriente Luminoso tem como princípio que um iniciado deve ater-se unicamente aos princípios e meios e nunca, mas nunca mesmo, aos fins, pois nesta parte da vivência de um desígnio, quase sempre extrapola-se os limites e dá-se vazão a uma poderosa força, que tanto pode ser benéfica como maligna.

Aqui mostraremos o início, meio e fim de uma missão confiada a um iniciado na origem que não viu quando era hora de parar e avançou os seus limites, dando vazão a todo o seu potencial destrutivo, quando caminhava à esquerda do Criador. Não sofreu uma queda maior porque o Criador achou que ainda poderia usá-lo na Luz, mas não podemos dizer que caiu pouco, pois para alguém da quinta esfera regredir à quarta é a maior

das quedas. Quem alcança a quinta esfera, só em raríssimas e muito tristes encarnações é levado á queda.

Pois vamos chamar este iniciado de Kaled Saied. De nascimento, um muçulmano, no meio, um sábio, e no fim, um ser tolhido pela loucura.

Kaled Saied nasceu no país que hoje chamam de Afeganistão e aos onze anos abandonou sua família e foi à Índia. Aí inicia-se sua triste missão rumo ao Tibete dos mestres da Luz, mestres esses que dali haviam sido expulsos pelos chineses, numa ocupação perversa que já durava cem anos. Pois foi mais longo o tempo que o iniciado na origem vagou na escuridão do meio após sua queda, por ter tomado em suas mãos o destino que não lhe pertencia.

Se tudo isto pode parecer pouco para alguém que extrapolou seus limites, então acompanhem a caminhada na Luz e depois nas Trevas de Kaled Saied, e verão como tudo começa, desenvolve-se e termina ao infringirmos os limites que a Lei Maior impõe aos seres humanos.

Benedito de Aruanda

A Grande Tempestade

Existem noites claras e noites escuras, luas brilhantes e às vezes, nem tanto. Aquela era uma noite horrível, pois o céu estava coberto por nuvens negras e os relâmpagos cortavam os céus, criando clarões aterradores que infiltravam-se nas casas pelas frestas das portas e janelas. Os trovões assustadores não cessavam e a chuva torrencial prenunciava grandes inundações e devastações no grande vale onde nascia, sob a tempestade, Kaled Saied.

A horrível noite já era um prenúncio de uma existência atormentada para quem ousasse nascer nela. E Kaled Saied ousou vir à luz da vida justamente naquela noite.

Mas o que encontrou assim que saiu do ventre materno não foi luz e sim uma longa noite de pavor para todos os moradores do extenso vale. Ele ousou deixar a proteção do útero e sair justamente numa noite em que os elementos estavam agitados ao extremo. O ar arrancava árvores e agitava a água que caía torrencialmente, a terra era levada pela força das águas e o fogo se fazia presente nos raios que caíam e fulminavam as pequenas construções e árvores no campo.

Realmente! Aquela não era uma boa noite para nada, e muito menos ainda para se nascer. Mas o destino quis que justamente nela Kaled Saied viesse à luz, ou às trevas. Quem poderia dizer ao certo o que planejava o destino ao fazer o que não se faz presente aos olhos humanos? Portanto, não vamos discutir as razões que o levaram a lançar no meio de uma tormenta um ser luminoso como o que naquela noite vinha à luz da vida. Nós diríamos que um ser luminoso foi lançado às trevas da morte para uma missão cruel e sanguinária.

Eram mais ou menos nove horas da noite, quando o parto iniciou sua fase final e demorou quase uma hora para terminar. Os gritos de dor de uma encorpada mulher misturavam-se aos de medo e às orações aflitas dos que abrigavam-se sob aquele teto. O vento fazia a luz da lamparina a óleo quase extinguir-se, para logo a seguir crescer novamente e iluminar um pouco o corpo da pobre mulher. Quando finalmente o menino nasceu, a mulher acalmou-se um pouco.

Então iniciou-se o choro da criança recém-nascida, que misturava-se ao das outras crianças ainda pequenas.

Naquela pequena construção, viviam várias pessoas e na maioria eram todas crianças ainda. O que acabara de nascer era o sétimo filho daquela casa, onde o mais velho contava com apenas quatorze anos.

Mal haviam terminado de limpar a criança e envolvê-la numa pequena manta, a água começou a entrar pela porta. O vale estava inundando-se com a chuva torrencial. O pequeno riacho que brotava nas montanhas e o cortava no meio já não existia mais. Em seu lugar havia agora um extenso lago que cobria tudo. E agora as águas chegavam à porta daquela casa, já aflita com o nascimento de uma criança numa noite tão imprópria, um acontecimento que em outras condições só traria alegria e comemorações.

Assim que abriu a porta, o chefe da casa assustou-se e começou a gritar a todos que apressassem a fuga da habitação, pois ela seria coberta pelas águas em pouco tempo. Foram momentos de pânico e os choros misturavam-se aos gritos de desespero. Um apanhava uma trouxa de roupas, outro alguns alimentos e alguns utensílios domésticos, outro ainda apanhava uma manta de couro de ovelhas ou peles de animais selvagens. O pai do jovem Kaled amparava sua mãe num braço e no outro segurava um outro filho, ainda de apenas dois anos de idade. Foi assim que saíram para o meio da tempestade inclemente.

A mãe carregava o recém-nascido envolto numa pele

em seus braços. Não tiveram tempo de proceder à limpeza pós-parto e o sangue corria por suas pernas encharcando suas vestes longas e tingindo-as de vermelho, pois o forte vento agitando a chuva molhou-a em segundos. Todos subiam a encosta do vale à procura de um abrigo natural esperando o fim da chuva.

Do alto das encostas verdadeiros riachos corriam rumo ao já grande lago formado no meio do vale. As crianças iam na frente e o casal com os dois filhos menores, atrás. Desviavam das enxurradas como podiam, pois a escuridão era total. Com a ação da ventania e a chuva que caia, nada se enxergava. O impacto das águas no rosto doía e tinham que proteger os olhos se quisessem ver onde pisavam.

Já haviam se afastado o bastante do lugar inundado, mas agora tentavam chegar a uma saliência nas rochas, que os protegesse da chuva e os colocasse em segurança. Foi neste momento que o filho mais velho, que ia na frente com um irmão de quatro anos no colo e uma trouxa de roupas numa mão gritou desesperado. Pisara num barranco e este deslizou por onde corria a enxurrada misturada a pedras de todo tamanho.

O pai gritou por ele e ainda viu os seus dois filhos serem arrastados encosta abaixo pelas águas num clarão criado por um raio que cortou o céu. Não podia largar a mulher e o filho que estava em seu colo, senão eles também seriam levados pelas águas. O desespero tomou conta dele, que gritou pela misericórdia de Alá para que salvasse seus filhos arrastados pelas águas ladeira abaixo. Assim que viu um lugar firme, deixou a esposa e os dois filhos em seus braços e correu tentando ajudar os outros filhos. A escuridão e as águas turvando os olhos eram os piores inimigos em sua vã tentativa de salvá-los.

Num outro clarão, viu o corpo do filhinho de quatro anos preso em meio a duas rochas. Correu até ele mas já era tarde, pois assim que o tirou do meio delas viu em sua pequena cabeça um corte profundo, e o rosto coberto pelo sangue. Já estava morto pois batera de encontro às pedras e partira seu delicado

crânio. Levou-o até onde estava a esposa, e saiu à procura do filho mais velho, o orgulho de seu nome.

Nova procura desesperada e nada de encontrá-lo. Nos segundos em que os relâmpagos clareavam todo o vale á sua frente, tentava ver o filho, mas nem sinal dele. Desceu até onde a pouco estava sua casa mas só viu água à sua frente. O imenso lago formado pela tromba d'água a cobria. Num forte clarão, viu corpos boiando nas águas que corriam no meio do vale. Já não se agitavam e deviam vir de todos os pontos do vale. Iniciou a subida olhando tudo à procura do filho mais velho. Acompanhou a vala por onde corria a enxurrada e nem sinal dele. Gritou várias vezes pela mulher até localizá-la e aos outros filhos e sua cunhada que morava com eles. Quando chegou junto deles, todos choravam muito e o pânico era maior ainda.

Decidido como sempre fora, gritou bravo que o acompanhassem. Tomou nos braços os dois filhos, o de quatro anos já morto e o de dois anos e os conduziu até um pequeno platô na encosta. O resto de sua família o acompanhou. Acomodou a todos ali e ficou a observar encosta abaixo, à procura do filho desaparecido. Aproveitava os clarões dos relâmpagos, mas o que via era um grande lago lá embaixo, que outrora era um lindo vale.

Suas lágrimas corriam junto com a água que deslizava por suas faces. Ficou ali até que a chuva amainou e o céu clareou um pouco com o esvaziamento das nuvens. Só então olhou para a esposa sentada junto à parede rochosa e os filhos agarrados a ela. Foi para junto deles e ficou ali à espera do fim da fina chuva que caía agora.

Por volta da meia-noite, o céu ficou quase limpo e cessaram as quedas de água. Só o barulho das águas descendo a montanha à volta do vale se fazia ouvir agora, pouco a pouco até que cessou, e só o choro baixinho deles se fazia ouvir naquela parte do vale.

O homem estava sofrendo pela morte de dois dos seus

filhos e preocupava-se com a esposa. Ela mal acabara de dar à luz e fora obrigada a sair na chuva, corria um risco de vida muito grande. Procurou cobri-la com todas as mantas de couro que haviam sido salva das inundação, mas isto não impedia que ela sentisse os efeitos da chuva que tomara, e tremia muito. Ele e a cunhada fizeram o possível por ela, mas ao amanhecer ela tremia muito devido à febre que tomara conta do seu corpo.

Com o sol veio a visão da extensão da tragédia que se abatera sobre os moradores do vale. Ele estava todo alagado e as pequenas casas cobertas de água. A do homem já havia ficado livre da inundação, mas outras mais abaixo ainda permaneciam submersas. Muitos corpos boiavam na água.

Eles voltaram à casa e com desolação viram o barro por todos os lados. Para sorte , trancara a porta antes de subir a encosta e agora ainda possuíam os seus utensílios, ainda que embarrados. Enquanto a cunhada e os filhos iam retirando-os e lavando, ele enterrava o filhinho morto e já rijo. Foi com desespero que cobriu seu corpo com a terra.

Outros moradores começaram a descer as encostas e alguns vieram até eles. Algumas mulheres formaram uma cozinha coletiva e começaram a preparar um pouco de comida, enquanto os homens tentavam resgatar os corpos no imenso lago que se formara à noite, ou recolhiam os que estavam deste lado do vale.

Sua esposa deitara-se ao lado de uma fogueira e se aquecia um pouco, quando alguém notou que ela estava imóvel. Após um exame rápido, viram que estava morta. A infeliz mulher não resistira aos tormentos de uma noite horrível e morrera após ser socorrida .

Foi mais um golpe para a família que já estava triste com a morte de um de seus membros e o desaparecimento de outro.

Ao entardecer, todos os moradores deste lado do vale haviam se concentrado à volta da casa do recém-nascido Kaled

Saied. Uma mulher o amamentava no lugar da sua falecida mãe. Várias fogueiras foram feitas para cozinhar alimentos e assar algumas cabras apanhadas nas partes altas do vale, e que conseguiram salvar-se.

O vale quase secara durante a tarde e só algumas lagoas ainda restavam quando a noite chegou, mas o lamaçal impedia que continuassem a procurar os corpos dos que haviam sido mortos na tragédia.

Poucos eram os que não tinham perdido alguém, e muitas famílias simplesmente desapareceram e sem que seus corpos fossem encontrados.

No dia seguinte todos reiniciaram as buscas e alguns saíram à procura de alimentos pois haviam perdido os que guardavam nas suas casas. Alguns mais corajosos chegaram a tentar ir a aldeias próximas na esperança de conseguir ajuda para os habitantes do vale. Iam também em busca de sementes, pois as que possuíam, as águas estragaram.

Os dias iam passando e a vida voltava ao normal no vale. A alegria de antes havia desaparecido e todos caminhavam cabisbaixos e pensativos. O medo de nova inundação os preocupava e procuraram tomar algumas providências para impedir a repetição da tragédia.

Escolheram um lugar com proteção natural numa encosta e ali levantaram várias construções de pedra para que morassem todos num mesmo lugar. Iniciaram, em mutirão, a semeadura de alimentos e o rebanho de cabras e ovelhas passou a pertencer a todos. Foi a única forma de se evitar brigas pela posse deles.

Ao fim de alguns meses, e após a mais abundante colheita já obtida no vale, todos começaram a readquirir a antiga alegria. Um casamento era motivo para tímidas danças e cantos, e assim tudo readquiria seu modo de ser de antes da enchente.

Mas numa casa não havia voltado alegria alguma. Era a do pequeno Kaled Saied. Seu pai o chamava de filho da tempestade e os irmãos também já o chamavam pelo apelido.

Como o pai o culpava pela morte da mãe e também por não poder ter salvo os dois filhos que morreram naquela noite, só a cunhada cuidava dele.

De uma forma ou de outra, sempre a conversa terminava com a condenação do pequeno Saied, fosse qual fosse o assunto abordado.

O bebê que sorria para sua nova mãe e não sabia que era dele que falavam ainda iria sentir muito por ter nascido numa noite de tempestade. Sua vida seria marcada pela noite do seu nascimento, pois o pai iria fazer isto com ele por não aceitar com naturalidade um acidente climático.

O Filho da Tempestade

Dois anos depois o vale readquirira sua alegria de antes e a prosperidade era geral. O rebanho comum a todos multiplicara-se, e as fartas colheitas era motivo de alegria para seus moradores. Possuíam agora alimentos e peles guardadas numa caverna, numa encosta, e sólidos depósitos feitos de pedras repletos de alimentos. O medo de nova calamidade havia desaparecido com o alargamento da escoação natural das águas das chuvas.

Mas na casa de Saied, a alegria recusava-se a voltar, pois o chefe dela não passava um dia sem culpar o menino pela morte de sua esposa e dois filhos. Saied ainda não entendia, mas já atendia quando o chamavam de "filho da tempestade". Kaled Saied era desconhecido para ele e só sua mãe adotiva o chamava de pequeno Saied.

Mais alguns anos se passaram e o pequeno Saied não sorria mais, pois já compreendia mais ou menos o que queriam dizer ao chamá-lo de "filho da tempestade". Com oito anos, vivia afastado dos irmãos mais velhos e do pai.

Para ele, o pai não existia e mesmo que o procurasse, não conseguia uma palavra ou sorriso. Só a mãe adotiva lhe dava carinho e atenção. Ela havia se casado com o seu pai e já tinha dado à luz mais dois irmãos.

O pai e os irmãos iam cuidar das plantações e não o chamavam, iam às festas de dança e canto e o mesmo acontecia. Era evitado até pelos outros meninos da, agora, grande aldeia do vale. Às vezes ele saía de casa logo que amanhecia e subia pelas encostas até os lugares mais altos, escalando as partes

mais íngremes das montanhas. Conseguia chegar a lugares impossíveis de serem alcançados pelos outros meninos. Às vezes saía de manhã e só voltava à noite.

Ao entrar em sua casa não despertava a atenção de seu pai ou dos irmãos e se o conseguia era para ser xingado ou ofendido. Tentou unir-se ao bando de meninos que brincavam na aldeia, mas não conseguiu. Chegou mesmo a ser expulso com palavras ofensivas.

Pouco a pouco Kaled Saied só despertava o desprezo nos moradores da aldeia. Só o velho curandeiro o recebia e lhe dava alguma atenção.

Saied era então mandado por ele para colher sementes, cascas, raízes e folhas de suas ervas medicinais. Ele o ajudava a prepará-las e sabia tudo sobre elas com dez anos de idade.

Não havia uma caverna ou garganta naquelas montanhas à volta do vale que Saied não conhecesse. Encontrava todo tipo de ervas que o velho curador lhe pedia e as preparava para ele. Umas selando, outras esmagando e ainda outras colocando em potes de água para curtirem e darem ótimos remédios. Então o velho começou a deixá-lo vender suas ervas nas aldeias próximas.

Saied as preparava sob orientação do velho e ia um dia numa, outro noutra e o terceiro na última. Os outros quatro dias da semana passava colhendo-as e preparando, ou vendendo ali mesmo para ele. Já sabia receitar remédios para todos os tipos de doenças e o velho curador tinha esperanças de vê-lo suceder no tão nobre cargo de curador da aldeia. Sempre dava algumas moedas a Saied, que as entregava à sua mãe adotiva. Ela nunca as deu ao seu marido e sim as guardava num lugar que só ela e Saied conheciam.

Quando ia vender suas ervas nas aldeia próximas, Saied logo acabava com elas pois além de vendê-las ainda receitava. Isto fazia com que, assim que estendia sua pele de cabra no chão batido e colocava as ervas à mostra, uma porção de pessoas

o cercavam e iam pedindo as mais adequadas para as suas doenças ou de seus familiares. Ganhava sempre algumas moedas dos mais generosos que ficaram curados com seus medicamentos naturais. Ganhava sempre alguma roupa nova ou calçado e até mesmo algum animal doméstico.

Nas aldeias que ia vender, todos gostavam dele, mas o mesmo não acontecia na aldeia que ele morava. Aprendeu a ler e a escrever com o velho curador e já marcava nos potes os nomes dos preparados.

Certo dia tentou aproximar-se de garotos que brincavam alegremente e foi hostilizado por todos, até por um irmão dois anos mais novo .

Os mais novos eram aceitos pelos mais velhos, mas ele, Saied, não!

Teve que fugir depois de ter sido agredido. Encontrou o pai conversando com outros homens e chorando, perguntou-lhe:

— Pai, por que todos me odeiam tanto?

— Vá para casa agora mesmo filho da tempestade ou apanhará de mim mais um pouco, vamos logo, filho inútil!

Saied foi triste para junto da mãe e lhe fez a mesma pergunta. Ela então contou-lhe a origem do seu nome. Não omitiu nada do menino. Quando terminou ele estava mais triste ainda e falou:

— Mamãe, só a senhora gosta de mim nesta aldeia. Vou-me embora!

— Eu sabia que um dia você iria embora, mas não é melhor esperar mais alguns anos Saied?

— Já não agüento mais ver estas pessoas que só me odeiam e vivem fazendo gracejos comigo. Aqui, só a senhora e o velho curador gostam de mim. Vou para qualquer outro lugar onde ninguém me chame de filho da tempestade e não me odeiam.

— Fique mais um pouco Saied. Ainda é muito pequeno!

— Eu já viajo até as outras aldeias a quase um ano e sei

me conduzir sozinho mamãe! Poderei colher ervas e vender nas feiras das aldeias por onde eu passar.

— Vá antes falar com o velho curador e ouça os conselhos dele, Saied.

— Está certo, mamãe!

Ele foi até o velho e contou-lhe que ia partir.

— Fique aqui sábio, com o tempo poderá ficar no meu lugar.

— Não adianta, velho! Ninguém irá me procurar quando ficar doente.

— Com o tempo tudo muda, Saied.

— Comigo não, velho! Se um dia alguém vier a morrer mesmo tendo tomado as ervas certas, vou ser acusado de tê-lo matado. O senhor compreende isto?

— De certa forma tem toda razão, Saied. Antes de partir colha ervas, cascas e raízes para que eu passe algum tempo sem precisar sair atrás delas ou encontre outro menino que faça isto tão bem como você.

— Trarei tantas que o senhor ficará com a sua casa entupida delas.

— Você é um bom menino, Saied! Não compreendo como todos o hostilizam, se não tem culpa alguma pela morte dos seus irmãos ou da sua mãe.

— Como foi aquela noite, velho?

— Sente-se que vou contar-lhe como foi aquela noite, Saied.

E o velho contou tudo o que aconteceu na noite da maior tempestade que já havia visto em toda a sua vida. Quando terminou, Saied perguntou-lhe:

— Se tantos morreram naquela noite, por que meu pai veio a odiar-me? Será que se eu tivesse morrido e não os meus irmãos, ele sentiria tanto?

— Não sei dizer, Saied. Mas penso que devido à morte de sua mãe e seus irmãos ele fechou-se e não o aceitou como um dos filhos e sim como o causador de suas tristezas. Isto não é muito comum, mas acontece Saied!

— Mas logo comigo, velho?

— Paciência, Saied. Você não escolheu aquele noite para nascer e também não teve culpa por qualquer morte, portanto não se culpe de nada. Agora vá colher minhas ervas.

Saied colheu por duas semanas todo tipo de coisa que o velho iria usar. Cumpriu o que havia prometido e encheu sua casa de ervas, cascas, raízes e sementes. Ajudou-o a preparar grandes potes de porções e preparados, esmagou ou secou sementes e o deixou abastecido para quase um ano.

— Agora é hora de eu partir velho!

— Volte amanhã cedo, Saied. Vou dar-lhe algumas coisas que lhe serão úteis no preparo dos medicamentos, caso você continue a prepará-los e receitá-los como tem feito nos últimos meses.

— Sim, senhor. Virei antes do sol se levantar, pois não quero que me vejam indo embora.

— Por que?

— Não quero ser motivo de risos e gracejos de ninguém, velho!

— Não direi a ninguém que estará indo embora e todos pensarão que só estará indo a outra aldeia.

— Assim está bom para mim, velho! Agora vou para casa buscar as minhas roupas que mamãe já deve ter arrumado. Posso deixá-las aqui, não?

— Pode sim, Saied. Se quiser venha dormir comigo esta noite.

— Logo estarei de volta velho!

— Espero por você antes do jantar, minha criança.

Saied foi para sua casa e contou à mãe que ia ficar com o velho aquela noite e partiria logo que amanhecesse.

— Vou sentir sua falta meu filho!

— Também vou sentir a sua, mamãe. Afinal é a única pessoa que realmente me ama.

— E como o amo Saied! Você não teve culpa por ter nascido numa noite tão horrível como aquela.

— Pena que meu pai não pense assim mamãe! Até meus irmãos estão me batendo quando tento brincar com seus amigos.

— Eu já os repreendi, mas de nada adianta eu falar pois só ouvem seu pai e ele não faz nada para impedir que isto aconteça.

— Onde estão minhas roupas, mamãe?

— Ali, naquela sacola Saied. Lá dentro estão todas as moedas que você ganhou nestes últimos anos trabalhando para o velho.

— Fique com elas mamãe. Eu as dei à senhora!

— Você sabe que não preciso delas, Saied. Se as guardei, foi para quando este dia chegasse. Saiba usá-las e durarão por muito tempo meu filho.

— Obrigado, mamãe. Tenho algo para a senhora.

— O que foi que você me trouxe desta vez? Sempre me traz algum presente Saied!

— Vou apanhá-lo para a senhora.

O menino foi até sua cama e retirou debaixo dela uma trouxa e a desembrulhou, dando à mãe alguns pedaços de tecidos.

— Como são lindos meu filho!

— São todos para a senhora. Eu mesmo os escolhi!

— Você é o melhor dos meus filhos, Saied.

— E a senhora é a melhor mãe do mundo. Quando eu estiver longe daqui vou chorar de saudades da senhora.

— Eu já estou quase chorando meu filho. Dê-me um abraço bem forte antes de ir embora.

Os dois, mãe e filho se abraçaram e choraram pela separação. Depois de algum tempo, Saied falou:

— Vou para a casa do velho antes que papai e meus irmãos voltem e me vejam saindo. Acho que se souberem disso irão me tomar as roupas que eu mesmo comprei.

— Vá meu filho, e cuide-se bem. Orarei por você todos os dias.

— Também farei isto pela senhora. Adeus mamãe!

— Adeus, meu filho. Que Ele o proteja.

O pequeno Saied, com apenas onze anos saiu de sua casa com lágrimas nos olhos, ainda olhou várias vezes para trás, vendo sua mãe na porta acenando para ele. Dobrou a viela e chegou correndo à casa do velho curador. Jogou sua mochila num canto e chorou muito. Só parou quando o velho veio até ele e o consolou com palavras carinhosas e de muita sabedoria.

— Venha comigo, Saied. Vou lhe dar algo que poderá lhe ser útil no futuro. Eu o copiei do meu e agora é seu.

— O que é velho?

— Uma cópia do meu velho e sujo livro de ervas e porções. Eu o copiei nestas últimas semanas.

— Mas eu sei como preparar todas as suas porções!

— Neste livro tem a descrição de como preparar remédios com ervas que aqui não existem. Pode ser que tenha que substituir algumas das nossas por outras iguais nos efeitos, mas diferentes na aparência e modo de preparar e quantidades a serem receitadas. Além do mais, poderá preparar extratos misturados ao pó de certas pedras que aqui não existem.

— Então era por isto que o senhor só escrevia nos últimos meses?.

— Sim, você é ótimo observador. Eu nunca poderia ter

copiado tão volumoso livro em três semanas. Foram quatro meses escrevendo, desde que recebi a tinta e as folhas para escrever, Saied!

— Deve ter tido muito trabalho, não é mesmo velho?

— Sim, mas foi agradável e muito proveitoso, pois recordei de muitas fórmulas que eu já não me lembrava mais. Pode pegá-lo, é seu. A partir de agora cuide tão bem dele quanto de você mesmo, meu discípulo.

— Cuidarei mais dele que de mim, velho!

O menino Saied levantou sua grossa capa e viu uma mensagem escrita na primeira folha:

"Ao meu sábio discípulo Kaled Saied, fiel seguidor dos meus ensinamentos, como reconhecimento de sua inteligência privilegiada."

Seguia-se uma descrição do vale. Dele mesmo, o velho curador, e de Kaled Saied. A data do nascimento dos dois e a do dia em que recebeu o formulário do seu mestre. Embaixo ele assinava o seu nome: mestre Zandor Kharkh.

Saied o abraçou emocionado e beijou suas faces enrugadas pelos longos anos vividos, setenta e cinco ao todo, depois falou-lhe:

— Obrigado mestre Zandor Kharkh. Desculpe se nunca o chamo pelo seu verdadeiro nome, mas eu não sabia como era.

— Não tem importância filho da tempestade, pois só sua mãe e eu nos lembramos de como você se chama.

O velho sorriu depois disso e o menino também. Afinal, cada um leva um apelido e os dois tinham os seus.

— Venha cá fora, Saied. Quero que veja algo que comprei para você.

Os dois foram aos fundos da casa e lá estava uma mula de cargas.

— Não é muito nova, mas talvez seja mais fácil para você, pois apesar de velha, ela conhece muito bem os homens e pertenceu a uma família com crianças que a usavam. Assim, ela não estranhará um menino como você e o obedecerá. Vamos Saied! Vá falar com ela.

— Como a chamavam, velho?

— De um nome adequado Saied. "Velha mula" é o nome que ela atende! — exclamou o velho curador.

Depois que voltaram à casa, o velho lhe mostrou o material que lhe daria para levar consigo. Consistia de um pequeno pilão onde esmagaria suas ervas, algumas medidas de cobre, bolsas cheias de ervas, raízes, sementes e cascas, além de alguns pós que o menino já conhecia. Mais dois velhos e encardidos livros, um de magias e outro de ciências tais como aritmética, matemática, astrologia e medicina.

— Estude-os com atenção Saied! Serão muito úteis a você.

— Sim, senhor.

— Como vão os idiomas que lhe ensinei nestes anos?

— Ótimos, velho! Eu os usava nas feiras das aldeias quando encontrava algum estrangeiro, era deles que eu ganhava mais moedas.

— Por falar em moedas, aqui tem uma pequena quantia delas para seu uso pessoal.

— Mamãe me deu todas as que dei a ela, velho. Nunca gastou nenhuma só para guardá-las e me dar quando eu partisse. Fique com elas para o senhor, pois está muito velho e poderá precisar delas quando não puder preparar mais suas ervas.

— Não se preocupe comigo, Saied! Para cada uma que lhe dei guardei outra aqui. Portanto, tem aí a mesma quantia que sua mãe lhe deu.

— Sabe velho, minha verdadeira mãe morreu quando nasci e tive uma verdadeira mãe em minha tia. Meu pai não

ligou para mim e tive no senhor alguém melhor que um pai. Posso ser triste e calado, trazer mágoas no peito e lembrar das ofensas de meu pai e irmãos, mas tenho duas pessoas que amei muito e sempre amarei, mesmo indo para bem longe daqui.

— Também sinto o mesmo por você, Saied. Jamais o esquecerei e continuarei a orar por você até o fim dos meus dias. Agora vamos comer uma deliciosa refeição que lhe prepararei. Assim não poderá dizer que saiu deste vale sem uma deliciosa refeição.

— O senhor é o homem mais bondoso que há em todo este vale e no mundo, velho!

— E você o melhor filho dos que nunca tive e o mais sábio e inteligente dos discípulos que já se foram depois de aprenderem comigo. Venha, vamos comer!

Os dois continuaram conversando durante a ceia e até tarde da noite. O velho curador lhe rememorava tudo que havia lhe ensinado sobre como ser um bom curador e se conduzir como homem.

— Seja sempre observador, sem ser curioso, esperto, sem ser matreiro, astuto, sem ser soberbo, e sábio e inteligente sem ser preciso provar que os é.

— Sim senhor.

— Aprenda também a confiar desconfiado e a desconfiar.

— Sim senhor.

— Não confie em ninguém até conhecê-lo bem, mas não deixe de confiar num amigo conhecido. Não revele seus conhecimentos a quem não se revelar antes a você. E não durma com os dois olhos fechados quando estiver num lugar hostil ou entre pessoas pouco amigas. É preferível viajar vários dias e noites sem dormir, que dormir em qualquer lugar e nunca mais acordar para a sua longa viagem.

— Sim senhor.

— Para onde irá?

— Não sei. Primeiro vou até as três aldeias vender as ervas que o senhor me deu e entregar algumas encomendas, depois escolherei uma direção e irei em frente. Caso eu parta, avisarei nas aldeias que venham procurar com o senhor suas ervas medicinais, assim venderá muitas ervas e recuperarás suas moedas que vou levar comigo.

— O meu mestre fez o mesmo por mim sábio! É um costume dos mestres e eu o sigo fielmente. Além do mais, preciso de muito pouco para viver e minha horta supre quase tudo que preciso para comer. Lembre-se disso para que não faça de seu trabalho em benefício dos doentes uma forma de tomar deles as suas últimas moedas, pois um doente, além de não poder ganhar nada, ainda precisa de alimentos para se curar e não só de ervas. Então, se você lhe tirar todas as moedas, só restará a ele as suas poções e elas sem uma boa alimentação, não curam doença alguma. Compreendeu bem o que é ser um mestre curador, Saied?

— Sim, mestre Zandor Kharkh.

— Então vamos dormir pois já é muito tarde.

Eles deitaram-se sobre esteiras no chão e logo adormeciam. Mas na casa do pai de Saied sua mãe chorava baixinho e ouvia ofensas do marido por estar chorando.

— Já lhe disse muitas vezes para não chorar quando ele não vir para casa. Não sei porque se preocupa com ele, pois nunca foi um bom filho.

— Choro porque o amo, meu marido! — exclamou ela, ocultando a fuga do filho.

— Pois seria bom que ele não voltasse mais a esta casa. Às vezes sinto tanto ódio dele, que tenho vontade de matá-lo pelo mau que nos causou. Por que não morreu ele também naquela noite?

— Você não sabe o que está falando meu marido. Culpa pela morte dos seus filhos e esposa um filho seu que só chorava por ter vindo à luz numa noite como aquelas.

A discussão continuou até que ela nada mais falou e ele cansou-se de xingar o filho e repreendê-la por amá-lo.

No dia seguinte a aldeia ainda estava silenciosa quando Saied partiu. Abraçou comovido o velho curador e chorando disse-lhe:

— Obrigado, meu verdadeiro pai. Adeus!

— Adeus meu filho, o melhor dos que nunca tive. Não vou encontrar outro igual a você nesta aldeia, mas mesmo que eu encontre, será então o meu segundo melhor filho, você será o primeiro.

O pequeno Saied, com apenas onze anos pegou as rédeas da velha mula e caminhou sem olhar para trás. A mula ia bem carregada, pois o velho mestre lhe dera muitas coisas que certamente iria precisar.

Tendo o Tempo Como Aliado

Saied já estava longe, quando os moradores da aldeia começaram a sair de suas casas. Sua mãe veio até a casa do velho na esperança de ainda encontrar o filho, mas encontrou só um homem velho e triste sentado na sala e com os olhos cheios de lágrimas.

Como ela chorava muito, ele ainda encontrou palavras para consolá-la. Pouco a pouco ela foi acalmando-se, enquanto o ouvia. Antes dela voltar para sua casa, ele lhe deu algumas ervas e recomendou que as tomasse antes de se deitar, pois assim dormiria logo e não ficaria chorando a partida do filho.

— Talvez ele volte, velho!

— Saied não voltará minha filha.

— Como pode ter certeza de que não voltará?

— Ele não olhou para trás uma única vez até sair da aldeia, e mesmo depois só parou para apanhar algumas ervas e sementes que viu à beira da estrada. Se fosse voltar teria olhado!

— Por que ele apanhou as ervas e sementes?

— Ele já é um ótimo conhecedor delas e onde encontrá-las, vai colhê-las, não se preocupe com ele pois saberá se cuidar. É um menino mais inteligente que a maioria dos de sua idade e muito mais maduro também.

— Isto é por causa do tratamento que recebeu do seu pai e dos irmãos. Mesmo ele não sendo meu filho, procurei ser mais que uma mãe, fui uma amiga para ele.

— Quanto a mim, mais que um amigo, procurei ser um pai para ele. Ensinei-lhe muitas coisas, mas a principal foi fazê-

lo compreender que não deveria odiar ninguém por pior que fossem com ele.

Os dois ficaram conversando mais um pouco e logo ela voltou para sua casa. Já não estava desesperada, apenas sentia tristeza por saber que nunca mais o veria . Saied seria de agora em diante só mais uma recordação para ela e o velho. Quanto aos irmãos e ao pai, somente iriam notar a ausência do ente pouco apreciado depois de muitas semanas.

Enquanto isto Saied visitava as aldeias vizinhas e vendia suas ervas, comprava alguns alimentos e roupas para o inverno que viria logo. Passava as noites numa gruta nas montanhas. Lá cozinhava sua comida simples e também suas ervas, esmagava raízes e fazia os preparados novos aprendidos no livro do mestre.

Manteve os mesmos dias de visita às aldeias, e agora as poucas moedas que ganhava eram todas suas. Quando ganhava algum animal doméstico de maior porte, trocava-o por algo que lhe fosse útil. Tinha em sua gruta panelas, tigelas, colheres de madeira e muitas outras utilidades. Ganhou um filhote de cão pastor e o levou para lá. Era a sua alegria conversar e brincar com o cãozinho. Já tinha mantas de pêlos de carneiro, de couro e até roupas novas.

O inverno chegou e o pequeno Saied tinha alimentos para passá-lo sem preocupações. Como nesta época não haviam feiras, ele dedicou-se a estudar os livros do velho curador. Os cabelos não foram cortados e chegavam até seus ombros. Apanhou grandes quantidades de cascas e raízes medicinais e encheu suas sacolas com elas. Já tinha se decidido. Assim que o inverno terminasse, venderia tudo nas aldeias e iria para o sul onde conheceria novas aldeias e novas pessoas. Foi o que fez e vendeu tudo rapidamente pois dizia que só faria mais uma visita e depois quem quisesse teria de ir até o vale ao norte para adquiri-las com o velho curador.

Assim que vendeu tudo, comprou uma outra mula e uma

cela. Assim Saied iniciou sua longa jornada. Levava seus utensílios, duas mulas e um cão pastor além de um punhado de moedas. Havia lido várias vezes os dois livros e o formulário. Se não podia se considerar um sábio, ao menos sabia mais do que qualquer criança na sua idade. Parava a todo momento para colher suas ervas, cascas e raízes. Ia refazendo seu estoque de medicamentos à medida que caminhava. Duas semanas depois, chegou a uma grande aldeia e lá procurou pela feira. Quando a encontrou, estendeu suas ervas num canto e ficou à espera de algum possível comprador. Passou-se o dia todo e só um velho sacerdote lhe comprou alguns chás digestivos, depois de conversar longamente com ele.

Como ali a feira era diária, voltou no dia seguinte ao mesmo lugar que ocupara no dia anterior e ficou à espera de algum possível comprador. Novamente o único comprador foi o velho sacerdote que lhe perguntava para que serviam suas raízes. Se no dia anterior perguntara sobre as folhas, agora eram as raízes o motivo de sua curiosidade.

Depois que ele saiu, Saied não vendeu mais nada. Esperou até que todos os outros vendedores fossem embora para começar a recolher suas ervas.

E no dia seguinte voltou ao mesmo lugar e ficou à espera de algum cliente. As horas passavam e nada das pessoas comprarem suas ervas. Muitos olhavam com curiosidade, mas comprar, nada. Os outros vendedores já começavam a recolher suas mercadorias, quando o velho sacerdote chegou.

— Só estava esperando pelo senhor antes de ir embora imã! — exclamou feliz Saied.

— Vejo que tem uma grande variedade de sementes, Saied. Onde as consegue?

— Apanho nos campos, bosques ou jardins, imã.

— Qual delas você recomenda que eu dê a uma criança com muito vômito?

— Esta aqui. Mas só esmague uma de cada vez e coloque

para ferver num pouco d'água igual ao que cabe nesta taça aqui. Dê uma assim que chegar à sua casa e outra duas horas depois. Assim que o vômito cessar, então de um chá com estas ervas aqui para limpar todo o intestino dele e depois lhe dê um pouco de leite de cabra que estará totalmente curado.

— Dê-me o que preciso para a criança ficar boa Saied, e me fale para que servem todas essas outras sementes, pois posso vir a precisar delas.

O menino Saied começou a falar de suas sementes com entusiasmo ao velho imã islâmico. Quando o velho sacerdote se deu por satisfeito, despediu-se de Saied. E no dia seguinte pediu um preparo e novas perguntas. E no dia seguinte pediu um pó e novas perguntas.

Mas no dia seguinte o velho sacerdote não veio. E Saied nada vendeu. Foi assim por três dias, mas no quarto ele voltou e Saied ficou todo feliz e sorridente quando o viu.

— Como vai Saied?

— Muito bem imã! Mas agora estou feliz pois posso conversar com alguém.

— Já tomei muito o seu tempo conversando sobre as ervas. Já sei para que servem quase todas, Saied!

— Colhi umas que encontrei ao acaso e ainda não lhe falei sobre os poderes curativos delas. São ótimas para mulheres que não seguram os filhos no ventre e os perdem logo que engravidam.

— Como você sabe de tudo isso, Saied?

— Aprendi com o meu mestre curador. É tão idoso quanto o senhor.

— Como se chamava ele?

— Ainda se chama Zandor Kharkh, pois está vivo.

— Por que o abandonou tão jovem?

— Tive que fazê-lo, imã! Eu já não suportava mais continuar a ser humilhado até por meus irmãos. Ou eu saia

pelo mundo, ou acabaria respondendo às ofensas. E como o velho dizia que nunca devíamos fazer tal coisa, preferi sair.

— Você não vendeu muita coisa desde que chegou a esta cidade, não é mesmo?

— Só o senhor comprou de mim, Imã!

— Isto não o deixa triste?

— Por não vendê-las? Não, pois é sinal que todos tem uma boa saúde neste lugar.

— Como pode ter certeza de que são saudáveis?

— Meu mestre ensinou-me que eu deveria expor meus produtos num lugar movimentado e ficar sete dias no mesmo local. Se ninguém, depois de ver minhas ervas comprasse nenhuma delas ou é porque não confiam nas ervas, ou em mim, ou não estão doentes. Prefiro acreditar que não há ninguém doente. É melhor pensar assim porque não me entristecerei e terei coragem para ir vendê-las em outra aldeia.

— Mas já passaram de sete dias, Saied!

— Eu sei, mas do sétimo em diante o senhor não voltou, e fiquei esperando aqui até vê-lo novamente.

— Por que?

— Para devolver-lhe suas moedas.

— O que disse seu mestre sobre isto?

— Quer saber mesmo?

— Estou curioso, Saied!

— Bom, ele disse-me: Saied, se durante os sete dias não vender nada, vá para outro lugar, mas se só uma pessoa lhe comprar algum dos seus medicamentos, então lhe devolva o dinheiro, pois suas ervas não curaram a doença dele e por isto ele não falou das boas qualidades dos seus preparados. Por isso ninguém mais o procurou e você deve devolver o dinheiro do único que confiou neles. Se assim fizer, nunca se envergonhará das moedas que usa para se vestir ou alimentar

porque não as tirou de quem em você confiou e não ficou satisfeito com o resultado obtido.

— Seu mestre é um homem incomum, Saied.

— É sim, imã. Aqui estão as suas moedas de volta e peço desculpas por não ter correspondido à sua confiança.

— Vai embora?

— Agora que estou com a consciência tranqüila posso ir, sei que nesta cidade ninguém ficará pensando mal de mim.

— Por que você não anunciou as propriedades dos seus medicamentos?

— Meu mestre sempre dizia: Saied, um medicamento não é uma roupa ou outro artigo qualquer que se o comprador não gostar, pode jogar fora. Ele, depois de ingerido, fará o seu trabalho e só sairá com o tempo, tudo naturalmente. Portanto, só venda para quem realmente estiver doente e não para os que, ouvindo gritar que tal coisa é boa para tal mal, irão se sugestionar e pensarão que estão doentes. Em verdade, só estarão sugestionadas e o medicamento irá ser prejudicial a elas. Para finalizar ele dizia: Lembre-se que você vende algo que estará devolvendo a saúde às pessoas e não uma bota de couro ou um casaco de pele de lobo. Portanto, muito cuidado!

— Muito sábio o seu mestre!

— Eu também acho, imã.

Enquanto conversavam, Saied havia recolhido suas coisas e agora as colocava no lombo da mula velha.

— Bem, adeus imã e desculpe-me se o que receitei não foi bom. Espero que não guarde mágoas por eu ter falhado com a saúde dos que o senhor deu meus medicamentos.

— Eles não falharam Saied. Fique mais um dia e quem sabe venda algumas de suas ervas!

— Vou partir assim mesmo imã.

— Por que, se estou lhe dizendo que não falharam!

— Para mim é como se tivessem falhado, pois o senhor não falou para ninguém que eu tinha bons medicamentos e assim prefiro continuar pensando que não há doentes nesta aldeia.

— Está vendo aquele homem ali?

— Sim, senhor. Ele fica todos os dias no mesmo lugar até que todos os mercadores tenham ido embora.

— Fui eu quem o colocou ali só para que não vendesse suas ervas enquanto não provasse conhecer realmente a utilidade delas.

— Por que o senhor me provou?

— Já tivemos muitos charlatães por aqui e pessoas morreram ao tomarem suas drogas falsas ou de má qualidade.

— O meu mestre me falou dessas pessoas.

— O que disse seu mestre sobre isto?

— Ele falou-me que se estas pessoas soubessem a extensão dos seus erros, mil vezes pediriam perdão a Alá, pois mil vezes serão castigados por comercializarem com um bem tão importante, que é a saúde.

— Você também será um mestre no futuro, Saied. Volte amanhã e venda suas ervas, pois o meu guarda não estará aí para afastar as pessoas de você e suas ervas. Até amanhã Saied!

— Até lá imã, obrigado por ter me aprovado.

— Agradeça ao seu mestre, pois foi graças ao que você aprendeu com ele que eu o aprovei.

Desta vez o guarda acompanhou o velho imã. E Saied sorriu. Astutamente fingira não ver os sinais que o homem fazia aos que se aproximavam de suas ervas. Sabia que estava sendo provado pelo sacerdote e tratou de mostrar-lhe que realmente aprendera com um mestre de verdade e não com um charlatão.

Não só no dia seguinte, mas todos os dias dali em diante, Saied vendeu suas ervas, cascas, raízes e pós preparados aos moradores daquela cidade.

Ficou ali por quase um ano e antes de partir foi despedir-se do velho imã.

— Por que vai embora se aqui todos gostam de você e confiam nas suas ervas?

— Quero ver o que há ao sul, imã!

— Por que?

— Ainda sou muito novo e minha curiosidade é muito grande.

— Poderia ficar aqui mesmo, estabelecer-se numa casa e viver tranqüilo pelo resto de sua vida. Viajaria de vez em quando e conheceria muitos outros lugares.

— Já venho pensando em tudo o que o senhor está dizendo há dias e não me decidi, portanto vou viajar mais um pouco, e caso não aprecie o que encontrar, volto para cá.

— Não vou convencê-lo, não é mesmo?

— Já me decidi, imã! Vou em frente.

— Então me tire uma dúvida, Saied! Você sabia que eu o provava quando aqui chegou?

— Sim senhor. Eu vi o homem mandar as pessoas se afastarem de mim.

— Por que ficou à espera de mim quando passei três dias sem aparecer?

— Eu não era um charlatão e portanto não devia temer o seu juízo sobre mim. Muito pior seria se eu tivesse isso embora só por impaciência, pois aí eu estaria negando tudo o que meu mestre me ensinou e que acredito ser verdadeiro.

— O que mais seu mestre lhe disse?

— Ele disse-me que quando minha idade fosse um empecilho, minha paciência seria minha única arma e o tempo, meu aliado.

— Você teve um bom mestre Saied!

— Eu sei disso imã! Só espero ser um bom discípulo dele.

— O tempo é seu aliado, não?

— Sim senhor. Adeus imã!

— Adeus Saied!

No dia seguinte, bem cedo, Saied juntou-se à caravana que viajaria para o sul. Deu as moedas ao caravaneiro e tomou seu lugar. Era o último da grande fila. Levava muitos medicamentos em sua bagagem nas mulas e montava um cavalo até que bonito, se bem que não era muito novo. Levava uma tenda onde se abrigaria nas longas noites em que dormiriam à volta de uma fogueira.

Procura-se Um Discípulo

Kaled Saied, agora com quase treze anos e um cabelo que chegava aos ombros, era um rapaz livre. Jamais olhava para trás.

Viajavam sem pressa e assim ele olhava demoradamente toda a paisagem por onde passavam. Quando acampavam, armava sua tenda e guardava nela suas mercadorias, depois ia tratar dos seus animais, para só então comer. Às vezes chegava perto das rodas de homens a conversar, sentava-se próximo e ficava ouvindo suas histórias. Divertia-se com o modo como narravam suas aventuras.

Assim foi por dois longos meses até chegarem a uma cidade totalmente diferente para Saied. Alguns ficariam ali, mas a grande maioria continuaria mais para o sul. Saied os acompanhou e estendia a cada dia, mais um pouco da linha do seu mapa. Todas as vilas, aldeias e cidades eram anotadas por ele.

Como iam ficar dois dias na cidade, ele resolveu vender um pouco de suas ervas, e por isto afastou-se um pouco do local onde estava acampada a caravana. Encontrou uma rua que parecia uma feira e estendeu sua esteira, colocou suas ervas e sentou-se ao lado, como de hábito. Logo formou-se uma roda de pessoas à sua volta e ele começou a vendê-las. Havia aprendido com o velho curador a falar o idioma dos hindus. Tinha algumas dificuldades, mas o que sabia era suficiente.

— Como tem gente doente nesta cidade! — murmurou em seu idioma.

— Muito mais que imagina, rapaz! — falou alguém ao seu lado.

— O senhor não é daqui? — perguntou Saied.

— Não. Mas estou estabelecido aqui há muitos anos. Como se chama, rapaz?

— Kaled Saied. E o senhor?

— Kassim é meu nome. Sou cirurgião e dentista, rapaz!

— Muito prazer, senhor Kassim. Precisa de algum dos meus medicamentos?

— Você parece entender muito de ervas, não?

— Um pouco, senhor! Com licença, pois tenho que atender meus fregueses.

— Fique à vontade Saied! Incomoda-se se fico aqui?

— Não, pois estamos num lugar público!

E Saied continuou com suas ervas. Quando a tarde chegou, ele já havia vendido boa parte delas. O homem chamado Kassim continuava ali ao seu lado, olhando o modo do jovem comerciante de ervas. Em dado momento, perguntou:

— De onde vem, Saied?

Ele tirou a folha do embornal pendurado no pescoço e mostrou ao homem. Este muito admirou-se com a distância percorrida.

— Vem de muito longe, Saied!

— É sim! mas ainda vou mais para o sul.

— Vai com sua família?

— Viajo só, senhor Kassim. Não tenho família há muitos anos.

— Onde aprendeu sobre estes medicamentos?

— Com um velho curador.

— Não quer ficar um pouco por aqui? É um lugar ótimo para vender suas ervas.

— Ouvi falar muito sobre uma grande cidade que há mais para o sul e quero conhecê-la.

— Poderá fazer isto mais para a frente, assim poderia aperfeiçoar-se no idioma local e conhecer esta cidade que também não é pequena.

— Acho que não, senhor Kassim.

— Por que não? Você conhece muito sobre os medicamentos e aqui poderá ganhar um bom dinheiro com eles. Eu os comprarei e outros como eu, os comprarão também.

— Acho que vou em frente, senhor Kassim.

— Vamos até minha casa e mostrarei a você o que faço. Eu o ajudo a recolher suas ervas.

— Está certo, mas não garanto ficar aqui nesta cidade, de acordo?

— De acordo, Saied!

Quando chegaram, o homem levou o cavalo e as duas mulas de Saied até um cercado e os prendeu com todas as mercadorias no lombo.

— Preciso ir logo para o acampamento, senhor Kassim!

— Logo terá visto o que tenho para lhe mostrar Saied.

Entraram na casa e Saied ficou impressionado com o luxo dela.

— Tudo é muito bonito nesta casa, senhor Kassim!

— Poderá desfrutar disso tudo, caso una-se a mim, meu rapaz! Viverá aqui também!

— Nunca morei num lugar assim. Acho que não vou me acostumar a tanto luxo.

— Isto nós saberemos, caso você aceite ficar comigo. Venha conhecer minha sala de trabalho, Saied.

E Saied viu a sala onde o homem praticava sua medicina de luxo. Ele possuía instrumentos desconhecidos e incompreensíveis para a mente simples de uma pessoa acostumada à manipulação de ervas.

— Onde o senhor aprendeu a lidar com estes instrumentos, senhor Kassim?

— Eu estudei na Pérsia, Grécia e Egito. Tive os melhores mestres desses países, Saied. Quando me formei, resolvi vir para cá pois ouvia lendas incríveis sobre estas regiões e seus povos. Já fui até o Tibete, China e Mongólia, conheci até o outro lado do mundo. Conheci tudo, desde a península até a costa chinesa. Você já viu um amarelo de olhos rasgados?

— Só ouvi falar deles, mas ver, isto nunca!

— Pois devia vê-los. E as mulheres, então! São tão delicadas e leais que deixam qualquer um impressionado.

— O senhor deve ter viajado muitos anos então!

— Viajei por quinze anos Saied. Meu pai era muito rico e deu-me essas condições. Quando tinha a sua idade eu já falava vários idiomas e vivia no meio dos mestres a estudar. Quando não tinha mais nada a estudar com eles, fui ao Egito e vivi três anos entre os seus sacerdotes, pois lá o saber está oculto nos templos. Depois fui à Grécia e passei mais dois anos, tendo como mestres alguns dos melhores médicos cirurgiões. Dali em diante não parei mais, até chegar a esta cidade. Viajei por toda a Europa. Conheci a Ibéria, Normandia e Bretanha. De Marselha eu iniciei uma viagem que durou cinco anos, indo até a terra dos mongóis. Daí desci até a costa amarela e conheci o luxo e o esplendor dos chineses. Voltei por dentro e conheci o místico Tibete, que está sob domínio chinês, e fiquei um ano vagando entre aquele povo. Quando me cansei deles, vim para o sul e conheci toda a terra dos hindus. Quando cheguei a esta cidade, resolvi me estabelecer em definitivo, pois já estava com quarenta anos e saciado em minha curiosidade. Comecei a praticar a minha medicina e logo conquistei o respeito da casta dominante e ganhei fortuna cuidando deles. Hoje estou com sessenta anos. e procuro um discípulo que seja o depositário de minha medicina. Tenho esposa e uma filha com dezesseis anos, mas me sinto sozinho, pois não encontrei um discípulo à altura. Quando vi você manuseando aquelas ervas com tanta sabedoria, imaginei ter finalmente encontrado alguém em quem eu pudesse depositar parte do que sei.

— É interessante, senhor Kassim! Eu me pareço com o senhor em muitos aspectos. Gosto de aprender e viajar. Só não tive um pai rico e muito menos um pai, mas já percorri um bom trecho de terras e pretendo chegar ao sul deste continente, pois ouvi os caravaneiros dizerem que lá existe um fabuloso templo onde, no topo de uma coluna de pedras, está depositado um sabre dourado e quem conseguir tirá-lo de lá terá um grande reino e uma vida emocionante.

— Já estive no tal templo, Saied. Vi a coluna e é impossível de ser escalada. É tão lisa quanto este piso e tão alta quanto uma muralha. Além do mais, ninguém tem certeza se há mesmo o tal sabre dourado.

— Pois eu vou chegar até esse templo e tentar alcançar o sabre dourado e conquistar um grande reino.

— Sonhos, Saied! Isto são sonhos de um rapaz que quer conquistar o seu lugar no mundo. Mas garanto-lhe que é impossível escalar a tal coluna. Vi vários rapazes caírem do alto e se espatifarem no piso de granito, após terem subido muitos metros pela coluna.

— Pois eu preciso conhecer este templo e tentar, senhor Kassim! Só assim me darei por satisfeito. Se eu não conseguir alcançar o topo da coluna, então eu volto e fico com o senhor.

— Façamos um acordo Saied. Você fica aqui nesta casa e aprende comigo a minha medicina, enquanto colhe suas ervas. Se não gostar do que tenho a lhe oferecer, continuará sua viagem sem rumo, mas se gostar, na primavera do próximo ano iremos nós dois ao tal templo para que veja com seus próprios olhos que é impossível alcançar o topo da coluna. De acordo?

— Posso pensar um pouco senhor Kassim? Pelo menos até amanhã?

— Está certo Saied! Mas espero que fique comigo pelo menos até o ano que vem. Se ficar, então aprenderá tantas coisas que será um dos maiores sábios curadores do mundo.

— Está certo, senhor Kassim. Vou voltar ao

acampamento pois senão ficará escuro e não saberei como chegar a ele, pois ainda não conheço muito bem esta cidade e suas saídas.

— Antes venha conhecer minha família.

E Saied conheceu a esposa e a filha do senhor Kassim. Ambas eram muito bonitas. A esposa era uma hindu pura, mas a filha já era uma mistura de árabe e hindu. Era muito bonita a moça e Saied ficou olhando para ela alguns instantes antes de dizer-lhe algo. A primeira coisa que disse foi um elogio nada sutil.

— Puxa como você é bonita! Não pretendo me casar nunca, mas se eu resolver mudar de idéia, pode ter certeza que a procurarei para casar-se comigo.

— Então ficarei esperando por você até que se decida a mudar de idéia, está bem? — respondeu ela sorrindo com a ousadia do menino bem mais novo.

— Está certo. Escalo a coluna do templo, apanho o sabre dourado, conquisto um reino e depois a torno minha princesa!

— Quem é esta figura, papai? — perguntou ela sorridente ao pai.

— Este é Kaled Saied, o maior herbiário que já conheci, filha.

— Não acha que ele é um pouco ousado para a sua idade?

— Talvez! Saied irá ficar morando conosco de agora em diante.

— Não! Eu vou ter que agüentar um menino tão tolo como este nesta casa?

— Saied não é tolo, minha filha. Apenas é sincero nas palavras.

— Então comece a ensiná-lo a ser mais discreto e pensar antes de falar, senão, logo iremos ficar de mal.

— Isto não acontecerá moça, pois vou com minha caravana para o sul amanhã à noite e talvez eu nunca mais volte a vê-la! — falou Saied ofendido com as palavras dela.

— Ótimo! Assim não terei que ouvir seus sonhos de conquista de um reino e muito menos suportar sua impertinência.

— Pois eu lhe digo uma coisa senhorita. Meu mestre ensinou-me algo um dia. Ele me disse o seguinte: Saied jamais fale, mas se tiver que fazê-lo só diga o que sentir, pois assim, se for incompreendido, será pelo que disser de verdadeiro e se o compreenderem, então já terá conquistado um coração, pois sabem o que se passa no seu e isto tornará as coisas mais fáceis.

— Ótimo, Saied! Foi incompreendido por mim. Satisfeito?

— Viu como o meu mestre tinha razão? Se tivesse compreendido o que eu disse, talvez eu voltasse após alcançar o sabre dourado e conquistar um reino, e isto caso eu resolvesse me casar. Agora já sei que não preciso me preocupar com você pois sei que será pura perda de tempo. Se eu fosse falso, certamente não diria o que pensa sobre mim e eu poderia ficar iludido e começar a sonhar com você, que é muito bonita.

— Está bem crianças! — interveio o senhor Kassim — Já se conheceram o bastante por hoje. Venha Saied, vou lhe mostrar o seu quarto.

— Obrigado senhor Kassim, mas tenho que voltar à caravana pois tenho minha tenda armada no acampamento. Caso eu me decida a ficar, procuro o senhor amanhã.

— Onde está acampada a sua caravana?

— Ao norte da cidade.

— Quer que eu o acompanhe até lá?

— Eu marquei bem o caminho e não me perderei, obrigado!

Pouco depois Saied saia da luxuosa morada do senhor Kassim. Ele o acompanhou até o grande portão da entrada e ficou observando o jovem se afastar sem ao menos olhar para trás. Quando Saied dobrou a rua, o senhor Kassim comentou

para si mesmo: "Ele não voltará, se tivesse a intenção olharia para trás uma vez pelo menos. Tenho que tomar providências para retê-lo nesta cidade. Estão acampados ao norte, não? Vamos ver o que posso fazer por você Saied, meu novo discípulo".

Kassim entrou em sua casa e pouco depois saia a cavalo rumo ao norte. Chegou antes de Saied ao acampamento e procurou o chefe da caravana. Quando o encontrou, convidou-o a acompanhá-lo para um lugar afastado onde pudessem conversar sossegados.

Pouco depois o senhor Kassim passava às mãos do caravaneiro uma bolsa de moedas de ouro. A seguir voltava à sua casa. Chegou alegre e a esposa perguntou-lhe:

— Onde foi que saiu tão apressado?

— Fui impedir que Saied fosse embora com a caravana.

— Por que?

— Quero-o comigo.

— Para que? Não viu que ele tem outras idéias que o conduzem? Irá perder seu tempo mais uma vez.

— Ainda assim devo tentar, pois Saied é muito inteligente e conhece muito sobre as ervas e as doenças. Eu fiquei boa parte do dia observando-o, vi quando alguém julgava ter uma doença e ele dizia que não era aquela, e recomendava um preparado para a verdadeira doença. Não sei quem foi seu mestre, mas deve ter sido um grande sábio curador.

— Ainda acho que perderá o seu tempo.

— Se vier a perder, paciência!

Ele ficou meditando em como atrair o jovem assim que soubesse que a caravana partira sem ele.

E por não suspeitar o que pretendia o senhor Kassim, Saied acreditou no chefe da caravana quando ele lhe falou:

— Vamos ficar aqui mais alguns dias, Saied.

— Por que tanta demora?

— Tenho algumas coisas a acertar antes de iniciar a jornada, pois daqui para a frente é muito perigoso. Há muitos bandos de salteadores sangüinários que atacam as caravanas e matam todos os seus membros só para roubar as mercadorias e os animais. São muitos maus estes bandidos e tenho que conseguir homens que possam nos defender.

— Assim é melhor pois poderei vender todas as minhas ervas.

— Foi tão bom assim o seu dia?

— Melhor do que eu esperava, chefe! Em uns três dias venderei tudo, pois nesta cidade existem muitos doentes. Acho que não têm bons curadores por aqui.

— Por que não faz sua fortuna nesta cidade e eu o levo ao sul na caravana do ano que vem?

— Primeiro vou até o extremo sul. Só então verei onde vou ficar.

— Esta é uma das melhores e mais ricas regiões do Industão. Não conheço outra tão bonita como esta e com uma flora tão exuberante. Nela você colherá todo tipo de ervas que precisar.

— Quem sabe eu volte algum dia a esta cidade e me estabeleça em definitivo.

— Algum motivo especial? — perguntou malicioso o chefe.

— Sim, muito especial!

— Alguma moça bonita?

— Oh, não, não! É que aqui todos parecem sofrer de algum tipo de doença e poderei ajudá-los com meus remédios. Alguns anos por aqui e curo todas estas pessoas.

— Você não tem jeito mesmo, Saied! Só pensa em acabar com as doenças!

— É o que meu mestre me ensinou, chefe! Não posso mudar meu modo de ser.

— Acredito em você Saied. Certamente acabará com todas as doenças do mundo, mas existem algumas que precisam de algo mais que ervas. Para conseguir tratá-las, precisa mexer no corpo dos doentes, Saied. Já pensou nisso?

— Sim, senhor.

— E então?

— Um dia eu acabo aprendendo isto também. Mas ainda sou muito novo e tenho que viajar um pouco mais. Quero ir até o sul para me dar por satisfeito. Agora vou para minha tenda preparar ervas que venderei amanhã. Com licença chefe!

Saied foi cuidar dos seus animais e suas ervas. Só então foi preparar sua refeição.

No Templo dos Monges Tibetanos

No dia seguinte, mal amanheceu e ele já voltava ao mesmo lugar do dia anterior para vender suas ervas.

Por volta do meio dia já recolhia a esteira e voltava para o acampamento buscar o que ainda lhe restava. Colocou tudo na mula velha e voltou ao mesmo lugar. Quando a noite veio, Saied estava muito feliz pois acabara com quase tudo.

— Se a caravana não for partir logo, irei colher mais nos campos e na floresta. Agora não tenho quase nada e um comerciante como eu sem ervas, não é ninguém!

Assim que chegou ao acampamento falou com o chefe e ficou sabendo que não partiriam no dia seguinte e nem no outro. Talvez em três dias, mas não antes disso.

— Ótimo chefe! Vou sair à procura de mais ervas e levarei minha tenda para o caso de não conseguir voltar amanhã e ter onde dormir. Mas não parta sem mim, está certo?

— Fique tranqüilo Saied. Não o deixarei para trás, pois seria muito arriscado para você seguir viagem sozinho. Não saberia o caminho e poderia ser morto pelos salteadores.

— São tão cruéis assim?

— Mais do que imagina. Costumam degolar suas vítimas e atirar seus corpos aos crocodilos, para não deixarem provas dos seus crimes. São muito mais cruéis com estrangeiros como nós, Saied!

— Então não vou colher ervas nesta região pois pode ser muito perigoso.

— Pode ir tranqüilo, se não se afastar mais de uns vinte

quilômetros. É só a partir daí que começam os perigos. Perto da cidade eles não se aproximam.

— Se é assim, então eu vou, mas não levarei os três animais. O cavalo é bom para andar nas estradas mas não no mato ou campo. O senhor o guarda para mim?

— Deixe amarrado com os meus que eu o trato para você até que volte.

— Então obrigado, chefe!

— Você é um bom rapaz, Saied. Só quero o melhor para você.

Saied acreditou nele e partiu logo cedo à procura de suas ervas. Andou primeiro pelos campos colhendo o que encontrava e guardando nas suas sacolas. Quando era hora do almoço, resolveu ir para a beira da floresta. Comeu um pouco e depois rumou para ela. O seu fiel cão não saía de perto.

— Bem, fica só uns cinco quilômetros do acampamento e acho que os salteadores não iriam à floresta.

Saied foi até a floresta à procura de novas ervas. Como era difícil encontrar um arvoredo ou uma raiz conhecida no meio da mata, ele deu uma nova olhada em seu grosso livro dado pelo velho curador para se familiarizar com outras ervas, folhas e cascas de certas árvores desconhecidas. Quando se deu por satisfeito, tirou um grande facão de sua bagagem, uma faca e uma afiada machadinha. Pendurou a machadinha e a faca na cintura e ficou com o facão na mão.

Com uma mula amarrada à outra iniciou a procura pelo meio da floresta. Pouco a pouco foi embrenhando-se cada vez mais. Encontrou uma árvore cheia de sementes medicinais e colheu dela um embornal cheio. Depois voltou a procurar mais outras. De vez um quando consultava o grosso livro para confirmar algum tipo de folha ou casca nunca colhida antes. Só não encontrava certas raízes muito boas para amassar e preparar os elixires ou para serem colocadas na água e ingeridas ou sobre os ferimentos. Pouco a pouco aumentavam os

embornais cheios, mas o que Saied conhecia e precisava, nem sinal!

A floresta começou a ficar escura quando ele chegou numa clareira à beira de um rio um pouco largo.

"Bem, o jeito é acampar aqui mesmo e reiniciar a procura amanhã cedo", pensou ele.

Armou sua tenda. Deu água às mulas e fez uma fogueira para cozer seu jantar. Colheu mais um pouco de galhos secos e deixou-os próximo da tenda para adicionar mais tarde à fogueira. O cão não saía do seu lado.

Mais tarde, quando a escuridão era total, Saied procurou se orientar pelas estrelas.

"Devo estar a uns oito quilômetros da cidade!", pensou ele. "É melhor eu dormir, pois o dia foi muito trabalhoso."

Ainda deu uma olhada ao redor para ver se não haviam animais selvagens e amarrou bem as mulas. Só então entrou na tenda e dormiu com o facão na mão e a machadinha ao alcance, em caso de necessidade. Afinal, andar e passar a noite no meio de matas não era mistério para Saied. Acostumado desde pequeno a procurar ervas, aprendera a sobreviver no interior delas. Faziam seis anos que Saied iniciara a procura de ervas, raízes e cascas. Agora, com treze anos, era um especialista nesta atividade. De vez em quando o seu cão ladrava muito e ele acordava.

Foi uma noite agitada, pois acordou várias vezes com o barulho provocado pelo rosnar de algum animal ou grasnar de alguma ave. Em todas elas, adicionou lenha à fogueira e deu uma olhada em volta com o facão na mão. Quando começou a clarear, não dormiu mais. Comeu um pedaço de carne curtida aquecida no fogo e arrumou suas coisas no lombo das mulas. Assim que clareou bem, reiniciou a procura dos seus medicamentos tão difíceis de serem encontrados.

Foi muito trabalhoso encontrar algumas raízes como as descritas no livro, mas valeu a pena porque eram muito boas

para várias doenças fatais, se não tratadas. Em dado momento, Saied notou que não marcara a direção e que havia caminhado a esmo pela floresta. Estava momentaneamente perdido. Só à noite saberia qual a direção que deveria tomar. Assim mesmo não se preocupou e continuou sua busca por ervas. Vagou pela floresta quase duas horas e já começava a escurecer quando ele apanhou mais algumas cascas usadas para fazer baixar a febre e cortar infecções. Encheu um saco com elas e amarrou no lombo de uma das mulas, pois a outra já estava lotada.

Saied tentou localizar alguma clareira, mas só via árvores ancoradas à sua frente.

Procurou a mais alta árvore de onde se encontrava e, deixando as mulas amarradas e o facão no chão, iniciou a escalada da altíssima árvore. Pouco a pouco, foi subindo e quando atingiu a copa procurou desbastar uma parte com a machadinha para poder ver em volta. Assim que abriu a ramagem à sua frente viu uma grande construção toda coberta por folhagens trepadeiras ou ervas parasitas que nasciam de suas paredes muito altas.

Marcou a direção e calculou a distância: um quilômetro mais ou menos. Desceu rápido e iniciou, já no escuro, a caminhada rumo à construção. Seu sentido de direção era apuradíssimo, mas não se descuidou de ir observando se caminhava em linha reta. Uma hora depois viu as altíssimas paredes da construção. Eram constituídas de grandes blocos de pedra.

Gritou várias vezes para ver se havia alguém, mas só o eco de sua voz chegava aos seus ouvidos. Desistiu, devido à escuridão, de procurar uma entrada. Colheu um pouco de galhos e folhas secas e começou a fazer uma fogueira. Assim que o fogo clareou o lugar à sua volta, montou sua tenda e deu um pouco de água ás mulas. Comeu algumas frutas deliciosas que havia colhido e recostou-se numa pedra à beira do fogo. Dali olhava a enorme construção. Parecia uma fortaleza muito antiga.

— Como foram fazê-la no meio da floresta? Ou será que a floresta nasceu e cresceu depois dela? Certamente a segunda hipótese era a mais correta, pensou Saied.

Já ia recolher-se à tenda, quando ouviu um barulho. Ficou alerta com o facão numa mão e a machadinha noutra. O cão latia muito, mas não saía do seu lado à espera de quem quer que fosse.

Em dado momento, viu uma extensa fila de archotes vindo na sua direção. O coração disparou e o sangue gelou.

— E se forem salteadores? Meu Deus, me proteja pois não quero ser degolado e nem comido por crocodilos. — falou para si mesmo na tentativa de afastar um pouco o medo.

Saied não era covarde, mas apenas um rapaz com treze anos de idade. Era forte e crescido para a idade, mas ainda era um menino.

Assim que o primeiro homem com archote na mão ficou bem próximo, ele viu que não eram salteadores. Não soltou suas armas, mas apenas as abaixou. Ficou esperando que todos chegassem mais perto e então guardou a machadinha no cinto e o facão em sua bainha.

Eram sacerdotes. Ele vira dois destes passarem em frente de sua esteira de ervas e o senhor Kassim falou-lhe que eram monges do Tibete com suas vestes amarelas douradas. Quando o reino deles foi invadido pelo exército chinês, eles fugiram para o território do Industão e isto fora a quase cem anos. Mantiveram suas tradições e costumes e não se misturam com ninguém. Vêem à cidade só para adquirir alguma coisa e depois somem da vista de todos. Aqui existem poucos deles, mas mais a leste são muitos milhares à espera de um milagre que liberte sua terra do jugo chinês.

Isto foi o que dissera o senhor Kassim. Então não devia temer nada por parte deles. Saied sentiu-se investigado por aquele homens quase centenários.

Como ninguém tomava a iniciativa do diálogo, ele fez

uma saudação em sua língua de origem. Na mesma língua foi saudado por um velho com a cabeça toda raspada, mas com longas barbas brancas.

A partir daí iniciou-se um diálogo e Saied apresentou-se como colhedor de ervas medicinais. Os monges o convidaram a acompanhá-los até a fortaleza.

Em poucos minutos, carregou tudo nas suas mulas e apagou a fogueira, indo para a velha construção. Foi com surpresa que viu o interior dela bem conservado e limpo. Haviam muitas pessoas vivendo ali. Umas duas centenas mais ou menos, calculou Saied. Foi convidado a entrar numa porta, mas obrigado a deixar suas armas junto com suas bagagens e ervas. Quando entrou, viu um enorme salão onde haviam outros sacerdotes. Foi apresentado pelo velhinho de longas barbas brancas e ficou sabendo que ali era onde se reuniam todos os monges tibetanos e suas famílias que trabalhavam no campo ou na cidade. Explicou-lhes que havia se perdido na floresta e que esperava a noite para se orientar pelas estrelas na direção que ficava a cidade.

— Fique conosco algum tempo Saied — falou o monge ancião.

— Minha caravana rumo ao sul deve partir amanhã ou depois. Devo me juntar a ela se quiser chegar ao templo onde está o sabre dourado.

— Por que chegar a este templo tão distante?

— Para apanhar o sabre dourado e conquistar um reino só meu.

— Precisa de um reino só para você, Saied?

— Não, mas deve ser emocionante conquistá-lo. O senhor conhece o tal templo?

— Eu não, mas o monge Sapí o conhece pois já foi ao sul várias vezes.

— Quem é o monge Sapí? Gostaria de perguntar-lhe como é a tal coluna onde está depositado o sabre dourado.

— Ele lhe falará como é o templo e a tal coluna, Saied!

A um chamado do monge ancião e algumas palavras, o monge Sapí começou a falar em hindu com Saied e lhe mostrou as colunas de granito que haviam no imenso salão.

— Ela é igual a esta, só que um pouco mais alta. Aquela está bem limpa e muito lisa para ser escalada.

— Por que estas colunas monge?

— Isto aqui já foi um templo milênios atrás, Saied. Havia treze desses templos espalhados entre os hindus, mas só o do sul guarda uma lenda. Outros já estão em ruína total ou nem mais existem. Venha até a frente do salão e verá uma coluna da mesma altura que a do templo do sul. Tal como aquela, esta não chega até o teto e há uma pequena plataforma no seu topo.

— Alguém já a escalou para ver se não há um sabre dourado lá em cima?

O monge sorriu com seu modo simplório de perguntar e respondeu-lhe:

— Quem seria louco de escalar uma coluna tão alta como esta?

— Eu! — exclamou Saied— Já escalei paredões muito mais perigosos que esta coluna lá na minha aldeia natal só para colher algumas ervas usadas para cólicas. Isto aqui é fácil para mim. Aquelas encostas tinham duas ou três vezes a altura desta coluna e ficavam a centenas de metros de altura do vale.

— Não temia cair lá do alto?

— Sim, mas eu ia com cuidado e sem pressa. O que faz alguém cair é a pressa, pois não tem tempo de se aderir à parede íngreme. Primeiro devemos nos ligar a ela para só então escalá-las, assim não perdemos o equilíbrio e sentimos a força das rochas. Elas nos abraçam também, monge Sapí! Amanhã vou escalar esta coluna e ver o que há no topo dela. Talvez eu não precise ir até o sul para possuir um sabre dourado.

— Está certo Saied. Agora, acompanhe-me que vou lhe mostrar o quarto onde dormirá.

— Antes vou apanhar minha esteira de dormir, monge.

— Eu o espero aqui, Saied.

Quando chegou onde havia deixado suas mulas, Saied só encontrou seus pertences. Elas haviam sido levadas para outro lugar. Ele deu de ombros e apanhou sua esteira e uma coberta. Voltou ao salão e foi conduzido ao seu quarto, dormiria junto com o monge Sapí. Este, depois de acomodá-lo, voltou para junto dos outros.

— É ele, venerável monge?

— Não há dúvidas. Tal como havia sido profetizado, ele veio até nós. Ainda não está na idade de libertar nosso povo, mas nós o prepararemos para este tempo. Vamos ver amanhã se ele escala esta coluna. Se conseguir chegar ao topo, então não resta mais dúvidas e teremos que mantê-lo conosco ou sob nossa vigilância. Oremos agora em agradecimento ao Criador por haver nos enviado o libertador.

No dia seguinte Saied levantou-se bem cedo e foi ver a coluna. Depois de examiná-la bem, abraçou-a e sentiu bem sua espessura. Dava para se segurar facilmente nela. O único inconveniente era a sujeira acumulada. Ficaria todo sujo ao escalá-la e isto não o agradava.

Limpou as mãos nas vestes e foi dar uma olhada nos seus pertences. Viu uma bica d'água e levou suas ervas e raízes para lavá-las nela. Quando o dia clareou por completo, já havia lavado todas as raízes e ia começar a lavar as folhas, quando o monge ancião aproximou-se dele.

— Já trabalhando, Saied?

— Sim, monge ancião. Vou colocar para secar antes de levá-las para vender na cidade.

— Não ia partir com sua caravana?

— Resolvi ficar um pouco por aqui. Se o senhor deixar, vou limpar bem aquela coluna e deixá-la como a que há no templo do sul. Assim, quando eu ir até lá, só terei que escalá-

la em pouco tempo e descer com o sabre dourado pendurado na cintura.

— Está convidado a morar conosco e caso queira, nós o ajudaremos na coleta dos seus medicamentos. Assim terá mais para vender.

— Puxa, isto é ótimo monge ancião! Assim poderei vendê-los como o senhor Kassim falou e trarei para o senhor o dinheiro ganho.

— Se fizer isto, terá que fazer um juramento em nosso templo prometendo não revelar sua existência.

— Eu juro por Alá que nada direi a ninguém, monge ancião!

— Então deixe-me ajudá-lo com as folhas, Saied.

— Ótimo, assim acabo mais rápido e vou escalar a coluna.

— Não tem medo de cair?

— Não senhor. Só não gosto de sujeira acumulada nela. Vou ter que ir com cuidado, pois senão escorregarei.

— Espero que isto não aconteça a você Saied.

— Eu também, monge ancião!

Uma hora mais tarde Saied deixava suas folhas secando depois de guardar as raízes limpas e secas da água da bica. Então foi até a coluna e olhou-a novamente. Levava a faca na cintura e um pano no pescoço para limpar as crostas criadas com os milênios de pó acumulado nela. Até onde era limpa, subiu rápido, mas dali em diante ia com cuidado. Raspava as crostas maiores e que poderiam se soltar ao agarrar-se nelas. Pouco a pouco ia subindo. Por volta do meio dia, atingiu o topo e gritou lá do alto aos monges:

— Aqui há um baú, vou atirá-lo para baixo, cuidado!

O monge Sapí então gritou-lhe:

— Espere um pouco que vamos colocar algo para amortecer a queda, Saied. Dá para agüentar?

— Sim senhor.

— Voltamos logo com capim.

Os monges saíram do salão e pouco depois voltaram com enormes feixes de capim que colocaram no lado que cairia o baú.

Um outro trouxe um largo colchão e o colocou por cima.

— Atire-o agora, Saied! — gritou o monge ancião.

Saied tentou, mas era muito pesado. Então gritou:

— Está difícil, monge! É muito pesado!

— Não dá para abri-lo?

— Vou tentar!

Mas não conseguiu abri-lo pois parecia ter a tampa pregada.

— Vou mudar de lado e forçá-lo com a cabeça. Talvez se mova.

Saied conseguiu movê-lo um pouco, mas recuou assustado pois vários escorpiões saíram de baixo do baú indo em direção ao seu rosto. Desceu um pouco e desamarrou a tira de couro que o mantinha preso ao topo da coluna, descendo até o solo assustado.

— O que houve lá em cima, Saied?

— Escorpiões, monge ancião. Vi vários deles saírem debaixo do baú assim que o movi um pouco.

— Então foi muito bom você não ter conseguido empurrá-lo na primeira tentativa senão seria picado pelos muitos que devem ter embaixo e dentro dele.

— Hoje estou cansado e com os braços e pernas amolecidos, mas amanhã subirei com uma corda e só o amarrarei para depois ser puxado daqui de baixo.

— Nós providenciaremos uma longa tira de couro trançado com uma laçada especial que você colocará no baú.

— O que será que o torna tão pesado?

— Estou tão curioso quanto você Saied, mas amanhã saberemos.

— Vou me lavar na bica, monge ancião. Acho que esta sujeira nunca mais sairá de meu corpo. — falou Saied com certo nojo ao ver seus braços e pernas encardidos devido ao contato com a suja coluna.

Foi até a bica e esfregou-se bastante, mas ainda assim ficou sujo. O monge Sapí falou-lhe então:

— Venha comigo que sei como esta sujeira sairá.

Saied o acompanhou e logo estava onde as mulheres lavavam roupas. Um líquido foi posto numa tina e ele entrou dentro dela, começando a se esfregar. Quando se levantou, a sujeira havia saído toda. Enxaguou-se e vestiu a roupa que o monge lhe havia trazido, ficou igual a eles, nas suas vestes tradicionais.

Dali foram comer um pouco e depois Saied foi dormir pois seus membros doíam muito devido ao longo esforço. Esqueceu-se até de suas ervas. Só acordou tarde da noite e mal conseguia mexer os braços, de tanto que doíam. Ao lado da sua esteira havia um pequeno cesto com alimentos. Comeu um pouco e depois deitou-se novamente. Demorou-se muito para dormir novamente e só o fez já de madrugada. Quando acordou, já era dia claro.

Olhou para seus braços e viu que estavam um pouco inchados.

— Devo ter perdido um pouco do meu antigo preparo! — pensou — é melhor eu usar em mim mesmo algum tipo de erva contra dores.

Foi o que fez pouco depois Saied. Quando encontrou o monge ancião, falou-lhe que iria esperar um ou dois dias até que as dores sumissem para subir novamente.

— Também acho melhor que faça isto. Não temos pressa em ver o que há num baú que já esperou séculos e séculos lá em cima.

Três dias se passaram até Saied não sentir mais as dores. Nestes dias visitou toda a enorme fortaleza, era muito maior que havia pensado e havia uma enorme muralha encoberta pela floresta.

Saied a percorreu e ouviu dos monges que aquilo havia sido um palácio fortaleza de algum monarca muito poderoso pois haviam construções para o alojamento de centenas e centenas de pessoas.

Era fascinante sonhar com aquela imensa fortaleza toda em atividade. Conheceu os subterrâneos dela, seus calabouços e várias outras partes. Subiu até a torre mais alta e dela dava para ver a floresta à volta. Só não via a cidade, que estava localizada depois de uma elevação natural do terreno.

Bem, dois dias depois Saied amarrou a longa correia de couro à sua cintura e iniciou a escalada da coluna. Agora olhava toda ela à procura de escorpiões. Por sorte não encontrou nenhum em sua escalada até o topo. Fixou-se com a correia e tirou a longa tira de couro da cintura. Passou sua alça por cima do baú e fixou-a corretamente. Após certificar-se de que ela derrubaria o baú, iniciou sua descida. Logo estava no solo novamente.

Então os monges foram todos para longe e dois deles, por trás de outra coluna puxaram a tira de couro lentamente.

O baú começou a mover-se e logo despencava lá do alto da coluna de uns trinta metros de altura. Ao cair sobre o monte de capim e o colchão, fez um barulho chocho, e abriu-se toda. Dela voaram pedras brilhantes para todos os lados.

— Meu Deus, é um tesouro! — exclamou Saied.

— É um imenso tesouro! — gritou o monge ancião. Tocaram fogo no capim para matar a imensa quantidade de escorpiões que se espalhou no meio dele. Saied e outros monges apanhavam os brilhantes que haviam se espalhado por todo o salão e os amontoavam num canto. Quando o capim queimou-se por completo, retiraram das cinzas o resto das pedras.

— Isto vale uma fortuna, Saied. Com isto poderemos libertar nosso povo.

— Fico feliz, monge ancião. Aposto como foi Alá quem guardou este tesouro por muitos séculos só para libertar seu povo da escravidão.

— Metade é seu, pois foi você que o encontrou e o tirou lá do alto para nós.

— É todo seu, monge ancião. Eu só quis ver se conseguia escalar uma coluna igual à que guarda o sabre dourado.

— Metade é sua e poderá dispor delas como quiser.

— Mas eu não quero nada.

— Como irá conquistar o seu reino sem um tesouro?

— Bem, ainda não sei! Mas quando tiver o sabre, pensarei numa forma. Mas guardarei como lembrança algumas destas pedras.

— Escolha-as então, Saied.

Ele apanhou apenas algumas que achou mais bonitas e as guardou num pequeno saquinho. Depois foi lavar-se da sujeira impregnada na sua pele. Desta vez os membros não doíam muito pois se demorara pouco para subir e descer. O monge Sapí ainda insistiu em que aceitasse parte do tesouro.

— Não quero, monge Sapí! Usem-no para libertar seu povo.

— Só se você conseguir o sabre dourado e comandar um exército numeroso nesta empreitada.

— Mas aí eu teria que fazer com que pessoas morressem e não aprovo a morte, que é um pecado segundo meu mestre.

— Existem casos em que a morte é um mal necessário, Saied. Nós também condenamos a morte como um crime contra Deus, mas neste caso é a única forma de libertarmos nosso povo do jugo dos chineses. Orar para que tal coisa aconteça, nós temos feito nos últimos cem anos e só agora começamos a ser atendidos com o seu aparecimento nesta fortaleza.

Venderemos aos poucos estas pedras preciosas e teremos moedas de ouro para financiarmos um grande exército que libertará nossa gente.

— Isto é ótimo, mas procurem outro para comandá-lo pois não sei nem usar uma espada e muito menos lutar.

— Com o tempo aprenderá tudo isto e com a lenda do sabre dourado, conquistará muitos adeptos para o seu exército.

— Que lenda é esta?

— Vou contá-la a você: Diz a lenda que um filho da tempestade apanharia o sabre dourado do topo da coluna e libertaria o povo daquela região do despotismo de um perverso marajá que o governa. Depois conquistaria todo o Industão e seria o mais poderoso dos reis já havido nesta terra.

— Então não vou tirar o sabre dourado da coluna, monge!

— Por que não?

— Para ser um poderoso monarca terei de matar muita gente. Além do mais, meu pai e meus irmãos não me chamavam de Saied e sim "filho da tempestade" só porque nasci numa noite em que caiu a maior e mais devastadora tempestade já ocorrida naquela região, que devastou todo o vale. Foi por levar a culpa por ter provocado a morte de minha mãe e dois irmãos que fugi de minha casa e nunca mais voltei. Eu odeio este apelido! — exclamou Saied aos prantos.

— Vamos, vista este traje e vamos até nossa câmara secreta, onde estão agora todos os outros veneráveis monges. É hora de se iniciar na nossa tradição.

— Que tradição, monge Sapí?

— Ela e de origem desconhecida e imemorial. Nós vamos iniciá-lo nela e você será mais um dos nossos.

— Mas eu não quero nada mais que vender minhas ervas e viajar!

— Daqui a dois anos eu mesmo o levarei até o templo no sul. Lá, resgatará o sabre dourado e viverá a sua lenda.

— Até lá outros já poderão tê-lo tirado do topo da coluna.

— O destino o escolheu para que empunhe aquele sabre e liberte o nosso povo da escravidão a que foi submetido pelos mandarins. Ele estará, à sua espera, para quando lá chegar. Agora vamos até os veneráveis monges, Saied!

E Saied acompanhou o monge Sapí até a sala oculta. Lá ele jurou não revelar nada sobre o local e o tesouro descoberto. Depois ouviu do monge ancião que fora escolhido por Deus para libertar o Tibete do domínio dos mandarins chineses.

Sem saber como, acabou se deixando iniciar por eles e passou a fazer parte da comunidade. Conheceu o lama tibetano e jurou auxiliá-lo na libertação do seu povo. Submeteu-se a jejuns e obrigações, até ser considerado um iniciado. Fez o voto de silêncio e conheceu os mistérios iniciáticos dos monges tibetanos. Só depois disso, conheceu um caminho secreto que saía da floresta e chegava a uma estrada que conduzia à cidade.

Ia vender suas ervas e muitas mais, colhidas pelos moradores da fortaleza, agora convertidos em apanhadores de ervas, cascas e raízes.

Quase o Discípulo

Saied foi até o senhor Kassim depois de quase dois meses. Foi com alegria que ele o recebeu.

— Bem vindo Saied. Eu sabia que um dia você voltaria.

— Preciso de sua ajuda senhor Kassim. Tenho muitos medicamentos e gostaria que o senhor me indicasse onde posso vendê-los.

— Só com uma condição!

— Qual?

— Que aprenda comigo e me auxilie nas cirurgias que pratico.

— Não posso ficar aqui o tempo todo. Tenho que apanhar ervas nos campos e na floresta, que tal três dias por semana?

— Para começar está bom, Saied. Com o passar do tempo, você será melhor que eu, pois conhece todos os medicamentos e sabe como prepará-los. Agora vamos vender suas ervas aos que negociam com elas. Não quero participação alguma nos seus ganhos.

— Obrigado, senhor Kassim.

— O que houve com os seus longos cabelos?

— Resolvi cortá-los depois de muito tempo.

— Mas precisava raspar desse jeito?

— Logo estará grande novamente.

— Vamos logo vender suas ervas. Mas porque você desapareceu por tanto tempo?

— Primeiro me perdi na floresta, depois acabei vagando

por aí o resto desse tempo. Já que havia perdido a caravana, para que pressa, se ela só volta daqui a um ano?

— Tem razão. Para que a pressa!

E assim Saied passava três dias na casa do senhor Kassim aprendendo como operar certas doenças e a curar outras. Também receitava suas infalíveis ervas, raízes, cascas e extratos à base de pós.

Ele tinha uma visão para detectar doenças que impressionava a todos. Atendia mais pessoas que o próprio senhor Kassim, poucos meses depois de juntar-se a ele. O que ganhava com as ervas, parte guardava na casa do cirurgião e outra no templo dos monges.

O tempo passava e Saied aprendia, aprendia e aprendia. Às vezes ele mesmo se questionava se não estava ficando louco. Três dias com o senhor Kassim e outros quatro com os monges tibetanos. Sua vida era tão intensa, que não percebia o tempo passar. Já era bastante conhecido na cidade e ainda assim não tinha um único amigo. O pior era agüentar as provocações da filha do senhor Kassim. Ela não perdia uma oportunidade para alfinetá-lo com suas ironias mordazes.

A tudo Saied ouvia calado. Aprendera com os monges que devia aprender a calar-se e só falar quando fosse necessário. Aprendeu a língua dos tibetanos, dos chineses e vários outros mais. Com dezesseis anos, poderia ser considerado um sábio, se a este título almejasse.

Sempre calado e silencioso, irritava ainda mais Jaina, a filha do cirurgião. Ela ficava a olhá-lo quando fazia as cirurgias e depois comentava:

— Até que aprende, bem Saied. Pena que não aprendeu a conversar.

— Qualquer dia desses vou-me embora e perderá sua diversão predileta, Jaina. Espero que encontre outro tão paciente como eu para suportar suas ironias e gracejos.

— Irá conquistar seu reino, Saied?

— Talvez, Jaina. Talvez!

— E depois casar-se com uma princesa, não?

— Talvez sim, talvez não!

— O que você pensa que é? Algum valente conquistador para tomar um reino?

— Você está dizendo isto, não eu!

— Mas você já disse isso uma vez, não?

— Eu já disse isso uma vez a três anos atrás, mas quantas vezes nesses três anos tive que ouvir isto de sua boca? Com licença que vou-me embora agora que já cumpri mais três dias de escravidão com seu pai.

— Agora se sente um escravo? Essa é muito boa! Deixe ele saber disso e garanto que vai expulsá-lo desta casa.

— Ótimo, assim não precisarei voltar mais aqui e ficar ouvindo ironias e insultos quando ele não está por perto. Por que faz isto Jaina?

— Eu o acho muito antipático, Saied!

— Pois é só você quem me acha antipático. Ando pela cidade e só recebo cumprimentos alegres e amigáveis das pessoas. Mas de você só recebo ironias, ofensas e gracejos pouco lisonjeiros. Deve haver outro motivo além da antipatia.

— É, deve haver outro motivo Saied. E sabe qual é?

— Ainda não, mas gostaria muito do saber.

— Eu o acho um parasita do saber do meu pai. Nada tinha quando veio para esta casa e agora fica aí com esta pose de grande homem.

— Nada tinha e nada continuo a ter, pois tudo o que faço aqui vai para a bolsa do seu pai que sustenta o seu luxo e vaidade.

— Como pode dizer que nada tem se o seu baú de moedas está quase pelo meio?

— Aquilo é fruto do meu trabalho com minhas ervas

Jaina. Nada recebi do seu pai até hoje, e nada quero também. Mas se isto a deixar feliz, fique com elas para você.

— Duvido que faça isto!

— Você sabe quanto há neste baú?

— Não.

— Pois então leve-o para o seu quarto e junte-o às suas caríssimas jóias pois eu vou-me embora agora e não volto mais. Adeus, Jaina!

— Você não fala sério!

— Falo sim. Dê por mim adeus aos seus pais quando eles voltarem para casa, pois já estarei longe demais para fazê-lo.

E Saied foi saindo para os fundos da casa para apanhar seus animais. Jaina ainda o seguiu e quando percebeu que ele falava sério, procurou remediar a falta cometida.

— É muito tarde para desculpar-se Jaina. Agüentei o quanto me foi possível. Já que não lhe sou simpático, nunca mais se sentirá incomodada com minha presença.

— Pense no meu pai! Ele ficará muito aborrecido ao saber que você se foi. Isto não pesa na sua consciência?

— Não, minha consciência é limpa de remorsos ou culpas pelo que não fiz. Seu pai sabia que um dia eu iria embora. Se parto antes do tempo, é porque já não suporto mais suas ofensas e hoje você passou dos limites toleráveis.

— Não sente nada por nos deixar depois de tanto tempo?

— Deixei minha família aos onze anos de idade e não me arrependi até hoje. Só sinto saudades de minha mãe e de meu mestre. Mais uma vez, adeus Jaina. Divirta-se com o próximo que seu pai trouxer para sua diversão.

E Saied saiu daquela casa sem olhar uma única vez para trás. Jaina ainda gritou para que voltasse mas foi em vão.

Quando o pai chegou, ela correu ao seu encontro e contou-lhe que Saied havia ido para sempre.

— O que você aprontou desta vez?

— Só o provoquei um pouco e nada mais.

— Vou tentar alcançá-lo e consertar um pouco o que falou a ele. Para onde ele foi?

— Na direção de sempre.

— Sua idiota! Por que não calou-se como lhe ordenei?

O senhor Kassim galopou e já na saída da cidade alcançou Saied.

— Para Saied! Preciso falar com você.

— Não tenho nada a dizer, senhor Kassim.

— Fale-me o que a tola da minha filha lhe disse hoje.

— Ela não disse Nada. Apenas eu me decidi ir embora.

— Ela deve tê-lo magoado muito. Fale-me Saied!

— Já lhe disse o motivo senhor Kassim. Estou indo embora e é só.

— Isto não é justo Saied! Eu tinha tantas esperanças de vê-lo um cirurgião melhor do que eu, e você se mostrou à altura da confiança depositada.

— Não quero ser um cirurgião, senhor Kassim. Prefiro viajar e vender minhas ervas.

— Mas aqui você as vende e ganha muito com isto.

— Está enganado, senhor Kassim. Eu nada ganho com elas.

— Como não, se eu o vejo guardar muitas moedas lá em casa?

— Lá está metade do valor que obtive pelas ervas. São suas, pois a outra metade eu dou aos que as colhem para mim.

— Eu não quero suas moedas, Saied.

— Eu também não as quero, portanto, dê a Jaina, ela saberá como usá-las.

— Por que, Saied?

— Quero viajar, senhor Kassim.

— O único discípulo que estava à altura do que pratico me abandona logo agora que já sabe quase tudo.

— Quantos mestres o senhor abandonou para viajar?

— Muitos. Mas eles eram pagos para me ensinar, e isto é diferente!

— É a mesma coisa, pois lhe deixei um régio pagamento em troca do que me ensinou. Adeus senhor Kassim e obrigado por ter me ensinado.

— Não se vá Saied. Não percebe que Jaina gosta de você?

— Modo estranho de se demonstrar afeição por alguém. É a primeira vez que ouço falar que antipatia significa afeição.

— Não quero me precipitar, mas acho até que ela o ama e por isto o provoca tanto.

— Pior ainda, senhor Kassim. Se para o senhor, antipatia é afeição, amor deve ser sinônimo de possessão, e eu não sou propriedade de ninguém. Nasci livre e espero morrer assim também. Mais uma vez, adeus senhor Kassim!

Ele nada respondeu a Saied. Apenas ficou vendo-o desaparecer na estrada tendo ao fundo o crepúsculo do sol.

Saied rumou para a fortaleza. Ia despedir-se dos monges também.

Foi com pesar que eles ouviram suas justificativas de que iria embora.

— Mas e o sabre dourado, Saied?

— Esqueçam-no, pois não sou um guerreiro. Gosto de salvar vidas e não tirá-las. Escolham um guerreiro para tal empreitada que obterão sucesso rapidamente agora que têm muito dinheiro guardado.

— Nós esperaremos o seu retorno Saied!

— Não voltarei para a guerra, senhores! Estou ficando louco com tudo isto e antes que eu enlouqueça de vez, vou-me para sempre. Adeus bondosos monges.

— Você não conseguirá fugir ao seu destino, Saied.

— Eu sou o meu destino monge ancião. Onde eu estiver, lá estará meu destino.

— Está enganado. Nós o esperamos por um século e mais alguns anos não fará muita diferença, pois somos pacientes. Estaremos aqui mesmo, esperando por você quando decidir-se a empunhar o sabre dourado do libertador do nosso povo sofrido.

— Mais uma vez, adeus bondosos monges!

E Saied tomou a trilha que o conduziria à estrada. Só levava seus utensílios, um cavalo que montava e a mula mais nova, pois a outra havia morrido vítima de uma picada de cobra. Só levava as moedas que possuía ao encontrar a fortaleza três anos antes.

Saied havia perdido o gosto pela vida nos três anos que fora submetido a intensa atividade. Agora viajaria sem rumo algum, pois nem no sabre dourado pensava mais.

Mestre Anaanda e a Força do Carma

Como uma dia havia planejado, iria para o sul. Só que agora viajava sozinho e como de hábito, sempre que via uma erva medicinal, parava para colher um pouco. Ia sem pressa alguma e parava em todos os pequenos ou grandes povoados que encontrava pela frente. Foi assim, parando, que encontrou um rishi que mudaria toda a sua vida e modo de pensar e agir.

Um rishi é um sábio indiano e na antigüidade eram os depositários de todo o saber religioso, místico, mágico e iniciático da Índia. Eram homens venerados por todos. Todas as castas os respeitavam como intérpretes da vontade divina e pessoas integradas às divindades hindus. O nome dele? Anaanda!

Rishi Anaanda tinha aproximadamente cinqüenta anos de idade e também viajava para o sul, tal como Saied. Foi num pequeno povoado que Saied o encontrou. Por acaso ou não, os dois trocaram algumas frases e logo se tornaram amigos. Depois de se conhecerem, viajaram juntos. Rishi Anaanda ia acompanhado de sua filha Nájia, ou se traduzirmos, num sentido poético a chamaríamos de Pétalas de Flor da Água.

Como uma flor da água, Nájia encantava por sua beleza discreta e olhos de amêndoas.

Saied não escapou ao encanto das Pétalas de Flor da Água e vivia observando-a discretamente. Quanta diferença ente ela e Jaina! Ajudava-o a colher suas ervas e aprendia como preparar todas elas. Dali em diante a viagem tomou outro sentido. Saied já nem se lembrava mais do sabre dourado. Deu a ela as pedras preciosas que havia apanhado quando da descoberta do baú na fortaleza.

— Onde você conseguiu estas pedras, Saied?

— Eu as ganhei de um monge tibetano. Acho que agora estão com a pessoa certa, pois com você elas adquirem um brilho especial.

— Como assim?

— O seu brilho as torna mais brilhantes e sua beleza torna-as encantadoras.

— Pelas suas palavras deduzo que me acha bonita.

— Muito mais que bonita. É uma deusa da beleza e encantou meus olhos de tal forma, que não consigo desviá-los de você. Se não está por perto, fico procurando-a por todos os lados, e se por perto está, não consigo olhar para outro lado. Não sei dizer se é amor ou encantamento, mas não quero que acabe nunca mais o que sinto por você!

— Isto não é amor, Saied.

— Então o que é?

— Paixão. Você foi envolvido pelo fogo da paixão e está sendo consumido por ele.

— Pois espero um dia poder despertar em você esta mesma chama que me incendia agora, Pétala da Flor da Água.

— Como sabe se o mesmo fogo não está em mim?

— Espero que ele seja tão intenso como o meu.

— O tempo dirá qual dos dois é mais incandescente, Saied!

— Quanto tempo?

— O tempo que for preciso, Saied. Até lá, que controlemos nossas chamas da paixão e as transformemos em refrescante água do amor.

Saied iniciou-se com rishi Anaanda e começou a estudar os livros sagrados dos hindus com dedicação. O sábio só observava o seu novo seguidor. Não lhe escapava o interesse mútuo entre sua filha e ele.

Certo dia, conversando com os dois, falou:

— Você tem um destino a cumprir Saied. Não fugirá dele por mais que se oculte na simplicidade e no anonimato.

— Os monges também me falaram isto e eu os abandonei para não alimentar ilusão, mestre Anaanda.

— Por que foge do seu carma?

— É cor de sangue este carma e não quero vivê-lo. Prefiro fugir a ter que vivê-lo.

— Você não fugirá dele. Então é melhor se preparar para vivê-lo com sabedoria.

— Como viver algo que contraria minha natureza pacífica?

— Sua natureza não é pacífica. Você apenas a tem sufocado com seu aniquilamento pessoal. Mais dias, menos dias, e ela brotará como as lavas de um poderoso vulcão, que explode com toda a sua força. Neste dia, você terá de estar preparado ou irá criar um novo carma, muito pior. Aí sim, neste tempo, você se verá mergulhado até a cabeça num mar de sangue.

— Eu não quero derramar o sangue de ninguém, mestre Anaanda. Os monges alimentaram a vã esperança de que eu conduzisse um exército que libertaria seu povo do domínio dos mandarins chineses e por causa disso eu quase enlouqueci. Só readquiri minha paz quando os abandonei.

— Você não a readquiriu ainda, Saied. Apenas está se iludindo com sua fuga. Seu interior mais íntimo está bloqueado por ela e nem está percebendo o mal que isto está lhe causando.

— Por que, se gosto do que faço?

— Ainda assim está tomado pela ilusão de que pode fugir do seu carma. Se o desafiar, será muito pior. Para cada vida que salve ou cada doença que cure, outras mil causará, porque quando o vulcão explodir, não terá meios de controlá-lo. Então neste tempo chegará à verdadeira loucura, que será a perda total da razão.

— Como sabe disso e o afirma com tanta convicção?

— Eu olhei suas encarnações passadas e tudo conduz a um carma muito forte na atual. Comece a se preparar para os tempos que cedo ou tarde virão.

— Prefiro fugir deles e viver em paz minha vida. Ensine-me a ser um rishi como o senhor e transformarei meu carma sangüinário em um carma pacífico e bom.

— Tentarei Saied, mas não me culpe se um dia o vulcão explodir.

— Sim senhor. Logo ficarei livre dessas palavras que tanto me assustam e provarei aos monges que estavam errados. Não sou o libertador do povo deles pois não gosto de ver alguém sofrendo.

— Isto é relativo Saied. Quanto já não sofreu o povo dos monges? Quanto sangue já não foi derramado pelos ocupantes de suas terras? Um dia o carma coletivo deles deixa de existir e então começará a execução do carma dos invasores do reino deles. Tudo é uma questão de entender a Lei do Carma e seus efeitos perversos quando ele se torna muito cruel. Eu já ouvi muitas histórias sobre o nepotismo cruel dos chineses. Um dia isto se voltará contra o povo deles como um todo, onde se originou esta afronta às leis divinas que pregam a bondade como virtude e a tolerância como modo de se conduzir. Se eles, enquanto invasores e dominadores falharam nestas duas coisa, o povo com um todo sofrerá os efeitos da Lei do Retorno pelo mal causado aos seus semelhantes diante dos olhos do Criador.

— Pois é disso que fujo. Não quero agregar ao meu carma mais sangue do que já existe e tento limpar estas manchas com a prática da cura.

— Muito nobre de sua parte, Saied. Mas até quando irá conseguir manter-se assim?

— Assim que encontrar um lugar em que eu possa me estabelecer em definitivo e fincar raízes. Então não mais sairei dali e me dedicarei unicamente a curar os doentes.

— Por que ainda não aquietou-se num lugar?

— Quero viajar um pouco, mestre Anaanda. Minha vontade de chegar ao extremo sul desta região é muito grande. Mas depois de ter ido até lá, então escolherei uma cidade ou povoado e ali ficarei para sempre.

— Caso queira alterar o seu carma, terá que controlar esta vontade de ver sempre o novo.

— Como ainda sou muito jovem, acho melhor saciá-la que reprimi-la. Um desejo satisfeito não nos prejudica tanto quanto um reprimido. Não foi isto que o senhor falou dias atrás?

— Tem razão, mas aqui eu me refiro ao seu carma, que o conduz ao seu destino final, e não a uma simples satisfação pessoal. Esta é a diferença, e o que tanto teme, e dele foge, o espera mais adiante.

— Saberei evitá-lo quando sentir sua proximidade.

— Nunca saberá quando estiver próximo ou não, e quando isto se manifestar, você estará no epicentro do maior terremoto de sua vida. Aí então será muito tarde para retroceder, pois estará tão envolvido que só indo adiante esquecerá o que ficou às suas costas. Nesse tempo, você revelará sua natureza mais violenta e também a mais verdadeira pois tudo o que aparenta é só uma grossa, mas não inquebrável, casca a protegê-lo. Por isto tem de se preparar para este tempo.

— Do jeito que o senhor fala, não conseguirei fugir ao sangue!

— Isto é certo. Apenas poderá diminuir a sua intensidade ou não, mas isto só depende de você. Eu o ajudarei no que me for possível.

— Procurarei seguir seus ensinamentos e conselhos, rishi Anaanda.

E Saied aprendeu com o seu novo mestre uma tradição religiosa milenar que pregava na essência que cada um é responsável pela sua salvação e também que antes de culpar a

quem quer que fosse pelo seu destino, devia olhar o seu passado e encontraria nele as explicações sobre as alegrias ou tristezas da vida presente.

Foi assim por vários meses, até que chegaram a uma grande cidade no sul da atual Índia. Naquele tempo ali haviam vários reinos e cada um mais cruel que o outro. As castas eram tão estratificadas, que só haviam mudanças por meios sanguinários.

De vez em quando, as castas inferiores sublevavam-se e tentavam minorar um pouco os seus sofrimentos e miséria.

E foi em meio a uma dessas revoltas que Saied chegou à cidade. Rumou com mestre Anaanda e sua filha para um grande templo. No interior dele ficaram orando para que Deus se apiedasse dos infelizes que sofriam com as revoltas. Geralmente uma seita ou irmandade as iniciava, mas quem sofria a repressão era o povo miserável que nada tinha a ganhar ou perder com elas.

Por obra do destino o templo era justamente onde estava depositado, no alto de uma coluna, o lendário sabre dourado. Saied olhou por várias vezes a coluna. Tinha a mesma grossura e altura da outra que já havia escalado. Passou as mãos nela e a sentiu bem.

Ela era muito lisa. Isto era sinal de que muitos tentaram alcançar o seu topo. Num momento em que se viu a sós, chegou a ensaiar sua escalada e viu que até certa altura não seria fácil, pois corria-se o risco de se deslizar por ela, mas dali em diante o pó aderido secaria o suor do corpo, ou facilitaria sua escalada.

Saied juntou-se aos sacerdotes do templo e começou a curar os doentes que procuravam ali uma cura para os males causados pela miséria.

Pouco a pouco Saied tornou-se tão necessário ao templo quanto os seus sacerdotes. Alguns meses depois de estar ali, era chegado o tempo das festividades anuais, e seria também quando os que quisessem tentar conquistar o poder poderiam

escalar a coluna, onde estava depositado o sabre dourado. Com o reflexo da luz dava para ver a roupa e o cabo dele.

No dia em que o próprio marajá sentava-se numa cadeira especial no salão, Saied viu vários jovens o saudarem como desafiantes ao trono.

Foi trazida para perto da coluna duas partes que se encaixavam no pé da coluna. Eram feitas de madeira e tinham lâminas de ferro pontiagudas para o caso do desafiante cair, ficando trespassado nelas.

Era uma forma de afastar o maior número possível de desafiantes. O atual marajá estabeleceu tal condição para não permitir que alguém tentasse escalar a coluna.

"Afinal, se quem o alcançasse seria o herdeiro do trono, devia correr certo risco", dizia ele.

E os desafiantes realmente não eram muitos. Só seis quiseram tentar a sorte e foi com frieza e revolta que Saied viu um a um cairem e serem varados pelas lâminas pontiagudas. Assim que um caia, era retirado e levado para fora e outro iniciava a escalada.

Saied viu como o marajá divertia-se quando um desafiante caia do alto e era espetado nas lâminas. Ouviu quando ele falou:

— Eu sou o vosso soberano e se mais alguém achar que tem o direito de tentar apossar-se dele, que o faça agora ou aguarde até o próximo ano para novo desafio, pois quem tentar fora dessa época será morto pelos meus soldados.

Como sempre, todos calavam-se devido ao medo que impunha o cruel marajá. Quando Saied ficou a sós com o mestre Anaanda, perguntou-lhe:

— Como fica este homem cruel e seu carma, mestre?

— Este aí é um louco que não sabe o que faz, Saied! Penso que nem ouviu falar ou se lembra mais do que possam lhe ter ensinado os seus pais ou algum mestre.

—Enquanto isso milhares de seres humanos passam fome e outro tanto é morto por sua guarda, tão pacificamente quanto as ovelhas criadas pelos habitantes do vale onde eu nasci, não?

— Bem...

—Isto é desumano rishi Anaanda, e tanto o senhor quanto os outros mestres sabem disso tão bem como eu e nada fazem para impedi-lo de continuar com sua crueldade.

—Nós somos homens de paz Saied! Não nos envolvemos com as coisas materiais pertinentes aos seres humanos.

— Uma posição muito cômoda! São muito respeitados mas querem apenas isso e em troca dizem: "Agüentem toda a fome e miséria pois o vosso carma passado é a razão de um presente tão tormentoso".

—Está dizendo uma verdade indiscutível, ainda que com palavras não corretas.

— Mas podiam alterar esse estado de coisas, pois se nascemos sem saber andar, falar ou comer, a tudo isto aprendemos se nos dermos ao trabalho de ensiná-lo, não?

— Sim. É isto que acontece conosco.

—Se não sabemos ler ou escrever e alguém nos ensinar, aprenderemos não? E isto depois de adultos!

— Sim, também é uma verdade.

— E se pegamos um cavalo ou cão selvagem e o domesticamos, ele se torna dócil e de muita utilidade, não?

— Mais uma verdade.

—E se temos um grande rebanho de animais domésticos sob nossos cuidados, procuramos matar o lobo sanguinário que desce das montanhas e vem dizimar nossos animais, não.

— Ainda continua na verdade.

— E não há pecado em matar o lobo sanguinário, não?

— Está certo, pois só defende o seu rebanho.

—E se o rebanho não está produzindo o esperado talvez

seja porque lhe falte um bom pastor ou o lobo assenhoreou-se do rebanho, não?

— Sim.

— Então onde está a justiça divina que permite que um sanguinário, como este marajá, faça o que bem entende e deseje tudo de mal ao seu próprio povo sem que seja punido por isto? Como entender que, se alguém foi mal ou cometeu um erro numa encarnação passada, é obrigado a viver na miséria e sofrimento, quando poderia ter seu lado bom e criativo aflorado se uma verdadeira justiça lhe fosse colocada à disposição? Como justificar que todo mal praticado no passado tem de ser pago com dor e sofrimento e não com alegria, bondade e prazer de viver a vida com o amor transbordante? Onde está escrito que uma alma volta à carne e deve ser abandonada à própria sorte do seu carma? Onde está escrito que Deus quer que paguemos o que devemos com nossas próprias lágrimas, sem enxugar as lágrimas alheias? Como entender a perfeição de Deus com o abandono do Seu rebanho nas mãos dos lobos sanguinários? Alguém tem de clamar aos seus contra este estado de coisas, onde quem nasce numa casta superior é melhor do que quem nasceu numa inferior!

— Você faria isto?

— Não sou hindu. Só estou viajando e já pensando em voltar à minha aldeia. Lá, o chefe é um sábio do meio do povo e se falhar na condução do seu povo é destituído e outro mais competente assume seu lugar.

— Você está revelando sua natureza mais íntima, Saied.

— Isto é comum a todo ser humano, rishi Anaanda! Qualquer um sabe distinguir o bem do mal. Quanto a aceitá-lo pacificamente e tentar justificá-lo como castigo divino seria o mesmo que impedir a criança de andar só para que, ao crescer, nós a olhemos rastejando no solo como um verme, ou de falar para que não grite em nossos ouvidos quando estamos errados na sua condução.

— Sua natureza mais íntima é implacável na distinção do bem e do mal e do que é justo e injusto, Saied!

— Não se trata disso rishi Anaanda! Se alguém sai com um punhal no meio da multidão e apunhala diversas pessoas a sangue frio, é um assassino, mas se um marajá manda seus soldados frios e sanguinários matarem centenas de pessoas que ousaram gritar que seus filhos estavam morrendo de fome, isto é carma coletivo. Por que o maldito marajá não distribui alimentos para saciar a fome dos filhos deles ao invés de matá-los? Onde está escrito que aqueles pais revoltados com a injustiça do marajá terão paz de espírito para alcançarem os reinos luminosos, se levam consigo a revolta da impotência por não poder alterar para melhor uma vida terrena que para eles é tão sagrada como as próprias leis que regem o todo divino! Por que matamos o lobo sanguinário e o assassino frio e deixamos viver um maldito marajá, que é pior que o lobo na sua selvageria. O lobo mata apenas a ovelha que vai comer, deixando o resto lá.

E o assassino! Se mata é porque é um louco frio e o marajá faz isto por deleite próprio, pois não dá nada em troca do que tira do povo.

— Seu carma sanguinário começa a derramar-se sobre seu espírito imortal, Saied. Você finalmente traz à tona sua natureza íntima.

— Não estou falando de um passado que não volta mais, rishi Anaanda! Falo do aqui e do agora, falo de homens bons que sofrem o peso implacável de uma casta nobre que se arvorou em eleita dos deuses para infligir a miséria e a fome, a dor e as lágrimas, escudada numa lei genérica demais e que justifica toda essa prepotência e maldade.

— Você já assumiu seu carma Saied. Não conseguiu fugir dele!

— Estou falando de algo mais tangível que algo tão vago como essa lei, rishi! Falo de homens que nascem na miséria,

crescem, vivem e morrem nela somente porque todos lhes dizem que não devem alterar a sociedade, pois assim Deus quis que fosse e assim será para todo o sempre.

— Seu carma é mais violento do que eu imaginava. Ele é incontrolável, se você não direcioná-lo para o lado bom da vida.

— Falamos linguagens diferentes, rishi! Eu falo tomando como exemplo o senhor. Quem pode dizer que não tenha sido um assassino ou qualquer outra personalidade ruim numa encarnação anterior e nesta mostrar-se um homem extremamente bondoso e ponderado.

— Talvez eu tenha ou esteja controlando o meu carma. Por isso você me vê como um homem bom.

— O senhor fala em conformar-se com a vida e eu em alterá-la para melhor mostrando aos homens que podem ser bons e cumpridores de seus deveres sem terem necessariamente de passar fome e viver na miséria e conformismo.

— Seu carma é guiado pelo fogo e pelo ar. Você consome o ar que o alimenta e isto o transforma da água que sacia a sede para o sangue que sacia a vingança. A ação incessante do ar alimenta seu fogo interior e o torna implacável nos seus juízos emitidos.

— O senhor prega o conformismo e eu clamo por justiça.

— No final teremos o mesmo resultado, pois a tudo Deus vê e sabe.

— Mas espera que façamos algo pelas Suas ovelhas abandonadas à sanha sanguinária do assassino frio e calculista que sente prazer em ver o sangue correr.

— Eu assumi o manto branco do sacerdócio, portanto de minha boca só sai a palavra que prega a fé na justiça divina e você, qual manto vestiu ou vestirá? Ainda não se decidiu, não é verdade? Sua natureza não o deixa assumir a feição do conformismo, pois ela é ágil como o ar e consumista como o fogo. Tal como o ar, primeiro você envolve e depois você consome em sua chamas.

— Ainda não fiz isto com ninguém.

— Só não fez porque oculta de todos, e de si mesmo, sua natureza íntima. Preferiu fugir a assumi-la. Mas isto um dia acabará Saied, pois você não conseguirá controlá-la, e então o vulcão explodirá. Então neste dia quem ficar ao seu lado viverá e quem se opor morrerá, pois é tão sanguinário quanto o marajá que agora condena. Os que estão ao lado dele têm a fartura e o bem estar que aos outros são negadas.

— Eu falo no todo como algo indivisível e o senhor reparte o todo em partes distintas.

— O homem não descobrirá como é bom amar se não sentir o gosto do ódio, Saied!

— Mas não aprenderá como é bom amar se não for amado por ninguém, rishi!

— O homem não prezará o bem se não sentir o peso do mal, Saied!

— Mas não descobrirá a prática do bem se do seu nascimento até sua morte só viver sob o domínio do mal, rishi!

— No fundo nós pregamos a mesma coisa Saied.

— Mas os meios são diferentes. Eu digo: mostre ao homem aqui e agora que este mundo pode ser socialmente mais justo e criará na mente coletiva um sentido de justiça que ele se amoldará sem dor, fome e miséria.

— Já eu digo que ele tem que sujeitar-se à dor, fome e miséria se quiser provar da fartura, alegria e amor após a morte.

— Como aceitar tal coisa, se minha razão não aceita pacificamente que um homem frio e poderoso descarne todo um povo sob o amparo esfarrapado de uma Lei Divina?

— Só fugindo de sua natureza íntima.

— É o que farei, pois não é este o lugar que eu escolheria para viver. Prefiro ir morar solitário numa floresta ou no pico de uma montanha a calar-me diante de tanta injustiça.

— Talvez seja esta a sua visão, mas está errado pois não fugirá do seu carma e se ele não for posto à provação, você não estará apto a entrar no paraíso.

— Vou partir para algum lugar onde haja um pouco mais de justiça social e eu possa praticar minha medicina em paz sem torturar-me dia e noite por ver seres humanos esquálidos e subnutridos tomarem minhas ervas e não se curarem, pois as suas doenças são incuráveis e não estão localizadas no seu corpo físico e sim no corpo social a que pertencem. Este corpo doente só pode ser curado com uma cirurgia profunda e com cortes dolorosos em sua carne. O tumor tem que ser arrancado se quiserem que o corpo como um todo sobreviva. Adeus rishi Anaanda. Agradeço o tempo que dedicou a mim. Talvez um dia eu entenda sua filosofia.

— Enquanto fugir do que o incomoda, não a entenderá Saied. Eu até compreendo um ser que faz do sangue sua forma de atingir um objetivo nobre e socialmente justo. Mas me é difícil entender alguém que foge só para não conviver com o que o incomoda. E por mais que eu tente, não o compreendo!

— Isto está na minha origem, rishi. É dela que fujo e o farei até que me seja possível. Mais uma vez, adeus rishi Anaanda.

— Adeus Saied. Como fará com relação à minha filha? Primeiro a envolveu como o ar e agora, a consumirá como o fogo?

— Diga a ela que sou um covarde que preferiu partir a ter que ser morto pelo marajá. Pois se eu ficar, vou tentar tirá-lo do seu trono nem que eu tenha que morrer por tentar tal coisa.

— Fuja, Saied! Assim só estará prolongando o tempo do seu carma.

— Eu sou o meu destino rishi. E o viverei onde estiver.

— De quantos lugares você já fugiu do seu destino?

— Este é o quarto que deixo para traz e ainda não viajei o suficiente para encontrar um que me agradasse e pudesse vive-lo em sua plenitude.

— Pense um pouco antes de partir Saied. Aqui você cuida dos doentes, cura os enfermos e nos auxilia tanto! Por que fugir de coisas tão necessárias aos habitantes desta sofrida cidade?

— Eu não resistirei à pressão deste estado de coisas por muito tempo, rishi! Se eu ficar aqui mais tempo o vulcão explodirá e até os que amo poderão sofrer as dores do meu carma sanguinário. Prefiro fugir a ver tal coisa acontecer. Se tiverem que sofrer, que seja pela minha fuga e não pela minha presença. Adeus rishi Anaanda!

— Até sua volta, Saied.

Saied virou as costas e saiu do quarto onde conversavam. Sentiu vontade de dar uma última olhada na coluna onde estava depositado o sabre dourado e foi até o agora vazio salão onde horas antes haviam tantas pessoas. Já ia entrando nele, quando ouviu vozes. Calou-se e esgueirou-se até uma coluna. Dali ouviu o que falavam dois homens do marajá.

— Abaixe mais um pouco esta corda que quase estou alcançando-a.

— Cuidado! Empurre-a para baixo e ela morrerá ao bater contra o piso. Depois nós a recolheremos.

E Saied viu uma naja ser derrubada do alto da coluna com uma vara comprida empunhada pelo homem que havia descido por uma abertura no teto. Viu quando ela estatelou-se no piso de mármore e ainda tentou rastejar mas estava toda quebrada. Viu quando o homem foi puxado de volta à abertura e recolheram a cobertura tapando o buraco. Voltou até o quarto de rishi Anaanda. Este o recebeu com um sorriso.

— Decidiu-se a ficar, Saied?

— Só gostaria de saber de algo, rishi!

— O que é?

— Alguma vez alguém conseguiu escalar até o topo da coluna onde está depositado o sabre dourado?

— Já, mas não conseguiram apanhá-lo pois despencaram lá do alto.

— Saberia dizer por que?

— Dizem que há uma maldição que ataca a quem alcançá-lo. Mas só se não for o seu verdadeiro dono.

— Obrigado rishi! Isto encerra o meu desejo de alterar o destino desta gente.

E Saied se foi e não foi visto em lugar algum. Encontraram seu cavalo e as mulas nos fundos do templo. Só levara consigo algumas de suas vestes, seus três livros, sua bolsa de moedas e suas armas de trabalho que eram o facão, a faca e a machadinha.

O Sabre Dourado é Empunhado

Como Saied partiu à noite e a pé, ninguém o viu. Rishi Anaanda ainda tentou encontrá-lo pelas aldeias próximas, mas foi em vão.

Como das outras vezes, ele sumira sem dizer a ninguém para onde iria. Mas quem sentiu realmente sua partida foi a bela Pétala de Flor das Águas. Tanto chorou, que o pai ficou sem palavras para consolá-la e achou melhor partir dali. Talvez em outro lugar ela esquecesse um pouco de Saied.

Quanto a ele, bem, não estava muito longe da cidade. Assim que saiu do templo rumou para as velhas ruínas que havia encontrado em suas andanças pelas florestas. Ficou ali muitos meses. Escalava suas paredes tal como uma aranha. Treinava nas árvores mais altas subindo e descendo numa mesma árvore por tanto tempo quanto agüentava. Acabou desenvolvendo uma agilidade impressionante. Seus músculos tornaram-se fortes como aço e a força atingiu o máximo devido ao seu vigor físico. Já não era o mesmo Saied de antes, que se preocupava com os doentes.

Não. Agora se preocupava com outra coisa. Ia escalar a coluna e apanhar o sabre dourado. Com o facão treinava como se fosse uma espada e adquiria a agilidade no manuseio e a pontaria nos golpes. Com a faca atingia o alvo que mirasse. O mesmo conseguia com a machadinha.

E o dia anual de escalar a coluna chegou. E lá estava Saied! Era o primeiro e único desafiante. Saudou o cruel marajá e tomou o seu lugar pois logo iria iniciar a escalada.

Foram colocados os dois tablados de madeira com as

lâminas pontiagudas e ele iniciou a subida. Não escalava com pressa. Se o marajá soubesse que Saied estivera no teto do templo na noite anterior, não estaria tão sorridente. Assim que colocaram a naja em cima do patamar e se foram, Saied retirou a cobertura e com uma corda amarrada numa torre descera pelo buraco e matara a cobra. Mas tomara o cuidado de deixá-la enrolada lá mesmo, pois caso fossem verificar, teriam a impressão de que ela dormia toda enrolada.

E pouco a pouco e com muito cuidado ele subia cada vez mais. Já próximo do topo, deu uma olhada para baixo e viu que o marajá parara de sorrir. Agora esperava ansioso para que Saied estendesse a mão para pegar o sabre e fosse picado pela naja, despencando lá do alto para alegria sua e desespero e humilhação da multidão que ansiava por um libertador.

Mais uma vez ficaria patente que o marajá era protegido pelos deuses e ainda não surgira ninguém para tomar-lhe o trono.

Saied subiu até o fim da coluna e apurou os ouvidos. Deu alguns tapas nas laterais do patamar para certificar-se de que não haviam colocado outra cobra e num movimento rápido, apanhou o sabre com a mão firme, jogando a cobra morta para baixo. Quem viu de baixo, teve a impressão de que ao puxar o sabre, ela caiu.

Com muito cuidado, Saied enfiou o sabre em seu cinto e iniciou a descida. Não iria cometer agora um erro qualquer e deslizar pela coluna. Cada movimento dos membros era como o fechar de uma tenaz em volta da coluna.

Pisou com cuidado entre as lâminas afiadas e saiu do meio delas. Tinha um sorriso nos lábios e um olhar de vencedor.

Saied tirou o sabre da cinta e o levantou acima da cabeça. A multidão explodiu em gritaria a aclamação.

Depois dirigiu-se reverente adiante até o marajá e quando se aproximou disse-lhe:

— Senhor, eu conquistei o sabre dourado e sou o herdeiro

legal do trono. Portanto está ocupando o que por direito me pertence.

O marajá estava atônito, pois a naja caíra a seus pés e ele levara um susto muito grande. Mais assustado ficou quando viu Saied puxar o sabre de sua bainha de ouro, levantá-lo e descê-lo contra o seu pescoço num golpe fulminante. Nem chegou a gritar, tudo foi muito tão rápido sua cabeça caiu ao solo separada que fora do resto do corpo.

Saied arrancou o turbante da cabeça que jazia no solo e o colocou na sua, gritando bem alto:

— Eu sou, pela graça divina, o legítimo marajá. Eu sou o vosso libertador, aquele que conquistou o direito de empunhar o sabre dourado!

A multidão que se comprimia no imenso salão deu vivas ao tão ousado conquistador do sabre dourado.

Saied então voltou-se para os comandantes do marajá e exigiu fidelidade ou a morte. Como eles ficaram sem ação devido à morte do marajá, ajoelharam-se diante do ousado conquistador do trono do reino. Com uma ordem, Saied saiu do imenso salão e foi escoltado até o palácio. Lá exigiu que convocassem todos os guardas e formassem as tropas. Depois quis ver o tesouro real. Ficou admirado com o tesouro que o cruel marajá acumula ao longo de sua vida. Vistoriou todo o palácio e quis saber quem eram os parentes dele. Assim que toda a sua família foi reunida, mandou que retirassem todas as jóias e os soltassem no meio do povo aglomerado do lado de fora do palácio. Pôs para fora a maioria dos parasitas que viviam às custas do agora morto marajá, e mandou chamar alguns sacerdotes do templo, alojando-os em seu interior.

Depois foi até as prisões e ordenou a libertação de todos os prisioneiros. Foi outra explosão de alegria quando eles saíram pela imensa porta do palácio.

Fez diante da multidão reunida um discurso onde prometia justiça e respeito a todo habitante do seu reino e

distribuição de alimentos aos famintos. Só então, depois de ter esvaziado o palácio e conquistado o povo, Saied foi passar as tropas em revista. Ali não estava todo o exército, mas fez todos jurarem lealdade e ordenou que grupos fossem espalhar por todas as aldeias do reino que um novo marajá governa e que haveria paz e prosperidade para todos a partir daquele dia.

Virou-se para o comandante geral e ordenou:

— A partir de amanhã cedo levará as tropas no campo e os treinará na arte da guerra até que se tornem verdadeiros soldados, chega de combaterem pessoas desarmadas. De agora em diante combaterão entre si até eu escolher um outro reino para ser conquistado. Chegou o momento de mostrarem se têm honra militar ou são apenas assassinos de seus próprios irmãos. O que me diz comandante?

— Em breve terá o mais aguerrido exército, meu soberano! Isto eu lhe prometo diante do seu exército.

Saied levantou o sabre dourado e ordenou que todos fizessem o mesmo.

— Esta será a vossa saudação ao vosso soberano de hoje em diante.

Voltou ao palácio e reuniu-se com os sacerdotes. Conversou por horas com eles e acertou claramente o que deveriam dizer ao povo no dia seguinte.

Saied colocou dois soldados diante da sala do tesouro e disse-lhes:

— Este tesouro vale suas vidas. Se uma moeda sumir do interior desta sala, vocês serão decapitados. Não saíam de seus postos até que eu mesmo traga dois outros para substituí-los. Já era tarde da noite e só então ele foi comer um pouco e depois dormir.

Antes do sol raiar, Saied já estava de pé. Os criados o atenderam solícitos e foi servido com rapidez. Quando o sol se levantou no horizonte, Saied saiu do palácio acompanhado por uma escolta e iniciou a revista das tropas no campo. Foi saudado

como exigira no dia anterior. Depois afastou-se e visitou as aldeias próximas da capital. Em todas elas falou aos seus habitantes. Só voltou ao palácio ao entardecer. Quando entrou na cidade, uma multidão o aguardava. Então fez novo discurso.

— De agora em diante todas as terras mais férteis que o antigo marajá mantinha para si estão abertas a todos que queriam semear alimentos e colher fartura para si e seus irmãos. Vão até elas, pois os seus guardas já foram instruídos para deixá-los entrar. Mas lembrem-se! Eu pessoalmente irei ver se valeu a pena confiar em vocês. De tudo o que colherem, vinte porcento é do marajá e o resto é de quem plantar, cuidar e colher. Terão todo o auxílio necessário tais como sementes e instruções de como melhor trabalharam as terras.

E Saied foi aclamado o mais generoso dos marajás. E no dia seguinte não só as terras do antigo marajá e sua família foi ocupada, mas muitas outras terras ociosas também.

Dia a dia ele ia impondo-se como um soberano ativo e sábio. Dois dias por semana os soldados iam preparar as estradas todas esburacadas e as tornavam plainas e transitáveis. Outras foram abertas até os limites do seu reino.

E os meses se passaram e vieram as colheitas plantadas. E as quantidades colhidas encheram de alegria o coração de Saied e os vinte por cento encheram todos os depósitos reais e não coube tudo neles. Grande parte foi enviada aos templos, que também ficaram repletos, e novos depósitos foram construídos pelos soldados em tempo recorde e sob as vistas do calado mas vigilante monarca.

E Saied viu os habitantes do seu reino deixarem de ser pessoas esquálidas, famintas e miseráveis e readquirirem saúde e vigor físico. Era agora um povo que sorria, muito diferente do anterior, que mendigava um pedaço de pão ou um prato de comida. Um ano se passou e duas colheitas seguidas foram suficiente para tornar os seus súditos pessoas bem vestidas e saudáveis.

Do reino vizinho muitos emigraram para o seu e isto causou uma série de atritos que Saied resolveu invadindo-o e tomando-o, incorporando-o ao seu. De uma só vez, sanou todos os problemas. Iniciou ali o mesmo estilo de administração do seu reino e foi aclamado pelo povo que já ouvira muitas lendas sobre o jovem intrépido que conquistara o trono ao alcançar o sabre dourado no topo de uma coluna altíssima.

Mas Saied não parou por ali e invadiu outro pequeno mas rico reino em terras cultiváveis ao sul. Em pouco tempo a lenda do sabre dourado começou a ser contada pelos viajantes. Muitos reinos vizinhos assustaram-se e tomaram providências para conterem o novo e ambicioso marajá que era um herói para as populações do seu reino.

Ele estava quebrando uma harmonia muito antiga entre os reinos da região, Saied soube do movimento dos marajás vizinhos e acautelou-se. Não ia por tudo a perder agora que havia conquistado uma grande extensão de terras. Enviou emissários que assinaram tratados com a maioria deles. Incrementou o comércio e procurou mostrar uma face pacífica. Isto foi entendido como medo por uns e cautela por outros.

Mas ninguém tinha certeza dos planos do novo marajá de origem desconhecida.

Dois anos depois havia mudado as feições do seu reino e povo. Havia agora a paz, a fartura e a alegria. Os rituais fúnebres foram substituídos pelos de casamento. As velhas fortalezas abandonadas foram reconstruídas e ali alojados os exércitos.

Certo dia recebeu emissários de um reino ao norte convidando-o para participar da cerimônia de casamento de seu marajá. Na data, Saied lá estava e foi com surpresa que descobriu quem era a noiva.

Jaina, a bonita filha do senhor Kassim, era a mulher que se casaria com o poderoso marajá. Novamente ele revia com mágoa a bela Jaina. Só quem não ficou surpresa foi ela e seu pai, pois a lenda do sabre dourado e seu conquistador havia se

espalhado. Saied estava acompanhado de dois sábios, dois comandantes militares e o homem que o representava no contato com os outros marajás.

Resolveu acompanhar os sacerdotes até o templo da cidade e ali reencontrou o rishi Anaanda. Quando se viram, um certo constrangimento tomou conta dos dois, mas ao fim de algum tempo tomou a iniciativa do diálogo.

— Como vai rishi Anaanda?

— Não tão bem como você, Saied. Afinal, assumiu o seu carma, não?

— Sim, e estou vivendo-o com toda a sabedoria que o senhor passou para mim. Precisa ir lá para ver como eu estava certo ao acreditar que havia uma outra forma de tornar as pessoas felizes e saudáveis.

— Fico muito contente com sua vitória, Saied. Às vezes é bom alguém inovar um pouco pois até os marajás à sua volta tornaram-se mais tolerantes e generosos.

— Onde está sua filha? Estou com muita saudade dela e gostaria de revê-la.

— Para que incomodá-la, se agora ela já o esqueceu?

— Se o que ela dizia para mim era verdade, acho que não me esqueceu, rishi!

— Pode ser, mas agora já não vive a chorar como até pouco tempo atrás. Eu acharia bom você não procurá-la.

— Por que rishi? Noto uma hostilidade contida contra mim!

— Esqueça-se de nós, Saied. Você fugiu uma vez, ou já se esqueceu que nem foi despedir-se dela?

— Pois saiba que voltei oculto pelas sombras da noite pouco tempo depois e não os encontrei mais. Voltei de dia e soube que haviam partido. Pensei que tivesse feito igual a mim e desisti de procurá-los.

— Eu parti tentando fazer com que Pétalas de Flor o esquecesse. Foi muito difícil convencê-la de que só sofreria mais se ficássemos à espera do seu regresso.

— Pois eu voltei rishi! Eu sabia que precisava treinar muito para conquistar o sabre dourado e tinha que ser muito discreto. Treinei e o conquistei!

— Podia ter confiado em nós Saied. Nem ela ou eu o trairíamos por nada desse mundo.

— Preciso de sua ajuda rishi. Agora tenho o poder e não quero cometer injustiças e o senhor é a pessoa certa para me auxiliar.

— Já tenho muito com o que me preocupar Saied. Não vou assumir novos compromissos com você.

— Está certo rishi! Acho que fui desleal não lhe revelando meu plano, mas ao menos me deixe ver sua filha.

— Só irá desequilibrá-la novamente. É melhor que tudo fique como está Saied!

— Mas eu amo sua filha e se permitir, me casarei com ela.

— Nájia está namorando outro rapaz Saied. Volte ao seu reino e escolha outra jovem para casar-se.

— Não existe outra igual a ela, e o senhor sabe disso!

— Deixe-a em paz Saied. Acho que não estou lhe pedindo muito, ou estou?

— Está pedindo para eu fazer algo muito difícil rishi. Eu amo sua filha e quero me casar com ela.

— Deixe-a fora de sua vida, eu lhe imploro se isto o satisfaz!

— Por que faz isto conosco, rishi?

— Você foi um covarde fugindo na noite e a magoou muito. Esqueça-nos Saied! Viva o que o seu carma lhe reservou e deixe-a viver o dela.

— Isto é loucura! Se há um carma a ser vivido por nós dois, eles se uniram a três anos atrás e agora é a hora de selar esta união.

— Quando você fugiu, separou para sempre os seus carmas.

— O senhor é quem está nos separando com sua intransigência e mágoa contra mim. Se havia uma linha traçada até aqui, então ela se romperá.

— Você a rompeu quando não quis continuar com sua preparação religiosa. A partir daquele dia você escolheu seu destino e seu carma. Não a transforme em partícipe de um destino sanguinário.

— Mas não há sangue e sim vida, amor, alegria e outras dádivas divinas rishi! O sangue foi muito pouco se comparado com tudo o que consegui em tão pouco tempo. Foi o senhor mesmo que disse que compreenderia uma ação com um fim nobre. Que mais posso dizer para convencê-lo?

— Não me convencerá, Saied.

— Então venha sozinho visitar o meu reino e mudará de opinião assim que entrar nos meus domínios.

— Vote logo para eles Saied!

O rishi virou-lhe as costas e afastou-se. Saied ficou estático com a frieza do seu antigo mestre hindu voltou ao seu aposento no palácio e trancou-se para não ser incomodado. Só saiu para ser recepcionado juntamente com outros convidados pelo marajá local. Ao lado dele estava a futura esposa e Saied evitou encará-la, pois ela não tirava os olhos dele.

O senhor Kassim também o olhava, mas era mais discreto. Quando os convidados começaram a retirar-se, Saied aproveitou e voltou aos seus aposentos trancando-se novamente, mas pai e filha vieram cumprimentá-lo acompanhados do marajá. Ele tentou ser o mais gentil possível e falou o mínimo necessário pois não queria conversar novamente com Jaina.

O marajá era muito idoso e explicou a Saied que havia sido curado pelo senhor Kassim e encantara-se com sua bela filha. Então decidira casar-se com ela.

Ele os felicitou e desejou muitas alegrias e uma longa vida em comum. Quando olhava para Jaina era obrigado a desviar os olhos, pois ela o encarava com total indiscrição, foi um alívio quando eles saíram dos seus aposentos.

Algumas horas depois, quando já dormia, alguém bateu à sua porta. Ao abri-la deparou com Jaina que entrou rápida e a fechou.

— O que quer aqui Jaina? Está louca vindo sozinha e a esta hora da noite? Se a descobrem aqui, nós dois morreremos ao amanhecer.

— Ninguém me viu e portanto estamos seguros pelo resto da noite.

— Como pelo resto da noite, acaso pensa em ficar aqui atormentando-me com sua língua mordaz?

— Não foi para discutir que vim aqui e sim para desfazer um mal entendido.

— Não há necessidade de desculpar-se Jaina. Não guardo mágoas das suas ofensas humilhantes.

— Como você é inocente e tolo Saied! Será que não percebia que eu o provocava só porque o amava e queria tirá-lo do silêncio?

— Estranha forma de demonstrar amor, Jaina?

— O que desejava que eu fizesse? Que o abraçasse e o beijasse?

— Talvez não fosse uma má idéia, na época!

— Faço isto agora e com muito mais amor a lhe oferecer.

Mal ela falou isto, abraçou-o e beijou longamente. A princípio Saied tentou esquivar-se, mas acabou cedendo. Quando ela o soltou, ele falou:

— Satisfeita agora Jaina? Vamos, volte aos seus aposentos antes que notem sua ausência.

— Em meu aposento só fica minha criada e ela não abrirá a porta a mais ninguém esta noite Saied. Ela sabe que estou aqui, lembra-se da velha que nos servia? Ainda é a mesma.

— Assim mesmo acho melhor sair logo.

— Sou tão repulsiva assim?

— Não disse que é repulsiva. Apenas que amanhã se casará e não acho certo ficar aqui comigo.

— Por que eu tinha que me apaixonar por quem me odeia tanto?

— Eu não a odeio, Jaina.

— Nem sente amor, o que dá na mesma!

— Já amo outra mulher e vou acabar me casando assim que encontrá-la.

— Ame-me um pouco Saied! Só quero um pouco de seu carinho, pois meu pai condenou-me a viver na tristeza ao lado de um velho.

— O que deseja é impossível para mim e muito mais agora que irá se casar.

— Se eu tivesse agido diferente, teria despertado o seu amor?

— Não sei dizer ao certo, mas acho que certas coisas têm sua razão de ser, e não foi o nosso caso.

— Mas eu o amo mais que tudo em minha vida. Jamais olhei para outro rapaz e recusei todos os pedidos de casamento só esperando o dia em que voltasse para eu poder declarar-lhe meu amor e pedir perdão por tê-lo magoado tanto. Perdoe-me Saied!

— Está perdoada há muito tempo Jaina. Nunca guardo mágoas das ofensas.

— Agora que sei que não me odeia, ame-me pelo resto desta noite.

— Está ciente do que me propõe?

— Sim. Eu quero ser sua antes de sentir o corpo asqueroso do marajá sobre o meu. Só assim eu o suportarei, pois antes terei sido amado pelo homem que tanto amo.

— Jaina, não me peça isto, por favor!

Ela nada falou. Apenas e deitou-se no leito ficando à espera de Saied. Ele dirigiu-se até ela e a amou pelo resto da noite. Já de madrugada, vestiu-se e penteou os longos cabelos. Então disse:

— Obrigada por ter me amado como eu sempre desejei. Fique alguns dias mais depois do casamento que virei visitá-lo à noite.

— Não volte, pois não abrirei a porta.

— Eu sei que abrirá. Assim que meu "esposo" dormir virei aqui e darei três batidas na porta. Serão suaves e compassadas.

No dia seguinte Jaina casou-se e à noite veio até o quarto de Saied.

— Como você conseguiu sair do quarto do marajá tão cedo?

— Coloquei um sonífero na bebida e ele logo adormeceu. Amanhã farei a mesma coisa.

— Não o faça, pois não mais estarei aqui. Parto ao amanhecer.

— Então aproveitemos esta noite, Saied! Logo acharei um jeito de ir visitá-lo no seu palácio.

— Não faça isto, não quero continuar com este envolvimento.

— Ainda que tente, não fugirá de mim Saied. Provou o meu sabor e gostou. Logo estará ansioso para prová-lo novamente!

Bem, no dia seguinte Saied partiu, mas antes passou pelo

templo à procura do mestre Anaanda. Assim que o encontrou e o cumprimentou, perguntou-lhe:

— Rishi, onde oculta sua filha?

— Não devo isto a você, Saied!

— Por que? Só queria compreender o que em mim lhe causa tão má impressão.

— Não quero conversar Saied. Por favor, deixe-me a sós!

— Eu pedi a alguém para segui-lo. Descobriu onde mora e sua filha não mora com o senhor o que houve com ela, mestre?

— Insisto que não quero falar, Saied! Adeus.

— Aconteceu algo a ela?

— Mais uma vez, adeus Saied!

— Por que não conversa comigo? Não está vendo que se empunhei o sabre dourado foi para provar-lhe que eu estava certo? Será que é tão difícil para o senhor aceitar que outro ponto de vista também pode estar certo? Ou será que deseja que eu viva o meu carma na dor, tristeza e solidão? É isto rishi?

— Não quero falar Saied! Adeus.

— É isto, não rishi? O senhor quer que eu viva amargurado por não poder me casar com Nájia. Por que não me leva até ela, mesmo que seja só por um instante? Se fiz o que fiz foi para me mostrar digno aos seus olhos e a ela. Por que me falou tanto em um vulcão que um dia explodiria e agora me abandona?

— Mais uma vez, adeus Saied!

— O senhor, ao fazer isso comigo, me lança na angústia e apaga a minha luz. Será que sou tão indigno assim? Ou será que só porque combato a miséria e a dor ofendo à sua doutrina?

— Já que não vai embora, eu me vou!

— Cuidado com o seu carma rishi. Talvez ao alterar o meu, o senhor esteja alterando o seu para pior.

— Preocupe-se só com o seu Saied. Do meu, cuido eu mesmo.

E rishi Anaanda foi embora deixando Saied sozinho no templo. O único jeito foi voltar aos seus domínios e continuar solitário.

Cumpra-se o Destino do Libertador

Os meses passavam e os seus espiões voltavam com notícias desagradáveis: nem sinal de Nájia.

— Será que ela morreu? Meu Deus! Será que é por isso que ele não quer falar comigo? Talvez sua mágoa seja tão grande que nem queria me ver outra vez.

Mais uns meses e nenhuma notícia. A única que o incomodou um pouco foi a da morte do marajá marido de Jaina. Recebeu um convite oficial para participar das cerimônias fúnebres e acabou indo ao encontro de Jaina.

Assim que chegou, tentou falar novamente com o rishi Anaanda. Como da outra vez, nada arrancou dele.

— Por que não me conta o que houve, rishi? Não vê que estou enlouquecendo com o mistério em torno de Nájia? É isto que quer?

— Adeus Saied! Não me procure mais, por favor, ou terei que ir-me deste templo.

— Se quiser ir, que se vá, mas antes diga algo sobre o paradeiro de sua filha. Faça isto por mim, é só o que lhe peço. Se por acaso ela casou-se com algum rapaz, me conformarei, mas se não é isto, então diga-me o que é!

— Mais uma vez, adeus.

E o rishi foi embora novamente deixando Saied sozinho.

Ainda imaginava uma forma de encontrar Nájia quando um monge tibetano aproximou-se dele.

— Como vai Saied?

— O que? Hã! Era só o que me faltava! Olá monge, o que deseja de mim?

— Muito tempo já se passou, não Saied?

— Sim, muito tempo mesmo!

— Nós temos acompanhado sua escalada. Ainda se lembra da fortaleza?

— Sim senhor. Como poderia me esquecer?

— Nós já transformamos aquele tesouro em armas, cavalos e muitos homens. Agora só nos falta o libertador para conduzi-los.

— Mas eu não sou o libertador, monge!

— É você, Saied! Nós o aguardamos para uma visita à fortaleza. Poderia ir até lá?

— Só depois das cerimônias fúnebres do falecido marajá.

— Nós o aguardaremos, Saied!

O monge saiu tão silencioso como havia chegado e Saied foi para o palácio de Jaina. Agora ela era a "senhora da região" mais rica do Industão, algo como uma rainha dos tempos modernos.

Ela alojou Saied num quarto ao lado do seu e após as cerimônias fúnebres, foi direto ao seu encontro.

Ao amanhecer, antes de sair do quarto, ela falou-lhe:

— Agora poderá casar-se comigo. Saied! Uniremos nossos reinos e será o meu príncipe.

— Sinto muito, Jaina. Não vou casar-me com você e ninguém mais.

— Por que não? Se eu o agrado, qual o motivo de recusar-me agora que sou uma viúva?

— Eu não desejo casar-me com ninguém e pronto.

— Não desistirei de você, Saied.

— Hoje à noite partirei e nunca mais voltarei aqui Jaina.

Procure outro que lhe agrade e case-se com ele pois agora não só é livre, como muito poderosa.

— Ou você se casa comigo ou não viverá para casar-se com outra, Saied!

— Esqueça-se de mim Jaina.

— Veremos Saied!

Ela saiu com raiva do quarto dele e trancou-se no seu.

Bem mais tarde um emissário veio chamá-lo à sala de despachos.

Quando Saied entrou, viu sentado perto de Jaina um outro marajá muito poderoso, do norte. Chamava-se Risote e era muito respeitado. Saied cumprimentou Jaina e depois a ele. Então ela falou-lhe:

— Saied, o marajá Risote pediu-me em casamento, o que acha?

— Ótima escolha marajá! Jaina é uma bela mulher e o fará o mais feliz dos homens.

— Só há um problema Saied! Eu falei a ele que o amo.

— Não vejo problema algum. Esqueça-se de mim e case-se com ele!

— Eu até poderia me casar, mas estarei com você em meus pensamentos.

— Bem, isto é um problema seu pois eu não a tenho em meus pensamentos.

— Vou propor-lhe pela última vez Saied: case-se comigo ou se arrependerá.

— Tenho a solução Jaina. Case-se com o marajá Risote e viva feliz ao lado de um homem que a ame.

— Mas ele sabe que o amo e que somos amantes há muito tempo, e como não quer casar-se comigo, então terá que lutar por sua vida.

— Por que?

— Eu disse a ele que tentaria só mais uma vez convencê-lo a casar-se comigo e se não conseguisse, então ele teria que matá-lo e dar-me seu reino como presente de casamento. Pois só assim eu me esqueceria de você já que estaria morto e me sentiria vingada de sua desfeita.

— O senhor aceitou isto, marajá Risote?

— Para mim será um prazer matá-lo e uma honra presenteá-la com o seu reino como jóia de casamento.

— Isto é um absurdo! Fique com ela se lhe agrada, mas deixe-me fora disto, não estou interessado nem um pouco em Jaina.

— Como poderei tê-la só para mim se em sua mente, você ainda estará vivo?

— Façam de conta que morri e vivam suas vidas em paz.

— Como poderei levar ao meu leito uma mulher que foi possuída e depois recusada por alguém? E ainda mais sabendo que ele continua vivo depois de ofendê-la?

— O que quer que eu faça?

— Não faça nada marajá Saied! Eu farei. Vou voltar aos meus domínios e à frente dos meus exércitos invadirei os seus. Depois de matá-lo, eu os entregarei à minha eleita junto com sua cabeça.

— Tente isto e acabará morto marajá Risote!

— Bem. Provarei esta noite o sabor de Jaina e amanhã mesmo partirei para meus domínios. Buscarei meus exércitos para arrasar com seu reino, afegão miserável. Nunca devia ter saído de sua terra natal pois agora chegou a hora de sua morte. E não pense que terá um exército inútil e faminto como os dois que subjugou tão facilmente expandindo os seus domínios. Desta vez encontrará pela frente o mais poderoso, bem armado e treinado exército de todo o Industão.

— Não sei até onde irá essa loucura, mas não farei o jogo da Jaina e muito menos o seu. Esqueça-se de mim e adeus, pois vou-me embora.

— Prepare-se, Saied. Em uma semana invadirei seus domínios e se você ocultar-se matarei até o último dos habitantes dele e seus súditos tão queridos.

— Ao inferno vocês dois e suas loucuras. Mais uma vez, adeus!

Saied saiu apressado e ainda ouviu as gargalhadas dos dois. Foi ao seu quarto e apanhou sua bagagem, indo a seguir ao encontro dos seus auxiliares. Depois de falar-lhes do perigo que seu reino corria, deu suas ordens:

— Sacerdote, o senhor volte rápido e prepare o povo para este tempo difícil que se aproxima. Quanto ao senhor comandante, volte o mais rápido possível e convoque todos os homens em condições de empunhar uma arma e fique preparado para a luta.

— Onde ira vossa majestade?

— Vou conversar com uns amigos mas amanhã estarei junto do senhor na preparação do exército para a luta que se avizinha. Vamos dar uma lição em Jaina e Risote. Tomaremos os dois reinos de uma só vez e nos tornaremos os mais fortes entre os hindus.

Saied ficou vendo os dois homens saírem apressados e foi ao encontro dos monges tibetanos. Quando entrou na trilha no meio da floresta, um monge o aguardava e o acompanhou até a grande fortaleza.

Ao entrar nela, viu todo o terreno dentro das muralhas limpo e centenas de homens treinando com as armas. Ficou impressionado com tudo ali. Agora não tinha a antiga aparência de abandono, mas sim de plena atividade.

— O que significa isto monge?

— Estamos aguardando a sua vinda, libertador!

— Onde está o monge ancião.

— Ele morreu, Saied. O monge Sapí é agora o nosso líder depois do Lama, nosso guia espiritual. Ele o aguarda na sala de orações. Acompanhe-me, sim?

Pouco depois Saied entrava na sala onde haviam se reunido os monges.

— Bem vindo de volta aos seus, Saied! —saudou-o o monge Sapí.

— Fico triste por saber da morte do monge ancião e feliz em rever meus amados amigos.

— Lembra-se de quando fez conosco sua iniciação, adepto Saied?

— Sim, senhor.

— Lembra-se do que nos prometeu?

— Sim, eu prometi ajudá-los e é o que tenho feito, não?

— Precisamos de algo mais que alimentos, adepto Saied.

— Do que precisam?

— Do seu sabre dourado e do seu comando.

— Por que tem de ser eu, monge ancião?

— Nós espalhamos entre o nosso povo nos últimos anos que um guerreiro nobre iria libertar nossa terra e devolver o trono ao nosso amado líder espiritual, o divino Lama.

— Mas eu tenho o meu reino para cuidar.

— Logo não o terá mais, adepto Saied!

— O que diz?

— Aproxime-se e veja na bacia de água sagrada e compreenderá o que digo.

Saied olhou para a bacia e viu o seu comandante e seu sacerdote conversando com o marajá Risote. Tinha o dom de ver as imagens e ouvir o que era dito, e ouviu o que os três diziam:

— Se aceitar o que lhe proponho comandante, eu o nomearei governador da minha nova província. Quanto ao senhor, sábio mestre, continuará como líder espiritual e evitará a morte de muitos inocentes.

— Mas isto é uma traição ao nosso amado Saied! —

exclamou o sacerdote — Não posso concordar com isto. — afirmou ele taxativo.

— O que prefere então? Por acaso deseja a morte de todos os habitantes ao invés de um apenas?

— Mas é uma loucura! — tornou a exclamar ele.

O comandante então falou:

— Sábio mestre, o marajá Risote tem o maior e mais poderoso exército do mundo. O que ele está nos propondo é que nos livremos do afegão Saied e coloquemos um hindu no poder, e nada mais. Depois disso, os domínios dele, de Jaina e os nossos, formarão um só reino e não haverá derramamento de sangue.

— Meu Deus! Comandante, lembra-se da miséria que vivia nosso povo antes de Saied tomar o poder?

— Tudo continuará como agora sábio mestre. Nada mudará!

— Então por que não continuar com Saied à frente do governo?

— Eu preciso da cabeça dele! — falou Risote — Esta condição me foi imposta por Jaina e se os senhores não concordarem, o sangue correrá pois quando minhas tropas invadirem suas terras, serão como lobos sanguinários esfaimados. Não pouparão nem o ancião, nem a mulher e muito menos as crianças.

— Façam como quiserem. Vou me recolher ao templo e orar a Deus para que a justiça divina impeça o derrame do sangue inocente.

— Então ficará neutro, não? — falou Risote.

— E algum dia tomei algum partido ou tive algum poder?

O mestre saiu e se dirigiu para o templo onde jejuaria e oraria para que a justiça divina se fizesse.

Risote então falou ao comandante:

— Vá agora e assim que Saied chegar, prenda-o até que eu chegue e o degole.

— Assim será feito, meu marajá.

— É muito grande o tesouro de Saied?

— Sim senhor!

— Pois um quarto dele será seu.

— Por que não metade? Não foi isto que deu a entender?

— Está certo. Ficará com a metade e o governo da minha nova província. Agora vá e me aguarde. Em sete dias estarei no palácio de Saied. Quero degolar o miserável afegão com minha própria espada do mesmo jeito que fez com meu tio.

Assim que o comandante afastou-se, ele falou para si mesmo:

— Depois de Saied, degolarei você também imbecil! Ou acha que vou dividir o tesouro dele com alguém mais?

De repente a imagem desapareceu. Saied tinha lágrimas nos olhos. O monge ancião Sapí então falou-lhe:

— Como fará agora, Saied? Já não tem um reino e se voltar lá será morto.

— Meu Deus! Por que tudo isto monge ancião?

— É o seu destino Saied! Você não poderá alterá-lo. Ou liberta o Tibete ou estará fugindo dele.

— Libertar como, se já não tenho mas o meu exército, tesouro para financiar a guerra contra os poderosos mandarins e nem o imenso estoque de alimentos que possuo armazenado?

— Nós temos duzentos mil tibetanos muito bem treinados na arte da guerra que só esperavam a sua chegada. Assim que virem o seu sabre dourado e nós ao seu lado e o divino Lama abençoando-o, lutarão como só os mais valentes guerreiros fariam.

— Como posso ir libertar seu reino e ver ser destruído o que com tanto amor procurei erigir? Seria o mesmo que um

pai deixar o filho morrer para salvar o filho do amigo amado. O meu coração estaria negro como a mais escura das noites.

— Poderá usar com astúcia o nosso exército para derrotar Risote, eliminar o seu comandante e colocar o seu sábio mestre sacerdote no governo. Aí iria combater os mandarins por nós. Salvaríamos o seu filho e o deixaria aos cuidados de um leal amigo e depois salvaria o nosso filho.

— Meu Deus! Ficarei coberto de sangue da cabeça aos pés.

— Nós o dividiremos no dia em que nossas almas imortais forem levadas diante do juiz eterno e testemunharemos a seu favor, se isto tirar um pouco o peso de sua consciência.

— Por que tem que ser eu?

— Você foi o escolhido, Saied! Se outro tentar, falhará, mas você vencerá. E por isso nós, que já temos tudo preparado, não iniciamos a luta. Use os nossos guerreiros imediatamente e salve o seu reino primeiro. Só depois disto irá combater os mandarins. Assuma o seu destino Filho da Tempestade, pois o tempo está chegando e se não agir com a fúria dela, o nosso povo continuará gemendo e o seu voltará a gemer.

— Meu pai tinha razão. Eu sou o filho da tempestade, o que veio com a morte!

— Levará a morte na frente, mas por cima do sangue que se derramar, nascerá a liberdade e a vida voltará a ter o seu encanto. Será como a noite em que nasceu. Depois da tormenta a bonança!

— Está certo monge ancião. Eu empunharei o sabre dourado e libertarei o seu povo da escravidão. Todo o tesouro de Risote e Jaina irão financiar a guerra. A ele juntarei uma parte do meu e suprirei os soldados com alimentos suficientes para uma longa guerra.

— Então acompanhe-nos, será conduzido até o divino Lama e jurará a ele lealdade e obediência. Lutará por ele e morrerá por ele se assim o destino quiser.

— Sim, senhor.

E Saied foi conduzido até o sagrado recinto onde ficava o divino Lama. Jurou-lhe fidelidade, lealdade e obediência. Depois foi conduzido a outro grande salão e viu muitos guerreiros sentados. Atrás dele vinham os monges e o divino Lama. Este falou aos soldados que nomeava Saied, o filho da tormenta e braço armado com o sagrado sabre dourado, o libertador do seu povo e seu reino. Deviam obedecê-lo firmemente e com lealdade dali em diante.

Todos juraram assim proceder, e então o divino Lama voltou ao seu recinto sagrado. O monge ancião então falou:

— Estes são os comandantes dos nossos exércitos adepto Saied. Ordene e o obedecerão.

— Quantos dias serão necessários para juntarem seus soldados?

— Se ordenar isto agora, amanhã ao entardecer estarão onde quiser.

— Quantos soldados tem?

— Duas centenas de milhar nesta região. Estão espalhados à espera do chamado para a luta.

— Quero todos na fronteira do reino da Jaina com o de Risote. Dali arrasaremos o exército dele, depois o dela e finalmente ceifarei a cabeça do meu comandante traidor.

— Diga isto em voz bem alta a eles e lá estarão com seus soldados, armas e bagagens até o anoitecer de amanhã.

Saied lhes ordenou tudo isto e eles saíram apressados do recinto. Então ele virou-se para o monge ancião e lhe pediu:

— Podia localizar na bacia de água sagrada o que houve com a filha do rishi Anaanda?

— Hoje a corrente esgotou-se e só poderemos restabelecê-la amanhã na mesma hora em que foi formada hoje. Eu a localizarei para você e quando voltar lhe direi.

— Obrigado, monge ancião Sapí. Agora quero um cavalo e uma escolta pois vou ao ponto combinado e aguardar a chegada dos guerreiros.

— Já estão esperando-o no pátio, libertador. Gosta da cor branca?

— Sim senhor.

— Então gostará do seu novo cavalo pois ele é todo branco.

E Saied montou no cavalo branco e partiu. Quando chegou ao ponto de encontro, já haviam quase cinqüenta mil homens à sua espera e não paravam de chegar muitos outros. Vinham de todos os pontos e iam unindo-se ao grupo de sua cor. Havia uma cor para cada exército e formavam sete exércitos distintos nas cores, mas idênticos na formação.

Saied reuniu-se com os comandantes e ordenou que batedores fossem enviados para reconhecimento e patrulhas para vigiarem os terrenos vizinhos.

Ao cair da noite, duzentos mil homens em armas estavam à espera de ordens. Foi ordenado que todos comessem e depois descansassem por duas horas.

Às oito iniciaram a marcha rumo à capital do reino de Risote. Marcharam até a meia noite e depois acamparam para dormir até o amanhecer. Um grupo disfarçado já havia entrado na cidade, e até na fortaleza, ao anoitecer. Era uma forma de ter as portas dela abertas no auge da luta.

Antes do sol raiar, todos já se preparavam para a marcha final. Por volta das oito horas da manhã houve o choque entre dois exércitos. O de Risote estava em menor número e ficaram apavorados com a surpresa. O campo foi coberto com os seus corpos e a cidade foi invadida. Em pouco tempo só a fortaleza resistia, mas um dos seus portões foi aberto e o massacre foi total. Saied em pessoa comandou a sua invasão e capturou Risote. Não o matou de imediato, mas sua família e corte foi toda dizimada e seu tesouro recolhido pelos soldados tibetanos

e acondicionado em baús. Dali foram divididos em dois exércitos e para atacar mais duas fortalezas, onde o resto do exército dele ficava.

Enquanto subjugavam as duas fortalezas, Saied estabelecia um novo governo sob a direção dos sábios sacerdotes. Reuniu toda a população da cidade e aldeias à volta e fez o mais inflamado dos discursos. Obrigou Risote a revelar seu mal-sucedido plano e depois, de um só golpe com o sabre dourado, o degolou. Colocou sua cabeça numa lança e iniciou a marcha rumo ao palácio de Jaina. Todos os cavalos nos domínios conquistados foram confiscados e agora uma grande parte dos seus exércitos estava montada. Foi com estes, que a galope, marchou rumo ao palácio dela. Chegou nas suas proximidades ao anoitecer. Acamparam para alimentar os cavalos e a si próprios e descansar até a manhã do dia seguinte. A cabeça de Risote continuava espetada na ponta da lança.

Por volta das quatro horas da manhã, Saied foi acordado por um dos comandantes.

— Acorde logo libertador! Ou nos preparamos logo para o combate, ou iremos ser massacrados em instantes.

Foi uma correria danada, mas no alvorecer estavam em posição de combate à espera do exército de Jaina. Eram uns cinqüenta mil soldados o que ela possuía em armas e a maioria achava-se distribuída à frente no campo aberto.

Houve um primeiro choque com muitas baixas de ambos os lados. Ambos os exércitos reagruparam-se e antes de novos combates, Saied enviou um emissário com uma bandeira até o meio do campo. Logo veio alguém do outro lado ao seu encontro. O diálogo foi estabelecido e Saied conversou com o comandante das tropas adversárias. Ele o conhecia desde o casamento de Jaina. Explicou-lhe toda a trama que havia por trás de Risote e Jaina e seu próprio comandante. Falou-lhe das benesses que havia criado no seu curto reinado e dos planos de ir libertar o Tibete.

Passou várias horas dialogando para evitar o inútil derrame de sangue. Quando concordou em deixar o exército de Jaina armado e intacto até provar o que dizia, houve o acordo para um armistício. A partir daí, os dois exércitos foram na direção do palácio e acamparam nos arredores da cidade. Só um batalhão entrou na cidade e foi direto para o palácio sem nenhuma resistência pois os comandantes dos defensores estavam à frente dos invasores.

Saied entrou com eles no palácio e mandou prender Jaina no salão de recepções. Quando a trouxeram, ele jogou aos seus pés a cabeça de Risote. Ela deu um grito e quase desmaiou.

— Conte como tudo isto aconteceu, Jaina! Os seus comandantes estão ansiosos para ouvir toda a história sobre esta cabeça maldita.

— Não tenho nada a dizer, Saied!

— Então não sentirá nada ao ver seu pai degolado.

— Não faria tal coisa com ele.

— Terá a cabeça dele a seus pés em instantes, também!

Saied deu ordens aos soldados para que o degolassem. Antes que isso, acontecesse ela mudou de idéia e contou o que conversara com Risote. Quando terminou, Saied pergunto aos comandantes do exército do reino:

— Satisfeitos agora, senhores?

— Sim, mas o que faremos agora?

— Eu os convido a irem brevemente lutar ao meu lado contra os mandarins chineses.

— Quem cuidará do governo?

— Os sábios mestres farão isto com mais sabedoria que estes marajás sanguinários.

Saied fez o prometido. Mandou convocar os sábios mestres e colocou à frente do governo o próprio rishi Anaanda. Este tentou esquivar-se do encargo.

— Por que, sábio?

— Não fui preparado para governar, Saied.

— Governar não é difícil, mestre sábio! Basta que divaguem menos e ouçam mais as necessidades dos seus fiéis, procurando atendê-los com justiça. Assim fui amado pelo meu povo e assim será pelo seu. Agora reunamos o povo e eu falarei a eles. Após minha fala, o senhor será o novo marajá deste reino.

E Saied falou mais uma vez com sua oratória inflamada. Quando terminou, a aclamação foi geral. Os sábios mestres sacerdotes ocuparam seus cargos sob o comando do rishi Anaanda.

Como havia prometido aos monges, o tesouro foi levado para financiar a guerra contra os mandarins chineses.

O resto das tropas havia chegado e todos assustaram-se com o número de soldados tibetanos. O comandante das tropas agora aliadas perguntou a Saied:

— O que aconteceria se não tivéssemos acreditado em suas palavras?

— Agora estariam todos mortos no campo de batalhas.

— Que fará agora?

— Primeiro completarei meu trabalho por aqui e degolarei Jaina.

— Não! — gritou ela assustada.

— Por que não? Você não pediu isto ao maldito Risote? Pagará com a mesma pena por ter agido tão covardemente.

E Saied desembainhou o sabre dourado que brilhou com os raios do sol. Jaina estava apavorada e gritava por clemência. O sabre subiu e antes que Saied o abaixasse o rishi Anaanda segurou o seu braço.

— Não faça isto, Saied!

— Por que não? Ela deve morrer ou outros morrerão em seu lugar.

— Eu não aprovo a morte como pena para alguém que cai do governo, Saied!

— Isto é pelo seu ponto de vista, rishi. Ela é uma assassina e deve morrer. Lembra-se de quando falei dos lobos sanguinários que se apossavam dos rebanhos? Pois saiba que Jaina é um deles.

— Se fizer isto, eu abandonarei este palácio agora mesmo.

— Rishi, eu o respeito como homem sábio e bondoso, mas não conhece a natureza dessa gente. Se eu não matá-la agora, logo mais ela fará isso com um inocente.

— O que o leva a esta conclusão?

— Eu aprendi isso com um sábio imã que me disse certa vez: "Saied, se entrar em sua casa uma serpente, mate-a senão ela picará um filho seu!". Pedi a ele a interpretação, pois ele sempre falava por enigmas e ele me disse: "Quero dizer que se um assassino entrar em sua vida, mate-o, senão ele derramará o sangue de um inocente no lugar do dele, que deveria ser o derramado."

— Você sofreu muitas influências, Saied. Por isso confunde clemência com falta de justiça e justiça com crueldade. Se matá-la estará sendo cruel e covarde, ao invés de justo. Não aumente o seu carma com o sangue dessa mulher.

— Então o senhor ficará sendo o responsável por ela. Mande trancafiá-la numa prisão, ou ela derramará o sangue de outros inocentes.

— Eu sou o governante agora, não?

— Sim. Mas quero que saiba que esta mulher ia causando a devastação dos meus domínios unicamente porque eu não quis me casar com ela. Será que isto é motivo suficiente para crime de tamanha hediondez?

— Todos cometemos erros, não?

— Cada um comete o erro de acordo com a sua natureza mais íntima e a dela é cruel e possessiva, rishi.

— Eu cuido dela de agora em diante.

— Faça isso então, mas não adicione este erro ao meu carma pois pertencerá ao seu as mortes inocentes que ela vier a causar.

— Fique tranqüilo Saied, do meu carma cuido eu. Se bem que ainda tenho minhas dúvidas sobre a culpa desta mulher.

— Em breve alguém em quem o senhor confia, e este com certeza não sou eu, irá lhe provar o que eu disse a pouco.

Saied saiu do palácio acompanhado pelos comandantes militares e rumou direto para o seu reino. o comandante não teve reação alguma ao ver Saied à frente do numeroso exército. Foi degolado do mesmo modo que o marajá Risote.

Retirou uma boa parte do seu tesouro e juntou aos já destinados à guerra contra os mandarins. Esvaziou os depósitos reais dos alimentos esgotados e ainda comprou boa parte dos que guardavam os seus súditos. Houve um derrame muito grande de dinheiro, mas foi necessário, pois levaria consigo um exército de trezentos mil soldados. Quando foi até o templo, o sábio mestre estava em jejum e orações. Saudou-o com reverência e sentou-se à sua frente.

— Salve, sábio mestre! O Criador ouviu suas preces por justiça e tanto o traidor comandante e seus acólitos quanto o marajá Risote foram eliminados. O sangue inocente não se derramou mais uma vez.

— Como descobriu a trama deles, meu filho?

— Eu vi quando conversaram e tentavam obrigá-lo a participar de tão grande injustiça.

— Onde você viu, se não havia ninguém por perto?

— Na bacia de água sagrada dos monges tibetanos. Assim que o senhor e o traidor comandante partiram, eu fui ao encontro deles.

— Conte-me como isto acontece Saied. Fiquei curioso em conhecer o Mistério da Água Sagrada.

E Saied contou-lhe como ela funcionava e todas as palavras faladas durante o encontro e as ditas pelo marajá quando ficou sozinho.

— Então o traidor morreria de qualquer maneira.

— Eu acredito que não seria só ele, sábio mestre.

— Também acredito que eu seria morto juntamente com milhares de inocentes.

— Tenho certeza disso, pois Risote era cruel em demasia. Com certeza Jaina seria morta assim que se casasse com ele e o tornasse senhor de tudo.

— Como agirá de agora em diante?

— Vou fazer outra coisa que o planejado anteriormente. Sem Nájia já não tenho um destino pacífico. Decidi mergulhar no sangue e tentar libertar o Tibete para o divino Lama.

— Por que tentar tal coisa, depois de provar ser tão pacífico e sábio na condução do seu reino?

— Sem Nájia, já não tenho motivos para fugir ao pedido de auxílio dos monges. Além do mais, de certa forma sempre serei visto como um miserável afegão que tomou o poder nesta região. Se tivesse trazido Nájia, eu teria ela como esposa e o possível filho assumiria o trono livrando-o assim de possíveis adversários que me vêm unicamente como um estrangeiro usurpador. Vou-me e não volto mais, sábio mestre!

— Quem cuidará de tudo isso agora?

— O senhor é o escolhido. Levarei comigo todo o exército antigo para que não sofra nenhuma traição e lhe deixarei o que eu mesmo preparei nestes anos, mas não diga isso a mais ninguém até que eu esteja bem longe.

— Como vou governar um reino, se sou apenas um sacerdote?

— O que eu era antes de assumir o poder?

— Isto é diferente, Saied. Eu passei minha vida orientando espiritualmente o povo.

— Pois agora poderá fazer as duas coisas ao mesmo tempo já que tem a sabedoria, a bondade e a justiça em seu coração. Basta que continue a orar no momento de orar e vigiar quando for governador. Deve orar pelos homens, mas também vigiar suas ações. Só fazendo isso será o mais sábio dos governantes e ainda instruirá os outros rishis que estão nos governos dos outros dois reinos conquistados, que virão até o senhor em breve.

— Tentarei, Saied!

— Eu sei que será um bom governante, sábio mestre. Ao amanhecer, o povo estará reunido e será empossado como regente dos três reinos.

— De um momento para outro me torno o maior dos marajás, meu filho.

— Deus ouviu suas preces e o nomeou executor de seu pedido de justiça.

— É uma grande responsabilidade!

— O senhor já sabe como pensam os outros marajás e saberá como se impor neste grande reino formado a pouco. Não será mau, mas só confiará nos realmente dignos.

E Saied partiu à frente de um enorme exército. No dia seguinte iria ao encontro de seu sangrento destino. Agora o havia assumido por completo. Quando passou pela cidade onde ficava o rishi Anaanda, estacionou o exército e foi falar com os monges tibetanos. E acertou todos os detalhes da longa campanha.

O divino Lama já havia partido para uma cidade ao norte, próxima da fronteira do Tibete. Muitos homens já haviam sido enviados para espalhar a notícia de que o dia da libertação se aproximava e que o divino Lama voltaria com o filho da tormenta empunhado o sabre dourado da justiça.

Antes de partir, Saied ainda foi falar mais uma vez com rishi Anaanda na tentativa de saber algo sobre Nájia, pois os

monges disseram-lhe que não haviam localizado ela em parte alguma. Quando inquiriu mais uma vez, as respostas foram iguais às anteriores.

— Só me responda uma coisa rishi. Por que a oculta de mim?

— Não quero que minha filha seja coberta pelo sangue que o encharcará da cabeça aos pés.

— O senhor só vê em mim o sangue, não?

— Sim.

— Nunca viu o lado positivo de minha vida ou por que me lançou nesta trilha sangrenta ao afastar sua filha de mim.

— Eu só a livrei de manchar-se de sangue.

— Mas fez com que outra alternativa não restasse para mim. Adeus rishi, nunca mais verá o meu rosto em sua frente.

— Não voltará?

— Não.

— O que fará depois de se encharcar de sangue?

— Afundarei no inferno, pois é o lugar dos infelizes que não encontraram o amor nesta terra.

— Mas você encontrou o amor Saied!

— Quem me amou rishi? Meu primeiro mestre, que queria um sucessor lá na aldeia onde nasci, ou minha mãe adotiva, que fui obrigado a deixar para que ela não fosse ofendida por meu pai só porque me protegia do seu ódio? Ou o imã, que queria me tornar um religioso igual a ele? Talvez o senhor Kassim, que desejava alguém para ouvi-lo falar de como aprendeu com este ou aquele mestre tal coisa. Mas quem sabe tenha eu sido amado pelos monges tibetanos, que só vêem em mim o libertador do seu reino e povo? Ou terá sido o senhor, que tanta antipatia sente por mim? Não. Não acho que foi o senhor, pois é igual a Jaina. É um homem possessivo, que queria ter domínio total sobre minha vida e guiá-la segundo seu modo de pensar. Não rishi! Só houve uma pessoa nesta terra que

realmente me amou e ela o senhor afastou de mim por pura ignorância. Se realmente compreendesse o que prega, só teria facilitado a aproximação entre sua filha e eu, pois se fiz o que fiz foi por amá-la muito e jamais a abandonaria como um covarde. Se me afastei, foi para deixá-los fora dos meus planos, pois se eu não conseguisse me conter até o dia do desafio, a última coisa que eu iria querer ver seria algo de mal acontecer ao senhor ou a ela. Caso tenha coragem de dizer a Nájia, quando eu me for, diga-lhe que foi a única mulher que amei em toda a minha vida. Adeus rishi!

Saied afastou-se rápido e não olhou para trás. Montou em seu cavalo e saiu da cidade indo ao encontro dos exércitos já em marcha. Como das outras vezes, partia para não mais voltar.

A Campanha do Tibete

Mestre Anaanda ficou triste com a partida de Saied pois sabia que ele ia mergulhar no sangue que o cobriria da cabeça aos pés. Só então mandou buscar sua filha, que estava num outro templo distante dali.

Para infelicidade sua, primeiro ouviu o sábio mestre que governa os três reinos agora unidos sob o domínio dos sacerdotes e mudou sua opinião sobre Saied. Em segundo, Jaina, ao saber que a jovem filha dele era o amor de Saied e por sua causa não se casara com ela, apunhalou-a várias vezes. Foi um golpe muito forte para o homem que tentara livrá-la do sangue que cobriria Saied e a conduzira a um destino em que seu próprio sangue a cobriu.

O golpe foi tão duro que ele renunciou ao governo e abriu o caminho para a discórdia interna que levou a uma luta sangrenta pelo poder. O sangue que ele impediu Saied de derramar, foi derramado por sua causa.

Acabou voltando ao governo só para pacificar os grupos em acirrada disputa pelo poder e viveu o resto de sua vida amargurado por ter alterado o destino de Saied e Nájia.

Quanto a Saied, lutou vários anos para expulsar os chineses do solo tibetano, mas não parou aí.

Invadiu o solo chinês e subjugou um a um os poderosos mandarins. De um povo dominado, os tibetanos passaram a dominadores. Uma vasta extensão já estava sob domínio do seu exército quando recebeu ordens de parar com a guerra. Não atendeu e continuou com o avanço dos exércitos por mais de uma centena de quilômetros e capturou a filha do governador

da região oriental do império chinês e estabeleceu uma praça forte em pleno coração do solo inimigo. Agora era o senhor da região.

Acabou ligando-se amorosamente à bela refém e a possuiu como sua mulher. Dali não avançou mais e só fez fortalecer o seu poder numa extensa região, fortificou suas defesas e iniciou a reorganização dos seus exércitos.

Vários mensageiros começaram a chegar detectando o ajuntamento de milhares e milhares de chineses do outro lado das suas linhas de defesa. O seu comandante então perguntou:

— O que faremos agora, meu líder?

— Vamos derrotá-los mais uma vez. Eles já estão acostumados à derrota, mas após esta, não mais voltarão a nos incomodar.

— O que faremos? Atacamos já ou esperamos que cheguem mais deles!

— Deixemos que formem grossas linhas de combate e depois as furaremos como um véu de seda.

— Como quiser Saied, mas acho que devíamos iniciar um ataque contínuo e ir limpando tudo à nossa frente, não dando tempo de chegarem novos reforços. Avançaríamos muitos quilômetros e capturaríamos de vez o imperador deste povo e assim teríamos paz.

— Se atacarmos agora, eles se espalharão novamente e os perderemos nestes vales profundos.

Saied esperou e milhares e milhares de chineses engrossaram as linhas em formação.

Do lado dele, os exércitos já estavam reorganizados, rearmados e bem alimentados, o ânimo para a luta não arrefecera e todos esperavam uma batalha decisiva. Confiavam no filho da tormenta e seu sabre dourado. Quase todo o seu exército era composto de soldados tibetanos pois a maior parte dos hindus havia morrido.

Quando viram que havia cessado a chegada de soldados chineses, entraram em prontidão total. Mas os chineses não se moviam. Isto irritava Saied e seu comandante.

— O que faremos agora, meu líder?

— Esperaremos até o amanhecer. Caso não nos ataquem, nós tomaremos a iniciativa e rasgaremos a cortina de seda. Agora vou dormir um pouco pois esta poderá ser nossa última noite e quero sentir o calor de minha querida chinesa. Às vezes penso que ela é a única coisa boa nesta terra, hindu!

— Não tive a mesma sorte que você Saied. Tenho que me contentar com um feia tibetana para lembrar-me que ainda sou um homem depois de seis anos de lutas incessantes contra este formigueiro humano.

— Acorde-me se moverem suas linhas hindu.

— Durma tranqüilo meu comandante! Espero não precisar incomodá-lo, ao menos esta noite.

E Saied foi para seus aposentos. Por volta da meia noite, Saied foi acordado pelo comandante hindu. Levantou-se assustado e perguntou:

— O que houve hindu? Estão se movendo?

— Não Saied. Apenas um grupo de monges chegou ao acampamento e querem falar com você urgente!

— O que é que eles vão pedir desta vez?

— Só indo ao encontro deles.

Saied saiu e foi ao encontro dos monges. O primeiro que viu foi o monge ancião Sapí. Saudou-o reverente e sentou-se diante dele. Ficaram calados por longo tempo, até que Saied perguntou:

— O que faz aqui monge ancião Sapí?

— Venho ordenar-lhe que recue Saied.

— Por que?

— É uma ordem do divino Lama. Ele assim ordena e você cumprirá isso também, Saied.

— Mas agora vamos dar um golpe definitivo nos chineses, monge ancião. Depois desta derrota não incomodarão o Tibete por mil anos pois tomaremos o seu império.

— Não haverá batalhas, Saied. O divino Lama ordenou e você cumprirá, assim como todos os soldados tibetanos.

— Por que, monge ancião? Só me diga por que?

— Uma comitiva do imperador chinês visitou-nos no Tibete e propôs a paz.

— Confia neles?

— Não vejo porque não confiarmos.

— Assim que nós retirarmos nossas tropas, cairão sobre o Tibete como um enxame de abelhas.

— Isto não acontecerá, Saied. Amanhã chegarão aqui o divino Lama e o imperador chinês. Os dois assinarão um tratado de paz e ambos levarão seus exércitos embora. Esta região ficará livre de tropas chinesas e tibetanas. Só camponeses a habitarão, pois isto foi decidido de comum acordo.

— Então, já discutiram todos os pontos do tratado sem ao menos me dizer nada?

— Eu já lhe disse que eles nos procuraram no Tibete. Vão indenizar o divino Lama e o povo do Tibete pelos cem anos de ocupação. Tudo o que nos ofereceram pela paz foi muito sensato e não tivemos como recusar a oferta deles.

— Mas eu dei ordens de que iniciassem o ataque ao amanhecer.

— Ordene que o suspendam imediatamente, pois senão irá desagradar o divino Lama, e ofender o imperador chinês.

— Não é correto deixá-los com um exército tão poderoso, monge ancião!

— Nós confiamos na palavra do imperador chinês. Eu lhe ordeno que dê as ordens de suspensão do ataque imediatamente! Vamos Saied, faça isto imediatamente ou será

destituído do comando e outro tomará seu lugar pois já deixou de obedecer à primeira ordem do divino Lama, a quem jurou servir com fidelidade e lealdade. Não me obrigue a fazer o que não quero.

— Está certo monge ancião Sapí! Vou dar ordens suspendendo o ataque.

— Reuna-se conosco ao amanhecer, Saied.

— Sim senhor.

E Saied enviou vários mensageiros aos comandantes suspendendo o ataque. Depois voltou ao seu aposento e deitou-se ao lado de sua bela chinesa.

— O que foi que aconteceu meu guerreiro?

— Foi decretada a suspensão das batalhas. A paz será assinada entre o imperador e o divino Lama.

— De repente fiquei com medo, meu guerreiro.

— Por que querida?

— Meu pai poderá exigir minha libertação. E eu não desejo me separar de você.

— Não permitirei isto, você ficará ao meu lado pelo resto de nossas vidas.

— Não deixe eles me levarem de volta, pois senão eu sofrerei muito por levar em meu ventre um filho seu.

— Ninguém a tirará de mim. Isto não!

— Estou com medo, muito medo!

— Acalme-se, logo o dia vai chegar.

— Está bem.

Ambos sabiam que algo ruim estava sendo tramado contra eles e todos os seus planos.

Quando amanheceu Saied foi ao encontro dos monges. Saudou-os reverente e se sentou como era o costume para ouvi-los. O monge ancião Sapí falou primeiro.

— Saied, chame aqui o seu comandante hindu.

— Ele já estará aqui, monge ancião! Por que quer falar com ele?

— Você ordenará a imediata retirada dos seus soldados hindus pois é uma ordem do divino Lama. Eles serão indenizados com uma grande soma para que possam voltar aos seus reinos de origem e reiniciar suas vidas. É uma forma de dizermos obrigado a tão valentes guerreiros que lutaram por nossa libertação.

— Quem reporá a indenização deles monge ancião?

— O imperador pagará todas as contas Saied. Ele sabe que se quisermos poderemos contratar milhares de mercenários e dar-lhe combate incessante.

— Muito sábio o imperador chinês! Indeniza os hindus e enfraquece o exército do Tibete.

— Quem dará o dinheiro será o divino Lama e não os chineses Saied.

— Faça como achar melhor monge ancião Sapí. Eu já me conformei com uma derrota às portas da vitória.

— Não é uma derrota e sim uma ótima ocasião para ganharmos a paz de uma vez só e sem mais derramamento de sangue.

O comandante hindu aproximou-se e sentou-se ao lado de Saied. Ouviu calado tudo o que ele já ouvira do monge ancião Sapí.

— O que decidiu, meu líder?

— Você aceitará a indenização e voltará ao Industão, mas não entrará nele com um exército formado e sim com homens cansados da longa luta. Ordene a desmobilização total, senão logo entrará em guerra com os canalhas dos marajás.

— Aceitarei a indenização, mas conduzirei os meus soldados de acordo com minha vontade Saied. Vou descer até o delta do Ganges e conquistar um reino muito rico que há ali. Dizem que há outro templo igual ao que você descobriu o baú

cheio de diamantes e o que guardava o sabre dourado. Vou ver o que há no topo de sua coluna central.

Saied sorriu triste e comentou:

— Irá escalá-la com esta idade hindu?

— Está brincando, Saied! Primeiro eu conquisto o reino onde está o tal templo e depois derrubo a coluna só para descobrir o que há no seu topo.

Os dois sorriram a não mais poder com a idéia do hindu. Então Saied falou-lhe:

— Hindu, eu convivi com homens sábios, mestres e iluminados e nunca alguém me pareceu tão sábio e humano ao mesmo tempo quanto você a pouco.

— Por que Saied?

— Se há algo a ser conquistado, você irá e conquistará sem perguntar se é certo ou errado, apenas conquistará e pronto. E se há algo de valioso ou sagrado no topo de uma coluna no centro de um templo irá lá e a derrubará como faria o mais humano dos homens ao olhar para uma fruteira muito alta, sem poder alcançar os frutos no seu topo.

— O que faria o mais humano dos homens com a fruteira, Saied?

— Cortaria o seu tronco só para saciar o seu desejo de provar o sabor doce do fruto, sem se incomodar com a perda de toda a fruteira.

O monge Sapí então falou:

— Isto contraria toda a lógica das coisas senhores! Um fruto não vale uma fruteira.

— Não seria ilógico monge ancião, mas apenas humano. E quem assim agir, não irá morrer com o desejo de algo saboroso e doce a amargurar-lhe a alma.

— Um desejo não vale tanto, Saied! — exclamou o monge — Logo a fruteira daria outro fruto igual ao não colhido e o tão humano homem saciaria o seu desejo.

— Pois eu lhe digo que isto só tem fundamento na lógica mística que vocês, os sábios, cultivam pois eu, um miserável afegão, tive um dia a visão do mais doce fruto e só para não ferir esta miserável teoria, não provei o seu sabor e até hoje me sinto um homem incompleto por não tê-lo feito.

— Mas você provou o gosto de outras frutas Saied!

— Isto é verdade, mas o primeiro foi um fruto amargo e o segundo é muito saboroso, mas ainda assim eu me arrependo de não ter provado o sabor das Pétalas de Flor da Água. Pode até ser que ele não fosse melhor que o sabor de qualquer outro fruto, mas ao menos eu teria saciado o único desejo humano que escapa a qualquer misticismo e é chamado de prazer do amor. Para consegui-lo, eu teria de ter deixado de lado tudo o que os sábios, os mestres e os monges haviam me ensinado e vivido, a mais humana das qualidades do homem, que é ter coragem de possuir o que tanto deseja. Como me arrependo de não ter avançado quando a tive em meus braços.

— Se tivesse feito tal coisa não teria libertado os reinos hindus e muito menos o Tibete longínquo.

— Mas teria libertado minha alma do tormento eterno em que vivo. Então, e só então, eu seria um humano sábio pois teria sido unicamente guiado pelos meus instintos e seria apenas mais um homem sobre a terra.

— Mas não conseguiu, não é mesmo Saied?

— Sim senhor, e por isto eu aprovo o que o hindu irá fazer com toda a certeza.

— Não tenha dúvidas disso, Saied! Eu o farei muito em breve. — falou o hindu.

— Quer mais um conselho hindu?

— Diga-o!

— Afaste-se dos sábios, mestres, sacerdotes, monges e místicos e só se guie pela razão humana, pois senão viverá no inferno antes de a ele chegar ou ser enviado.

— Assim farei Saied, mas como saberá se isto foi certo ou não?

— Depois que partir desta vida, procure-me no mais escuro abismo dos infernos, será o único homem que deixarei aproximar-se de mim depois de minha morte.

— Por que acha que irá ao inferno depois que morrer?

— Isto é tão lógico que não merece ser comentado. Nasci numa noite de tempestade e vivi no meio de um tormento criado à minha volta pelos sábios e mestres. Só encontro um pouco de paz quando estou no leito ao lado de minha amada chinesa. Só ela, mais ninguém faz com que eu me esqueça do inferno que é minha vida.

— Por que está tão cáustico hoje, Saied?

— Assim como o senhor mentiu para mim seis anos atrás, sinto que está mentindo hoje. Há algo que não consigo captar, mas tenho certeza que vou amargar muito por ter suspendido a ordem de ataque ontem à noite.

Saied virou-se para o hindu e ordenou-lhe:

— Vá recolher suas tropas imediatamente e ordene que todos montem nos melhores cavalos.

— Por que, meu líder?

— É uma ordem hindu. Cumpra-a imediatamente.

Uma hora depois os mais de vinte mil homens estavam prontos para a partida e Saied mandou que todos fossem abastecidos para a longa viagem de regresso ao Industão.

— Mas e a nossa indenização Saied?

— O monge ancião a trouxe hindu! Aí está ela. Carregue os baús no lombo dos animais de carga e parta sem olhar para trás.

— Por que?

— Vá conquistar um reino para você e ao dar o primeiro golpe na maldita coluna, grite bem alto Hindu para que lá do

fundo do abismo eu ouça sua voz e apure ainda mais o ouvido para ouvir suas gargalhadas de alegria ao colher o maior tesouro já visto por olhos humanos.

— O que há no topo daquela coluna Saied?

— Não vou dizer-lhe, pois se morrer antes de derrubá-la, irá me procurar no inferno para saber o que havia lá em cima e se a derrubar e realmente se apossar dele, então quando morrer irá correndo me procurar só para confirmar se eu realmente sabia o que ela guardava.

— E se nada tiver no topo dela?

— Então irá me procurar para cobrar-me por tê-lo iludido, induzindo-o a destruir um monumento sagrado que a tantos tolos iludiu por vários milênios.

— Assim farei, Saied. Cuide-se afegão!

— Você também hindu! Após sair das vistas dos chineses e tibetanos cavalgue como um louco até cruzar a fronteira do Industão e dê combate ao primeiro exército que ficar na sua frente. Arrase-o por completo, pois só assim construirá a sua própria lenda. Viva ela hindu! Mas não faça como eu, que vivi a lenda de um sabre dourado. Só um tolo como eu para reviver o que um antepassado longínquo deixou como exemplo da coragem dos homens que ousaram viver os seus mais humanos desejos.

— Quem foi o dono do sabre dourado, Saied?

— Eu lhe contarei sua história quando nos juntarmos no inferno. Lá teremos todo o tempo à nossa disposição. Agora, parta imediatamente. Siga a rota que está traçada neste mapa e não dará de encontro com o divino Lama e o exército que o guarda.

Abraçaram-se longamente e quando se separaram, ambos tinham os olhos cheios de lágrimas. Assim que o hindu partiu, Saied voltou para seu alojamento e ficou junto da sua bela chinesa. Acariciou seu delicado rosto e abraçou-a como se fosse o último encontro.

Mas tarde, Saied foi chamado pelo monge ancião e ouviu todos os pontos acertados no acordo de paz. O último dizia que a filha do governador chinês e sobrinha do imperador mantida como refém seria devolvida com vida.

Saied virou-se para o monge Sapí e falou-lhe:

— Eu sabia que o senhor me trairia novamente, monge! Mas não imaginava que chegasse a tal ponto. Por que fazê-lo novamente, se sabia do nosso envolvimento amoroso?

— Foi um condição que eles não abriram mão.

— Tivesse o senhor me deixado iniciar o ataque hoje cedo e a esta hora quem estaria ditando as cláusulas seria eu.

— Você entende da arte da guerra Saied, e não da arte da paz.

— Entendo também dos sentimentos humanos, monge ancião. Fale ao imperador que sua sobrinha está grávida de um filho meu e que a desejo como esposa.

— Não posso fazer isto agora, Saied!

— Depois de tudo o que fiz pelo seu povo irá tirar-me o último prazer de viver?

— Lembra-se de fruteira Saied? Você encontrará outra que lhe dê frutos tão saborosos como esta aí.

— Mas esta leva uma semente minha e o fruto será minha descendência, monge ancião!

— Como pode um homem que tirou milhares de vidas preocupar-se com uma semente ainda germinando?

— Esta aí é a minha semente, monge ancião! Como vou ficar em paz, se sei que este maldito governador chinês certamente a matará assim que brotar á luz do dia?

— Como pode saber disso?

— Assim com eu sabia que me trairia mais uma vez, sei que ele fará isto quando sua filha der à luz. Além do mais, eu a amo e quero viver o resto dos meus dias com ela.

— Mas como pode saber se ela deseja o mesmo?

— Ela falou-me isto ontem à noite e repetiu hoje de novo.

— Vá buscá-la e se ela desejar ficar com você, falarei do seu caso com o imperador.

Saied buscou-a e quando ela viu o pai, correu para ele abraçando-o e chorando muito.

— O que me diz agora, Saied?

— Pergunte a ela se não é verdade que deseja ficar comigo!

— Não é o que me parece Saied!

— Então pergunte!

E o monge ancião perguntou à chorosa chinesa se desejava ficar com Saied, e a resposta o deixou atônito.

— Não senhor. Eu só quero voltar para junto de minha família.

— Mas e tudo o que me disse ontem à noite e ainda a pouco? E tudo o que vivemos nos últimos meses? — argumentou Saied.

— Eu só fiz o que fiz para não ser morta! — falou ela aos prantos.

— E nosso tão esperado filho? Era tudo mentira?

— Foi a única forma de me manter viva. Eu nem estou grávida guerreiro!

— Mas... meu Deus... estou enlouquecendo em meio a tantas mentiras! Não há honra na derrota e nem glória na vitória! No final de tudo não há nada além de mentira e traição. Afinal, por que tantas mentiras, bela chinesa?

— Eu só queria viver e faria tudo novamente se fosse necessário.

— Em minha vida nunca matei ou toquei numa mulher contra sua vontade. Se fiz o que fiz foi porque você me permitiu e também o quis!

— Pois agora só quero sair daqui o quanto antes e ver os rostos dos meus familiares.

— Antes saio eu pois estou enojado com tudo isto.

E Saied afastou-se rápido e sem saudar o imperador chinês e muito menos o divino Lama. Foi direto ao seu aposento e mergulhou no maior dos pesadelos que podia imaginar. À noite, o monge ancião veio até ele e o viu com os olhos vermelhos e inchados.

— Console-se Saied! Outra fruteira que não precisar derrubar para lhe dar um fruto saboroso surgirá em sua vida, ainda é jovem e no nosso reino há mulheres muito bonitas precisando de um bom marido.

— Não tente me consolar, monge falso!

— Por que me chama de falso?

— Eu descobri que minha amada não estava morta. O senhor mentiu para mim.

— Só em parte Saied. Nós não conseguimos estabelecer o espelho d'água para refleti-la.

— Então por que não me contou isto? Temia que eu não viesse libertar o seu miserável país do jugo chinês?

— Sim, eu temia!

— Pois saiba que eu a traria comigo se tivesse tentado mais uma vez localizá-la ou me dito a verdade, pois aí eu também a localizaria de outra forma. Mas não, tinham que ocultá-la de mim tal como fez o pai dela e hoje eu sei que ela morreu chamando por mim. Que vida maldita tem sido a minha!

— Não diga tal blasfêmia, Saied! Milhões vivem hoje na liberdade por causa de sua vida. Está negando a parte divina de suas ações?

— Que importa a parte divina, se homens que se dizem servidores do Divino Criador me negaram a minha parte humana?

— Quando sair por completo do tormento da guerra e

acalmar sua alma, descobrirá que serviu ao Criador ainda que no meio do sangue.

— Sim, sangue! Eu nasci coberto de sangue e morrerei imerso nele. Vim à luz numa noite de tempestade e tormentas e morrerei atormentado pela vida tempestuosa que vivi. Se chorei ao vir à luz, também voltarei às trevas coberto pelas lágrimas que correm dos meus olhos.

— Você não irá para as trevas se reequilibrar-se mentalmente.

— Eu não quero reequilibrar-me pois nunca fui equilibrado.

— Oraremos por você Saied. Deus ouvirá nossas preces e lhe enviará a paz de espírito que tanto procurou em sua vida, pois já cumpriu o seu destino sangrento e viveu o seu carma com a justiça como guia.

— Não ore por mim, monge ancião! Não quero orações e não as aceitarei nem aqui, na terra, nem no inferno.

— Ainda que não as queira, eu as farei por tudo o que você representou para mim e meu povo.

— Eu o proíbo de orar por mim, monge ancião! Orará ao vento pois não aceitarei suas preces no lugar em que vou me esconder.

— Que lugar é este, Saied?

— Um lugar que nem Deus ousa se preocupar com ele. Lá ninguém orará por mim ou irá me incomodar com seus pedidos. Lá, e só lá, eu terei paz para o meu atormentado espírito.

— Você está enlouquecendo Saied. Acalme-se!

— Sim, eu estou louco monge ancião. Eu, o filho da tormenta, que só queria ser amado por meu pai, fui odiado por ele. Eu, que só queria amar uma meiga mulher, fui odiado pelo pai dela. E, finalmente eu, que ousei amar uma linda mulher chinesa, fui odiado por ela.

— Vamos partir Saied. Os exércitos já se puseram em marcha a algumas horas.

— Vá na frente monge ancião, logo eu o alcanço!

— Eu espero você apanhar suas bagagens.

— Não vou levar nada além do meu cavalo, meu cão e o maldito sabre dourado pois onde vou não se entra com outra bagagem que não a que carrego em minha mente e coração.

— Está pensando em matar-se e ir até o paraíso?

— O paraíso fica no fundo de um abismo negro, sábio monge?

— Não.

— Então para onde vou não é o paraíso, e sim o inferno. Agora deixe-me a sós por algum tempo monge.

— Eu o espero, Saied.

— Não me espere. Não trilharemos o mesmo caminho de agora em diante, e ainda lhe peço mais uma coisa, monge!: Não desça ao inferno à minha procura, pois não o receberei.

— Se assim quer, assim será Saied!

— Faça isto monge e esqueça-me para todo o sempre.

O monge ancião afastou-se com os olhos cheios de lágrimas e deixou Saied sozinho com sua loucura. Ele passou o resto da noite olhando fixamente o chão à sua frente e não pregou os olhos uma única vez.

Ao amanhecer fez a barba, banhou-se e vestiu novas roupas. Selou o cavalo e voltou ao interior da construção para dar uma última olhada no quarto onde pensara ter sido amado por uma linda chinesa. Foi quando viu uma folha dobrada e só com a ponta aparecendo por baixo do seu travesseiro. Apanhou-a curioso e leu o que nela estava escrito:

"Meu amado guerreiro, fui forçada a renegá-lo para salvar sua vida e a minha, pois meu pai enviaria alguém para nos matar se eu não voltasse com eles. Para ele, esta seria uma

ofensa maior que a derrota e nova guerra logo se iniciaria pois ele tentaria me resgatar. Não se preocupe pois cuidarei do nosso filho quando ele vier à luz. Não deixe de me amar pelo que vou dizer na presença dele. Na verdade, faço isto por nós três."

Saied correu até o cavalo e partiu a galope para onde tinham ido os chineses, ia tentar alcançá-los e resgatar sua linda chinesa.

Já havia galopado vários quilômetros, quando viu um corpo caído à beira da estrada. Parou o cavalo e desceu. Como o corpo estava de bruços, desvirou-o e viu sua linda chinesa morta com um longo punhal que varava o seu ventre de lado a lado.

— O maldito pai não quis só matar a ela. Ao matá-la, ele quis matar-me também. Se um dia eu encontrá-lo no inferno, mato-o de novo.

Saied arrancou o longo punhal e a tomou nos braços colocando-a no lombo do cavalo. Depois montou e a tomou nos braços, cavalgando de volta. Ia em desabalada carreira no encalço do exército tibetano. Só ao entardecer o alcançou. Foi direto à tenda do monge ancião e o chamou aos gritos.

O monge saiu assustado e ao ver Saied com a chinesa nos braços, perguntou:

— O que houve, Saied?

— Por que obrigou-a a renegar-me, monge?

— Seu pai havia imposto esta condição Saied. Eu só quis evitar a guerra prolongada.

— As custas da morte dela e do inocente que já vivia em seu ventre, não?

— Ele não me disse que iria matá-la. Se soubesse disso, não teria cedido. Que Deus me perdoe por mais esta morte.

— Ele até poderá perdoá-lo, mas de mim não o conseguirá nunca mais.

— Eu juro que não sabia disto Saied!

— Tome maldito monge. Fique com as últimas palavras escritas por esta linda e meiga mulher chinesa. Guarde-a junto consigo pois ela lhe será pedida quando for lançado no mesmo abismo que me lançarei por ter confiado nos homens. Malditos sejam todos os homens! — gritou Saied.

O exército havia acampado num campo à beira de um íngreme e profundo precipício. Saied o conhecia muito bem e virou seu cavalo na direção dele. Apertou os calcanhares na virilha do cavalo e ele começou a trotar.

O monge ancião ainda gritou-lhe várias vezes para que voltasse. De nada adiantou, pois ele puxou o sabre dourado de sua cintura e após apertar sua amada chinesa contra o peito e segurá-la bem, soltou as pernas e bateu forte com ele na anca do cavalo. O seu cão lançou-se numa desabalada carreira tentando alcançá-lo.

Quanto mais o cavalo galopava, mais ele lhe batia nas ancas com o sabre dourado. O cavalo não parou sua corrida louca e saltou no vazio à frente, mergulhando no precipício. O cão que vinha atrás saltou também. Enquanto mergulhava no abismo profundo, Saied ainda deu, vazão a toda a sua revolta e gritou bem alto:

— Malditos são os homens em que confiei em minha vida e me traíram!

Quando o eco se fez ouvir do fundo do precipício, veio como acusação do além feita por um homem que só queria viver com alguém que o amasse ainda nesta vida.

Do fundo do precipício o grito ecoou várias vezes:

— Malditos são os homens em que confiei em minha vida e me traíram!

A LENDA DO SABRE DOURADO

SEGUNDA PARTE

O Fundo do Abismo

Uma eternidade se passou desde o instante em que Saied lançou-se montado em seu cavalo no profundo abismo. Desde o alto até o fundo do precipício, toda a sua vida passou-lhe pela mente numa rememoração tão rápida quanto a velocidade da luz. Nos segundos passados até o choque contra as pedras do fundo do abismo, Saied voltou atrás segundo a segundo, minuto a minuto. Nada deixou de rememorar e antes de impactar-se com as pedras, sentiu-se envolto pela placenta protetora do útero materno e o sumir dos sentidos num desmaio profundo. Acordou não muito depois e ainda atordoado, viu-se coberto de sangue da cabeça aos pés. As vestes longas estavam empapadas dele e sentia-o pegajoso por todo o corpo. Passou as mãos pelo rosto e elas tingiram-se de vermelho.

— Meu Deus, meu carma se completou! — exclamou Saied assustado — Estou coberto de sangue tal como quando nasci. Naquela ocasião eu não me vi pois era um bebê, mas agora me vejo. Como é horrível sentir-se coberto de sangue!

Foi nesse momento que Saied olhou para o solo e viu seu corpo estendido aos seus pés. Sentiu que ia desmaiar novamente pois uma grande tontura tomou-lhe conta da mente. Sentiu que tudo rodava à sua volta e sentou-se ao lado do corpo estatelado. Mais afastado, viu o corpo do cavalo e do cão.

Pouco a pouco foi recuperando os sentidos e pensou: "Finalmente! Finalmente estou do outro lado e livre dos malditos sábios. Aqui eles não poderão me incomodar com suas profecias, ensinamentos que escravizavam a minha mente ou impediam de eu viver minha vida livremente."

Tentou tirar o sabre do corpo à sua frente, mas o que conseguiu foi arrancar dele uma perfeita replica luminescente.

— Então é isto! Este é o mistério das coisas! Mas como isto se processa? Vamos ver se tiro mais outro dele!

E Saied tentou várias vezes sem sucesso.

— Bom, só há uma cópia astral e ela é minha agora. Se não fosse este sangue todo espalhado em meu corpo espiritual, me sentiria melhor. Pena que nem o cavalo ou o cão tenham deixado suas almas aqui neste abismo profundo. Pelo menos eu teria um cavalo para cavalgar e um cão para vigiar, agora que estou no inferno, pois isto aqui não se parece nem um pouco com o nirvana prometido.

Bem, Saied recostou-se em uma rocha e ficou olhando os três corpos inanimados à sua frente. Por quanto tempo ficou? Dias e mais dias. Viu os corpos serem devorados por vermes, aves de rapinas e outros predadores do profundo abismo. Ficou observando até que só os ossos restaram.

Viu quando um grupo de homens surgiu num dos extremos do abismo. Vinham lentamente e procurando por algo entre as muitas pedras depositadas em toda a sua extensão por milênios de erosão.

Quando chegaram próximo, à frente do grupo ele viu o monge ancião Sapí. Olhou o tempo todo para ele e viu um homem marcado por um remorso que lhe corroía a alma e tirava-lhe toda a luz.

— Então o velho canalha veio à procura dos restos mortais do miserável que se cobriu de sangue da cabeça aos pés só para libertar seu miserável país! É um canalha mesmo! Por que não ficou no seu confortável retiro, monge carcomido pelo remorso? O que vem fazer atrás dos meus restos mortais, se em vida tirou-me o direito à vida, só me deixando a opção pela morte? Saia daqui monge ancião! — gritou Saied com ódio — Suma-se daqui e me esqueça para sempre. Será que nem depois de eu ter escolhido o inferno por única forma de

me ver livre de sua incômoda presença, ainda terei que vê-lo aqui também?

E o monge ancião Sapí viu os esqueletos espalhados por sobre as pedras.

— Ali! — gritou ele — Ali estão os restos mortais do amado Saied. Levantem aqui mesmo o altar para orarmos em sua memória e pela sua alma imortal.

Depois de examinar os esqueletos, ele falou aos acompanhantes:

— Procurem à volta pois não estão aqui os restos mortais da mulher chinesa.

Até Saied havia se esquecido dela depois do desencarne. Quando um deles gritou chamando o resto do grupo até uns duzentos metros dali, ele também foi ver os restos mortais dela.

Só então começou a recordar-se dos últimos momentos de sua existência na carne e chorou novamente ao lado de um esqueleto que lhe trazia à mente uma mulher sensível e amorosa. Ela havia sido a única pessoa que lhe trouxera um pouco de alegria no inferno que era a sua vida na carne.

Chianlin, a bela chinesa agora reduzida a alguns ossos espalhados entre as rochas, não lhe sairia da mente por um longo tempo.

Os restos mortais foram levados para junto dos seus e o monge ancião iniciou o seu ritual religioso pelos mortos. Depois de muitas orações, todos os ossos foram lavados com uma água que ele abençoara e Saied viu o sangue aderido ao seu corpo espiritual ir desaparecendo à medida que eram lavados.

— Menos mal, monge ancião. Ao menos veio lavar-me do próprio sangue que me cobriu!

E ouviu o velho monge orar a Deus em favor de sua alma imortal e até chegou às lágrimas quando o ouviu pedindo perdão por não ter sido compreendido. O ancião, arqueado, chorava por ele não ter esperado o retorno à capital do Tibete

para receber as honrarias que lhe seriam atribuídas e as homenagens que o divino Lama havia ordenado que lhe fossem prestadas por haver libertado com seu sabre dourado o solo sagrado de uma religião com incontáveis milênios de existência.

Viu os dois esqueletos serem acondicionados com um ritual muito reverente dentro de mortalhas tibetanas e depois acondicionados em duas urnas de barro para serem levadas para longe. Deduziu que iriam ao mosteiro deles, na capital. O sabre também havia sido purificado e depois envolto num tecido especial, sendo colocado dentro da urna que continha seus restos mortais.

— Faça isso, monge ancião! Coloque-o no topo de uma altíssima coluna e espalhe que quem escalá-lo conquistará a honra de se cobrir de sangue da cabeça aos pés, e não se preocupe pois logo muitos idiotas iguais a mim lá chegarão só para alcançá-lo e depois se arrependerem amargamente.

Saied viu os homens partirem e viu o monge ancião olhar para o alto na tentativa de ver o topo do paredão íngreme do precipício. Depois ouviu ainda suas palavras de despedida:

"Eu sei que você está aqui Saied. Não o vejo, mas sinto-o tão próximo de mim como no nosso templo na velha fortaleza. Espero que consiga aplacar seu rancor contra mim e os meus irmãos tibetanos. Espero também que entenda que não nos restava outra alternativa além de você. Quisera eu ter tido outra à mão e não o teria induzido a seguir a trilha do sangue, mas isto a Deus compete o julgamento.

A Ele entrego meu juízo final e espero que Ele possa um dia fazê-lo ver tão claramente como eu vejo, que outra alternativa não havia.

Não guarde ódio de mim pois à minha maneira, silenciosa e discreta, eu o amei como um homem bom que realmente foi. Talvez minha formação tenha tornado difícil para mim entender sua natureza íntima e toda a angústia que flagelava sua alma. Talvez, se eu tivesse descoberto que ansiava pela morte como

única forma de livrar-se de minha presença tão incômoda aos seus olhos, eu tivesse agido com mais incisão para evitar que cometesse ato tão dramático diante de Deus. Mas orarei pelos restos dos meus dias e pedirei a Deus que o reconduza à senda luminosa que tem trilhado por milênios incontáveis.

Adeus Saied, e lhe peço de coração que não me odeie pois eu o amo. E se fiz o que fiz, foi só pensando em evitar mais derramamento de sangue. Oxalá um dia você reencontre não só a sua bela chinesa por quem também orarei, como também a sua amada Pétalas de Flor da Água, a quem muito eu tenho orado.

Se não puder compreender tudo o que vivemos juntos por muitos anos e não guardar de mim boas lembranças, então peço-lhe humildemente que não me odeie, pois eu aceitaria ser odiado por todo o mundo e ainda assim me calaria, mas por você eu me odiaria por toda a eternidade pois saberia que em tantos anos de convivência não conquistei o seu coração para a parte boa de minha missão como monge ancião.

Como você sempre dizia, mais uma vez adeus, Saied!

"Adeus monge ancião Sapí!" — respondeu Saied — "Que ele tire o remorso do seu coração, pois a mim isto é impossível fazer agora.

Vá monge ancião Sapí! Vá e não volte mais para incomodar-me pois só desejo passar a eternidade na solidão e no silêncio deste profundo abismo onde humano algum além do senhor ousa penetrar. Parta tranqüilo por que apesar de tudo, eu não guardo ódio do senhor, mas sim um desejo muito grande de não ser novamente envolvido por sua mística sabedoria, que me conduziu à loucura e ao desgosto pela vida. Vá monge ancião e mais uma vez, adeus!"

O monge partiu tão triste como havia chegado e Saied o acompanhou até onde o abismo terminava onde só uma escura e estreita passagem conduzia para fora dele.

Assim que a comitiva sumiu de vista, Saied começou a

chorar. Era um momento angustiante pois não conseguia odiar ou amar o monge ancião. Apenas sentia tristeza por tudo o que vivera ao lado dele em longos e sofridos anos.

Melhor que ele se fosse e o esquecesse para todo o sempre. Nem precisava orar já que prece alguma chegaria àquele abismo. Saied avançou um pouco pela estreita garganta e viu à frente uma escuridão total.

— Como é possível isto? — falou para si mesmo — Aqui está claro e logo adiante é tão escuro como a mais negra das noites! Preciso descobrir a causa disso e vou avançar um pouco mais por essa estreita passagem.

Saied avançou tateando pela garganta. Olhava para cima e só via escuridão. Olhava para onde ia e nada via. Nem mesmo a parede onde tateava conseguia ver.

— Isto pode ser perigoso, é melhor eu empunhar minha espada para qualquer eventualidade.

Quando puxou o sabre da bainha, ele brilhou como um archote na escuridão e iluminou à sua volta:

— Que maravilha! Este sabre dourado é encantado e brilha no escuro. Vou elevá-lo acima de minha cabeça e terei tudo à minha volta iluminado.

Assim que o elevou, um campo iluminado formou-se à sua volta e então olhou onde estava.

Deu um grito de pavor. Ali no solo onde pisava haviam milhões de vermes movendo-se como na carne podre. Viu também algumas cobras afastando-se velozmente do lugar iluminado. Sob a sola da bota podia sentir o fervilhar dos vermes. Olhou a parede onde apoiava as mãos ao tatear a garganta e o que viu deixou-o mais horrorizado ainda.

Nelas, além dos vermes que fervilhavam, haviam rostos humanos em extremo sofrimento que já nem podiam falar. Recuou apavorado para o abismo iluminado e entrou num histerismo total. Chorava e gritava ao mesmo tempo que olhava

para suas botas cheias de vermes aderidos a elas. Sentia um nojo imensurável por vermes e assim que passou a lâmina do sabre para limpar as botas, viu que eles desapareciam ao serem tocados por ela. Em segundos queimou a todos e passou as mãos pegajosas na lâmina queimando aquela crosta gosmenta que aderira nelas.

Quando controlou seu histerismo, caiu de joelhos no solo e chorou sentido enquanto balbuciava:

— Meu Deus! Estou no meio do verdadeiro inferno. Daqui não há saída. Meu Deus, o que foi que eu fiz ou fizeram comigo? Se eu pensava que este abismo era o inferno, agora vejo que comparado ao que há na garganta escura, ele é o paraíso. Obrigado meu Deus por ter permitido que eu me atirasse num abismo iluminado e não na parte escura.

E Saied chorou, chorou e chorou. Só parou ao lembrar-se dos rostos que vira nas paredes da garganta.

— Meu Deus, eles estão sofrendo o pior dos tormentos. E a quanto tempo não estarão ali? Preciso ajudá-los, mas como? Como, meu Deus? Eu tenho não só nojo como pavor de vermes. Como voltar até eles e tentar tirá-los dali? Só de pensar em pisar ali novamente, já sinto ânsia de vômito! Mas não posso deixá-los ali pois sofrem um tormento indescritível. Preciso pensar em algo e rápido se eu quiser livrá-los dali.

E Saied aproximou-se novamente da escura garganta, levantou a espada e iluminou o seu início. Então viu que, por onde havia pisado, haviam pessoas caídas no solo e cobertas por vermes. Sentiu tanto nojo, que mesmo se sabendo sem comer nada a várias semanas pois já não tinha um corpo de carne, vomitou uma espuma branca que lhe subia pela garganta.

Só a muito custo controlou a ânsia e tocou com a ponta da espada o solo e viu o clarão dela queimar milhares e milhares de vermes. À medida que o brilho ia expandindo no solo, os corpos iam ficando expostos, e eram horríveis. Assim que libertou o primeiro do meio dos vermes, arrastou-o para o

abismo iluminado. Ali ia tocando com a ponta do sabre todo o seu corpo e queimando os focos de vermes que incrustavam-se nele. A única coisa que viu quando terminou de limpá-lo foi um corpo esquelético, olhos encovados a derramarem lágrimas e uma garganta seca tentando dizer-lhe obrigado. Levou-o até perto de uma rocha e o sentou, falando-lhe:

— Espere aqui amigo, pois vou libertar outros que vi ali adiante.

E Saied criou coragem e começou a recolher os infelizes presos ali naquela escura garganta. Quanto tempo fez tal coisa, ele não saberia dizer pois não se cansava e eles não tinham mais fim. De certo momento em diante já nem ligava mais para os vermes e os arrancava do rosto dos infelizes com a mão esquerda, enquanto com a direita ia queimando com o sabre a crosta grossa que os prendia à parede da garganta. A luz da espada ia frigindo aquela crosta e os corpos caíam no chão. Então ele os agarrava e arrastava para o lado claro do abismo. Quando chegou até o extremo da garganta, viu um campo vasto à sua frente. Não era claro nem totalmente escuro. A penumbra de uma noite de lua minguante talvez fosse um pouco parecido com ela. Viu muitas cobras rastejando por ali e levantou a espada criando um clarão adiante. Elas rastejavam rápido para fora do clarão.

— Bem, pelo menos aqui no inferno as cobras fogem da luz e não vêm nos picar. E olha que são bem grandes! Que sumam daqui pois se entrarem no lado claro do abismo, certamente irão nos atacar.

Antes de voltar, olhou para trás e viu no outro lado da garganta a claridade do seu abismo-prisão.

— Até a garganta já não está tão escura agora! Acho que vou queimar todos esses malditos vermes para poder transitar por ela sem ser incomodado por eles. Olha só para mim! Estou cheio dos desgraçados. Vão ver só! Queimarei a todos com este sabre encantado.

E Saied foi passando seu sabre bem devagar nas paredes e solo da garganta até ver novamente pedras dos dois lados. Viu que elas ficavam mais claras se demorasse um pouco mais com a ponta do sabre nelas. Arrancou suas vestes e botas pois sentia vermes subindo-lhe pelas pernas. Ficou tão nu quanto os infelizes que havia tirado do meio deles e passou o sabre sobre si mesmo até matar o último deles. Chacoalhou suas vestes e as limpou também. Só então voltou a vesti-las e a calçar suas botas.

Então voltou ao serviço de clarear a garganta. O tempo que demorou pouco importa, mas iluminou as pedras de sua entrada até elas ficarem tão claras que adquiriam um certo brilho.

— Vou iluminar o solo também, assim essas asquerosas serpentes não ousarão invadir o nosso paraíso. Sim, pois este profundo abismo é na verdade o paraíso, comparado ao inferno que há depois dessa garganta.

Quando viu todas as duas paredes e o solo iluminado sem um único verme, sentou-se e olhou melhor para o sabre dourado.

— Você não só é encantado como abençoado por Deus, sabre dourado! Você pode ter ceifado muitas vidas enquanto estive habitando o corpo carnal, mas aqui deste lado da vida você é um doador de vida. Você é um sabre feito na forja de Deus, por isto não perdeu sua cor dourada por vários milênios e aqui no inferno tem uma luz tão poderosa que limpa toda a podridão em que encosta.

Saied olhou à frente e gritou:

— Vejam se não entram no meu abismo, hein cobras malditas!

E para espanto seu, ouviu uma delas responder-lhe:

— Vê se para de nos incomodar com essa luz dourada, pois ela nos ofusca a visão e fere nossa pele escamosa.

Recuperou-se rápido e perguntou:

— Vocês falam?

— Sim.

— Isto é impossível. Nunca vi ou ouvi uma cobra falar. Devo estar louco!

— Isto aqui é o inferno, anjo! Ou já se esqueceu disso?

— Eu, um anjo? Agora quem está louco é você, maldita serpente encantada.

Ouviu uma risada sibilante e então perguntou-lhe:

— Quem a encantou para que pudesse falar, serpente?

— Eu mesmo, anjo.

— Já disse que não sou um anjo. Deixei o corpo carnal a pouco tempo e estou preso neste abismo atrás de minhas costas. Só posso estar louco por estar conversando com uma serpente, pois nem nas lendas eu ouvi dizer que cobras falam.

— Lembre-se que aqui a lógica da terra não funciona. Aqui, o absurdo é a regra e o racional é a exceção. Você é a exceção por aqui! O que você faz aqui?

— Eu cansei-me de viver na loucura da carne e suicidei-me, lançando meu cavalo lá do alto do alto do penhasco. Vi meu corpo apodrecer e só restarem ossos.

— Então o cão é seu?

— Você viu ele?

— Sim. Saiu do seu abismo numa corrida danada e foi atacado logo ali na frente por uns amigos meus.

— Quem são eles?

— Nós os chamamos de seres malignos.

— Então vá até eles e peça-lhes para que devolvam o meu cão.

— Agora sim você está louco, amigo!

— Por que?

— Acha que eu sou louco de ir até eles e pedir-lhes que soltem o seu cão? Eles quebrariam todas as minhas vértebras.

— Pois então mostre-me onde é, que eu mesmo vou lá buscá-lo. É muito longe daqui?

— Não. Daqui lá há uns quatrocentos passos do seu.

— Até que você é sabida demais para uma serpente!

— Não me julgo idiota, e se quer saber, já tive um corpo parecido com o seu.

— Não!!!

— Verdade. Há muito tempo atrás eu fui um grande imperador romano. Depois que morri, eis no que me transformei. Tenho rastejado há tantos séculos, que nem noção de tempo tenho mais.

— O que um espírito romano faz aqui no solo chinês?

— Chinês? O que é isto?

— É o lugar onde estamos. O abismo iluminado foi onde lancei meu cavalo e meu cão saltou junto comigo nele. Estamos na China, meu amigo!

— Pois eu lhe digo que estou no inferno e aqui não há fronteiras separando os malditos condenados a viverem por todo o sempre nele.

— Você deve ter rastejado um bocado no inferno, não?

— Isto é verdade. Se morri em Roma e estou na tal China, então estou neste lugar maldito a mais tempo do que imaginava. E pensar que por onde eu passava em minha biga, era aclamado por todos. Agora sou escorraçado, pisado e xingado. Que humilhação para o outrora poderoso Tibério, senhor do mundo e imperador dos romanos!

— Tibério é seu nome então? É a primeira vez que o ouço.

— Você nunca ouvir falar meu nome antes?

— Não e nem imagino quem seja você, amigo! Deve ter sido bem mau para regredir tanto assim em espírito.

— Você fazia o que quando na carne?

— Nos últimos seis anos vivi a guerrear pela libertação do Tibete.

— Matou muitos homens?

— Sim. Mas só em combate!

— Nunca violou uma virgem ou uma criança?

— Não.

— Nem degolou um não-soldado?

— Só uns marajás assassinos.

— Então, por que se suicidou?

— Eu me cobri de sangue com essa guerra miserável e cheguei a um ponto em que minha vida perdeu todo o sentido.

— Só por isto você deixou aquele paraíso?

— Você chama aquilo de paraíso, Tibério?

— Mas é lógico. Lá eu tinha bebidas, jogos, mulheres, riquezas e muitos outros prazeres. E agora, o que tenho eu, senão o maldito corpo de uma asquerosa serpente.

— Então os valores que você cultivava eram os das Trevas meu amigo. E agora só foi privado deles, a justiça divina o colheu em suas malhas invisíveis.

— Só por gostar do prazer, dos jogos e das festas?

— Deve haver algo aí que você está ocultando de mim!

— Talvez seja por causa dos povos que subjugávamos ao poderio romano.

— Talvez não.

— Quem sabe também seja pelos escravos que mandava matar no circo romano.

— Provavelmente sim.

— Ou será porque eu mandava eliminar todos os meus desafetos, se bem que encontrei muitos deles vagando por aí?

— Não tenha dúvida que isto contribuiu também.

— Mas sabe o que mais me incomoda?

— Não.

— Os malditos cristãos que eu mandava para lutarem com meus gladiadores nas arenas ou enviava aos campos de extermínio.

— Isto é o que mais o incomoda?

— Sim.

— Com toda certeza, isto é a sua infração maior diante da Lei Divina.

— Como sabe disso?

— Eu estudei muito com alguns mestres e aprendi muitas coisas, meu amigo.

— Pena que você tenha caído num abismo no inferno, não?

— Eu não caí, Tibério! Vim até o fundo dele por opção própria, como meio de fugir da loucura que tomava conta do meu mental. Eu mesmo clamei por um abismo no inferno onde eu pudesse me ocultar do sangue que eu havia derramado.

— Você pediu um abismo no inferno e foi atendido!

— Exatamente!

— Pois apesar de ser mais ou menos sábio, eu o acho um grande idiota, amigo.

— Por que?

— Já que foi atendido, devia ter pedido um pedaço do paraíso onde houvesse tudo do bom e do melhor além de todo tipo de prazer. Imagine só! Vinho suave e mulheres doces. Isto sim seria o paraíso.

— Não foi isso que o conduziu a este estado asqueroso?

— Sim.

— Então isso que denominou não é o paraíso e sim o portal de ingresso ao inferno depois de se deixar a carne para trás.

— Tem razão. Eu digo isto só para ver se encontro alguém que me diga que não errei tanto enquanto vivi na carne. Mas bem que podia ter pedido um lugar melhor que um profundo abismo no inferno.

— Para mim está muito bom, pois Deus me deu o que pedi.

— Peça a Ele para me devolver minha antiga forma humana.

— Como posso pedir tal coisa a Ele se também me encontro no inferno?

— Mas você está na Luz e eu nas Trevas. Ou você ainda não percebeu que aqui não há dia ou noite? É o que é, e pronto! Aqui o absurdo é a regra e a razão é a exceção, meu amigo.

— Ainda que isto me fosse possível, seria permitido a mim fazer tal coisa?

— Por que não?

— Eu não sei é a extensão dos seus pecados aos olhos da Lei Divina e poderia estar interferindo no seu carma.

— O que é carma?

— Tudo de bom ou ruim que você fez na face da terra. Foi por causa do meu que optei pelo inferno!

— Você optou? Fala com tanta segurança sobre essa sua escolha e nem lhe ocorre que talvez tenha sido conduzido ou induzido a ela.

— Pode ter razão, mas quem lançou-se no mais profundo abismo fui eu, pois vi meu mundo ruir aos meus pés e só um profundo abismo havia à minha volta e dos homens próximos de mim.

— Não abre mão de sua opção pelo abismo, não é mesmo?

— Isto mesmo.

— Então diga-me! Por que liberou aqueles malditos do meio da podridão e dos vermes.

— Você viu?

— Lógico! Eu estava aqui mesmo olhando o seu imenso esforço para libertá-los e até fiquei com inveja quando via eles serem arrastados para o lado claro do abismo. Por que os libertou?

— Eu me compadeci do sofrimento deles e achei que devia livrá-los dos vermes.

— Muito nobre de sua parte! Não devia estar no inferno, não acha?

— Por muitos anos eu fui um preparador de ervas que curavam doenças e aliviavam dores, e ainda mantenho esta qualidade intacta em mim. A dor alheia não o comove?

— No meu estado acha que me comovo com gemidos ou dores alheias? Acaso não sofri, e sofro, o suficiente para compadecer de mim mesmo?

— Pois devia! Só assim adquirimos algum crédito, o que nos dá o direito de pedirmos algo a Deus. Se bem que duvido que tão divina qualidade humana exista em seu ser, pois devia sentir prazer em causar dor nos seus semelhantes, não?

— Adianta eu mentir?

— Não sou juiz e nem estou aqui pensando em condenar ou absolver ninguém que só vive o seu carma. Eu mesmo estou vivendo neste abismo o meu próprio.

— Carma, carma! Você só fala nisso?

— É o que aprendi na carne e aceito o meu com resignação. Não me amaldiçôo ou a quem quer que seja, pois o único culpado fui eu mesmo. Se bem que tive certo auxílio de uns homens muito sábios e religiosos. Mas isto é outra história e o que importa é que eu cavei meu abismo e por livre opção quero ficar enterrado nele para todo o sempre.

— Que sujeito estranho você é, amigo. Qual é o seu nome?

— Kaled Saied.

— Um árabe!

— Um afegão, amigo. Sou nascido de uma família afegã.

— É tudo a mesma coisa!

— Talvez. Vai me levar até onde está meu cão, amigo Tibério?

— Quer mesmo ir até lá?

— Se meu cão está lá, eu o liberto.

— Eu o levo então.

— Não vão me picar os seus amigos aí atrás de você?

— Meus amigos? Aqui ninguém tem amigos. É cada um por si e as Trevas a todos. Siga-me, mas cuidado com a luz desta espada.

— Vá na frente que eu o sigo, Tibério!

E Tibério rastejou à frente de Saied. Este via sombras medonhas afastarem rapidamente. Viu figuras horripilantes que o assustavam muito e ouvia gritos pavorosos e gemidos lancinantes a comover-lhe com tanta dor que transmitiam, até que chegou a uma depressão no campo escuro.

— É aí, amigo Saied. Eu volto daqui mesmo, mas lhe aviso: tome cuidado! eles também têm espadas, lanças e tridentes afiados. Cuide-se, senão ficará aí para sempre. Uma vez que optou pelo inferno, ele só começou para você!

— Quem eu chamo para que me devolvam meu cão?

— Não precisa chamar, já estão se aproximando. Vou fugir antes que me ataquem. Eles odeiam cobras.

O espírito romano Tibério fugiu rápido e Saied foi cercado por um numeroso grupo de homens com imensos chifres e todos muito hostis. Criou coragem e falou:

— Quero meu cão de volta.

— Que cão?

— Aquele que vocês prenderam aqui. Devolvam-me ele ou serei obrigado a lutar contra vocês.

Todos eles caíram na gargalhada e se colocaram em posição de luta. Saied puxou o seu sabre e também se preparou para o combate, mas ainda falou:

— Ou o devolvem pacificamente ou os fulminarei com meu sabre.

Eles recuaram assustados. Um então falou:

— Siga-me que o levarei até onde está seu cão.

Sem guardar o sabre, Saied o seguiu e agora ia iluminado à sua volta. Quando percebeu, estava no meio da maior concentração de seres mal encarados. Olhou então à sua volta e sentiu-se perdido, pois tanto a expressão facial, quanto a atitude hostil ou as gargalhadas sarcásticas e perversas lhe diziam que se não se cuidasse iria ter o mesmo destino de seu cão. Olhava à sua volta com decisão nos olhos e firme no empunhar, dirigia o sabre para o lado onde eles estavam mais próximos. Dos dois lados haviam seres muito parecidos entre si e com os mesmos desejos, ou seja, reduzi-lo a pedaços.

Finalmente chegou a um local onde estavam reunidos os chefes do estranho lugar. A atitude foi de cautela estudada. Quando chegou a uma distância em que o brilho do sabre tornava-se perigoso para eles, Saied o guardou na bainha dourada num gesto amistoso. Mas não soltou o cabo dele pois aí estaria provocando um novo suicídio e agora não mais da carne e sim do espírito. Ao encarar os supostos chefes do estranho lugar, sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Então o primeiro falou?

— O que você quer aqui imbecil? Por acaso cansou-se de viver na Luz?

— Eu vivendo na Luz? Você está enganado amigo.

— Então você roubou este sabre de algum ser luminoso?

— Ele é meu a muitos anos e continuará sendo enquanto eu puder empunhá-lo.

— O que não acontecerá por muito tempo, pois chegou

a sua vez de pagar o que deve à Lei. Você veio ao lugar certo, onde todos pagam o que devem.

— Só de eu estar no inferno, já estou purgando meus crimes, chefe!

— Isto é o que você pensa. O inferno para você vai começar de agora em diante.

— Vamos ter que repetir tudo novamente?

— Repetir o que?

— O que fiz com um maldito marajá e seus auxiliares que achavam que todos deviam pagar seu carma com lágrimas ao invés de direcioná-los de forma produtiva para o todo composto por uma sociedade que teoricamente deveria ser perfeita.

— Ah, um filósofo desceu no inferno. Mais um afinal, não?

— Eu não sou um filósofo, se bem que tenho minha filosofia própria e a sigo enquanto posso sustentá-la com argumentos. Mas quando isto não me é possível, passo tal tarefa ao meu sabre dourado.

— Um filósofo sanguinário então?

— Mais ou menos. Comecei a matar canalhas quando vi que com palavras ponderadas eu nada obteria. Foi assim com o marajá e os reinos vizinhos ao que eu conquistei.

— Então temos um assassino sábio e frio que se utiliza da filosofia para justificar seus atos.

— Também não, pois primeiro eu converso e tento convencer, mas quando vejo que de nada adianta eu falar porque não sou compreendido, fecho-me e, calado, imponho à força o que pacificamente eu gostaria de obter.

— Por isto está vagando pelo inferno, não?

— Exatamente. Aqui tenho todo um campo para provar a mim mesmo que em certo sentido, eu tenho razão.

— Gostaria de falar mais um pouco antes de ser reduzido à condição de condenado para todo o sempre?

— Antes mande os seus auxiliares afastarem-se um pouco pois o bafo de sua respiração ofegante está me incomodando.

— Mande você, se é que isto lhe é possível. (O homem deu uma gargalhada que poderia se dizer "infernal").

— Posso fazer isto exatamente como fiz com o marajá.

— Como?

— Tirando o sabre de sua bainha e degolando-o num golpe tão rápido, que sua cabeça voará a longa distância. Eles cairão de joelhos as meus pés, tomarei o seu lugar imediatamente e serei o novo chefe deste lugar.

— Isto é terrível, não?

— Para você sim. Quanto a mim, pouco importa o que eu faça pois optei pelo inferno quando me vi coberto de sangue da cabeça aos pés e não tenho o menor desejo de abandoná-lo.

— Por que gosta tanto do inferno?

— Não o conhecia antes, mas estou gostando cada vez mais. Já posso sentir os malditos vermes rastejando sobre minha pele sem me incomodar quando antes só de vê-los eu já sentia náuseas. Já converso com uma maldita serpente asquerosa chamada Tibério, que matou mais pessoas em sua vida na carne que me teria sido possível contar. E olhe que estudei muito a aritmética e um pouco de álgebra.

— Então você está gostando deste maldito lugar?

— Pelo menos aqui eu falo com pessoas iguais a mim e não com os espertos sábios que me reduziam a um dócil e confuso instrumento de suas doutrinas religiosa e filosóficas.

— Interessante!

— Você também é muito interessante. Como alguém tão inteligente veio cair num lugar horrível como este?

— Quem faz as perguntas por aqui sou eu. Quanto a você, responda-as e nada mais.

— Um perfeito marajá candidato a perder a cabeça logo

logo, se estes malditos canalhas não se afastarem de minhas costas. Já escolhi onde darei o único e mortal golpe.

— O que lhe dá tanta certeza que conseguirá seu intento?

— Não é meu intento, mas sim minha última alternativa. Se meu sabre queima os malditos vermes, certamente o esfacelará em mil pedaços assim que tocá-lo.

— Você esta precisando de uma lição, guerreiro! Já encontrei muitos iguais a você na eternidade que vivo neste lugar.

— Está enganado, amigo! Alguém que já vive aqui neste maldito lugar a tanto tempo e como chefe dele só conseguiu piorá-lo, não merece continuar à frente dele por muito tempo mais. Mande que se afastem ou sentirá em instantes o fio cortante do sabre de Saied, o guerreiro que só matava seus adversários em combate, degolando-os com um único golpe. Enquanto os outros guerreiros só feriam os membros ou o corpo dos adversários, e com isto perdiam um tempo precioso no auge das batalhas, eu só conduzia meu sabre ao pescoço dos que surgiam à minha frente. Jamais fui ferido num combate, mas quando uma batalha terminava eu estava coberto da cabeça aos pés com o sangue que esguichava das jugulares dos que ousavam investir contra mim ou ficavam à minha frente.

— Tal como você está agora?

— Exatamente! Sinto-o pegajoso sobre minha pele novamente depois de ter visto ele sumir por completo quando os ossos do meu esqueleto foram lavados pelo monge ancião.

— isto significa que...

— Sim, já escolhi onde darei o golpe fatal e olhe que seu pescoço é mais comprido que os dos chineses.

— Você está decidido a me degolar, não é mesmo?

— Sim. Você está a dois mil anos como chefe deste lugar e não conseguiu convencer os infelizes que aqui vêm parar de que há uma outra forma de se tornarem dignos aos olhos de

Deus senão pela dor. Você é igual aos sacerdotes hindus e o que eles só falavam, você pratica. Logo este lugar vai sofrer uma transformação completa, pois vou degolá-lo quando menos esperar.

— Faça-o bem feito pois no instante seguinte você cairá.

— Acredita mesmo nisso, amigo? Então ainda não desceu o bastante no inferno. Só um tolo acreditaria que, ao ver o chefe cair, este bando acorrerá em seu auxílio.

— Você é mais tolo que eu pois já vejo o sangue empapar suas vestes e tornar-se cada vez mais vivo.

— Só estou readquirindo o estilo de vida que me conduziu a um profundo abismo nos confins do inferno.

— Desta forma você cairá muito mais e perderá o seu sabre brilhante em pouco tempo.

— Ele poderá perder o brilho, mas não o fio cortante. E quanto a mim, que me importa se tiver que cair mais, se o precipício que me encontro é inescalável? Já que estou no inferno, ao inferno com as regras, se as coisas aqui funcionam às avessas e só os mais cruéis conseguem se impor. Quando eu optei pelo inferno, imaginei que aqui estaria livre do maldito tipo de vida que fui obrigado a levar na carne, mas já que nada muda da terra para o inferno, então que assim seja.

— Por que tanto ódio contra mim, se não lhe fiz mal algum, ser sanguinário?

— Chama a mim de ser sanguinário? Você que matou centenas de milhares de pobres e miseráveis aldeões à frente de sua cavalgada devastadora?

— Como sabe o que fiz na face da terra?

— Eu sei e isto é o que importa! E sei também que o inferno ficará melhor sem você por aqui.

— Aos seus olhos já estou condenado, não?

— Aos meus olhos nós dois já fomos condenados há muito tempo e só agora nos damos conta disso.

— Por que me odeia tanto, ser sanguinário?

— Desde que vi o que você fez na face da terra, marquei a altura do seu pescoço onde meu sabre irá ceifá-lo para todo o sempre.

— Você também matou muita gente guerreiro!

— Mas só nos campos de batalha. Jamais permiti que meus comandados invadissem uma aldeia, violassem uma virgem ou matassem quem só queria ter um lugar para viver em paz. Esta é a diferença entre nós dois, ser das Trevas!

— Pois saiba que você ainda é muito novo por aqui e não sabe como as coisas funcionam. Posso desaparecer de sua frente antes que saque este maldito sabre luminoso.

— Não duvido que faça isto, mas aí estará dando prova aos seus miseráveis auxiliares que foge como uma ave assustada quando está em perigo. E mande esses canalhas afastarem-se de mim, senão terei que abrir a golpes de sabre um espaço seguro à minha volta. E não duvide que quando eu puxá-lo, só o guardarei novamente quando tiver degolado a todos.

— Ou ser degolado, não?

— Também é possível, se bem que essa é sua alternativa à fuga e não a minha porque não fugirei ao combate. Para mim, quanto maior o número de pescoços a serem cortados, mais ânimo sinto para o combate.

Os dois se olhavam fixamente sem piscarem os olhos. Então Saied ouviu quando ele ordenou:

— Afastem-se deste maldito sanguinário!

— Melhor assim, ser das Trevas. Já começamos a nos entender.

— O que o trouxe até meus domínios, sanguinário?

— Quero o meu cão de volta.

— O que??? Tudo isto por um mísero cão?

— Ele é meu e o quero de volta imediatamente.

— Você é um louco, guerreiro sanguinário! Até a pouco eu imaginava que fosse um conquistador valoroso. Agora vejo que é um idiota louco. Tudo por um cão! Essa é boa! Eu fico me arriscando diante de um ser enlouquecido por causa de um cão. Não posso acreditar numa coisa dessas! Isto é impossível de se acreditar!

— Pois creia-me, meu cão é a razão de eu ter vindo até aqui.

Ele virou para seus auxiliares e gritou:

— Vão buscar o cão desse maluco!

Pouco depois vários cães era trazidos até o círculo de espíritos cruéis. Saied nem precisou chamar pelo seu, pois ele soltou-se dos nós que o prendiam e correu ao seu encontro, jogando-se sobre ele que caiu com o salto do cachorro.

Isto foi o suficiente para uma horda enraivecida avançar em sua direção de armas em punho. Ao se ver em extremo perigo, Saied puxou o sabre dourado e rolou pelo solo imundo para uma posição melhor. Tudo foi muito rápido e o lugar onde estivera ficou todo varado de pontiagudas lanças.

Então começou a desferir golpes com o sabre e a cada golpe, via as armas dos inimigos virarem pó ao se chocarem com ele. Saied não havia perdido o sentido de objetivos e num salto posicionou-se para o golpe fatal no chefe de lugar. No golpe seguinte, a pretensa imitação de trono foi destroçada, mas o seu ocupante volatizou-se no ar. Um clarão formou-se com o contato do fio do sabre nele e houve uma explosão que assustou a todos os presentes. A maioria recuou assustada e Saied já ia partir para o ataque, agora com o objetivo de ceifar pescoços, quando a voz potente do chefe dali gritou:

— Pare guerreiro sanguinário! Não há motivos para lutarmos mais. Você provou ser digno do seu sabre.

— Aqui, pelo que vejo, só há dignidade na traição, ser das Trevas.

— Leve o seu miserável cão e não volte mais a este lugar.

— Não voltarei, mas se um dos seus cruzar o meu caminho, degolo-o sem piedade.

— Não duvido que o faça, pois é mais cruel que o próprio Senhor das Trevas.

— Está enganado a meu respeito. Não sou cruel e sim justo, se me respeitam, eu os respeito e se me ofendem eu acabo com que o fez.

— Você não terá uma longa existência no inferno.

— Que importa isto se nem aqui terei paz?

— Isto é por causa do seu instinto sanguinário. Você gosta de sentir o odor do sangue.

— Talvez! Mas só quando as palavras não bastam.

— Por que não disse logo que me viu que só queria o seu cão e evitaríamos toda esta discussão inútil?

— Seus auxiliares disseram que eu não sairia daqui e provei que saio do lugar onde eu entrar por livre opção. Além do mais, já estava na hora de alguém mostrar a você que todo trono pode ter um sucessor mais implacável que o anterior. Se não tivesse fugido quando dei o golpe com o sabre sobre ele, agora estes vermes estariam rastejando aos meus pés ou fugindo pelo resto de suas inúteis existências.

— Em outras condições eu até gostaria de você, Saied.

— Acredito que sim, pois o mesmo penso eu! Quem mais além de você para suportar tanto tempo ao lado desta corja de assassinos?

— Precisa ir embora agora?

— Por que?

— Depois de tantos séculos inativos neste maldito lugar eu começo a sentir vontade de conversar um pouco com alguém a quem, em outras condições, eu confiaria minha retaguarda ou minha defesa enquanto durmo.

— Você fala como meu comandante hindu.

— Quem foi ele e onde estará agora?

— Pelo tempo que calculo estar aqui neste lugar, deve estar morto, se não conquistou um reino e pôs abaixo a coluna do templo só para descobrir o que há no topo dela.

— O que há no topo da coluna Saied?

— Uma coroa e um cetro mais um livro escrito há cinco mil anos.

— Onde fica o tal lugar?

— Próximo do Ganges, no Industão.

— Gostaria de conhecê-lo. Leva-me até ele!

— Não sei como ir até lá.

— Eu sei e posso levá-lo, caso confie em mim.

— Seria bom eu ver como se saiu o hindu, mas antes vou levar meu cão ao abismo iluminado.

— Eu o acompanho, se não se incomodar.

— Siga-me então, mas antes diga o seu nome.

— Sou chamado de rei, mas meu último nome quando na carne foi Abel.

— Um semita!

— E você, um árabe.

— Formamos uma boa dupla. Siga-me Abel!

Saied saiu do lugar acompanhado do guardião dele. No caminho a serpente Tibério aproximou-se cautelosa e perguntou:

— Até que você se saiu bem, hein cão árabe!

— O único cão que há por aqui é o meu e se ficar me ofendendo, lanço-o contra você só para me divertir.

— Sem ofensas Saied! Eu só queria alegrá-lo um pouco pois você está deplorável assim coberto de sangue.

— Voltei ao ponto de partida Tibério, preciso ver como me livrar desta aparência horrível.

— Como foi que se limpou da outra vez?

— Foi quando o monge colheu os ossos do meu esqueleto e os lavou.

— Bem, talvez daqui a alguns anos ele os lave novamente e aí então você volte a ficar apresentável.

— Talvez! Esperem aqui enquanto levo meu cão até o outro lado da garganta.

Saied ajoelhou-se diante da entrada iluminada e como fazia quando entrava no templo mais oculto dos monges, orou por si e por Deus. Depois orou aos que havia tirado do meio dos vermes e pela serpente Tibério, o cruel imperador romano, e pelo guardião chamado Abel. Ainda ajoelhado, elevou o sabre acima de sua cabeça e o consagrou mais uma vez à luta contra a injustiça.

Só então abriu os olhos pois havia dominado o seu estado mental que se alterara com a discussão no vale escuro. Para surpresa sua, o sangue havia sumido por completo e suas vestes voltaram a ficar limpíssimas e até um pouco brilhantes.

— Melhor assim pois senão eu iria assustar os infelizes que arranquei do meio dos vermes.

Assim que entrou, viu uma multidão aflita que pensava ter sido liberada dos vermes e aprisionada num abismo inexpugnável. Muitos começaram a chorar ao vê-lo novamente, e outros a clamar de dores.

— Acalmem-se amigos. Vocês não estão no paraíso pois ainda estamos no inferno. Fiquem neste vale se quiserem, mas se isto não lhes agradar, a passagem está livre e todos têm a liberdade de ir-se para a penumbra do outro lado dela.

— Salve-nos deste inferno horrível, poderoso senhor! — clamaram eles.

— Como estava até antes de eu tirá-lo de lá, do meio dos vermes?

— No meio de um pesadelo insuportável que me torturava ininterruptamente.

— Então admite que, comparado com o estado anterior, está muito bem agora?

— Sim, senhor.

— Sabe orar amigo?

— Não. Acho que nunca fiz isto até agora.

Saied olhou para aqueles rostos aflitos e perguntou se mais alguém sabia orar.

Só uma mulher nua disse que sabia uma prece. Saied mandou que ela a fizesse, mas viu que tinha muita pouca força vibratória.

— Está certo amigos. Vou orar em voz alta e vocês me acompanham em voz baixa. Faço-a por três vezes, na quarta vocês me acompanham exprimindo todos os seus sentimentos de gratidão a Deus por terem sido liberados de um tormentoso pesadelo.

E Saied posicionou-se como os monges tibetanos e orou com fervor compassado a Deus por aquelas pessoas. A oração agradecia e pedia não por si, e sim por seus irmãos.

Na quarta vez muitas vozes o acompanharam na oração e Saied viu como aquelas pessoas readquiriam um pouco de aparência humana. Tirou sua capa e deu para a mulher se cobrir. Mas ao ver outras também nuas ou seminuas, pediu a capa de volta.

— Por que a quer de volta?

— Que adianta cobri-la, se a maioria está toda nua? Seria hipocrisia, não?

— Tem razão, senhor.

— Alegre-se minha irmã, pois pode estar nua, mas livre dos vermes, não?

— Como alegrar-me se um remorso muito grande invadiu minha alma assim que me vi livre dos vermes?

— Agora tenho que sair um pouco mas, assim que voltar,

conversaremos sobre o que aflige cada um de vocês e encontraremos um bálsamo para todas as suas aflições, está certo?

— Sim senhor.

— Vão conversando entre si e auxiliando-se mutuamente pois aqui neste abismo iluminado ainda é melhor que nas sombras à sua volta.

E Saied saiu do abismo e foi ao encontro dos dois seres das Trevas chamadas Abel e Tibério.

Assim que o viram exclamaram:

— Onde foi guardar o seu cão?

— Tive que olhar um pouco os amigos que livrei dos vermes.

— Descobriu o mistério do sangue, não? — falou Tibério, o imperador romano.

— Acho que sim. Tudo é uma questão de faixa vibratória. Quando o monge orava e limpava meus restos mortais eu me elevava mentalmente pois reconhecia sua abnegação pelos restos de alguém que suicidara-se e aquilo fez com que o sangue que me cobria da cabeça aos pés sumisse em instantes. O mesmo aconteceu quando orei para entrar no meu abismo iluminado. Eu o considero o meu reino e orei a Deus por ele e os que se encontravam abrigados lá dentro. Mas não deixei de orar por vocês dois também.

— Você orou para eu deixar de ser uma asquerosa serpente?

— Sim.

— E então?

— O que teria a oferecer a Deus em troca da recuperação de sua forma antiga?

— O que posso oferecer, se fui considerado um Deus na terra?

— Você, um Deus? E ainda tem coragem de chamar-me de louco e idiota?

— Bem...

— Isto é loucura! Deus só há um e não é visível, palpável e mortal e muito menos regride à forma asquerosa de uma serpente medonha. Ainda bem que sou um idiota, pois senão eu acabaria acreditando em você imperador romano! E na certa iria me transformar numa serpente igual a você. Nada como ser um idiota, mas com uma crença sábia!

— Também não precisa me ironizar tanto, não é mesmo cão árabe!

— Eu, um cão árabe? Graças a Deus que não nasci romano e no seu tempo, senão estaria rastejando por aí, procurando o meu falso, mortal e falível Deus, que adorava as bacanais com belas mulheres, muito vinho divertindo-se vendo infelizes serem mortos por feras irracionais, ou homens mais ainda, num maldito circo romano.

— Não precisa escarnecer dos meus defeitos, cão árabe!

— Cadê seus pretorianos que o defendiam como um Deus e matavam inocentes em seu nome?

— Maldição! Estão rastejando por aí nessa escuridão maldita que não acaba nunca.

— Onde estão os seus êmulos que viviam a endeusá-lo como se não houvesse um Deus infinitamente bom e muito mais justo, intocável e inalcansável e imortal, de princípio não gerado e sim gerador e não finito como um maldito senhor do mundo terreno? Cadê os êmulos, bajuladores e admiradores do poderoso mas mortal e falível imperador Tibério?

— Cale-se cão árabe!

— Rasteje até que tenha toda a pele de sua barriga corroída pelo solo áspero, pois um dia você ousou se igualar a Deus e ordenou que milhares e milhares de pessoas boas e humildes, que só queriam adorar ao verdadeiro e único Deus,

fossem mortas como se fossem serpentes asquerosas. Rasteje maldita serpente romana! Rasteje aqui no inferno, enquanto os pássaros defecam nas suas estátuas de falsos deuses e os verdadeiros cães urinavam no pedestal delas pois é isto que merece quem ousou comparar-se a Deus e ainda tirou a vida dos que adoravam ao verdadeiro Deus de todos nós e morreram na e por suas verdadeiras crenças. Rasteje e blasfeme contra o único e verdadeiro Deus, pois os que você mandou matar, hoje cantam gloriosos hinos a Deus, enquanto você os amaldiçoa aqui dum lugar escuro do inferno! Rasteje! Pois eles, por terem se curvado reverentes um dia diante do verdadeiro Deus antes de serem mortos por seus malditos soldados, conquistaram o direito de viver eternamente num jardim celestial, onde no lugar de suas orgias existe a confraternização, onde em lugar do seu imundo e pecaminoso prazer há o fraterno amor, e onde ao invés do seu cruel circo romano há uma congregação na qual o único que se destaca é o verdadeiro Deus e a maior alegria é cantar hinos lindíssimos em honra e glória à Sua bondade, generosidade e misericórdia.

— Cale-se maldito cão nascido num país miserável perdido nos confins do mundo e que agora se arvora em juiz dos meus atos!!!

— Então não clame por readquirir a sua antiga forma que tantas lágrimas fez olhos inocentes derramarem. Não clame por uma forma que enojou tanto a Deus, que ele preferiu vê-lo assim, como uma asquerosa serpente, a ter que olhar para o rosto do lobo travestido de deus humano de homens lobos. (Saied havia se inflamado ao extremo ao dizer estas palavras).

— Cale-se, pelo amor de Deus! — falou ele chorando.

— Rasteje e clame enquanto pode, pois não sabe que está horrenda forma o protegeu da vingança de milhares de pais amorosos que viram seus queridos filhos serem esmagados pelos cascos de sua invencível cavalaria, só porque adoravam o verdadeiro Deus, ou você os subjugou ao seu império cruel! Rasteje e clame, pois não sabe que esta forma o protege dos

que, iludidos por sua majestade, mataram tantos inocentes, que o inferno é até boa recompensa para eles que andam por aí à sua procura só para o matarem mais um vez.

— Não fale mais, por favor!!! — gemeu o outrora poderoso Tibério. Saied insistiu com a voz inflamada pela sua oratória.

— Rasteje e agradeça a Deus por ter sido protegido por tantos séculos da sanha vingativa dos seus assassinos inimigos, que andam por aí à sua procura! Rasteje e agradeça ao único e verdadeiro Deus que ao lhe dar esta forma asquerosa e apavorante não o castigava, mas sim o colocava num corpo espiritual que o protegia dos tantos e incontáveis erros e ofensas cometidos em tão poucos anos vividos na face da terra.

— Pare...

— Rasteje maldito imperador, pois esta forma só o tem protegido das centenas e centenas de mocinhas virgens que eram brutalmente violadas por você e seus malditos asseclas apenas para gozo e prazer bestial de bestas feras travestidas na sagrada pelo do cordeiro, que é o corpo humano.

— Pare... Por favor!!! — gritou Tibério.

— Rasteje poderoso imperador, pois os gritos de dor e desespero delas misturam-se aos dos infelizes escravos que só queriam uma vida melhor ou dos infelizes cristãos ou dos judeus que só queriam adorar o único e verdadeiro Deus! Rasteje vil serpente, já que não consegue manter sua antiga forma humana e ouvir os gritos lancinantes dos que sofreram o peso da sua impunidade, crueldade e soberbia que chegou ao ponto de ousar igualar-se ao Deus único e verdadeiro.

— Pare! — gritou ele enfurecido Pare senão eu cravarei estas malditas presas em você e o envenenarei para sempre.

— Faça isto ser asqueroso! Faça a única coisa que aprendeu a fazer enquanto andava ereto sobre a terra. Não foi isto o que mais fez? Não envenenou a todos que as suas presas de então, e que eram os seus olhos, viam? Não bastava olhar

para alguém e antipatizar por ele para que estivesse mortalmente picado? Rasteje Tibério, mas não se esqueça de agradecer a Deus por não tê-lo castigado e sim protegido durante tantos séculos. Lembre-se disso, asqueroso Tibério! Lembre-se que, enquanto pensa que está sendo castigado, em verdade Deus só o está protegendo, até que possa acordar para a verdadeira sabedoria das coisas divinas e dobrar-se, não por temor e sim respeito, diante do único e verdadeiro Deus.

— O que você quer comigo, cão árabe? Quer atormentar-me mais ainda do que já sou?

— Não.

— Então é um dos que pereceram sob o meu poder!

— Também não.

— Então quem é você Saied? Diga maldito afegão!

— Neste momento e para você, e só você Tibério, eu sou a fúria divina abatendo-se implacável sobre sua memória suja e putrefata, que não o deixa ver que seu reerguimento como espírito imortal emanado do Deus Criador depende muito mais de você que de mim diante de Deus. Levante sua horrenda cabeça de serpente e faça sair de dentro dessa boca horripilante um clamor verdadeiro e que possa ser ouvido por Deus, ainda que gritado aqui no confins do inferno pois só assim ele o libertará dessa forma horrenda e permitirá a você que recomece, humilde, a reparar erros, crimes, ofensas, estupros, mentiras, falsidades, traições, apostasia e blasfêmias cometidas em tão poucos anos vividos na terra e de tão nefasta memória. Urres a Deus e diga bem alto para que todos, tanto os que se encontram no céu como no inferno, saibam que está arrependido e quer uma única oportunidade para iniciar o seu reerguimento diante da Lei. Grite Tibério! Grite bem alto para que todos o ouçam e que os que ainda não o perdoaram possam vir até você e cobrar-lhe pelos erros e crimes a que foram induzidos quando era o homem mais poderoso do mundo. Faça isto Tibério!

— Não posso!

— Faça, ou nunca mais terá outra oportunidade porque Deus não olha duas vezes para o mesmo lugar nas Trevas e tenha certeza de que agora ele está com uma infinita parte de sua magnífica atenção voltada para este bendito lugar escuro e arrepiante, onde os malditos se ocultam e ocultam os seus erros e crimes. Aproveite agora Tibério! Aproveite enquanto Ele ainda olha pela última vez para você. Ele se compadecerá se você tiver a coragem de admitir que é falível, humano e que deseja uma oportunidade para reparar seus erros e crimes, ainda que isto dure toda a eternidade. Assuma sua culpa e não tema se amanhã alguém acusá-lo, humilhá-lo ou feri-lo, pois só estará colhendo ao longo dos milênios o que em tão poucos anos semeou!

— Quem é você, cão árabe?

— Eu já lhe disse que neste momento sou a fúria de Deus cobrando uma atitude corajosa de sua parte! Mas se isto o ajudar, digo que em minha última reencarnação eu nasci numa noite em que se abateu sobre o vale onde moravam meus pais a pior das tempestades, que o inundou por completo. Por haver nascido numa noite imprópria, fui odiado por meu pai e meus irmãos. Naquela noite uma enxurrada afogou dois irmãos meus e minha mãe morreu devido a uma recaída violenta após o parto, em meio à chuva torrencial. Eu fui isto Tibério! Um filho amaldiçoado por seu próprio pai, odiado pelos seus irmãos e humilhado por seus amigos. Mas também fui alguém que sentia a maior alegria ao curar alguém que sofria de qualquer doença.

— Então, por que veio cair neste abismo?

— Porque alimentei um ideal e pratiquei outro. Eu queria curar, mas também queria eliminar a maior causa das doenças. E sabe qual é ela poderoso Tibério?

— Não.

— A maior causa de doenças são pessoas iguais a você que habitam a face da terra. São elas que distribuem fome,

miséria, dor, sofrimentos indescritíveis e inenarráveis, morte e angústia, ódio e desespero, Tibério! São os homens os maiores causadores de todo tipo de tormentos. Sabe por que me cobri de sangue dos pés até o alto de minha cabeça?

— Não.

— Unicamente porque enquanto os sacerdotes diziam que todos têm que sofrer para amar e respeitar a Deus, eu ousei dizer que precisavam de alguém que lhes mostrasse as coisas boas da vida. Eu acreditava e ainda continuo acreditando nisso, e por causa disso eu empunhei este sabre dourado e ceifei a vida suja de um ser imundo que emporcalhar todos à sua volta. Eu, Tibério, e unicamente eu, optei pelo meio violento para poder provar aos covardes que há outra forma que não a dor como caminho que nos conduz ao Divino Criador. Eu provei isto Tibério, mas o maldito desejo de uma infeliz mulher acabou de encharcar-me de sangue e lançou-me por inteiro na trilha da guerra. Mas ainda assim eu não corrompi minha alma com os horrores dela e sim envergonhei-me diante de Deus por ter d´Ele merecido só esta senda maldita que violentava minha natureza íntima que queria unicamente amor e alegria. Eis o que sou Tibério! E você, o que é?

— Eu sou um miserável e desprezível ser que não soube se comportar com dignidade diante da grandeza do título que ostentei. Eu sou alguém que geme preso dentro desta forma asquerosa de uma serpente e que sentiu seus braços, pernas e tudo o mais ser arrancado, picado, moído e novamente modelado numa forma que me humilha e me torna repulsivo até aos olhos de outros que estão iguais a mim. Eis o que sou, cão árabe! Eu sou nada, e se algo fui uma dia, mais do que sou agora não fui, e jamais serei, porque Deus amaldiçoou-me no dia em que comecei a matar os adversários que ousavam ganhar de mim uma simples corrida de cavalos e nunca mais tive limites em tudo o que fiz. Eis o que eu sou, amigo que perde seu tempo ouvindo uma maldita serpente que rasteja e se oculta nas Trevas, pois sente vergonha de ser visto! Eis o que sou,

Saied! Um covarde que se não tivesse tido poder algum, ainda assim seria perigoso, como o são todos os covardes e falsos diante dos olhos de Deus. Eis o que sou amigo luminoso! Alguém que não recebeu amor dos seus pais e sim bajulações. Não recebeu o respeito da boa educação, e sim a educação que não respeitava a ninguém. Alguém que por não ter sido amado, não soube amar e confundiu dor com amor e sofrimento com prazer. É isto que sou, juiz implacável! Eu não sou nada e sinto vergonha não só desta forma asquerosa, como também da minha antiga aparência. Meu Deus, o que sou eu? Sou um homem ou uma serpente? Um ser enlouquecido pelo horror ou um louco que só praticou o horror? Quem sou eu Saied? Pelo amor de Deus, tire este tormento que flagela minha alma e atormenta meu mental com os gritos de horror que causei a tantos em tão poucos anos. Diga-me o que sou eu?

— Você é apenas um homem que errou Tibério. E tanto errou, que ousou comparar-se a Deus.

— O que devo fazer para refazer um pouco os meus erros, crimes e pecados?

— Volte até o princípio, Tibério. É lá que está a origem do que é agora, e lá está a sua transformação. Rememore minuto a minuto, dia a dia, ano a ano. Rememore os que passaram pela sua vida e os que perderam a deles por cruzarem-na com a sua. Rememore tudo Tibério, e compare os seus fugazes momentos de imundo prazer com a imensidão de dores que causou aos que foram obrigados a saciá-lo em sua ânsia desmesurada de possuir, sem complacência, o que lhe agradava e destruir o que lhe antipatizava. Rememore a tudo e todos, e diga se valeu a pena tantas lágrimas e sofrimentos pelo pouco que colheu naquele mar de sofrimentos. Já rememorou tudo, Tibério?

— Sim.

— Diga-me: valeu a pena?

— Não! Não e não! Eu criei um inferno à minha volta, e

agora sou apenas o que na carne já havia sido. Meu Deus! Eu nada fui ou sou além de uma asquerosa, peçonhenta e traiçoeira serpente!

— O que faria se algo lhe fosse oferecido agora Tibério?

— O que seria a mim oferecido?

— O que mais você deseja?

— Parar de rastejar e voltar à minha forma antiga, Saied!

— Para voltar a cometer os mesmos erros só que agora aqui no inferno?

— Não! Não!

— Então para quê?

— Para iniciar a reparação dos meus erros.

— Mas foram tantos!

— Que importa. Eles só diminuirão se eu repará-los, ainda que dure toda a eternidade.

— Não se sente mais um Deus, Tibério?

— Não. Eu me sinto o menor dos seres criados por Deus e grito aos quatro cantos que blasfemei ao comparar-me a Ele. Que os sete infernos ouçam o que agora grita Tibério: Eu nada fui e nada sou, e clamo a Deus que me perdoe, não pelos crimes cometidos porque a eles tentarei reparar, mas sim por um dia ter me comparado ao único e verdadeiro Deus.

E a serpente Tibério levantou sua cabeça horrível e escancarou sua boca de forma mais horrível ainda e urrou no meio do inferno:

— Deus, perdoe-me por ter-Vos diminuído tanto ao comparar-me a Vós. Eu nada fui, nada sou e nada serei diante dos homens e me arrependo por ter um dia pensado que podia ser comparado a Vós e chamado de Deus pelos homens! Deus, me perdoe, por vossa misericórdia e generosidade para com os que nada foram, nada são e nada serão diante de vossa grandeza! Deus, apieda-Vos de mim que estou cansado de rastejar e só desejo a oportunidade de poder refazer meus erros e pecados

cometidos contra os outros vossos filhos. Meu Deus, eu urro desde as trevas do inferno e clamo pelo vosso perdão porque sei que errei e estou pronto para me levantar e reiniciar minha caminhada, não mais na soberbia e prepotência mas sim com humildade e resignação e profundo respeito a Vós e aos outros vossos filhos, todos superiores a mim. Perdoe Tibério meu Deus! Eu Vos clamo com essa bocarra assustadora voltada para as alturas porque sei que sem Vós nada fui, sou ou serei. Perdoe-me meu Deus, e procurarei mostrar-me digno aos Vossos misericordiosos olhos, ainda que todos os que ofendi venham cobrar minhas ofensas, erros e crimes.

Então Saied falou-lhe:

— Levante-se Tibério!

— Como, meu amigo?

— Dê-me sua mão que eu o ajudo a levantar-se de novo, pois sou seu fiador diante do tribunal divino e a mim competiu ser testemunha do seu arrependimento.

E Tibério, o outrora poderoso imperador romano, olhou-se e viu que era novamente um homem. E chorou como um homem até não mais poder.

Então Saied virou-se para o escuro e gritou:

— Olhem isto malditas serpentes que rastejam na escuridão propiciada pelas trevas que oculta seus erros e desejos de vingança milenar. Eis aqui Tibério, outrora o poderoso imperador romano e que agora só deseja uma oportunidade de se reerguer e reiniciar sua caminhada diante de Deus. Hei-lo aqui serpentes que alimentaram por séculos o imundo desejo da maldita vingança! Querem vingar-se? Venha até ele o único de vocês que puder olhar para o fio de minha espada e não ficar cego com o seu brilho dourado. Avancem serpentes malditas que, ainda que reduzidos a míseros seres rastejantes, ousam alimentar o desejo de vingança contra o que ousou ser mais venenoso e mortal que vocês! Vamos seres infelizes e dignos de pena por viverem na ignorância infinita que os impede

de reconhecer que também erraram e de se arrependerem e de perdoarem para que possam ser perdoados. Rastejem se tiverem coragem de olhar para a luz do meu sabre e ainda assim enxergarem a Tibério, o que agora escoa todo o veneno que há em sua alma através das presas mortais que foram os seus olhos quando na carne.

E Saied gritava na escuridão e nenhuma serpente avançava, ainda que centenas delas estivessem diante e a poucos passos deles. Então falou:

— Já que não ousam encarar a luz dourado da justiça para praticarem suas mesquinhas vinganças, então eu lhes ofereço uma oportunidade única em suas asquerosas existências: quem quiser fazer como Tibério e elevar aos céus sua cabeça horrível, escancarando suas horrorosas bocarras clamando num urro que será ouvido nos quatro cantos e nos sete infernos que estão arrependidos diante de Deus e desejam uma oportunidade de refazerem seus erros, crimes e pecados, que o façam agora, antes que Deus Pai desvie Seus olhos para outro canto do inferno onde outros estão suficientemente arrependidos e não se envergonham de clamar, num urro que brota dos seus mais íntimos refúgios da alma, pelo perdão divino. Façam-no agora, ou se afastem para bem longe daqui pois vou enterrar meu sabre dourado no solo e ele se iluminará como o solo do vale depois da garganta. E quem nele ficar e não estiver verdadeiramente arrependido, irá ser queimado pela luz dos olhos de Deus. Vocês ouviram a confissão de Tibério e viram como ele se ajudou! Ou bem se ajudam agora e para todo o sempre ou fujam para onde possam continuar regredindo como espíritos imortais e indignos de serem chamados de filhos de Deus.

E uma multidão levantou suas cabeças e escancarou suas bocarras urrando aos quatro cantos e aos sete infernos que estavam arrependidos e clamavam pelo perdão de Deus, por Sua misericórdia e generosidade em vista de nada terem sido, serem ou virem a ser diante da garganta de Deus.

E Saied, o cão árabe nas palavras de Tibério, elevou seu sabre e desferiu um golpe contra o solo, enterrando-o até o cabo. E o solo ficou claro como era o abismo às suas costas. Parecia que o sol se fazia presente no meio da escuridão das trevas do inferno. Ele o deixou fincado ali, e foi ajudar centenas de homens e mulheres que ousaram ter coragem e clamar pela misericórdia e generosidade divina. Saied os encaminhou para a garganta agora muito iluminada pelo brilho que saía de suas pedras.

Mas dois homens ficaram perplexos diante dela e não entraram, e Saied veio até eles e falou-lhes:

— Vamos, meus amigos Tibério e Abel Deus ouviu os seus clamores e quer abrigá-los no interior do profundo abismo iluminado que há no meio do inferno.

— O que virá agora Saied? — perguntou Abel.

— Um longo período de reflexão e meditação, doutrinação e reajustamento.

— E depois?

— Só Deus sabe meu amigo de longa data. Vamos, que vou tirar o meu sabre do solo e não sei se aqui ficará iluminado ou as Trevas voltarão.

— Deus permita que ele permaneça iluminando este lugar pois milhares virão em busca dessa Luz.

— O que farei se isto acontecer?

— Eu o ajudarei a acolhê-los, caso me aceite como seu auxiliar pois mesmo no inferno você caminha na Luz.

— E você, amigo Tibério! Ajudará também?

— Sim, tenho tanto a resgatar e este é o meu modo de dizer-lhe: obrigado iluminado amigo árabe!

— Não sou mais um cão árabe?

— Ainda sou uma serpente?

— Não.

— Então porque alguém como você haveria de ser um cão?

E depois de muito tempo Saied sorriu e puxou seu sabre do solo e ele permaneceu claro como se fosse dia. Saied então falou:

— E Deus continua com os olhos voltados para este lado do inferno para que muitos O encontrem novamente quando puderem olhar para a Luz. Bem-vindos serão todos os que tiverem a ousadia de reconhecerem que nada foram, são ou serão sem Deus a guiar suas vidas.

— Eu o conheço de uma encarnação muito longínqua no tempo, Saied! — exclamou Abel.

— Também o conheço Abel, e peço o seu perdão por tê-lo lançado neste tormento interminável quando interferi em sua vida.

— Eu o amaldiçoei mil vezes, Saied. Amaldiçoei o mundo e os homens e caí, caí e caí. Meu Deus, como eu caí!

— Conte-me como foi esta queda e quais foram nossas ligações a tantos séculos atrás Abel. Mas antes, vamos para junto dos nossos novos amigos que acabam de retornar à Luz.

— E quanto aos meus auxiliares que ficaram para trás?

— Não se preocupe com eles agora. Você precisa refazer sua fé em Deus de forma tão sólida, que só de falar seu santo nome vibre até no mais íntimo de seu ser.

— Como é difícil saber que caí tanto e ainda assim não consegui libertar minha esposa e filhas.

— Onde elas estão presas? Nós iremos até lá e as libertaremos, ainda que eu tenha que me cobrir de sangue mais uma vez.

— No lugar em que estão ninguém pode penetrar, Saied. Foram aprisionadas nos cristais depois de terem seus espíritos arrancados de seus corpos com o auxílio de magia negra.

— Vamos entrar no Vale da Luz e você contará nossa história para que todos a ouçam e compreendam que fora da Luz não há mais nada além da ilusão dos sentidos e perda da razão.

O Consolar

Saied conduziu o amigo de um passado longínquo através da garganta luminosa e viram uma multidão à espera do líder do estranho lugar.

Como costumava fazer na terra quando ainda possuía um corpo de carne, Saied fez um dos seus inflamados discursos. Foi o mais comovente de todos os já feitos por ele.

E quando terminou, contou, em palavras bem escolhidas, sua vida vivida na carne e o trágico fim que pusera a ela só para livrar-se do sangue que o cobria da cabeça aos pés. Falou também do que havia lhe acontecido quando deixara sua vibração cair ao nível do ódio.

— E isto acontecerá com todos nós se deixarmos nos envolver pelos sentimentos que nos levaram à queda espiritual quando de nossa última encarnação.

— Qual o melhor meio de evitarmos que isto aconteça novamente Saied? — perguntou a mesma mulher a quem ele havia oferecido a capa e depois tomado-a de volta.

— Não odiando, não caindo em recordações mórbidas, perdoando as ofensas sofridas e pedindo perdão pelas praticadas.

— Como reagir quando eu pedir perdão para as coisas ruins que fiz a alguém e não obtê-lo?

— Peça perdão mil vezes e se ainda assim não obtiver, outras mil vezes peça-o a Deus e um dia, não importa quando nem como, você obterá, e neste dia resgatará um carma pesado que só o perdão pode aliviar. Assim sempre foi, é e será, porque

assim está escrito no Sagrado Livro Divino que somente os espíritos muito elevados têm acesso.

Saied olhou para a mulher nua, chamou Tibério para junto de si e perguntou-lhe:

— O que desperta em você esta mulher, amigo Tibério?

— Uma vontade muito grande de conseguir algo para cobri-la, pois percebo que ela está envergonhada por estar completamente nua.

— Só isso?

— Sim.

— Nem ao menos sente o desejo de tocá-la?

— Eu sei o que está tentando obter, mas lhe digo que foi uma lição amarga a que aprendi enquanto rastejava no inferno. Eu olho para ela e vejo uma mulher muito bonita, mas só isto. Purguei todo o meu veneno e agora me sinto muito vazio e só um remorso inesgotável há em minha alma imortal.

— Não se lembra dela, Tibério?

— Deveria?

— Sim, pois ela veio parar neste lugar por sua causa.

— Como assim?

— Conte a ele, irmã querida!

E a mulher contou porque descera tanto.

— Eu fui uma das muitas que, só por minha beleza física, fui usada como objeto de prazer para você e sua corte de seres corrompidos. Eu alimentei um ódio muito forte e desejei vingar-me das humilhações sofridas e da morte cruel a que fui condenada apenas porque recusei-me a continuar como objeto de prazer de uma matilha de lobos esfomeados. Desci, desci e desci à sua procura no inferno e quando o encontrei, era uma serpente asquerosa enquanto eu, um espírito caído pelo desejo de vingança e com um ódio imenso. Também recebi meu castigo porque quando tentei subir, já não podia mais e fui várias vezes

picada por serpentes. Rastejei em direção à garganta de acesso a este vale e acabei sem forças no meio dela e em meio a milhões de vermes nojentos que transformaram o meu espírito em alimento para suas vorazes ventas, que não se cansavam de sugar-me. E também penetraram em mim por todos os orifícios do meu corpo. Meu Deus, que horror foram estes anos todos deitada naquele lugar horrível. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas o que sofri, jamais me esquecerei!

A mulher chorava convulsivamente e Saied a envolveu nos braços, procurando acalmá-la, mas não se esqueceu de Tibério que também caía de vibração e dava mostras de querer regredir novamente à forma de serpente. Teve que colocar a mão sobre sua cabeça e mantê-lo, antes que regredisse novamente. Quando conseguiu restabelecer o equilíbrio dos dois, falou:

— Irmã, gostaria de conhecer a causa de seu tormento?

— Sim.

— Será que estará preparada para conhecê-lo agora?

— Depois do que sofri, nada mais me fará cair em tão profundo sofrimento. Lutarei com todas as minhas forças contra qualquer queda vibratória.

— Pois precisará de muito mais que forças.

— O que é necessário para saber a causa de tanto sofrimento?

— Fé! Uma fé tão inabalável em seu amor por nós humanos, que reconheçamos sua generosidade até quando permite que façamos tudo o que nossos sentimentos nos obrigam a fazê-lo.

Saied tocou em seu mental e despertou sua memória ancestral. Numa fração, ela viu a causa de seu tormento Havia sido tão perversa quanto Tibério, mas numa época anterior a ele.

Havia vivido uma vida toda praticando tudo o que de mais baixo é possível a alguém fazer em relação a sexo. Não

fizera isto só com o seu corpo mas também conduzira muitas outras mulheres aos lugares que haviam em Roma cem anos antes de Tibério nascer. Morrera enferma e abandonada num abrigo imundo. Voltara à carne e sofrera a humilhação infligida por ele e os seus e ainda alimentara o ódio e o desejo de vingança. Quanto mais odiava, mais caía e quanto mais alimentava a vingança, mais difícil era o retorno às esferas menos densas e escuras.

Só purgou todo o ódio e desejo de vingança ao ser picada pelas serpentes e viver o tormento no meio dos vermes.

Então ela chorou como nunca havia feito antes e foi muito difícil a Saied confortá-la. Só após chamá-la várias e seguidas vezes à razão e perguntar-lhe onde estava sua fé, é que conseguiu fazer com que ela se acalmasse um pouco.

Foi com certa alegria que viu Tibério tomar-lhe a mão, beijá-la e pedir muitas vezes que ela o perdoasse, se isto lhe fosse possível. E maior alegria sentiu quando ouviu ela, ainda chorando, dizer-lhe que não só o perdoava como desejava ser perdoada por tê-lo odiado tanto.

— Um peso a menos meus amigos! — exclamou olhando para os rostos tristes dos abrigados no Vale da Luz, como o chamavam agora — Já que iniciamos algo que deverá ser reconhecido como a única forma de podermos perdoar e sermos perdoados, vamos continuar até inundarmos este vale com nossas lágrimas, só assim ele será um campo fértil onde a verdade, a amizade, o amor e a fé germinarão e darão os luminosos e saborosos frutos, que somos nós, e que poderão ser servidos à mesa farta do Deus Pai.

Que cada um console seu semelhante pois fora dessa conduta a única alternativa é a escuridão e o retorno ao antigo e tão recente estado vibratório. Lembrem-se que os vermes só viviam em seus espíritos imortais porque suas luzes imortais estavam cobertas pelo ódio, vingança, rancor, desejo e paixão, cobiça e ignorância sobre as coisas divinas.

E ali, naquele abismo profundo mas também um vale luminoso no meio das Trevas, o pranto brotou do peito de cada um ao verem revelados todos os erros cometidos e os envolvimentos que os levaram a praticá-los, criando em torno de si o denso cascão escuro dos mistérios das Trevas. E muito tempo depois, todos se conheciam verdadeiramente e consolavam-se mutuamente.

E Saied foi incansável em confortá-los e esclarecê-los, em elevá-los e fazer com que não deixassem que se apagasse a chama luminosa da fé em Deus e a esperança num tempo de paz. E conseguiu fazer com que todos orassem com ele e clamassem em uníssono a Deus que os perdoasse.

E quando viu a paz voltar ao coração de todos, pediu licença e caminhou por entre as pedras, afastando-se até uma longa distância deles, para então deixar-se cair recostado a uma pedra enorme e ali, longe de todos, chorar também. Havia suportado tantas revelações, tantos relatos de sofrimento e enxugado tantas lágrimas, que ainda tinha suas vestes úmidas. Mas agora ia dar vazão ao acúmulo de lamentos absorvidos.

Recostou a cabeça na pedra e chorou todas as dores, mágoas, remorsos, ódios e vinganças e chorou por si também. Clamou a Deus por aqueles espíritos que, sem saber direito como, havia tirado das Trevas e conduzido ao seu abismo profundo perdido no meio do inferno.

E alguém, de algum lugar muito alto localizado numa esfera muito luminosa, também chorou sua dor e orou a Deus por aquele espírito tão frágil e tão forte ao mesmo tempo, que ousou enxugar o pranto dos que nada mais possuíam além do inferno como morada, e das Trevas como manto protetor.

Mas o pranto de Saied era inconsolável, e como não cessava este alguém desceu até onde ele estava e, com lágrimas nos olhos, lhe perguntou:

— Por que chora tanto, Saied?

— Como vou dizer a eles agora que isto é a única coisa

que eu tenho a oferecer-lhes pois nada mais este abismo profundo comporta além de dor e lágrimas.

— Só por isto?

— Não.

— Então por mais o que você chora?

— Até quando poderei consolá-los, se estou tão perdido quanto eles e não tenho senão esta rocha fria para me consolar, recostar minha cabeça e chorar minha dor. Meu Deus! Como me sinto triste e solitário! Como eu gostaria de ter uma mão amiga estendida em minha direção e uma voz mais sábia para me dizer como fazer para não decepcioná-los, depois de haver prometido o paraíso.

— Você agora tem a mim que ouvi seu pranto dolorido e vim até aqui só para ouvi-lo e consolá-lo. Por que não recosta sua cabeça em meu ombro macio e me deixa envolvê-lo com meu abraço carinhoso e ouve minhas palavras de consolo, conforto e esclarecimentos?

— Se eu fizer isto mancharei suas vestes brancas com o sangue que me envolve da cabeça aos pés.

— Talvez, mas que importa isto agora?

— Eu não gostaria de sujar suas vestes com o que só a mim compete carregar.

— Eu não me incomodo e até me sentiria menos triste se pudesse fazer por você o que fez por todos aqueles irmãos e irmãs que nada tinham até pouco tempo senão o inferno por morada e o sofrimento como companhia inseparável.

— Ainda nada têm!

— Como não? Eles têm a você e isto já é um grande alívio e motivo de esperança para todos.

— Mas nada mais posso oferecer-lhes pois agora só restam estas paredes íngremes e este abismo profundo e coalhado de rochas.

— Este abismo foi você quem pediu, não?

— Sim. Mas era só para eu ocultar minha vergonha por ter falhado diante dos olhos de Deus. Como vou fazer agora que tantos se tornaram habitantes dele?

— Não são tantos assim!

— Mas para quem desejava a solidão, dois já são demais.

— Não seja egoísta, este vale abençoado é muito grande.

— Sim, mas agora já não é solitário e ainda terei que olhar para eles e dizer-lhes: "Sinto muito, mas o que eu podia fazer já foi feito. De agora para a frente compete a vocês escalar estas altíssimas paredes e encontrar a saída para o paraíso."

— Mas é isso mesmo que deve dizer se quiser realmente ajudá-los.

— Como assim?

— O que há à volta deste local iluminado?

— Trevas e nada mais.

— Então, o que há de sobra e aos montes, gemendo e soluçando nelas?

— Pessoas iguais a nós.

— Pois é isso! Você fez um ótimo trabalho por eles ao fazer cada um ver que não é melhor que seu semelhante, e ainda assim, auxiliou-os só com o intuito de aliviar-lhes os sofrimentos.

— Mas eu agora sou o responsável por eles aos olhos de Deus.

— Isto o incomoda?

— Sim.

— Então o que pretende fazer? Procurar um abismo mais profundo e menos iluminado?

— Ele existe?

— Sim, mas certamente já tem algum morador que

preferiu fugir para longe ao invés de assumir suas responsabilidades e esgotar todo o seu potencial criativo em benefício dos seus semelhantes.

— Como posso dar algo mais a estes espíritos que romperam com o passado e que desejam um futuro onde possam sorrir de alegria e cultivar a esperança?

— Vamos voar um pouco?

— Não sei como fazê-lo. O único que sabia como fazê-lo está neste momento chorando suas mágoas, remorsos e sem forças nem para mover-se, já que despertou de um passado tão sangrento como o meu. Agora ele chora a esposa e filhas aprisionadas num cristal encantado.

— O que disse a ele?

— Para ter fé que um dia nós encontraríamos uma forma de libertá-las de lá.

— Você sabe por que elas estão lá?

— Sim.

— Então?

— Não sei como libertá-las!

— Talvez se ele praticar a caridade em nome de Deus por séculos e mais séculos, algum dia ele tenha elas de volta em agradecimento e alegria por ter auxiliado a muitos.

— Talvez!

— E então, vamos voar?

— Eu não sei como fazer isto.

— Eu o ensino, pois é muito fácil.

E o espírito amigo lhe ensinou como voar rapidamente pelo espaço infinito e Saied em dado momento, conseguiu volatizar-se e chegar num piscar de olhos à passagem do vale.

— Viu como é fácil?

— Sim, mas só agora que sei como fazê-lo!

— Então me dê sua mão e vamos voar um pouco, Saied.

— Para onde?

— Primeiro em volta deste lugar e depois para mais longe.

— Como queira ser luminoso!

E Saied acompanhou o espírito que era só luz e ao sobrevoar o vale, ia vendo o horror no meio das trevas embaixo.

— Está vendo como é vasto o campo à sua volta?

— Sim, e está coalhado de irmãos sofredores.

— O que diz agora?

— Estou mais triste ainda, pois não me será possível libertá-los dali, curá-los e reeducá-los novamente.

— Por que?

— Ainda que eu dedicasse toda a minha vida pelo resto da eternidade, eu não o conseguiria.

— Quantos você acolheu em tão pouco tempo?

— Algumas centenas.

— Pois é isto, Saied!

— Quer dizer-me para usá-los neste tipo de assistência aos que nada possuem além das Trevas?

— Exatamente! Você já despertou neles a chama da fé, do amor e do perdão. Faça-os entender o que queria fazer quando conquistou, com sua ousadia, um reino sofrido na face da terra e o transformou num lugar onde não havia fome, miséria ou lamentações, e isto em muito pouco tempo.

— Como sabe de tudo isto?

— Diga-me primeiro como você consegue saber tudo sobre os que acolheu no seu abismo profundo.

— Não sei dizer como, mas eu sei que sei de tudo sobre eles e eles sabem que eu sei e por isso me ouvem.

— Então?

— Desculpe-me!

— Está certo. Mas, por que não coloca em prática seu imenso desejo de curar as doenças, agora que tem um reino só seu, e que não teve de degolar ninguém para conquistá-lo?

— Isto é possível?

— Você já deu mostras de que sim. Prepare-os bem, ensine-os a voar e então eles farão o resto e logo haverão tantos em seu abismo, que ficará encantado com o poder de sua doutrina, que prega a alegria como forma de viver e o amor como forma de se ascender aos céus.

— Vou fazer isso!

— Faça-o Saied, e terá um pedaço do reino de Deus só para você e aqueles que acreditarem nos seus ensinamentos e na sua doutrina de vida.

— Farei isto com prazer pois é o que sinto e no que acredito. Acho que ninguém precisa chorar todos os dias de sua vida ou orar e viver em retiro e entrega religiosa desde quando acorda até quando adormece, só para alcançar o paraíso, se ele está tão próximo e ao alcance de todos nós.

— Continue, Saied!

— Pois é isto que os mestres, os monges ou o velho imã não compreendiam em mim.

— Alguém o compreendeu?

— Não, eu aprendi com o velho curador, e só ele poderia me entender pelo que fiz.

— Velho curador?

— Sim. Não sabe quem era ele?

— Seria o mestre Zandor Kharkh?

— Ele mesmo!

— Por que o chama de velho curador?

— Nós o chamávamos carinhosamente de velho curador porque era o que ele era: um velho que tinha o dom de curar as

pessoas com suas ervas e mais ainda com suas palavras. Ele, e só ele, conseguia fazer com que eu me esquecesse que era odiado por meu pai e meus irmãos quando eu só queria receber um pouco de carinho por parte deles.

— Existem pessoas que não são só consoladores, não é mesmo?

— Sim, elas tem o poder de curar as chagas que existem no nosso íntimo mais oculto. Elas têm o dom de ver ou ouvir o que não temos coragem de confessar ao nosso melhor amigo ou confidente.

— Eu estaria errando se dissesse que pensa em alguém que não é o mestre Zandor?

— Não, mas isto é passado e não quero me recordar, senão minha vibração cairá novamente.

— Compreendo. Vamos voltar?

— Como quiser!

— Então vamos dar uma olhada à volta do campo iluminado que se formou à frente da entrada do Vale da Luz.

— Por que?

— Acho que aquele lugar iluminado despertou a atenção de muitos espíritos já esquecidos da bondade divina e que agora olham entre ansiosos e curiosos com o iluminado campo que se formou no meio das Trevas.

— Será que aconteceu isto?

— Vamos ver? Só que agora você já pode se conduzir sozinho.

— Está certo, mas não posso continuar segurando em sua iluminada mão?

— Por que, se ao ir sozinho irá adquirir plena confiança em si mesmo?

— Está bem, eu o farei, senão, como poderei ensinar isto a eles?

— Correto, Saied. Vamos agora?

— Sim.

E Saied acompanhou aquele espírito iluminado que lhe transmitia tanta paz e confiança.

O Vale da Luz Eterna

Ao descerem no campo iluminado viram que à volta havia uma multidão e almas sofredoras olhavam para dentro do campo ansiosas por penetrá-lo, mas impossibilitadas já que algo não visível a eles os impediam. Então Saied perguntou:

— O que os mantém fora do campo iluminado?

— O campo iluminado foi onde Deus olhou e, de acordo com os Seus desejos e palavras, só penetrarão e viverão as benesses da Luz quem realmente tiver a coragem e o desprendimento de deixar para trás todos os vícios que os lançaram nas Trevas.

— Compreendo.

— Se não for assim, logo não haverá mais um vale iluminado e sim mais um profundo e negro abismo no inferno. Antes de entrarem nele, deverão desejá-lo com todas as forças que ainda lhes restarem, e com o verdadeiro sentido de que é muito fácil se afastar da Luz, mas muito difícil retornar a ela.

— Isto é uma verdade!

— Mas ainda existem muitas outras que você já conhece.

— E quanto às que não conheço?

— Não importa que conheça todas as verdades. Só esta que falei há pouco vale mais que mil orações sem fé ou mil pedidos de perdão sem o verdadeiro sentimento de perdão no coração?

— Tem razão. Uma verdade vale mais que toda uma doutrina não calcada em falsas verdades.

— Ótimo, agora vou partir! Até outra vez Saied.

— Pensei que ficaria conosco para ensinar-nos um pouco.

— Por que acha que eu poderia fazer isto?

— É tão iluminado que até penso que é um anjo do paraíso.

— Não sou um anjo!

— Eu pensei que fosse, que havia chegado para cuidar de nós.

— Este é o reino que Deus lhe deu para que o administre em Seu santo nome. Eu não me sentiria bem em assumir um lugar destinado a você.

— Pois eu ficaria muito feliz com isto!

— Estará você renegando o que tão generosamente Deus o presenteou?

— Não!!!

— Então?

— Está certo, eu conquistei um reino só meu e sem ter que degolar ninguém, não é mesmo?

— Certíssimo!

— Eu estaria errado se dissesse que está pensando, mas não tem coragem de dizer-me que é meu dever cuidar bem dele?

— Não estaria errado, pois foi isto que pensei. Agora, mais uma vez, até outra vez Saied!

— Até lá espírito iluminado. Obrigado por se dignar a descer até este abismo profundo, perdido no meio do inferno e vir consolar um ser tão frágil e indigno como eu.

— Não se menospreze, senão Deus tirará Seus divinos olhos do seu vale da Luz e os voltará a alguém que não o ache parecido com um profundo abismo perdido nos confins do inferno.

— Desculpe-me. Fiquei triste ao saber que iria partir!

— Em breve voltarei para ver como vão os habitantes

do Vale da Luz e quais os progressos obtidos por aqui. Mais uma vez até a vista, Saied!

— Estranho, antes era eu quem me despedia várias vezes.

— Tenho de despedir-me várias vezes porque você não me deixa partir e cria situações para novos diálogos.

— É, que sinto tristeza com sua partida!

— Não terá causado tristezas naqueles que deixava para trás quando partia?

— Talvez.

— É hora de se resignar com a partida de quem lhe é agradável e simpático pois agora é você quem está prisioneiro de um lugar confiado à sua guarda.

— O que fazemos, colhemos, não?

— Isto mesmo. Até outra vez, Saied!

— Até lá, ser luminoso!

E Saied viu quando aquele espírito iluminado volatizou-se no ar e desapareceu de sua frente. Sentou-se no solo e ficou observando o campo iluminado à sua frente por muito tempo. Só quando sentiu que toda a tristeza havia passado, levantou-se e foi até a borda do campo para olhar mais uma vez os espíritos sofredores à sua volta. Ouviu pedidos de socorro, gemidos e lamentos.

— Quanta miséria causada pela ignorância! — falou para si mesmo.

— Pode dividir seus pensamentos comigo, irmão Saied?

— Oh, pensei que estivesse sozinho irmã! Eu meditava sobre tudo o que nos conduz a estas quedas constantes.

— A que conclusão chegou?

— Acho que isto nos acontece porque somos humanos e nada mais.

— E isto é bom ou ruim?

— Se refere às quedas?

— Não, mas a sermos humanos.

— Como posso responder-lhe, se nem ao menos sei como me situar no meio disso tudo?

— Pensei que tivesse uma opinião formada sobre isto também.

— Sou mais ignorante do que imagina e mais fraco do que pensa. Sou tão humano quanto você irmã, e trago em meu mental tantas ou até mais indagações do que a senhora.

— Compreendo.

— Tome, vista minha capa, não gosto de vê-la nua.

— E quanto às outras que nem suas vestes restaram?

— Que importa isto agora, se não posso vesti-las e nada temos além de um vale pedregoso e iluminado para habitarmos?

— Minha nudez o incomoda, não?

— Sim.

— Os homens ou mulheres não o incomodam como eu, não é verdade?

— Sim, é verdade. Mas não me pergunte nada pois não saberia responder.

— Sente pena de mim?

— Não, não é uma inválida ou débil e tem um potencial muito grande, que logo desabrochará e iluminará muito mais este vale iluminado. Mas diga-me, eu deveria sentir pena?

— Eu não gostaria de saber que o que sente por mim é pena. Isto me deixaria muito mais triste do que já sou.

— Pois alegre-se irmã! Eu a acho muito bonita e simpática.

— De verdade?

— Sim, e espero que isto lhe agrade!

— Que mulher não ficaria feliz em ouvir dizer que é bonita e simpática quando que até pouco tempo estava caída naquela passagem toda coberta de vermes?

— Mas isto é passado, irmã. Um milagre aconteceu por aqui e nós fomos beneficiários diretos dele.

— Você é o milagre, irmão Saied.

— Está enganada! Eu só fui o primeiro beneficiado por ele, pois Deus não visava só a mim quando o fez. Acho até que se eu não tivesse aparecido aqui, outro iria aparecer.

— Como costuma deixar sempre uma outra possibilidade, eu também digo-lhe que talvez aparecesse, mas só talvez! Está bem assim?

Saied sorriu com suas palavras e falou-lhe:

— Está a cada instante se tornando mais bonita e simpática aos meus olhos, irmã Valéria.

— Ao ver que não é um anjo salvador mas apenas um espírito humano tentando encontrar um sentido mais elevado de vida, também sinto uma simpatia muito grande por você, além do amor natural por alguém que ousou enfiar-se no meio da imundice só para me ajudar.

— Só fiz o que meu coração pedia. Acho que isto é o que realmente importa, não?

— Acho que sim. E como meu coração está me pedindo para dizer-lhe algo, vou contrariá-lo um pouco e dizer-lhe do fundo dele um muito obrigado por ter me ajudado.

— Não há necessidade disso Valéria!

— Como posso me sentir bem, se não puder expressar o que sinto por você?

— Está certo! Eu aceito o seu muito obrigada porque sinto que é sincera em suas palavras e são bons os seus sentimentos. Vamos, pegue esta capa e cubra-se com ela pois sua nudez incomoda os meus olhos e tira um pouco do sentido de alheamento que procuro passar a todos por aqui.

— Só eu o incomodo?

— Por enquanto sim, e espero que isto não se torne

freqüente em mim, senão me porei numa situação muito delicada perante Deus e todos os nossos irmãos.

— Sinto muito causar-lhe tais sentimentos tão humanos.

— E como são humanos! Como eu gostaria de tê-los deixado na carne.

— Se os tivesse deixado, talvez eu não despertasse o seu interesse e não pudesse me cobrir com sua capa.

— Sabe, tudo é muito estranho. Enquanto vivi na carne, eu só amei uma mulher e não tive coragem de possui-la como ela queria; outra me queria muito e eu não me liguei a ela como era o seu desejo; uma terceira ligou-se a mim e eu a ela, mas logo tudo terminou para sempre pois ela foi assassinada pelo próprio pai, o que me levou ao suicídio assim que a encontrei.

— Aonde quer chegar com estas divagações tristes?

— Digo-lhe que quem eu amava não possuí, e ela acabou sofrendo. Por outro lado, eu não quis me ligar a quem eu amava, porque amava outra. Quem me amava acabou cometendo um horrível crime ao saber quem era a infeliz que eu amava. A terceira, logo que me amou, ou suponho que isto tenha acontecido, acabou sendo morta pelo próprio pai, como as outras duas.

— Mas as três foram mortas pelos pais? Não disse que a segunda matou a primeira?

— É isto mesmo, mas foram os próprios pais que as mataram. Quando eu quis me casar com a primeira, o pai dela impediu nossa união e a ocultou de mim. Quanto à segunda, o pai nunca podou seus instintos e ela tornou-se uma pessoa muito má e também uma assassina. Então, de certa forma o pai também é culpado pelos seus erros.

— Mas ainda não disse como os pais as mataram.

— Eu lhe digo, Valéria! Quando eu ia executar à Segunda, o pai da primeira me impediu de fazê-lo e disse que a reformaria. Ela aparentemente aceitou a proteção dele, até encontrar sua

filha e apunhalá-la várias vezes na frente do próprio pai. O pai da segunda, a assassina, que estava próximo quando isto aconteceu, tentou segurá-la e num movimento em que procurava desarmá-la, fez com que o afiadíssimo punhal penetrasse em seu peito e perfurasse seu coração.

— Mas o primeiro não matou a própria filha.

— Como não, se ele não deixou eu aproximar-me dela, mas a levou para junto de uma mulher que era assassina confessa e que revelara ter mandado alguém me matar só porque eu não a quis? Ele devia ter imaginado que nunca poderia colocá-las, juntas pois a segunda certamente odiaria sua filha por ter conquistado o meu coração antes dela. Mas quanto à terceira, creio que o pai a matou por ter sido amada por um homem que não era de sua raça, e também por ela estar grávida.

— Tem razão, pensando bem os pais as mataram porque se o primeiro tivesse deixado vocês se casarem, a segunda não entraria em sua vida e muito menos a terceira.

— Mas sabe o que mais me atormenta?

— Não.

— É que eu fui o culpado de tudo, pois se não tivesse saído de minha aldeia, um lugar muito distante dali, nada daquilo teria acontecido.

— Como poderia saber que tudo aquilo aconteceria?

— O pior é que eu nada fiz para evitar. Poderia ter me casado com a primeira e me tornado amante da segunda e nunca raptado a terceira com o intuito de subjugar o pai dela.

— Por que me revela tudo isto?

— Se revelo é porque não sei como ainda me sinto atraído por uma mulher, depois de ter arruinado a vida de outras três.

— Bem, pelo menos temos algo em comum já que num passado longínquo eu também arruinei a vida de muitas mulheres, e ainda fiquei feliz ao ouvir você dizer que me acha bonita e simpática. Isto significa algo para você?

— Sim.

— O quê?

— Significa que somos humanos, muito humanos Valéria!

— Isto não o deixa feliz?

— Em ser humano?

— Exatamente!

— E por que deveria ficar feliz com algo que só nos traz remorsos?

— Pois apesar dos remorsos, uma mulher resgatada há pouco do meio da podridão ainda é capaz de despertar o desejo em um homem. Isto não é maravilhoso, Saied?

— É, talvez tenha razão!

— Talvez, não? Pois saiba que não tenho pais, irmãos ou filhos e acho que ninguém mais que me ache bela e simpática, mas ainda assim me sinto feliz porque ele se sente incomodado com minha nudez, quando nem presta atenção em outras muito mais belas do que eu.

— Bem, acho que devemos voltar para junto dos outros.

— Por que, se a maioria está dormindo?

— Dormindo?

— Sim. Uma leve penumbra se fez no eterno Vale da Luz e justamente onde todos estavam reunidos. Acho que aquela penumbra dá sono, pois logo a maioria adormeceu, uns encostados nos outros e todos no solo morno.

— O solo ficou morno?

— Sim. Não é um segundo milagre para complementar o primeiro?

— Preciso ver isto, é maravilhoso Valéria! Imagine só, ficarmos para sempre sem fechar os olhos ou algo que faça com que nos sintamos espíritos humanos e não seres condenados.

Eles entraram e Saied observou:

— Esta passagem está cada vez mais luminosa, não?

— Sim, e é agradável passar por ela. Dá a impressão de que cai água aqui neste lugar.

— Deve ser a irradiação formada pelas luminosas pedras que há aqui. Ainda vou descobrir o que as torna tão luminosas.

— Não seria mais fácil senti-las com as mãos? — Valéria falou aquilo olhando-o de uma forma meio indagativa e meio convidativa.

— Às pedras? — perguntou ele.

— Talvez! — respondeu Valéria com um sorriso nos lábios. Saied a envolveu com os braços e perguntou-lhe:

— Talvez?

— Isto que fez não é talvez e sim o que eu esperava que fizesse antes que eu tomasse tal iniciativa.

— Estou me aproximando muito de alguém que só deveria estar protegendo. Como Deus, que vigia a todos nós, verá tal fraqueza em mim?

— Acho que apenas como uma qualidade humana em um espírito muito humano.

— Talvez.

— Além do mais, eu gostaria de adormecer um pouco tendo alguém em quem me recostar, só assim eu dormiria um delicioso sono depois de tantos séculos acordada em meio a um pesadelo horrível.

— Bem, como sou tão humano como você, também gostaria de dormir ao seu lado.

— Você está mais luminoso do que quando estávamos lá fora.

— Você também.

— Por que será?

— Se não for por causa das pedras luminosas, então isto

se deve ao despertar de um belo sentimento humano que estava adormecido em nós.

— Isto é muito bom, não?

— Acho que sim. Como aqui tudo é diferente da vida no corpo carnal e da sociedade terrena e ninguém é dono de ninguém e o único senhor é Deus, eu a convido para ser minha companheira enquanto achar que deve permanecer ao meu lado.

— Isto não lhe causará remorsos?

— Creio que não sentirei remorsos ou vergonha já que não estarei enganando a mim, a você, aos nossos amigos ali dentro e muito menos a Ele lá em cima, pois só estarei fazendo o que meu coração e sentimentos tanto anseiam.

— Só aceitarei se não achar que está se aproveitando de alguém que deveria estar protegendo. Não quero que logo mais sinta remorsos por ter-me aceitado como mulher e não como enferma que deveria ser tratada como tal, pois além das tristes recordações que conhece tão bem como eu, a única doença que ainda me incomoda é a solidão no amor.

— Eu prometo não sentir remorsos, mas não me culpe se algo der errado nesta nossa aproximação. Apenas estou fazendo algo que sinto vontade, e não vou agir como quando Pétalas de Flor da Água esteve ao meu alcance e não ousei deixar que tudo acontecesse como deveria ter sido.

— De minha parte nunca haverá acusação alguma. O que nos atrai é algo mais que um simples e inocente relacionamento entre salvador e enferma. Neste campo, somos dois enfermos que tentam se curar, não?

— Sim, é isto mesmo, e não sei como poderei curá-la, mas sei como poderá iniciar minha cura.

E ficaram ali por um longo tempo antes de irem para baixo da suave penumbra e sentirem o solo morno aos seus pés.

Após dar uma olhada, Saied falou:

— Estranho, mas ela desce como um fio de água e abre-se a uns vinte metros de altura do solo. Devagar, o generoso Deus vai nos dando o que mais precisamos, não?

— Sente como esta penumbra nos transmite um bem estar irresistível?

— Sim. Vamos nos ajeitar debaixo dela e ver o que acontece?

Vamos parar de falar senão logo eles acordarão do tão merecido sono.

Finalmente eles se deitaram. Bem, a penumbra realmente era um bálsamo, mas demorou um bom tempo para que viessem a adormecer. Talvez só tenham conseguido adormecer depois de se conhecerem como homem e mulher. Mas isto são coisas que a penumbra encobria e não ficou muito claro como convém a tais situações. Mas quem assistiu em silêncio e ainda se lembra até hoje da primeira vez em que surgiu a penumbra no Vale da Luz Eterna, e tal como Valéria, havia saído debaixo dela e ainda não havia retornado, viu como em certo lugar, no meio dela, havia uma luz mais forte, que só se intensificou com o passar do tempo até que estabilizou-se e assim permaneceu. Ele também resolveu ajeitar-se nela e dormir um pouco, pois de nada adiantaria desprezar uma dádiva divina só porque sua esposa e filhas estavam aprisionadas no interior de um cristal de rochas.

E todos adormeceram sob a acolhedora penumbra. Quanto tempo ela durou ninguém soube dizer já que não havia como marcá-lo, mas todos despertaram assim que ela se desfez, da mesma forma como havia surgido, ou seja, lentamente.

Alguém veio até Saied e perguntou-lhe:

— Como explicar este fenômeno, chefe?

— Não encare esta penumbra como um fenômeno, mas sim como uma dádiva divina meu amigo! Ela é um presente de Deus e tenho certeza que voltará dentro de um tempo determinado para alegria nossa, irmão.

— Para mim foi muito bom, pois eu não sabia mais como é bom fechar os olhos e esquecer de tudo.

— Pois eu quase não me recordo de como era horrível estar deitado naquele solo úmido, pegajoso e coberto da pior sujeira que há. — falou outro.

E todos comentaram como havia sido bom o sono propiciado pela penumbra.

Saied não ocultou que havia se ligado a Valéria, e até comentou algo parecido como se os magnetismos afins se atraíam e criavam elos mais fortes na corrente humana, que é a cadeia da vida. E todos oraram com ele em ação de agradecimento pelo agradável período de sono.

Convidou-os a irem até o lado externo do vale e mostrou-lhes a imensidão de espíritos que havia se formado à volta do campo luminoso. Todos viram e ninguém deixou de comentar que pouco tempo atrás eles também encontravam-se em igual ou pior situação.

— Como fazer para auxiliá-los, Saied? — perguntou Abel.

— Alguém me disse que só entrarão aqui os que deixarem lá fora os vícios e costumes que os lançaram nas Trevas, senão logo o nosso Vale da Luz Eterna se tornará tão escuro como é fora deste campo iluminado, pois Deus desviará seus olhos dele. Isto lhes diz algo?

— Sim.

— O que é que diz, meu amigo Tibério?

— Tal como uma serpente asquerosa teve que reconhecer que nada havia sido, nada era e nada seria sem Deus e ousou levantar sua horrível cabeça e arreganhar sua horripilante bocarra e gritar aos quatro cantos e aos sete infernos que havia cometido erros e crimes e que estava arrependido e que desejava o perdão de Deus só para poder começar a repará-los em sinal de reconhecimento por sua bondade e generosidade, pois não castigava, e sim protegia-me enquanto aguardava que eu

reconhecesse que ele e só ele é o único e verdadeiro Deus, o Senhor de Tudo e de Todos que só quer o nosso bem e quer também que o pratiquemos em Seu santo nome para com todos os nossos semelhantes.

— Está preparado para sair lá fora e encontrar os que querem isto e nada mais?

— Sim, mas não sei se saberei de tudo sobre eles como você sabia sobre mim. Também não sei se saberei fazer como você que soube como fazer com que eu, que era venenoso, purgasse todo o meu veneno no pranto bendito do verdadeiro arrependimento.

— Volte ao interior do vale e faça sua oração pessoal a Deus. Fale com Ele que deseja ser um instrumento de Sua divina vontade e saberá de tudo como eu soube. Então saia sem temor algum e reconhecerá os que estão prontos para a sua segunda morte e seu renascimento na luz do Vale da Luz Eterna e sob os olhos de Deus.

Então ele recomendou que quem desejasse sair, fizesse o mesmo para não ser enganado por falsos arrependidos. Que fossem em grupos se assim preferissem e que não dessem ouvidos aos espíritos provocadores, pois estes os tentariam com palavras que visavam quebrar-lhes a fé em Deus e fazê-los caírem de vibração, retornando ao estado de sofrimento anterior. Ainda falou:

— Caso se sintam fraquejar, dobrem os joelhos e orem a Deus misericordioso que receberão imediatamente o influxo de forças muito poderosas por Ele colocadas à sua disposição, pois estarão servindo a Ele e unicamente a Ele.

E os grupos se formaram e logo todos saíam ao campo escuro para recolher os que realmente queriam largar nas Trevas os vícios que os conduziram a elas.

— Vou com você, Saied! — exclamou Valéria.

— Então me dê sua mão que iremos a um lugar distante daqui.

— Por que?

— Logo verá!

E Saied, que mal havia aprendido, a ensinou a volatizar-se no espaço e ir para onde desejava.

Levi Ben Yohai, o Mestre de Akenaton

Foi para um lugar longínquo e muito escuro, onde mal conseguiam ver o solo onde pisavam.

— Que lugar é este Saied?

— Um campo onde foram travados combates violentíssimos e milhares morreram em poucos dias.

— Você era um dos participantes?

— Sim.

— O que pretende fazer nele?

— Limpá-lo do odor fétido do sangue derramado e dos gemidos de dor ou impregnações de ódio. Vou tentar acolher almas dos dois lados e pacificar os corações de espíritos que eu fui um dos culpados por terem sido transformados em matadores de semelhantes seus.

— Todos foram instrumentos da Morte. Não há um culpado maior.

— Eu me sinto o mais culpado entre todos. Você me auxilia?

— Ainda não sei como, mas estou ao seu lado e tudo farei para ajudá-lo.

— Então vamos estabelecer um campo iluminado aqui para que possamos atrair a atenção dos que gemem e estão cobertos de sangue da cabeça aos pés.

E Saied levantou o sabre dourado e o cravou no solo fétido criando um círculo luminoso não muito grande à sua volta, que despertou a atenção de algumas almas mais próximas.

Pouco a pouco, foi distinguindo as feições e viu que estava no meio de guerreiros chineses e não hindus ou tibetanos. Mesmo assim iniciou seu trabalho esclarecedor para aqueles homens com feições deformadas pela dor e pelo ódio. Quanto tempo demorou para conseguir convencer uns poucos não saberia, pois não tinha noção e muito menos pressa.

No meio de milhares, conseguiu algumas dezenas apenas, mas se deu por muito feliz e achando que já era tempo de voltar ao Vale da Luz, ordenou que um desse a mão ao outro e os levou até lá.

Em segundos estava de volta e ficou estarrecido com o que viu. Haviam trazido milhares de espíritos para dentro do vale. Aquilo assemelhava-se ao purgatório. A maioria ainda conservava suas chagas e gemiam e choravam em meio aos aflitos acolhidos anteriormente, que desdobravam-se na tentativa de consolá-los e curar-lhes os ferimentos.

Saied olhou à volta e não soube o que fazer pois eram muitos e em estados tão deploráveis, que não sabia por onde começar. Os que ele trouxera estavam até muito bem, se comparados aos que haviam sido trazidos pelos seus auxiliares.

Pouco a pouco, foi abrangendo todos com sua visão e resolveu iniciar com os que distinguia estarem mais acessíveis a uma abordagem completa. Reuniu um grupo que achou mais preparado para a função e iniciaram a doutrinação entre eles. Outro grupo foi encaminhando para lugares determinados por Saied, os mais ou menos iguais nas aflições. Ali havia de tudo um pouco, até uma porção de espíritos totalmente dementes devido ao sofrimentos passado no meio das Trevas.

Enquanto auxiliava àqueles infelizes, ele ia observando os que mais se importavam com a dor alheia e os trazia para perto de si. Tentava criar um grupo que vibrasse harmônico e pudesse assumir funções bem definidas.

Ninguém saiu do vale enquanto não estivessem todos equilibrados. Desta vez foi menos dramático o momento de

cada um rever o seu passado ancestral e descobrir que os maiores culpados por suas quedas haviam sido eles mesmos.

Para Saied era motivo de alegria ver a formação de um destacado grupo de espíritos interessados no verdadeiro resgate dos erros e crimes cometidos num passado vivido na carne.

Com a vinda sempre à mesma hora da abençoada penumbra, ele marcava o tempo em dias e noites. E passaram-se muitos dias até ver aquela multidão de espíritos resgatados adquirir um mínimo de equilíbrio. Então iniciou suas falas inflamadas todos os dias antes da penumbra e após ela, quando todos despertavam.

De manhã falava da natureza humana e sobre como poderiam conhecê-la e dominá-la, analisando a si próprios e tudo o que haviam cometido de errado e o que os conduzira ao erro. Tinha ele muita facilidade em tomar um exemplo e a partir daí, lançar os fundamentos sólidos que colocavam os vícios humanos tão visíveis e perigosos. Aqueles tocados por sua fala vinham depois se aconselhar em particular. A todos, a palavra era de consolo, conforto ou esclarecimento.

Dividiu aquela multidão em grupos mais ou menos afins e deu a cada um uma tarefa bem definida quanto ao modo de proceder quando saíssem em missão de resgate. Quatro pessoas formavam a liderança. Eram eles: Tibério, que movia-se incansável; Abel, sempre circunspecto; Romano, o pirata que readquirira sua antiga alegria só que agora muito mais elevada, e Valéria, que não se afastava de Saied. Havia entre eles perfeito entrosamento quanto ao que deveria ser feito para elevar todos aqueles espíritos resgatados das Trevas.

Foi muito demorado o tempo despendido com tantos espíritos e Saied já estava preocupado com a esperança que deixara aos espíritos mais arredios do campo onde já recolhera alguns. Convidou Abel e mais alguns dos resgatados a acompanhá-lo quando não mais resistiu ao desejo de voltar lá.

Foi com enorme surpresa que viu o pequeno círculo claro

coalhado de espíritos oriundos do campo à volta. E nova leva foi tratada e levada para os vários grupos já preparados para acolhê-los. Desta vez o trabalho foi muito fácil e Saied acompanhou Abel a um lugar tão horrível e tenebroso, que ficou assustado com o que viu.

Se inferno havia, ali era o inferno do inferno.

— Foi a este lugar que você veio da outra vez, Abel?

— Sim.

— Como conheceu ou descobriu um lugar como este?

— Eu já vivi muito tempo aqui, Saied. Ou já se esqueceu de onde me encontrou?

— Não me esqueci, mas isto aqui supera a tudo que eu havia imaginado. Por que escolheu um lugar como este, onde os espíritos já estão em fase terminal?

— Eu não me conformaria em sair em campo aberto e recolher somente quem gritasse por socorro. Não! Eu prefiro vir aqui, onde ninguém ousa penetrar ou nem sabe de sua existência, para tentar refazer o meu maldito passado.

— Ele lhe pesa muito, não?

— Sim. Eu finjo que está tudo bem comigo, mas na verdade estou quase enlouquecendo com tudo que me vem à memória.

— Posso ajudá-lo de alguma forma?

— Acho que não.

— Por que não? Sempre há uma possibilidade de alguém ter a palavra certa para alguma das suas dúvidas.

— Minhas dúvidas são muito difíceis de serem esclarecidas, pois venho alimentando-as há milênios.

— Conte-me como foi o seu tempo na terra, Abel. Talvez encontremos uma saída para seu problema existencial.

— Este não é o melhor lugar para conversarmos, aqui costumam aparecer os piores demônios do inferno.

— Então, por que vem até aqui?

— Aqui é onde posso me vingar dos malditos que me lançaram no mais escuro abismo e fizeram com que eu perdesse a minha fé num Deus justo e generoso.

— Mas você a recuperou, não?

— Só em parte, Saied. Só em parte.

— Você sabe que não há outra forma senão externar seus sentimentos mais íntimos, para que a solução do tormento apareça.

— Meu tormento é insolúvel Saied!

— A solução pode ser de difícil e demorada mas não impossível. Vamos deixar para depois o resgate desses infelizes e vaguemos um pouco para bem longe do inferno ou do Vale da Luz.

— Para onde irá?

— Tem pressa?

— Não, o tempo não conta para mim. Se eu pudesse, voltaria nele e faria tudo de outra maneira.

— Então me acompanhe Abel. Conhecerá o que pode ser a solução para seu tormento.

— Assim espero, senão acabarei no mesmo estado que estes infelizes caídos aí na nossa frente.

E Saied volatizou-se juntamente com Abel indo até um penhasco perdido no meio do Oceano Pacífico. Sentou-se num rochedo e ficou olhando o mar.

— O que há para ser visto aqui, Saied?

— Nada, apenas para ser sentido. Sinta o ar, a brisa marítima e integre-se ao ambiente Abel. Vá deixando que as vibrações do lugar penetrem em seu ser mais íntimo.

— Como faço isto?

— Esqueça do seu tormento quando conseguir integrar-se ao local e às vibrações multimilenares, que aqui são tão

fortes que podemos penetrar nelas, terá pleno domínio do seu mental.

— Estou alheio a tudo e receptivo a tudo também.

— Então, olhe para o infinito e não desvie o seu olhar do nada que há na sua frente.

— Nada estou vendo além do nada à minha frente!

— Sente as irradiações que saem do fundo do mar?

— Sim. Elas trespassam meu corpo espiritual como dardos finíssimos. Por que isto?

— São vibrações fortíssimas que vêm de uma civilização soterrada sob estas águas agitadas. Aí embaixo existem aparelhos tão avançados que nossa mente não pode nem imaginar como são. Foram criações de uma civilização que já existiu há mais de vinte mil anos atrás.

— Por que ela desapareceu, se era tão avançada?

— Imagino que Deus cansou-se de aceitar as culpas que Lhe imputavam os homens e os castigou com Sua fúria. Sabia que Deus é um ser bondoso e generoso, mas também possui o seu lado negro?

— Não.

— Pois Ele, quando libera esta lado negro, solta sobre os homens Sua fúria.

— Onde quer chegar?

— Você disse que não tinha pressa!

— Continue Saied, estou ficando adormecido com estas irradiações.

— Não se preocupe com o adormecimento, pois seu mental não será afetado por elas mas sim estimulado a um ponto tão intenso, que você penetrará na civilização que aqui existiu e despertará para a verdade que os filósofos, teólogos, sábios, mestres ou religiosos desconhecem.

— Quem a conhece?

— Poucos místicos a conhecem, mas muitos intuem que ela ficou perdida em algum lugar do passado, Você, se não temer, a conhecerá por inteiro e jamais voltará a confundir a verdade de Deus com a verdade dos homens. Imagine um abismo tão profundo como jamais pensou existir, e então terá noção da distância que separa a verdade dos homens, lá no fundo dele, e a de Deus, muito acima e fora dele.

— É tão grande assim esta distância?

— Em breve você terá noção da extensão dela como eu tive quando, em segundos de queda num abismo profundo, a vi por inteiro.

— Foi quando suicidou-se?

— Sim.

— Não se arrepende de tê-lo praticado?

— Ou era o suicídio ou a loucura total. Qual você escolheria?

— O suicídio.

— Pois foi o que escolhi. Portanto, para que arrepender-me? Bem, já está todo adormecido?

— Não posso fechar os olhos, ou mover os lábios, ou alterar minha respiração, ou mesmo desviar minha cabeça da direção em que a posicionei.

— Ótimo. Não tema pois eu estou sentado ao seu lado e estarei o tempo todo ligado ao seu mental. Poderei tirá-lo deste estado no momento em que achar o mais acertado.

— Nada tenho a perder, depois de haver caído até o sétimo círculo do inferno e dominado todos os que atravessaram o meu caminho rumo ao fundo negro do meu tormento.

— Mas terá muito a ganhar se não deixar que as emoções turvem o seu mental.

— Procurarei controlá-las.

— Não tente, controle-as, Abel!

— Farei isto, Saied. O que são as imagens brilhantes que começam a surgir do nada à minha frente?

— Um passado inimaginado por todos os homens na face da terra e que é conhecido por poucos, tanto no céu como no inferno.

— Quem são eles?

— O ente humano que existiu há milênios incontáveis e habitava este planeta outrora bendito, mas hoje rebaixado à condição de purgatório miserável sob a direção de mentes humanas mais miseráveis ainda.

— Você odeia os homens?

— Só alguns.

— Quem são aqueles que vêm em nossa direção?

— Somos nós num passado remoto.

— Como isto é possível?

— Não são eles vindo até nós, se bem que assim pareça para você que sente-se imobilizado. Lembre-se que seu mental está livre da dormência.

— Não me esquecerei mais disso. Continue, estou ansioso para ver o que tem a mostrar-me.

— Vamos unir nossos mentais aos deles e verá a verdadeira história da humanidade. Não tema, pois estas imagens existem no seu mental e estão muito vivas na sua memória, bastando apenas que entre em sintonia com elas. Está vendo o mundo que já existiu no lugar do que vivemos atualmente?

— Sim, e é fantástico. Eu diria que é um sonho de vida.

— Você está na parte saudável do que havia sobre a terra. Agora, acompanhe a imagem sob o domínio do meu mental e eu o conduzo até onde nos interessa no momento.

— Estou seguindo-o e começo a notar mudanças no meio ambiente.

— Estamos chegando ao ponto obscuro do seu mental. Olhe os templos iniciáticos à sua frente.

— São imensos e lindos.

— Entre comigo e marque bem as fisionomias por detalhes imutáveis no ser humano.

— Quais são eles?

— Brilho dos olhos, linhas especiais que formam o seus espíritos e acima de tudo, as cores.

— Estou vendo os detalhes e formando o todo imutável dos espíritos, que lugar negro é este?

— A câmara oculta do templo.

— Ela não deveria ser iluminada?

— Deveria, mas não está. Observe os rostos, e verá três muito conhecidos de você. Estão à sua direita.

— Eu os conheço!

— Sei disso! Mas volte um pouco no tempo e observe quem são.

— Está difícil.

— Não está não. É você que teme descobrir a sua verdade.

— Não estou com medo!

— Se não está, então eu o faço regredir mais um pouco Abel.

— Faça isto, Saied!

— E agora, já as reconhece?

— Sim. Minha esposa aprisionada no cristal é uma delas, e minhas filhas são as outras duas ao lado dela.

— Vá observando o desenrolar dessa agitada encarnação, Abel.

— Estou avançando e vejo as três praticando um culto negro.

— Quem, apesar de não praticá-lo, as protege?

— Eu.

— Então pode avançar no tempo até se reencontrarem novamente em sua última encarnação vivida na face da terra.

— Vejo muitas vidas vividas e eu tentando elevá-las em todas elas. Em algumas elas chegam a aproximar-se da angelitude.

— Mas...!?

— Mas caem novamente em suas penúltimas encarnações.

— Então?

— Novamente eu as protejo por omissão.

— Exato. Isto só confirma que tudo tem o seu preço, e elas só o estão pagando enquanto prisioneiras no mundo dos cristais.

— Então não há esperança para elas, e devo abandonar minha longa procura por uma saída.

— Agora é que não deve parar, pois descobriu que todos somos culpados por nossos atos e omissões diante das leis divinas.

— Se saída não há, então de que adianta persistir nesta trilha sem fim?

— A Lei lhes propiciará uma saída, quando ela os julgar devidamente reajustados. Mas para isso teremos que provar a Deus que não O julgamos culpado dos nossos erros humanos porque quem sempre erra é o homem, volúvel e corruptível, e não a lei eterna e imutável, que atinge a todos os que erram com o mesmo vigor.

— Como elas poderão resgatar seus erros se estão aprisionados e estáticas num reino vítreo?

— Elas só eliminarão nele todos os sentimentos que as conduziram a uma senda condenável pela Lei Divina.

— Ainda continuam sem saída.

— Mas há uma saída, se você a propiciar.

— Como?

— Torne-se tão digno aos olhos de Deus que ele as libertara para você.

— Mas não foi você mesmo quem disse que Deus não desfaz o que os homens fizeram?

— Esta é uma verdade.

— Então?

— Um homem as libertará para júbilo seu e alegria de Deus!

— Quando?

— Há quanto tempo elas estão lá?

— Milênios.

— Então não importa o tempo, pois você estará conquistando este tempo a cada boa ação que praticar, ou a cada um que ajudar a que resgate os seus erros e crimes cometidos diante dos olhos de Deus. Tudo o que fizer em benefício da humanidade, irá diminuir o tempo que elas deveriam ficar aprisionadas.

— Como um homem as libertará, se quando na carne eu o procurei em todos os lugares?

— Não houve um que as aprisionou? Então haverá outro que as libertará. Confie em Deus e sirva-O com todo o conhecimento que adquiriu nestes milênios vagando nas Trevas. Um dia, e só quando Deus o permitir, elas voltarão a se reunirem a você.

— Como eu gostaria de ao menos falar com elas, tocá-las e dar-lhes esta esperança.

— Vamos sair do transe mental e libertar nossos espíritos desta irradiação para tentarmos algo que talvez o acalme um pouco.

— Então faça isso, Saied!

E Saied liberou o mental de Abel, trazendo-o à pulsação normal de um espírito.

— Como você conseguiu isto comigo, e também como descobriu este lugar?

— Eu o via enquanto caía no abismo, e depois eu o visitei mentalmente várias vezes, enquanto todos dormiam.

— Era isto então!

— O que o espanta?

— Eu o via deitar-se ao lado de Valéria, mas logo se levantava e saía de onde havia penumbra e ficava a meditar. Eu acreditava que ficava vigiando e pensando em como cuidar de tantos espíritos.

— Isto também, Abel! Mas eu tenho retornado às minhas mais remotas encarnações e observado atentamente cada uma delas para descobrir onde falhei.

— Já descobriu?

— Sim.

— Posso saber em qual encarnação foi?

— Em todas.

— Como?

— Em todas, meu amigo. Não houve uma das que eu já revi que não tenha falhas, erros ou pecados. Sou um ser extremamente endividado perante a Lei e indigno aos olhos de Deus.

— Não creio nisso, senão o seu Vale da Luz seria um lugar escuro.

— Pois acredite-me, amigo Abel. Se Deus o deixou iluminado, foi apenas para que eu pudesse resgatar um pouco do que devo à Lei.

— Eu não acredito nisso.

— Acredite, pois você já me odiou muito também.

— Eu o odiei?

— Sim, fui eu quem propiciou o choque negro que arrancou do corpo carnal os espíritos de sua esposa e filhas.

— Você praticou a magia negra que ao invés de mim, atingiu a elas?

— Não, isto não!

— Então, explique-se.

— Olhe nos olhos e nas linhas que compõem um espírito, Abel. Tem que aprender a decifrar o que lhe é familiar.

Abel olhou por um longo tempo, e então disse:

— Acho que não vou conseguir.

— Você já sabe quem sou eu, apenas ainda tem alguma insegurança e não quer se arriscar.

— Você já foi o garoto Levi, não?

— Sim Abel. Eu fui Levi Ben Yohai e trago em meu mental a tristeza por haver lançado você e elas no pior tormento de suas existências.

— Levi, o Mestre de Akenaton! É você mesmo?

— Sim Abel. E peço que me perdoe, nunca deveria tê-lo incumbido de algo tão perigoso como a proteção dele, que nascera no meio de um inferno habitado pelos piores demônios renascidos na pele do cordeiro. Perdoe-me meu amigo, pois sofro as suas dores e choro sua tristeza.

— O que posso dizer se fui eu quem o conduziu até ele, ainda que indiretamente?

— Você me perdoa?

— Sim, pois eu sei que se soubesse que tal tormento me atingiria, teria tomado-o para si.

— Não tenha dúvida disso!

— Pois saiba que eu invadi com um grande exército de salteadores o reino do Laiemen, destruí o Templo da Esmeralda e também causei a morte de seu filho Ariel.

— Eu sei disso, pois já acompanhei mentalmente todas as suas encarnações.

— E ainda assim quer ajudar-me?

— Por que não?

— Devia odiar-me.

— De que nos ajudaria o ódio?

— Em nada.

— Se tivesse voltado ao Egito, teríamos libertado sua esposa e filhas já que o faraó havia se cercado de muitos homens sábios. Alguns deles conheciam os mistérios dos cristais e podiam penetrar neles com muita facilidade. Eu o procurei, mas o que obtive foram informações que diziam você ter ido para longe do Laiemen, depois de ter ido até o sábio mago que também conhecia tais mistérios. Imaginei que as tivessem libertado, partindo em seguida para a terra dos seus ancestrais.

— A maldita precipitação, não?

— E o desespero, Abel! Nunca se esqueça que o desespero é a causa de muitos tormentos.

— Eu fui o culpado pela queda delas diante da Lei e por minha posterior queda. Sabe, você está certo ao imputar ao homem a origem de toda desgraça. Deveríamos odiar-nos dia e noite, pois somos mais frágeis que uma pena e mais volúveis que tudo no universo.

— Mas só há uma cura para tais males, Abel!

— Qual é?

— Resgatarmos nossos semelhantes de suas quedas e os reajustarmos. Enquanto fazemos isso, reajustamos a nós mesmos.

— Por que tem de ser assim?

— Deus quis que fosse assim ao dar o livre arbítrio ao ente humano.

— Está certo. Vamos até onde você falou que tentaria pacificar o meu coração?

— Já mergulhou no mar?

— Não, mas nos pântanos lodosos já vivi por séculos.

— Então, me dê sua mão que vamos ao antigo Templo dos Cristais tentar localizar algum cristal consagrado que permita o contato visual com o mundo que há naquela dimensão.

— Isto é possível?

— Tentar não custa, não é mesmo?

— Conduza-me, pois já não duvido de mais nada que disser.

— Será um longo mergulho ao fundo do mar e também ao nosso passado longínquo. Iremos rever ruínas do que já foi o mais luminoso templo sobre a face da terra.

As Espadas Simbólicas Encantadas

E Saied volatizou-se levando Abel ao fundo do Oceano Pacífico. Foram parar a milhares de metros de profundidade, no meio de enormes ruínas de algo que deveria ser o mais lindo templo já construído pelo homem.

Assim que assumiram suas formas, foram cercados por inúmeros espíritos que habitavam o local. Um perguntou-lhes ríspido o que desejavam ali.

Saied explicou-lhe calmamente os seus propósitos e foram conduzidos ao líder guardião das ruínas.

— O que desejam aqui estranhos?

— Precisamos de um favor do amigo guardião.

— Fale-me e verei se posso ajudá-los.

Saied tornou a contar-lhe o que queriam.

— O que desejam é fácil, mas de que adianta olhar e não poder libertar?

— Muito nos adiantará, pois em um cristal consagrado poderemos nos comunicar com elas.

— Como sabe de tal segredo?

— Eu já fui um guardião deste templo há muitos milênios atrás.

— Antes de sua destruição pela fúria divina?

— Muito antes, e também durante ela.

— Acompanhem-me!

Eles seguiram o guardião até onde havia um enorme cristal incolor de extrema limpidez e cortado na forma de um pentágono.

— Aí está o único cristal que restou sem partir-se em mil pedaços. Mas de que nos adianta, se não podemos libertar os que estão aprisionados nesta dimensão cristalina?

— São muitos?

— Milhares e milhares. Talvez milhões, pois eu os vejo a incontáveis milênios lamentando-se do paraíso perdido.

— Como foram parar aí?

— Foram lançados a esta dimensão através da magia hedionda dos magos negros que apossaram-se do Templo dos Cristais Sagrados.

— Mas por que?

— Falharam na defesa dele e pagaram um preço altíssimo.

— Meu Deus, quanto tormento!

— Imagine o meu em guardar este lugar durante tantos milênios sem poder fazer nada.

— Mas deve haver uma forma de libertá-los.

— Só há uma.

— Qual?

— Ter alguém vivendo na carne e que faça isto por eles.

— Não há ninguém que esteja na carne e que possa agir de acordo com eles?

— Não encontramos ninguém até hoje. Mas muitos atuam nas faixas escuras e lançam muitos outros nesta dimensão.

— Isto é horrível! Será possível que não exista um mago branco que consiga isto?

— Pode ser que sim, mas onde está ele? Saberiam me informar?

— Desconhecemos também.

— É isto. Até quando viverei o tormento de vê-los, ouvi-los e nada poder fazer?

— Um dia eu os ajudarei, guardião! — exclamou Saied.

— Eu também não descansarei até conseguir a chave que abrirá este cristal consagrado.

— Quem tiver sua chave penetrará em qualquer cristal e abrirá as portas dessa dimensão.

— Por que Deus permite isso? — perguntou Abel.

— O que o homem faz, só ao homem compete desfazer! — falou o guardião.

— Saied já falou isto antes. — murmurou Abel.

— Então conhece o primeiro mistério da magia.

— Qual é o segundo?

— Adquirir o direito pleno de realizar seus propósitos e libertá-los.

— Como adquirir estes mistérios?

— Encontrando os magos que os conheciam e foram arrancados dos seus corpos carnais e aprisionados pelos magos negros em muitas outras dimensões.

— Mas se eram magos, por que isso foi acontecer a eles?

— Descuidaram-se no combate ao Mal, quando ele tornou-se tão visível, que conseguiu alojar-se até neste que outrora foi o centro da civilização que habitava a terra. Deus os puniu com o pior castigo possível, ao condená-los a viverem na dimensão que lhes fornecia a energia necessária à vida e ao progresso material. Descuidaram-se de vigiar a si próprios e deixaram que homens indignos de tal grau o assumissem. Eis aí a lei eterna e imutável atuando sobre a humanidade. Ou seja: o que se faz de bom, o benefício se multiplica; o que se deixa de fazer de bom, o Bem se reduz; evitando que se faça o Mal, o Bem aumenta. Se faz o Bem, bem feito, Deus o ampara; se faz o Bem, mas malfeito, Deus o pune.

— Mas por que diz que talvez existam milhões no interior da dimensão dos cristais?

— Foram pessoas que se deixaram influenciar pelos magos negros e não ouviram os alertas de perigo dado pelos mais atentos à evolução negativa que se processava no seio dos templos de cristais.

— Quem os libertará então? — perguntou Abel.

— Só Deus tem a resposta, amigo! — exclamou o guardião.

— Um dia eu descobrirei este segredo, Abel. Vou vasculhar em meu mental todas as encarnações vividas e acabarei achando a chave. Quando a tiver, encontrarei alguém que possa manipulá-la com dignidade e abrir a porta de acesso á dimensão dos cristais. Neste dia, você terá sua esposa e filhas de volta aos seus braços.

— Espero que consiga isto um dia, amigo. Neste dia, eu chorarei toda a tristeza acumulada em meu ser imortal pois poderei abraçar novamente minha esposa e filhos aprisionadas aí dentro desta dimensão.

— Você também os tem aí?

— Por que acha que permaneço aqui há milênios incontáveis? Todos os que vivem neste lugar têm um amigo ou parente aprisionado nesta dimensão.

— Meu Deus! — exclamou Saied — Eu vi uma multidão incontável deles aqui.

— Pois é guardião! Liberte os aprisionados nos cristais e libertará os que vivem aqui há milênios incontáveis.

— Que carma terrível recaiu sobre eles! Por que não sobem à superfície e integram-se aos que lá vivem?

— Eles trazem o mundo que restou depois da queda, e temem cair muito mais ainda.

— Mas isto, em verdade, já é uma privação da vida. Quer pior carma que este?

— Como viver em paz com o pensamento voltado para este lugar?

— Tendo fé em Deus e esperança na misericórdia divina. Não é fazendo o Bem que se repara o Mal?

— Sim, mas como fazer o Bem onde todos só pensam em fazer o Mal?

— Isto dependerá do esforço de cada um. Quem sabe um dia descubram que só a ação desfaz o mal que a má ação fez.

— Talvez.

— Como poderíamos ver a esposa e filhas do meu amigo, guardião?

— Toquem no cristal e pensem nelas, que elas serão atraídas pelos seus pensamentos e ficarão visíveis. Então poderão comunicar-se com elas por alguns instantes em um nível mental muito sutil.

Eles assim fizeram e pouco depois as três ficavam visíveis no enorme cristal. Abel começou a chorar diante delas e teve que ser contido por Saied e o guardião. Só a muito custo acalmou-se, e pode mantê-las visíveis.

— Comunique-se com elas, Saied, eu não tenho condições mentais de fazê-lo. — pediu Abel.

— Está certo, Abel.

E Saied comunicou-se com elas.

— Como vai bailarina?

— Quem é você?

— Não se lembra do menino que encantou enquanto dançava numa taberna em uma noite perdida no tempo?

— Levi! É você mesmo?

— Sim, eu já fui Levi.

— Mas está tão diferente.

— Passei por várias reencarnações depois daquela.

— Tirem-nos daqui, Levi! — exclamou ela.

— Agora que conseguimos encontrar um meio de

comunicação, iniciaremos a busca para encontrar a libertação, bailarina!

— Isto aqui é uma prisão horrível Levi! Podemos ver as pessoas através dos cristais e não somos vistos. Não temos movimentos como na terra e sofremos de uma angústia indescritível.

— Imagino que sim.

— Tire-nos daqui, Levi. Por favor, liberte-nos!

— Ainda sabe orar, bailarina?

— É o que mais tenho feito!

— Então continue a fazê-lo, pois Deus começou a ouvir suas preces.

— Por que Abel não fala nada?

— Está sem condições mentais de fazê-lo. Tem algo a dizer-lhe?

— Diga-lhe que nós o amamos muito e choramos a separação, e que desejamos muito sairmos daqui.

— Eu direi.

— Quando sairemos daqui Levi?

— Ainda não sabemos, mas ainda que demore mais um milênio, nós as libertaremos. Agora sorriam para Abel, pois só assim ele terá forças para resistir na busca de sua libertação.

— Como sorrir, se o menor movimento faz com que sintamos dores horríveis?

— Tente, bailarina! Abel precisa disso para poder reerguer-se diante dos olhos de Deus.

— Tentarei Levi. Mas não pedirei isto às crianças, pois não sabe como é isto aqui.

— Posso imaginar, mas mantenha-se na fé em Deus, um dia nós as libertaremos desta prisão de cristal.

— Orarei por este dia Levi.

— Nós também, bailarina! Vamos, sorria logo pois estou ouvindo cada vez mais baixa a sua comunicação mental e logo será impossível continuarmos.

Ela sorriu e chorou ao mesmo tempo. Abel mais uma vez teve de ser contido. Num aceno, Saied despediu-se delas que começavam a desaparecer do cristal.

— Elas se foram! — gritou Abel desesperado,

— Acalme-se, meu amigo! Um dia desses nós voltaremos e as libertaremos como a todos que aí estão.

— Não terei forças para resistir até esse dia Saied!

— Olhe á sua volta e veja quantos estão aguardando a chegada desse dia. Conforme-se, pois estão neste tormento a muito mais tempo que você e aguardam pacificamente.

— Meu Deus, que tormento horrível! Até quando?

— Até quando Ele quiser, Abel! Venha, vamos olhar estas ruínas e o reino que há por aqui. Talvez isto nos ajude a compreender um pouco mais a natureza deste mundo cristalino.

O guardião do lugar os convidou:

— Acompanhem-me que lhes mostrarei tudo o que há para ser visto e estudado sobre os cristais.

Foram conduzidos por inúmeras câmaras coalhadas de espíritos. Eram escuras e assustadoras. Quando chegaram a uma em especial, foram barrados na porta pelo guardião.

— Aqui ninguém entra.

— Por que não? — perguntou Saied.

— Aqui é onde estão guardadas as espadas que pertenceram aos guardiões deste templo no passado remoto.

— Então a minha está aí. Preciso vê-la.

— Isto é proibido a todos, guardião.

— Você as vê?

— Sim.

— Então, porque eu não posso vê-las?

— Você não é o guardião deste lugar atualmente.

— Mas já fui num passado muito remoto e até sei qual delas é a minha.

— Isto foi o que disseram os guardiões que tentaram apanhar as suas guardadas aí.

— Não as apanharam?

— Não só não o conseguiram, como sofreram a descarga de energias nelas contidas e ficaram paralisados e feridos quando as tocaram.

— Pois eu vou apanhar a minha, guardião!

— Não posso permitir que mais um venha a praticar sua autodestruição só por causa de sua espada simbólica encantada.

— Isto não acontecerá comigo, guardião!

— Você sabe o que está me pedindo para deixá-lo fazer?

— Sim. Permitir que eu pegue o que a mim pertence.

— Não. O que você quer é praticar o suicídio de seu espírito.

— Já pratiquei o da carne, portanto, que importa se Deus me castigar e tirar-me a liberdade do espírito?

— Venha comigo e verá a quantidade de guardiões que já praticaram o suicídio do espírito.

Eles acompanharam o guardião até uma porta que dava acesso a um enorme pavilhão. Nele, estavam deitados dezenas de espíritos paralisados e feridos.

Saied olhou-os bem e falou ao guardião:

— Se eu os curar e libertá-los da paralisia, permitirá que eu apanhe minha espada?

— Sim, mas caso você venha a ser castigado, não me culpe, pois sou contra isto.

— Eu sou responsável por meus atos. Além do mais, o

que me impedirá de apanhar a espada que me espera há tantos milênios?

— Como irá libertar estes guardiões dos seus sofrimentos?

— Com meu sabre dourado. Ele tem tanto poder quanto uma espada simbólica, e ficou guardado para mim por cinco mil anos.

— Prove que ele tem o mesmo poder que uma espada simbólica, guardião.

E Saied provou ao encostá-lo no primeiro espírito deitado num leito feito de cristal. Uma poderosa corrente energética saiu dele e foi toda absorvida pelo sabre dourado. Então o espírito deu um grito horrível. Depois Saied passou o sabre sobre seus ferimentos e curou o seu corpo espiritual. Foi com alegria que viu o espírito levantar-se e abraçá-lo comovido.

Em seguida, foi fazendo o mesmo com todos os outros. As reações eram muito parecidas quando se libertavam da paralisia e tinham refeitos seus corpos espirituais.

Havia agora uns trinta espíritos no pavilhão, e todos ficaram se conhecendo pelos nomes carnais e iniciáticos. Saied virou-se para o guardião do lugar e perguntou-lhe:

— Posso apanhar minha espada agora, guardião?

— Para que arriscar-se ao perigo, se tem um sabre quase tão poderoso quanto uma espada simbólica encantada?

— Ela me pertence, não?

— Sim.

— Então vamos até aquela sala pois quero tocá-la novamente após milênios incontáveis.

Todos foram até a sala das armas encantadas. Já no seu interior, Saied exclamou:

— Meu Deus! Quantas armas que ainda aguardam os seus legítimos donos!

— Muitos desistiram de apanhá-las quando viram o que havia acontecido a estes guardiões, agora libertos e curados. Qual delas é a sua guardião.

Saied olhou a imensa quantidade de espadas e apontou uma envolta numa capa azul.

— Aquela é a minha. Eu a reconheceria ainda que houvesse milhares parecidas com ela.

— Como sabe que é a sua?

— Eu me vi empunhando-a enquanto mergulhava do profundo abismo. Vou apanhá-la!

Abel tentou dissuadi-lo.

— Não tente agora Saied! Preciso de sua ajuda para libertar minha família.

— Eu não ficarei paralisado, Abel! Confie em mim, eu conheço minha espada simbólica encantada e a quero agora!

De nada adiantou todos tentarem dissuadi-lo. Saied avançou a espada e tomou-a nas mãos. Levantou-a acima da cabeça e num gesto instintivo, consagrou-a novamente a Deus e Sua Justiça. Depois pegou em seu cabo e a desembainhou da sua capa azul. Ela iluminou todo o recinto, e seus símbolos lançaram raios energéticos através da água salina do oceano.

Uma aclamação dos amigos à volta ressoou pelo salão.

Então Saied ofereceu-se para ajudá-los a localizar suas espadas simbólicas encantadas. Ensinou pacientemente como deveriam fazer para localizá-las no passado remoto. Bastava integrar-se à irradiação local e despertar a memória multimilenar arquivada no mental.

Quando o primeiro voltou do transe, levantou-se resoluto e caminhou até uma estante. Estendeu a mão e tomou sua espada simbólica encantada. Fez a mesma consagração a Deus e à Justiça e depois a desembainhou de sua capa vermelha. Os símbolos irradiaram-se pelo recinto através da água salina e todo salão se iluminou.

E todos conseguiram apanhar as suas espadas. Depois todos juraram proteger o lugar e guardar segredo sobre sua existência até que conseguissem libertar da dimensão cristalina todos os espíritos aprisionados nela.

Então Saied olhou para Abel que ficara assistindo tudo encostado num canto e o chamou.

— É sua vez agora, Guardião da Estrela.

— Eu não fui um guardião, Saied!

— Foi sim, meu amigo. Isto foi há tantos milênios que você não se lembra mais, mas eu vou ajudá-lo a encontrar a sua. Sente-se à minha frente, integre-se ao ambiente e retorne numa regressão muito rápida até sua consagração e ao encantamento de sua espada.

— Por que tem que ser rápida?

— Não poderá se deter em nada, já que o seu desejo de libertar sua esposa e filhas é maior que seu desejo de se habilitar para tal tarefa. Lembre-se que não as libertaremos enquanto não nos habilitarmos diante da Justiça e aos olhos de Deus.

— Está certo, Saied. Chega de errar e cometer crimes em vão!

Abel fez o que lhe ordenava o bom senso e recuperou sua espada simbólica encantada. Foi com um sorriso que a elevou acima da cabeça e a consagrou a Deus e à Justiça, desembainhando-a a seguir. O sorriso transformou-se em lágrimas, e foi chorando que acompanhou todos os outros até o Vale da Luz Eterna. Até o guardião do lugar os acompanhou para conhecer o lugar onde Saied iniciara sua missão de libertar das Trevas os espíritos caídos.

Quando todos se foram, Abel abraçou Saied e falou-lhe:

— Obrigado, meu leal amigo. Poderá durar milênios, mas um dia nós não só libertaremos minha esposa e filhas, como todos os espíritos que Deus também quiser ver livre.

— Não duvide disso, Abel, e lembre-se que temos outros

trinta amigos que são guardiões também e estarão conosco nessa tarefa. Os créditos serão conseguidos em todos os lugares e se acumularão para o dia da libertação.

Foram interrompidos com a chegada de Valéria e Tibério.

— Onde foram que demoraram tanto para voltar e quando o fizeram, vinham acompanhados de espíritos vistosos e armados com espadas iguais a estas que vocês têm às mãos?

— É um segredo jurado e não poderemos revelá-lo.

— Nem a mim? — perguntou ela chateada.

— Não é nada do que está pensando, Valéria. Só reencontramos velhos amigos de um tempo imemorial.

— Um dia você me contará, Saied?

— Talvez, Valéria. Talvez! Como vão os nossos amigos daqui do vale?

— Como sempre, chegando mais a cada dia. Isto não pára mais Saied!

— É sinal de que está tudo indo muito bem.

— Como será o futuro dessa gente toda?

— Nossa preocupação e a deles deve ser uma só: o presente, e o resgate dos que ainda não encontraram uma forma de se libertarem dos grilhões que os prendem à ignorância.

— Mas precisam de algo mais palpável em que possam se agarrar.

— O alívio do tormento já não é um bom motivo?

— Para mim sim. Mas temos milhares deles aqui neste vale, Saied!

— Vejo que estão começando a pensar novamente.

— Isto é ruim?

— Não.

— Então?

— Devem ser bem esclarecidos do propósito que nos

move, e que deverás ser o mesmo deles. Jamais prometi o paraíso a ninguém e sim o primeiro degrau do caminho que conduzirá a ele. Um dia Deus em Sua generosidade e justiça, distribuirá a cada um os créditos pelo esforço, abnegação e fé.

— Então enfatize nos seus discursos e orações porque muitos estão começando a fraquejar em suas esperanças e fé.

— Vamos reunir todos os líderes e doutriná-los com tal esclarecimento e firmeza, que sustentarão seus liderados como um comandante que conduz sua tropa com mãos de ferro.

— Mas isto não é um exército, Saied. Não pode conduzi-los como fazia com os soldados que confiavam no seu sabre dourado.

— Eu sei, Valéria. Mas eu tenho enfatizado que Deus é nosso guardião e confia que nos conduzamos com um mínimo de fé e esperança em Sua generosidade.

— Mas temos sob nossa orientação uma infinidade de espíritos que nada têm além disso, nem roupas para cobrir-lhes a nudez ou algo para distraí-los, senão o trabalho no meio das Trevas, ou aqui.

— Eu sei disso, e vamos tentar encontrar uma saída para a ociosidade, que é a causa dos pensamentos negativos que podem conduzir a uma queda de vibração. Vamos reunir todos os líderes e pedir sugestões. Vá convocá-los Valéria, por favor!

Algum tempo depois uma multidão estava reunida à volta de Saied e o diálogo foi iniciado. Conversaram muito a respeito de tudo e só duas alternativas decidiram de comum acordo: reforçariam a doutrina na fé e na esperança em Deus e, além do trabalho incansável, iriam formar grupos de espíritos aptos a alegrarem o ambiente do Vale da Luz Eterna.

E isto foi feito com dedicação por aqueles que, se nada mais tinham na Luz, muito perderiam se caíssem de vibração e retornassem às Trevas.

Muitos revelaram-se ótimos na tarefa de distrair com

alegria os que estavam na ociosidade ou amargura de terem caídos. Grupos formaram corais, um tanto desarticulados, que pouco a pouco iam se harmonizando e criavam melodias agradáveis de se ouvir. Muitas iniciativas foram tomadas no sentido de não deixar a vibração cair.

Quando Saied conseguiu encontrar um meio de tirar os espíritos dementes de suas fixações, criou um grupo e o ensinou e treinou não para ir cuidar deles, sim para ensinar aos outros como despertá-los de um estado altamente depressivo.

Foi com alívio que viu centenas e centenas de espíritos tomarem sob seus cuidados os mais atormentados e lentamente, irem despertando-os de seus estados emocionais desarmonizados. Muitos espíritos nesse estado foram recolhidos e colocados sob os cuidados dos ociosos, dando assim uma tarefa digna para que não tivessem muito tempo de divagar sobre a falta de saída do vale.

O problema para Saied é que só seu sabre conseguia curar as chagas dos corpos espirituais feridos, e isto tomava-lhe quase todo o tempo disponível, restando pouco tempo para pensar em outras iniciativas benéficas para o conjunto.

E de tempo em tempo, a aglomeração aumentava no Vale da Luz Eterna. Já haviam milhares de espíritos alojados nele, e a penumbra expandia-se à medida que aumentava a população no interior dele.

Numa das "noites", Valéria falou-lhe:

— Se podemos ir até as Trevas recolher irmãos, por que não me leva um pouco até a crosta terrestre para que eu possa rever sua beleza que conheci há tantos séculos atrás?

— Quer isso?

— Seria uma alegria imensa se fizesse isso por mim.

— Está certo! Dê-me sua mão e vamos até lá.

Em segundos estavam sobre o solo de um vasto campo aberto.

— Como é lindo aqui, Saied!

— Também acho, Valéria!

— Você nunca mais voltou aqui?

— Não. Só saí do astral uma vez, quando fui com Abel até um lugar no meio do oceano.

— Não me contou sobre isto!

— É segredo, lembra-se?

— Já não é mais.

— Ainda é, pois só sabe que fui ao oceano e nada mais.

— Foi lá que conseguiram suas espadas encantadas?

— Sim.

— O segredo está sendo revelado!

— Qualquer dia desses eu a levo até lá e você conhecerá algo espantoso e assustador.

— Por que não agora?

— Este campo, o luar, as estrelas e tudo o mais, não a alegra?

— Muito!

— Então desfrutemos um pouco deste lugar, pois ele eleva nossas vibrações.

— A quanto se elevam as suas?

— Até o ponto de abraçá-la e senti-la.

— Gosto muito quando fica romântico. É sinal de que vou ficar emocionada e sentir sensações deliciosas percorrendo todo o meu corpo espiritual, adormecendo um pouco o meu mental.

— Acho que vou adormecê-la por completo, se continuar tão insinuante assim.

— O que espera para começar?

— Que pare de falar e sinta as irradiações agradáveis deste lugar e possa sentir minhas amorosas vibrações.

— Já estou sentindo-as e estou gostando.

— Gostará também do que imaginei para esta noite tão agradável que passaremos neste campo.

E realmente passaram uma noite agradável, pois quem disser que espíritos não se amam como os encarnados, não sabe de nada quanto ao mundo espiritual e astral.

Assistiram o nascer do sol na linha do horizonte como dádiva divina, ainda que ninguém observe tal fenômeno que se repete ao fim de certo período. Como tal, ele é uma dádiva aos seres humanos e ao planeta onde vivem.

— É estranho, não Valéria?

— O que é estranho, Saied?

— O homem tem tudo à mão e não sabe desfrutar das maravilhas colocadas à sua disposição por Deus. Observe como o campo fica lindo quando recebe os raios do sol. A vida vem com a luz e podemos senti-la irradiar-se por todos os lugares.

— Nós não soubemos apreciá-la quando passamos por aqui!

— Está certa. Ficávamos perdidos em meio a dores, reclamos e lamentações e nem tínhamos olhos para a verdadeira vida que está à disposição da humanidade!

— O que você mais gostava de fazer quando esteve aqui?

— Está vendo aquela planta ali?

— Sim.

— Pois eu me distraía colhendo suas folhas para preparar poções que curavam doenças na pele das pessoas, ou mesmo em seus organismos.

— Fazia isto? E a guerra, onde entra ela em sua vida?

— Isto foi antes. Eu era um especialista em colher ervas, raízes, sementes e cascas de árvores que pudessem ser usadas como medicamentos pelos doentes. Mesmo quando na longa guerra, eu tinha um grupo de soldados treinados para colhê-las

e prepará-las, pois assim tínhamos medicamentos para os feridos nas lutas ou os que adoeciam nas campanhas.

— Onde aprendeu a conhecê-las?

— Na aldeia onde nasci e vivi até os onze anos de idade. Sabe que idade eu tinha quando mestre Zandor começou a ensinar-me?

— Como posso saber?

— Eu tinha sete anos de idade. Fiquei com ele quatro anos e sinto saudade do único mestre que amei.

— Teve muitos?

— Alguns, mas só a ele eu amei e guardo as melhores recordações. Às vezes, quando fico só, começo a me recordar do seu rosto enrugado, suas longas barbas brancas e sua simpatia imensa. Ela só era igualada por sua paciência e bondade infinita. Se todos os mestres fossem como ele, a terra seria o paraíso que tantos anseiam encontrar.

— Deve ser um espírito muito iluminado, não?

— Tenho certeza que é, e quando morreu foi levado pelos anjos às esferas superiores onde deve estar descansando depois de uma longa existência nesta terra.

— Foi com ele que aprendeu sua doutrina de vida?

— Em parte sim!

— Por que o deixou?

— Como sempre, os homens confundiam as coisas e precisavam de alguém para ser acusado dos seus erros, pecados e castigos. Se não fosse isto, eu jamais teria me coberto de sangue e hoje não sentiria remorsos por ter tirado tantas vidas humanas numa guerra longa e sanguinária. Imagine só! Eu vivendo nos campos, colhendo ervas e auxiliando os enfermos. Como não teria me tornado digno aos olhos de Deus!

— Fico triste com o que teve de realizar e que o marcou tanto, mas se não fosse isto, eu ainda estaria coberta de vermes e sofrendo o meu tormento nas Trevas. Por acaso não tem

curado a tantos e tornado outro tanto em curadores de espíritos enfermos?

— Bem, sim!

— Então?

— Esqueça o que eu disse, pois estou divagando sobre o que não aconteceu.

— Assim é melhor!

— Você tem um jeito todo especial de me trazer de volta à minha realidade.

— Isto é porque o amo muito e não quero vê-lo triste um instante sequer.

— Sabe, um dia eu não conseguia olhar para você sem sentir um intenso desejo.

— Bem, nós já superamos isso, não?

— Sim e é gratificante saber que era apenas indício de uma identificação muito grande que para mim significa ter alguém para amar e dividir existência. É muito mais que uma simples companhia num vale perdido no meio do inferno.

— O que sou para você?

— A esposa amiga e amorosa que não pude ter nesta terra, quando aqui vivi.

— Pois saiba que já o considero como o esposo que não pude ter, e espero nunca ter de separar-me de você.

E como não podia deixar de acontecer, voltaram às carícias.

Zandor e o Divino Mestre

O sol já estava bem alto no firmamento, quando retomaram a caminhada pelo campo. Saied viu muito longe deles, um homem abaixado apanhando algo no meio dos arbustos e convidou Valéria a irem ver o que ele fazia. Quando chegou próximo, falou-lhe:

— Ele deve ser um colhedor de ervas.

— Será?

— Olhe só como examina as folhas. Vamos nos aproximar um pouco mais.

Neste momento o homem virou-se e os saudou:

— Olá amigos!

— É um espírito, Saied! — exclamou Valéria.

— Mais que isto, querida! É mestre Zandor! O meu velho curador!

E Saied o abraçou chorando. A emoção era grande e não conseguia dizer nada a ele.

Olhava os seus olhos, seu rosto enrugado e o acariciava com carinho. Abraçava e beijava o velho curador como nunca havia feito com outra pessoa.

O velho o abraçou contra si e o apertou fortemente. Então falou-lhe:

— Você não me esqueceu nunca, não é mesmo Saied?

— Nunca mesmo, mestre Zandor. Que alegria em revê-lo!

— Também estou feliz em reencontrá-lo, meu melhor filho que nunca tive. Quem é a linda mulher que o acompanha?

Só então Saied a apresentou a ele:

— Valéria, este é o melhor pai que nunca tive! Mestre Zandor, esta é Valéria, a melhor esposa que nunca tive.

— Fico feliz em conhecê-la, Valéria.

— É um prazer imenso conhecer um mestre que Saied ama tanto. Eu o amarei tanto quanto ele, mestre Zandor"

— É muito bonita, mas não está vestida de acordo com sua beleza. Parte do seu corpo fica á mostra e isto não é bom.

— Não tenho roupa alguma mestre. Só tenho a capa de Saied para cobrir-me!

— Então devolva-a para ele que vou vesti-la de acordo com sua vibração e beleza.

Ela tirou a capa um tanto constrangida por ficar nua diante de um mestre, mas ele falou-lhe:

— Esta capa não a cobria dos meus olhos, minha filha. Só quero ocultá-la dos espíritos impuros.

— Eu sou um espírito impuro mestre! — lamentou-se ela.

— Não creio nisso, tem uma aura luminosa à sua volta e isto não é normal num espírito impuro.

— É bondade sua, mestre Zandor. Saied resgatou-me do limbo há poucos meses, ou anos, pois não sabemos ao certo como contar o tempo.

— Pois eu lhe digo que conheço um espírito impuro assim que o vejo, e não é um deles. Portanto, vamos vesti-la de acordo com seus sentimentos.

E mestre Zandor colocou sua mão direita sobre o ombro de Valéria e como por encanto, uma linda veste se plasmou sobre seu corpo.

— Mestre, que lindo! É o vestido que eu usava quando jovem e gostava muito de usá-lo. Mal eu o tirava do corpo e já o lavava para vesti-lo novamente.

— Eu sei, minha filha!

— Como poderia saber, se nunca me viu com ele?

— Você se viu com ele, e isto é o que importa.

— Mestre, precisa ir ao nosso vale para conhecê-lo e vestir milhares de espíritos que não têm com que se cobrirem.

— Isto os incomoda, Saied?

— Sim, pois todos provêm de culturas que tinham o costume de usar vestes para cobrirem suas partes íntimas.

— Mas o fato de se verem nus, os tem levado à degeneração moral?

— Não, por enquanto não. Mas pode acontecer com eles o mesmo que comigo.

— O que houve com você?

— Bem. Eu a via nua e me sentia atraído por um desejo muito forte. E isto foi de imediato.

— Compreendo. Mas lá existem muitas mulheres nuas como ela estava?

— Sim, senhor.

— Sente desejo por elas também?

— Não, senhor.

— Então está explicado. É uma atração que transcende à forma física e atinge a sensibilidade e o emocional. Logo, esta atração se transformará em algo muito nobre e dignificante para a espécie humana.

— Se quer dizer que se transformará em amor, isto já aconteceu mestre Zandor.

— Melhor assim para você, Saied. Mas e quanto a ela?

— Quanto a mim, mestre? Não pode ver meus sentimentos?

— Mais ou menos Valéria.

— Então?

— Então que Deus abençoe esta união espiritual e que ela seja motivo de alegria para os dois e jubilo para Deus, que ama os que se amam de forma dignificante. Deus só condena o amor que degenera em paixão obsessiva ou desejo incontrolável.

Então Saied falou a Valéria.

— Não lhe disse que mestre Zandor foi o único que amei, amo e amarei? Ele sabe dizer as coisas de acordo com a natureza divina de cada sentimento.

— Vocês estão com pressa?

— Não senhor! — exclamaram os dois.

— Então, acompanhem-me que vou mostrar-lhes algo que, acredito eu, será muito útil aos seus amigos e irmãos de todos nós.

Eles volatizaram-se. Em segundos estavam numa região totalmente diferente da anterior.

— Que lugar é este, mestre? — perguntou Saied.

— Um outro continente Saied. Observem estes povos totalmente nus e digam-me se encontram em seus mentais os tabus de nossas últimas encarnações, ou os desejos pervertidos e corruptores dos sentimentos humanos.

Eles olharam por um longo tempo o modo dos habitantes do lugar e ouviram seus pensamentos.

— Não há nada condenável neles, mestre. — falou Saied.

— Se em Roma fosse assim, eu não teria sofrido tantas humilhações e tão pouco caído até o mais profundo dos infernos.

— É isto meus filhos! Venham mais vezes observar estes irmãos na carne e também suas colônias espirituais no astral. Verão que o desejo é só um dos muitos estímulos para a alegria da vida. Outros tão importantes, ou até mais, eles sabem como cultivar. Mas há outros povos que podem ser observados e que podem nos fornecer as mais sábias lições. Tragam os mais propensos à degeneração e faça-os compreenderem que a

existência de um espírito não se resume só ao desejo e prazer corpóreo ou carnal, como é comumente chamado, e que nada mais é que um simples, mas aflitivo desequilíbrio emocional.

Não sentiram alegria em me ver, assim como feliz fiquei eu vê-los?

— Sim senhor. — respondeu Saied.

— É isto! O prazer e a alegria podem ser encontrados em todos os nossos mais nobres sentimentos. A cada um que cultivarmos, um vício estaremos eliminando de nosso mental inferior e nos purificando para posterior elevação de nossa faixa vibratória. É através da eliminação dos vícios e sublimação das virtudes que nos habilitamos à elevação às esferas superiores.

— Eu farei isto com algumas mulheres que andam sentindo estas coisas com muito intensidade. — falou Valéria.

— Façam isto com todos, e verão que uniões espirituais serão só mais uma das muitas alegrias da vida à disposição dos que recomeçam suas caminhadas na senda da Luz.

— Mestre Zandor, só o senhor sabe como elucidar tão sabiamente as coisas da vida! — exclamou Saied. —Gostaria de conhecer o nosso Vale da Luz Eterna?

— Irei com prazer, mas não poderei me demorar muito.

— Por que não?

— Não viram que eu colhia ervas?

— Eu só o vi examinando-as.

— Ia começar a colher a essência delas quando vocês chegaram.

— Como faz isto, mestre?

— Como você conseguiu este sabre e esta espada?

— A espada estava à minha espera há milênios, mas o sabre eu o apanhei do material que eu usava em vida.

— Interessante! Conseguiu tirar mais que um?

— Não! Por que não me foi possível fazer com que mais um saísse como este aqui?

— É que ele tinha uma forma que vibrava no astral e você a tirou, mas ela, como não tinha vibração contínua, era finita e terminou assim que você a apanhou. Ninguém conseguirá retirar do sabre material outra cópia dele. Já com as ervas vivas, esta doação é contínua e não se esgota nunca. Há momentos em que elas quase chegam à exaustão. Então devemos deixá-las se energizarem por uma noite que, no dia seguinte, estarão novamente supercarregadas de essências curativas, balsamizantes regeneradoras e até agradáveis de serem sorvidas por nós.

— Como assim, mestre Zandor?

— É simples, Saied. As plantas têm uma qualidade divina que as torna eternas doadoras de energias ao nosso abençoado planeta. Observem como faço com a essência vital e energética desse planta e depois tentem colhê-la também.

E mestre Zandor pacientemente ensinou como se retirava a essência vital e energética das plantas.

Com algumas dificuldades a princípio, tanto Saied quanto Valéria também conseguiram retirá-las. Ele os fez praticarem várias vezes, até que o fizeram com perfeição.

— Como usá-las, se logo evaporam, mestre? — perguntou Saied.

— Onde você acondicionava as suas ervas, raízes e tudo o mais?

— Em bolsas, sacos, vasilhas ou frascos fechados. Tudo dependia da essência que elas continham.

— Então?

— Como acondicioná-las ou guardá-las, se não temos nada disso no nosso vale? Lá não há mais nada além de pedras!

— Vamos ver se ainda há uma forma astral em algum utensílio desta aldeia.

Eles foram até perto de um pote de cerâmica e mestre Zandor assim que o olhou disse:

— Estão vendo esta coloração escura á volta dele?

— Sim senhor! — responderam os dois.

— Pois observem como faço e depois retiro dele uma cópia igual.

Mestre Zandor irradiou um pouco sobre o pote e depois puxou uma cópia astral perfeita e mais sutil que o original.

— Incrível! Isto é maravilhoso mestre!

— Tente tirar uma cópia você também Saied. Mas vá a um outro porque este não dará outra cópia já que o material com que foi feito perdeu sua energia astralina e não mais é possível moldá-la com nossa irradiação e tirá-la igual à cópia material.

Tanto Saied quanto Valéria conseguiram retirar as cópias que escolheram.

— Então já temos onde acondicionar nossas essências, não?

— Como conservá-las?

— Mais simples ainda. Venham que vou mostrar-lhes.

E mestre Zandor colheu as essências de uma erva e a conduziu ao interior do pote. Quando ele ficou cheio, passou a mão por sobre sua abertura e o cobriu com uma fina camada de irradiação luminosa.

— Agora façam o mesmo vocês dois! Mas não se esqueçam que esta planta está esgotada e devem colher de outra, senão a esgotarão por completo e então ela poderá vir a perecer em poucos dias.

— Sim, senhor.

E eles escolheram uma erva de aroma delicioso e recolheram sua essência perfumada. Quando encheram seus potes, os vedaram com a irradiação como mestre Zandor havia ensinado.

— Êxito total, mestre! — exclamou Saied. — Isto é maravilhoso e muito irá nos ajudar no tratamento dos enfermos.

— Então vamos saborear algumas essências de doces e deliciosas frutas?

— Como é possível isto?

— O que você é agora?

— A forma etérea que possuía quando vivia na face da terra como homem.

— Então é uma cópia sensível pois está vivo, não?

— Sim. Posso sentir tudo o que sentia no corpo.

— Mas pode atravessar tudo o que é material, não?

— Sim, mas com as coisas espirituais preciso tomar cuidado, tal como com o fio do sabre que pode me cortar ou este pote que se esfacelará se cair ao solo.

— O pote não se esfacelará se deixá-lo cair.

— Por que não?

— Ele é energético e não material. Só uma energia muito forte dissipará a energia que o formou, ou absorverá toda ela de uma só vez. Devo ter alguns livros sobre isto em minha morada num lugar muito aprazível. Saboreemos alguns frutos e depois iremos até lá, pois eu lhes presentearei com eles.

— Mas...

— Já os li e reli dezenas de vezes e sei tudo o que eles ensinam, portanto talvez sejam de grande utilidade para vocês que são responsáveis por um vale que abriga algumas dezenas de milhares de irmãos que só têm fé e esperança na generosidade do Criador e um vale de luz eterna para se abrigarem e se auxiliarem mutuamente.

— O senhor sabe de tudo sobre nós, não é mesmo?

— Como eu sabia do vestido que mais agradava Valéria?

— Tem razão, mas eu creio que foi ele quem o enviou até nós, mestre Zandor!

— Ele quem, Saied?

— O senhor sabe quem é Ele, não?

— Sim, eu o conheço e o amo muito.

— Eu só o vi uma vez, no Vale, e também o amei muito e continuo à espera do seu retorno.

— Às vezes Ele não volta por muitos e muitos séculos, já que tem o mundo todo para olhar.

— Então Ele manda os seus servidores das esferas superiores, não?

— Isto mesmo, meu filho!

Saied então começou a chorar. A princípio de tristeza, que logo se transformou em desespero. Um pranto convulsivo agitava todo o seu ser imortal, e pouco a pouco foi cobrindo-se de sangue como já havia acontecido anteriormente. Quando se viu todo manchado, volatizou-se e desapareceu no espaço sem deixar vestígios.

Valéria entrou em pânico, mas mestre Zandor a segurou e a puxou contra seu peito falando-lhe:

— Acalme-se, está tudo bem minha filha. Não vai querer que sua luz tão linda se apague e um manto negro a cubra, não é mesmo?

— Eu me preocupo com ele mestre Zandor!

— Eu sei e também me preocupo, ele não só foi o filho que nunca tive na minha última encarnação, como foi também o filho que tive numa encarnação há séculos atrás e que muito me honrou como pai.

— Mas o senhor viu o que aconteceu com ele há pouco!

— Eu sei de tudo minha filha. Mas alguém irá consolá-lo assim que deixar o desespero e lhe restar apenas a tristeza.

— Quem fará isto por ele?

— O Consolador fará isto! Agora vamos saborear algumas frutas?

— O senhor tem um auto controle maravilhoso, pai que nunca tive em minhas muitas existências.

— Será que já não me teve como pai há uns três mil anos atrás, Valéria?

— Não consigo voltar ao passado mais afastado.

— Então eu a ensino, pois Saied sabe que já foi meu filho e você também o foi na mesma encarnação.

— Se isto é verdade, e acredito no senhor, então porque ele não me contou isto?

— Talvez esperasse uma melhor oportunidade, ou quis deixar esta alegria para mim.

— Talvez, não?

— Sim, talvez. Vou colocar a destra sobre seu mental e num relance irá vivenciar tudo daquela tão venturosa e tão triste encarnação. Espero que não faça como ele e fuja de mim também.

— Não farei isso depois de reencontrar o que tanto procuro.

— Então feche os olhos que irá despertar sua memória ancestral num instante.

E mestre Zandor fez com que a memória de Valéria despertasse num piscar de olhos. Quando ele tirou sua mão do mental dela, ela o abraçou e chorou muito. Mestre Zandor a envolveu nos braços e chorou junto com a filha de milênios atrás.

Quando ambos se acalmaram, ela exclamou entre soluços:

— Por que tem que ser assim, meu amado pai?

— "Ele" assim quer ou deixa que seja, minha querida filha. Ele, e só Ele, sabe o porque. Portanto, conformemo-nos e vamos até onde Saied está.

— O senhor sabe onde ele está agora?

— Sim. Mas antes recolhamos alguns frutos e os potes com as essências. Se as retiramos da fonte generosa que são as plantas, então devemos usá-las, não?

— Sim, senhor.

— Você está mais iluminada que quando a reencontrei, minha filha.

— Deve ser reflexo de sua luz, meu pai. Quase não estou conseguindo ver suas formas, de tanta luz que irradia.

— Não é isso, é que sua luz brota do seu amoroso coração. Vamos?

— Leve-me papai. Finalmente tenho um ser adorável a quem posso chamar com orgulho e alegria de "pai." Meu pai, que já tive num passado longínquo mas que me ama até hoje. Não sabe como estou feliz!

— Eu sei sim. Sua alegria ela é contagiante e até me eleva um pouco mais. Vamos dividi-la com Saied, que nos espera num rochedo perdido no meio do oceano imenso.

Ele a conduziu e no instante seguinte estavam às costas de Saied que, recostado nas rochas, soluçava tristemente. Ela ia falar com ele, mas foi impedida pelo mestre que lhe apontou uma luz imensa que aproximava lentamente e pairou em cima de um rochedo. Um ser luminoso aproximou-se deles e falou a Saied:

— Por que o encontro chorando novamente?

— Sinto vergonha de minhas ações praticadas quando vivi no corpo carnal. Não imagina como sinto vontade de aniquilar o meu mental só para deixar de existir e me envergonhar do que fiz.

— Por que tanto remorso, se quando as fazia não sentia pena dos adversários à sua frente?

— Era uma questão de vencer ou falhar e perecer.

— Então por que não preferiu perecer, a ter que tirar a vida de um semelhante?

— Eu havia sido induzido ao caminho sangrento e não tinha mais como retroceder.

— Mas foi você mesmo quem iniciou o seu caminho sangrento. Ou já se esqueceu de como degolou de um só golpe o homem que punia todo um povo?

— Mas por que puni-lo se podia reeducá-lo? Não estava errando também?

— Sim, mas não se conserta um erro com outro erro.

— Qual teria sido a alternativa? Esperar que outro viesse a fazê-lo em meu lugar, ou então que a velhice o tirasse da face da terra depois de pôr a perder milhares de almas que precisavam aprender?

— Acha que fez o correto naquele momento?

— Sim, e disso não tenho remorso. Se o bem é compensado com outro bem e o mal com um mal maior, então ele foi pouco punido na terra e terá que purgar o resto nas trevas mais escuras.

— Então do que sente remorsos, se diz que devia matar para não morrer nas batalhas e que ao seu ver, fez o mais correto quando derramou o sangue de um semelhante pela primeira vez?

— Do destino que a mim foi reservado.

— Você não dizia que "você" era o seu destino?

— Sim.

— Então você o viveu com intensidade quando se afastou de suas ervas. Por que não se ateve apenas em curar os enfermos?

— Como, se os monges agiam contra esta minha qualidade e me induziam e pressionavam para a trilha sangrenta?

— Então, renunciou ao seu livre arbítrio quando fez o que outros desejavam.

— Mas fui entregue à sanha libertadora deles sem outra

alternativa. Ou era isto, ou o terror cresceria novamente onde eu semeara a paz.

— Mas neste tempo você já havia se coberto de sangue, pois não se conteve no reino conquistado.

— Isto aconteceu porque queriam invadir o meu reino e trazer a miséria e a dor novamente.

— Então a melhor e mais fácil alternativa foi cobrir-se de mais sangue, não?

— Ou era isto, ou o sonho se desfaria.

— Optou pelo que pedia sua natureza mais íntima, não?

— Sim.

— Então, por que o remorso?

— Pelo caminho tomado no meu nascimento e só findado quando me suicidei. Não era ele que eu queria.

— Restou-lhe outro?

— Não. Por mais que eu procure, encontro. É por tudo isto que eu choro minha dor. Eu sei que não sou um ser ruim ou perverso, mas não posso olhar para o alto e pedir paz, pois minha vergonha é maior que meu desejo de paz. Tudo me foi negado na carne. Quando eu desejava aprender para curar, diziam que o sangue era minha sina e meu carma se cumpriria. Por que não me deixaram viver como eu queria? Se assim tivesse sido, hoje eu não sentiria vergonha de mim mesmo e poderia estar ao lado dos que me compreendem e gostam de mim.

— Quer que eu o leve para junto deles?

— Não seria certo você fazer isto por mim.

— Por que não, se eu também sei que você não é mau?

— Eu ainda sentiria vergonha por estar lá só por sua benevolência e generosidade para comigo.

— Mas você sabe que todo aquele que eu elevo é porque merece, e não porque quer.

— Sabe que eu não duvido do que está me dizendo. Mas como posso ficar em paz ao lado de seres tão pacíficos, se me cubro de sangue toda vez que me altero para pior.

— Mas também se transmuta em luz viva quando se altera para melhor. Eu mesmo vi isso quando você reconduziu para o caminho luminoso aquele que deu início ao morticínio praticado contra os que acreditavam em minhas palavras. Ou você não notou que deixou de ser um corpo e transfigurou numa chama dourada a iluminar as Trevas? Eu vi como saiu do sangue em instantes e atingiu o grau dos instrumentos iluminados que o Pai Eterno tem à sua disposição neste mundo abençoado. É por isto, e nada mais é preciso achar em você, que lhe ofereço um lugar de paz ao meu lado.

— Como poderia ficar passivo ao seu lado, se vejo tudo errado aqui em baixo, e quanto mais eu desço, mais vejo erros a serem reparados? Mais eu vejo e mais quero melhorar.

— Então, por que a vergonha?

— Por que o vazio em meu interior é muito grande e está cheio de sangue. Saiba que eu morria um pouco a cada batalha? Saiba que quando terminava uma batalha e eu olhava o campo coalhado de corpos sem vida, eu chorava, não a morte deles, mas a minha? Sim, eu chorava porque eu morria também e sabia, o que é muito pior do que não saber que se está morrendo.

— Mas exatamente por estar sabendo, foi para o abismo iluminado e não o escuro. Não precisava dele para se recordar que havia errado, e tão pouco o que deveria fazer para se reerguer.

— Mas hoje eu não consigo paz em meu mental porque a vergonha me cobre de sangue. Eu não consigo me limpar dele por mais que tente. Você sabe que ele primeiro verte do meu mental, para só depois disso inundar todo o meu corpo.

— Eu sei disso. Mas também sei que isso só acontece porque odeia o sangue. Talvez tenha se esquecido, mas eu também me cobri de sangue e não me envergonho disso.

— Eu não me esqueci, pois assisti sua morte física quando o adorado Pai o enviou até nós, simples mortais que nunca, mas nunca mesmo, nada fomos, nada somos e nada seremos sem Ele. Eu chorei a sua partida e também morri um pouco naquele dia negro, pois naquele tempo eu também não era ouvido. Acho que nunca serei ouvido!

— Eu o ouço!

— Isto eu sei, mas por que não me ouvem os que precisam ouvir? Até quando terei que me cobrir de sangue para combatê-los? Às vezes caminho no mais tenebroso e aterrador abismo da Morte só por amor a vida. Tenho de matar para que outros que só querem viver, vivam. Até quando terei que me envergonhar do sangue?

— Enquanto ele, o nosso Pai Eterno assim quiser.

— Mas eu posso cair muito mais do que já cai nesses últimos milênios, e então Ele jamais voltará Seus olhos para mim.

— Eu estarei vigiando os seus passos.

— Já encontrei muitos dos que o acompanharam na origem, perdidos no meio das trevas mais profundas. Tal como eu, eles também caíram num abismo profundo.

— Mas o seu ainda está iluminado.

— Só que não me deixa ascender para mais perto de você. Por tudo isso, eu sofro um tormento que às vezes não consigo controlar.

— Eu sei disso, mas confio que irá descer às trevas mais negras, profundas e perigosas só para resgatar os que me acompanharam desde a origem e os recolocará na senda luminosa.

— Você sabe muito bem que não me nego e jamais me furtarei de servi-lo, mas isto me colocará em choque direto com o Príncipe das Trevas.

— Eu sei disso!, mas não foi você quem pediu para ser

libertado da influência dos mestres humanos e que só aceitaria um mestre divino? Agora tem um que lhe pede que faça um trabalho divino só reservado aos que têm a guiá-los, um mestre também divino.

— Mas e se ele se voltar contra mim com todo o seu poder?

— Eu estarei vigiando os seus passos e o ocultarei sob o meu manto luminoso, caso perceba o menor risco em sua caminhada nas Trevas.

— Meu bom e generoso Deus! Então até agora só estava me preparado para o meu profundo abismo?

— Sim. Isto o incomoda?

— Eu tremo diante do risco que correrei de afundar-me para sempre.

— Você sabe que os que caírem em meu auxílio, eu os levantarei. Ou já deixei algum para trás alguma vez?

— Não. Agora mesmo está me ordenando que eu desça para resgatar os que caíram por amá-lo e os que a isto aconteceu, é porque se esqueceram de suas origens.

— Então recolha todo o sangue que o cobre, pois quero que minhas cruzes e minha estrela volte a brilhar em seu peito e sua testa, para que todos saibam que serve a mim hoje como sempre me serviu no passado. Ou já se esqueceu do que reavivei em sua memória imortal?

— Não me esquecerei, pois em todas elas o sangue cobriu a terra e eu estava lá para manchar-me nele.

— Então não tem motivo para o pranto. O seu carma é sanguinário, ainda que viva uma encarnação toda na prece ou contemplação. Se ele não vier junto com você, logo que partir ele se derramará. Sempre foi assim, assim é e assim sempre será. Agora, diante de mim, dê o perdão aos seus mestres humanos pois assim eu lhe ordeno!

— Eu não os odeio!

— Mas não os ama e para mim é a mesma coisa já que fora do amor tudo são trevas.

— Eu peço perdão por ter abrigado tal sentimento em meu coração. Pedirei perdão a eles assim que os encontrar.

— Eu vigiarei seus pensamentos, palavras e atos.

— Eu sei que sim. Peço também que me perdoe por dar-lhe tantas preocupações. Não era minha intenção, mas o meu vazio é muito grande.

— Sabe quantos clamam por mim?

— Milhões, creio eu.

— Sabe a quantos eu me mostro assim, só para consolá-los?

— Não.

— Só a uns poucos porque aos outros meus mensageiros conseguem consolar.

— Mais uma vez peço que me perdoe. Não tive intenção de ser distinguido, o mínimo que fosse, do mais humilde dos seus servidores.

— Eu sei que você não clamou por mim enquanto pranteava o vazio que se instalou em seu ser imortal, mas eu o distingui em meio aos milhões que me seguem através dos milênios incontáveis. Hoje eu o encontro vazio, mas já o tive exuberante e transpirando a vida em seus pensamentos, atos e palavras.

— Se eu não fosse tão humano, muito mais eu teria feito para engrandecê-lo em todas elas.

— Eu o amo justamente por, sendo humano, ser tão dedicado a mim. Se erra, é por amar-me como eu sou e pelo que simbolizo.

— Você sabe também que se erro tanto, é só porque desejaria ver o amor inundar o interior de cada semelhante meu.

— Eu sei disso, e o inundarei tanto de amor, que

embriagará o seu mental e o derramará em tão grande quantidade que inundará a todos os que forem alcançados pelos seus olhos. Ai então irá inundar meu coração de alegria e dos olhos do Pai Eterno refulgirão raios dourados que iluminarão tudo à sua volta.

— Quando isto irá acontecer?

— Quando eu assim quiser. Agora que recolheu o sangue que o cobria, vou deixá-lo com os que o amam como a mim.

— Eu já o tive como protegido, ainda que desta proteção não precisasse. Já estive assistindo sua vinda na carne muitas vezes e o carreguei em meus braços outras tantas. Já o vi voltar ao seu trono celestial outro tanto de vezes. Sempre que os homens se degeneram além do permitido pela generosidade do Pai Eterno, lá está você para reconduzi-lo á senda luminosa do amor e da humildade. Mas sabe também que tanto o amo, que choro quando está distante de mim por meus erros cometidos na carne ou em espírito. Mas também choro quando o vejo partir. Eu o amo tanto, meu Divino Mestre!

— Por que não pede agora o que tanto anseia?

— Eu tenho vergonha dos meus erros. Como posso pedir algo a você, se não faço por merecer este direito?

— Só de saber que o amo já não é motivo suficiente para ousar pedir-me o que tanto deseja?

— Minha vergonha é maior que meu desejo. Mas espero um dia tornar-me digno de poder pedir-lhe que me honre com um abraço seu. Meu Deus! Como eu gostaria de poder ser abraçado por você sem sentir vergonha dos meus erros.

— Eu esperarei este dia, filho do meu amor! Até lá, cultive o amor em seu coração como eu o tenho cultivado no coração de milhões e milhões que também anseiam pelo seu abraço amoroso.

— Eu me esforçarei para que este dia chegue um dia, meu Divino Mestre!

— Então eu o abraçarei mais uma vez sem que tenha de pedir a mim, pois sei que faz o mesmo com os que não têm o direito de pedir-lhe os abraços em meu nome, e que os ame já que só têm ao Pai e a mim para amá-los enquanto caminham pela escuridão.

E Saied foi abraçado pelo seu Mestre Divino e chorou como um recém-nascido nos braços de sua mãe. E o pranto do amor inundou suas faces e correu até seu peito, onde as três cruzes estavam apagadas, tornando-as novamente brilhantes. A estrela voltou a brilhar em sua testa e ainda assim o pranto do amor não cessou. E o Divino Mestre afastou-se dele e o deixou pranteando o amor que nutria. Por amor errava quando tentava pregar a doutrina do Divino Mestre, e por isto não tinha coragem de pedir-lhe um abraço, tendo que ser abraçado por ele.

Pobre Saied! Mais uma vez não havia divisado a tênue linha que divide o bem justo do bem injusto. Mais uma vez havia perdido a oportunidade de praticar o bem bendito e praticara o bem maldito, que é o bem através do sangue.

Muitos confundem-se ao querer praticar o bem as seus semelhantes e só o conseguem através de grandes derramamentos de sangue humano. Ele só não havia caído num abismo escuro porque jamais revoltara-se contra Deus, mas tão somente contra os homens que o conduziram a esta senda. Fora salvo do inferno negro devido à generosidade de Deus e à intercessão do Divino Mestre, que agora o deixava a sós com os que o amavam.

E Saied chorou por um longo tempo até conformar-se com o que lhe pedira o Divino Mestre. Se antes combatera homens ruins, agora iria combater demônios ruins, se é que exista demônio que não seja ruim.

Carma e Destino

Como sempre fizera, levantou-se em dado momento e puxou a sua espada simbólica encantada e a levantou acima da cabeça. Era o sinal de que a consagrava a uma ordem. Depois levantou o sabre dourado e o consagrou à mesma causa.

Depois disso feito, e só depois, orou, orou e orou! Era a aceitação, sem retorno ou arrependimentos. Sabia o risco que enfrentaria, mas confiava mais no Divino Mestre do que temia o poder do Príncipe das Trevas. E iria penetrar em seu domínio absoluto em busca dos iniciados na origem que caíram no meio do caminho. Era um trabalho solitário pois não poderia chamar a atenção sobre ele. E Saied era um ser solitário!

Quando ia partir, mestre Zandor o chamou:

— Por que a pressa Saied?

Ele virou-se e se assustou pois não havia percebido que não estivera sozinho enquanto conversava com o Divino Mestre.

— Há quanto tempo chegaram?

— Isto importa?

— Não. Acho que o viram também, não?

— Como sabe disso?

— Pelo silêncio e o brilho especial em seus olhos. Só ele consegue fazer isto conosco!

— Sim, só ele. Precisa de mais um auxiliar em seu Vale da Luz Eterna?

— Não estava com pressa de voltar à sua morada?

— Acho que estava cansado da monotonia. Além do

mais, conseguirei muitos filhos que nunca tive junto aos que nunca tiveram um pai.

— Eu posso sentir a sua alegria, mestre Zandor. Acho que já sabe que Valéria também já foi a filha amada do nosso amado pai, não?

— Sim, mas quem senão você para trazê-la de volta ao nosso convívio?

— O senhor faria isto melhor do que eu.

— Mas quem, não só a trouxe de volta, como fez com que voltasse a amar o homem e ser amada por ele, ao invés de ignorá-lo ou odiá-lo como assim fizera por quase mil anos? Leva uma vantagem sobre os mestres, Saied! Primeiro conquista para depois ensinar, enquanto os mestres fazem exatamente o contrário.

— No fim é a mesma coisa mestre Zandor!

— Está enganado. O Mestre Divino faz o mesmo em uma escala muito maior e jamais é esquecido, mesmo que os conquistados por ele caíam no mais profundo abismo, não conseguem deixar de amá-lo. Podem sofrer os piores tormentos que, ao verem-no à frente, vertem pelos olhos toda a sua dor e buscam um pouco do seu amor. Isto é divino Saied!

— Vamos conhecer o nosso novo lar, mestre Zandor?

— Espero que seja como o nosso vale. Lembra-se dele Saied?

— Jamais o esqueci. Onde estarão minhas mães, mestre?

— Qualquer dia deste nós as encontraremos por aí, não?

— É mesmo. Para que me preocupar com elas, se devem estar muito bem?

— Será que estarão bem Saied?

— Não sei.

— Então logo ficaremos sabendo! Vamos ao nosso vale encantado?

— O senhor já o conhece, não?

— Só de passagem!

— Eu sei que o senhor o conhece! Para que levam estas frutas?

— Serão meus meios para conquistar rapidamente o coração deles já que não tenho um sabre dourado nem sou tão bonito como Valéria. Preciso de algo tão valioso quanto suas armas, não?

Bem, foi sorrindo que chegaram no árido Vale da Luz Eterna. E foi com grande alegria que Saied apresentou aos líderes o seu amado mestre Zandor. Como o velho mestre tinha muitas outras armas além dos deliciosos frutos, logo conquistou o coração de todos os abrigados no imenso vale. Em pouco tempo o sabre já era pouco usado pois centenas de espíritos aprendiam com ele como colher nos campos e matas as essências curadoras das chagas dos espíritos. O velho mestre os vestia com trajes iguais e em cada veste, um símbolo para distingui-los e protegê-los.

Os milhares de espíritos que quando na carne haviam sido soldados, agora tornavam-se curadores de ferimentos. Mulheres outrora ignorantes das coisas divinas, agora eram abnegadas enfermeiras ou colhedoras de essências. O vale não tinha fim e a cada dia acolhia centenas de novos espíritos oriundos das Trevas.

Muitos haviam adquirido as qualidades do velho mestre e dedicavam-se ao ensino. Outros, as de Saied, e partiam para as Trevas em busca dos que estavam prontos para a colheita. Outros eram como Abel, trabalhavam calados onde fosse mais útil, pois tinham alguém que amavam e que estava caído em algum lugar impenetrável, aguardando o tempo para serem libertados. Outros eram como Tibério, e cuidavam da organização dos grupos que iam se formando.

Mas quanto a Valéria, onde a alegria transbordava, tinha os seus seguidores que transmitiam a todos os belos sentimentos

do espírito e animavam a fé e esperança com belos hinos, contos e outras coisas que só tornava o Vale da Luz Eterna um agradável purgatório.

Quanto a Saied, bem, mergulhava nos mais profundos abismos das Trevas e depois de, ás vezes curtas, outras longas demoras, retornava ao vale acompanhado de uma imensidão de almas caídas. E como prometera ao Divino Mestre, fazia com sua fé, esperança e oratória sábia e inflamada, os iniciados caídos levantarem suas cabeças para o alto, escancararem suas bocas e do íntimo de seus seres imortais, urrarem a Deus clamando pelo Seu perdão.

Tinha algo que poucos possuíam à sua disposição. Tinha o poder de penetrar nos mentais deles e em instantes reativar toda a memória ancestral e multimilenar. Com isto e muita paciência e perspicácia, reconduzia-os à senda luminosa, mas não se atinha só a isto. Levantava todas as suas ligações espirituais na Luz e as reativava, pois só assim teriam motivos suficientemente fortes para resistirem ao vazio que se instalara no interior de cada um.

Para ele, a maior alegria era quando um vinha integrar-se à comunidade ativa do vale e começava a resgatar seus erros e crimes. Um iniciado quando ativo, e isto tanto pode ser na Luz como nas Trevas, multiplica-se por muitos e a sua ação conta-se aos milhares. E isto acontecia a cada dia com mais freqüência.

À medida que cresciam em número os doutrinamentos e os preparados para acolhê-los, curá-los e mostrar-lhes os erros e crimes que os conduziram à queda, aumentava o número dos que eram resgatados.

Dentro do infinito Vale da Luz Eterna e da abençoada penumbra já haviam espíritos que haviam ali chegado todo enfermo e que agora transpiravam luz e alegria por todo o seu ser imortal. Como não havia o ócio, o trabalho agia como multiplicador dessa luz. Ao vale começaram a afluir espíritos

de outras esferas em busca dos seus que haviam caído à beira do caminho na longa jornada de retorno ao seio do Pai Celestial.

Mesmo entre os do fundo do mar, eles conseguiam resgatar muitos para uma nova caminhada, só assim adquiririam créditos junto ao Deus generoso para, num futuro, conseguirem libertá-los.

Saied reconciliara-se com os monges tibetanos e não só pediu perdão como ouviu pedidos de perdão. Ainda haviam algumas pessoas com quem devia se reconciliar, mas não tomava a iniciativa porque uma o preocupava muito. Era Jaina, que havia caído num escuro tormento mental e não conseguia ser auxiliada por ninguém. Em mais uma tentativa, ele aproximou-se dela e falou-lhe:

— Ainda me odeia pela sua queda Jaina?

— Meu ódio é eterno Saied! Um dia eu o matarei também, só assim me vingarei do mal que me causou.

— Eu não causei mal algum a você, Jaina. Já tentei fazê-la compreender isto muitas vezes e não me ouve. Quando irá entender que foi sua falta de amor que a levou a tantos erros?

— Se errei, foi por sua causa. Nada disso teria me acontecido se não tivesse surgido em nossa casa quando eu ainda era uma menina, ou então me recusado quando eu já era uma mulher.

— Mas você sabia que eu não a amava.

— Então, por que me amou naquela noite em que fui ao seu quarto?

— Eu tinha outra alternativa? Você deixou alguma para que eu não a amasse? Se é que aquilo era amor, pois para mim não passou de paixão da sua parte, e desejo por um corpo atraente, da minha.

— Pois foi por amá-lo muito que eu cometi aqueles crimes, Saied! E você é o único culpado. Quem deveria estar apodrecendo aqui é você, e não eu. Um dia você haverá de pagar pelo mal que me fez.

— Cuidado Jaina, o ódio que alimenta por mim será a ganga que a conduzirá a abismos mais tormentosos que este.

— Que me importa isto? Duvido que exista algo pior do que o desprezo.

— Pois eu lhe digo que sua cegueira não está permitindo a você ver toda a extensão dos seus crimes. Os que você matou, um dia virão cobrar de você e neste dia, só neste dia, você vislumbrará o quanto errou quando não controlou suas emoções e seus instintos mais negros.

— Suma-se daqui, Saied! Sinto nojo de vê-lo perto de mim todo inocente de sua culpa.

— Não estou me furtando à minha responsabilidade, mas não posso ser culpado pelas vidas que não tirei. Já me bastam as que fui obrigado a tirar só porque você não me deixou outra alternativa.

— Agora me culpa também pelos outros crimes que cometeu?

— Não, pois são meus e não seus. Que dia negro foi aquele em que seu pai me convenceu a acompanhá-lo até a sua casa. Se não fosse por ele, talvez hoje eu não estivesse aqui, tentando reconduzi-la a um reformatório mental.

— Eu não preciso de um reformatório e sim de uma arma, Saied! Uma arma que o atinja mortalmente e o lance no maior dos seus tormentos. Quero vê-lo agonizado em espírito e aí sim, irei saciar meu ódio!

— Sinto por você Jaina, mas isto Deus não permitirá.

— Quem sabe "o que é todo negro" me permita, Saied!

— Teria coragem de chegar a isto? Não está vendo o abismo que está cavando para você mesma?

— No abismo eu já estou faz muito tempo, o que quero é cavar um mais profundo para você e enterrá-lo nele para todo o sempre.

Saied olhou para Jaina triste e não soube mais o que

dizer. Ficou olhando-a por um longo tempo, e só sentiu aumentar sua tristeza por sempre falhar ao tentar pacificá-la. Então falou para ela:

— Devo ter cometido uma grande falha em não ter compreendido sua natureza íntima Jaina. Este foi o meu erro em relação a você. Ela é possessiva e cruel ao mesmo tempo. O que não pode ter, odeia e o que possui, destrói. Como posso ter falhado tanto?

— Onde você falhou, Saied?

— Em não ter visto a tempo que você era o meu carma sangrento a que se referia o rishi Anaanda. Meu Deus, ele sabia e não me falou porque tentava mudá-lo enquanto ocultava de mim sua filha. Ele sempre dizia que queria livrar sua filha do meu carma sanguinário, mas não me dizia qual era o carma. Não era o sabre dourado ou o reino conquistado às custas do sangue derramado do marajá. E muito menos da longa guerra pela libertação do Tibete. Não! O carma sanguinário a que ele aludia e dizia querer me ajudar a livrar-me dele era você Jaina! — Saied começou a se alterar — Você é o meu maldito carma sanguinário Jaina! É você quem tem me impedido de alcançar as esferas superiores onde eu me livraria dos ciclos reencarnatórios! Você, e só você, tem sido o peso atado ao meu espírito, impedindo que eu me lance num vôo lindo que me conduzirá às mais lindas e elevadas esferas.

A medida que Saied ia falando, mais se revoltava e o sangue do seu carma sanguinário começou a verter.

— Do que está falando, maldito ser desprezível que me desprezou como se eu nada fosse ou significasse! — exclamou ela aos gritos.

— Eu estou penetrando no seu mental, Jaina! Eu estou penetrando em sua memória adormecida e relembrando todas as malditas vezes em que arruinou minha ascensão às esferas mais elevadas. Como eu não tentei isto antes, se faço com todos que resgato das Trevas? Por que com você eu não fiz isto logo

da primeira vez que tentei fazê-la reconhecer que havia errado e devia recomeçar sua caminhada novamente? Meu Deus! Não foram os monges que me cobriram de sangue e muito menos mestre Anaanda. Não! Não foram eles e também não foi o marajá que degolei. Todos tinham um lugar definido na minha maldita existência. Saiba que até ele, o marajá, perdoou-me e além de pedir perdão por eu ter degolado-o, ainda me agradece por tê-lo livrado de continuar cometendo crimes? — Saied falava com ódio — Não Jaina! Você é o meu carma sangrento e cobriu de sangue não só a mim como a todos que viveram com você. Seu pai cobriu-se de sangue ao tentar contê-la, pois a matou. O marajá que ousou apaixonar-se por você cobriu-se de sangue, porque você o matou. O idiota do marajá que aceitou o seu jogo cruel de degolar-me, cobriu-se de sangue. E por último, mas não o último, mestre Anaanda, que evitou que eu a degolasse, cobriu-se de sangue. Sim, cobriu-se com o sangue que você derramou de minha amada Pétalas de Flor da Água. Maldita! Mil vezes maldita! Você lançou-me no inferno por causa de sua maldita paixão e possessão. Como fui idiota e ficar descendo a este lugar imundo tentando elevá-la, se sou obrigado a caminhar no inferno só por sua causa!

Jaina tremia dos pés à cabeça com o ódio que Saied destilava em suas palavras acusatórias. Estava todo coberto de sangue, muito mais que das outras vezes pois agora estava cego e enfurecido.

— Do que me acusa? — gritou ela desesperada — Não sou culpada de nada!

— Está vendo como estou coberto de sangue, Jaina? É tudo culpa sua. Você, e só você, me cobriu de sangue pois é você o meu carma sanguinário.

— Eu não sou culpada de nada.

— É sim! Eu estou vendo sua memória ancestral e já tem me perseguido por milhares e milhares de anos. Sempre é você a culpada de minhas quedas. Por que mestre Anaanda

impediu-me de degolá-la naquele dia? Será que ele não sabia que iria se cobrir de sangue também por livrá-la da morte merecida? Sim, é isto! Vou terminar aqui com o meu maldito carma sangrento Jaina. Sim, hoje, e só hoje, finalmente acabo com o meu carma sangrento.

Jaina já chorando com a visão de Saied vertendo sangue do seu corpo espiritual, ainda argumentou:

— Não voltará mais a me visitar, Saied?

— Eu, voltar a visitá-la, Jaina? Está zombando de mim mais uma vez como quando o fazia em sua casa? É isto que está fazendo agora, maldita?

— Não! — gritou ela desesperada — Não é nada disso! Você está furioso e todo coberto de sangue. Estou assustada!

— Por que se assusta com o sangue que derramou sobre minha cabeça e que se espalhou por todo o meu corpo?

— É horrível vê-lo assim. — falou ela chorando e assustada.

— E quanto aos infelizes que você matou? O sangue deles não a assustou? Não? Mas causou-lhe prazer, não?

— Não é verdade! Eu sinto remorsos por ter tirado tantas vidas só por sua causa.

— Por minha causa? Diz por minha causa, ser maligno? A sua maldita paixão me cobriu de sangue da cabeça aos pés. E isto vem acontecendo há milênios Jaina!

— Não tenho culpa pelo que fiz no passado Saied! Por favor, não me acuse do que não tenho lembranças.

— Mas eu tenho, Jaina! Não disse que gostaria de ter uma arma que pudesse me destruir para sempre como espírito?

— Sinto ter dito tal coisa. Eu nunca teria coragem de fazer-lhe mal algum.

— Não? Como não, se vem me perseguindo há milênios incontáveis!

— Eu fiz o que fiz porque o amava, e ainda o amo muito Saied! — exclamou aos prantos Jaina.

— Amor? Esta palavra nada significa para você Jaina! O que cultiva é uma maldita, obsessiva e possessiva paixão.

— Eu o amo e nada mais. Este é o meu castigo! — lamentou-se ela.

— Eu vi em seus olhos o ódio Jaina. Há pouco queria uma arma, não queria?

— Eu não sabia o que dizia, Saied!

— Foi clara ao dizê-lo, Jaina! Pois aqui estão duas armas. Qualquer uma delas é mortal para um espírito que for atingido pelos seus fios cortantes. Conhece-as, Jaina!

— Não.

— Pois aí estão elas. Escolha qualquer uma e destrua-me de uma vez por todas, já que é isto que vem tentando a tantos milênios.

— Isto não é verdade Saied. Eu só quero ser amada e nada mais.

Saied enfiou as duas espadas no solo à frente dela e falou-lhe:

— Escolha uma e sacie o seu desejo maldito de destruir-me Jaina. Vamos logo! — gritou ele.

— Você está louco, Saied! Acalme-se, está me assustando.

— Sim eu estou louco e vou completar meu carma sangrento aqui e agora Jaina!

— O que vai fazer?

— Ou você apanha uma dessas armas e me elimina imediatamente ou eu a eliminarei para todo o sempre. Desta vez não vou golpear um pescoço e sim o seu mental. Vou abalá-lo de tal forma, que nunca mais terá noção de nada. Maldito carma sangrento do qual não consigo me livrar! Terminará agora pelas suas mãos ou pelas minhas.

Jaina lançou-se contra Saied e o abraçou chorando.

— Esqueça-se de tudo que falei contra você Saied! Perdoe-me por ter feito tanto mal a você ou a qualquer pessoa. Ajude-me a sair deste abismo e lhe provarei que estou verdadeiramente arrependida. Mas não me odeie, por favor, não faça isto comigo.

Saied a empurrou e arrancou a longa espada encantada do solo e disse:

— Um só golpe com esta espada e será reduzida ao nada por toda a eternidade, Jaina. Mas não vou usá-la pois pior que usar uma espada simbólica encantada, é usá-la mal e com alguém tão desprezível como você. Não! Não vou manchar esta espada tão valiosa para mim. Não! Vou acabar com você agora e usarei o sabre dourado. Receberá um golpe tão forte quanto certeiro e não sentirá nada. Prepare-se, pois vou fazer agora o que deveria ter feito há muito tempo atrás.

— Pare Saied ! Você está louco e não sabe o que fala ou está pensando em fazer.

— Cale-se Jaina e desapareça para sempre de minha maldita existência.

Saied levantou o sabre e gritou com todas as suas forças:

— Morra mais uma vez, maldito carma sangrento.

Não! — gritou Jaina apavorada com o fio suspenso no ar e que iniciava sua descida mortal.

Mas um braço forte mais uma vez o impediu de ceifar o pescoço de Jaina.

— Solte-me! — gritou Saied — Afaste-se de perto de mim.

— Pare Saied. Eu lhe ordeno que solte este sabre imediatamente!

— Afaste-se mestre Anaanda! Uma vez me impediu, mas duas não conseguirá.

— Pare, você está louco e cego pelo ódio.

— Eu nunca estive tão lúcido como agora, mestre! Solte o meu braço armado para que eu acabe com ela.

— É o seu carma sanguinário, Saied! Agora que descobriu como ele é, domine-o.

— Solte-me e verá como termina um carma sanguinário mestre Anaanda. Solte-me, senão terei que puxar a espada e então será pior. Se eu puxá-lo de sua bainha, não precisarei elevá-lo para acabar com ela pois o meu ódio imantará de tal forma sua lâmina encantada, que ela virá de encontro ao fio cortante dela.

— Isto é um absurdo, Saied! Olhe-se e verá que é agora o seu carma por inteiro. Não o aumente mais ainda.

— Ele terminará em instantes mestre. Já que não solta o meu braço armado, vou usar o que está livre e acabar com ela.

Jaina agarrou-se a ele e segurou seu braço. Ele falou-lhe entre dentes:

— Afaste-se de mim ser desprezível e condenado ao nada eterno. Afaste-se e tenha ao menos agora um pouco de dignidade.

— Olhe nos meus olhos, Saied. Teria coragem de me matar olhando nos meus olhos?

Saied a olhou diretamente nos olhos e falou-lhe:

— Seu amor não é nada se comparado ao ódio que estou sentindo Jaina. Meu ódio vem se acumulando por milênios. Eu o contive este tempo todo, mas agora que encontro com a causadora dele e que estou com pleno domínio de todo o meu passado e podendo terminar com tudo, não deixarei para outra oportunidade.

Saied moveu-se rápido e livrou-se dos dois que o seguravam. Então voltou-se para Jaina e tornou a levantar o sabre dourado.

Mas alguém interpôs-se entre ele e Jaina.

— Você!!!

— Sim, eu mesma Saied. Vamos, continue o que iniciou!

— Saia da frente Pétalas! Ela é a culpada pela sua morte.

— Eu sei disso, foi ao meu corpo carnal que ela atingiu e não ao seu.

— Mas ela me cobriu de sangue da cabeça aos pés. Quero vingar-me.

— Ainda bem que meu pai não deixou casar-me com você Saied! É o maior assassino sanguinário que já vi ou verei em toda a minha existência.

— Não sabe o que está dizendo. Essa mulher é uma maldita assassina e deve pagar pelos seus crimes.

— Você não é Deus para acabar com ela.

— Isto eu nunca fui, não sou e jamais serei e nem penso nisso, mas que posso acabar com ela isto eu sei que posso!

— Eu vou levá-la comigo e você não vai mais ameaçá-la.

— Não faça isto por ela você já sentiu uma vez na carne o quanto ela é má e agora irá sentir no espírito o quanto é ferina.

— Eu assumo o risco, Saied! Saia já de nossa frente ser imundo e horripilante. Não está vendo que assusta até os demônios mais cruéis do inferno? Será que não vê que até eles tremem diante do sanguinário dono do sabre dourado?

Saied levantou o sabre com ódio incontido e o abaixou com toda força, enterrando-o até o cabo no solo negro.

Mestre Anaanda tomou as mãos das duas mulheres que estavam muito assustada e as levou para uma esfera luminosa.

Quanto a Saied? Bem, foi direto ao rochedo e sentou-se nele. Seus olhos nada viam além do vazio no horizonte. Assim ficou por muito tempo. Mesmo quando ouviu a voz de mestre Zandor que se sentara ao seu lado, não o desviou do horizonte.

— Por que perdeu o autocontrole, Saied?

— Eu tinha que acabar com ela mestre Zandor. Ela é a culpada de todo o meu tormento e vergonha.

— Não estará confundindo?

— Não, senhor. Eu sei agora que devia tê-la degolado no corpo carnal. Pena que eu tenha descoberto muito tarde e não pude concluir minha tarefa. Mas um dia eu acabo com ela.

— Esqueça a vingança. É tempo de refazer-se de mais uma queda violenta.

— Não foi queda, mestre Zandor!

— O que foi então que o deixou coberto de sangue sem conseguir retornar à sua vibração luminosa?

— Foi uma regressão mental e eu me fixei nela para minha própria proteção.

— Não vejo como isto o protegerá de algo, se nada o ameaça.

— Alguém vigia meus passos, atos e palavras há muito tempo.

— Refere-se ao Mestre Divino?

— Não, se bem que ele também faz isto.

— Então, quem o vigia?

— O que reina nas Trevas. Ela é a chave que possibilita a ele entrar em minha vida. Isto tem acontecido com mais freqüência que possa imaginar e quando ela entra, tudo o que eu construí se desfaz como que por um encanto.

— É o seu carma, Saied! Você não se livrará dele. O que deve fazer é tentar dominá-lo e torná-lo inofensivo a você.

— Um carma nunca é dominado, mestre Zandor. Ele, em verdade, nos domina e subjuga à sua vontade. Ainda que lutemos contra ele, sempre seremos derrotados, pois é o peso que nos retém ligados à crosta terrestre.

— Mais um motivo para combatê-lo com as armas mais poderosas que possuímos. Use das virtudes e o anulará para sempre.

— Contra um carma não adianta usarmos os nobres sentimentos do espírito humano. Ou nós nos rendemos a ele, ou nos destruímos após destruí-lo.

— Isto teria acontecido a você, se a tivesse tocado com o sabre ou sua espada.

— Aconteceu mestre. Simplesmente aconteceu, ainda que mestre Anaanda tenha me impedido mais uma vez de consumar o que meu mental tem me impelido a fazer há milênios.

— Ainda não aconteceu, ela não foi destruída.

— Será só uma questão de tempo porque estou atuando mentalmente contra ela. Em pouco tempo eu a levarei à loucura, e então ela virá até mim ainda que tentem retê-la. Então neste dia eu a destruirei para sempre.

— Você estará se jogando por inteiro nos braços do ser das Trevas. Isto é suicídio Saied!

— Não é o que ele quer? Eu irei ao encontro dele e cessará toda a luta ancestral.

— Mas qual o mérito em fazer isto?

— Criarei o mais poderoso domínio nas Trevas, que abalará até seu poder maligno. Com o passar dos milênios, eu me igualarei a ele e então o destruirei.

— Você sabe que está alimentando uma ilusão, pois se o que faz na Luz só aumenta o poder do Mestre Divino, o que vier a fazer nas Trevas só aumentará o dele.

— Isto é relativo, mestre Zandor! Quantos espíritos caídos imagina que eu resgatei nestas décadas de serviço incessante prestado à Luz?

— Dezenas de milhares, Saied.

— Não se conta às dezenas e sim centenas, mestre!

— Isto é certo. Mas onde quer chegar com esta linha tão confusa de raciocínio?

— É tão simples que muito me admira não ter percebido o meu objetivo final.

— Eu acho que está enganado, mas em todo caso, conclua-o, ainda não cheguei a conclusão alguma.

— Vou dominar todos os que vagam pelas Trevas de tal forma que o poder dele só chegará a eles através de mim. Então ele precisará do meu auxílio, se quiser existir pois senão morrerá nas suas próprias trevas malditas.

— Isto é o cúmulo dos absurdos Saied!

— Sob seu ponto de vista sim, mas eu já delineei todo o meu plano.

— E por acaso não lhe ocorre que ele esteja atuando sobre seu mental desorientado para conduzi-lo ao abismo mais profundo e escuro do inferno?

— Provavelmente ele já estivesse fazendo isto comigo ao dominar o mental da Jaina. Talvez tenha sido esta a causa de eu não ter penetrado nele antes de abordá-la hoje.

— Talvez.

— Mas também pode ter sido o meu carma, me reduzindo ao nada mais uma vez. Então só me resta voltar á sua origem e recomeçar tudo novamente.

— Através das Trevas?

— Exatamente.

— Saied, esta é a lógica do absurdo. Renuncia à Luz unicamente para fazer o jogo das Trevas. Você nunca dominará o Mal com o mal.

— Isto é certo, mas causarei tanta desarmonia no meio das Trevas que ele renunciará à sua perseguição implacável contra mim.

— Não dará certo.

— Só tentando saberei e se eu conseguir, ficará sabendo.

— Lúcifer tentou algo parecido e falhou.

— Ele desafiou Deus, mestre Zandor! Isto eu não fiz, faço ou farei, pois amo a Deus.

— Mas lança um repto contra o lado escuro e sabe que sairá perdedor.

— Talvez sim, talvez não. Só tentando para saber!

— Você sabe como o Mestre Divino o venceu todas as vezes que ele ousou desafiá-lo?

— Sim.

— Então porque se lança no sentido contrário?

— Eu não quero só afastá-lo do meu caminho, mas sim destruí-lo tomando os seus domínios que conheço muito bem. Conheço a lógica que nos mantêm sob seu domínio, é o medo!

— É a loucura, Saied.

— Em princípio, o que lhe dá força é o ódio. O seu poder dominador é o medo. O que permite sua expansão contínua é a ambição. O que o torna atrativo e absorvente é o desejo, etc., etc. e etc.

— Vejo que você o conhece a fundo.

— Em todas as suas nuances mais sutis. Lembre-se que estou em íntimo contato com as Trevas há muitas décadas.

— Talvez esta seja a causa de sua loucura.

— Não estou louco, mas sim disposto a acabar com meu carma sanguinário.

— Você só o dominará pelo amor.

— Como?

— Amando cada vez mais.

— Com uma Jaina no meu caminho? Como amar o espinho cravado em sua carne e que o atormenta através dos milênios? Já tentei isto em outras oportunidades e não deu certo.

— Mas o amortece e permite um avanço rumo às esferas superiores.

— De que adianta subir, se quando os fios invisíveis que nos ligam unem-se ou apenas se aproximam?

— Amando-a você a enfraquece.

— Mas também caio de vibração e perco tudo o que havia conquistado.

— Então prefere ir ao encontro de quem tem domínio sobre ela e entrega-se também, não?

— Sim, mas com uma lógica em ação. Vou para devastar as Trevas!

— Você só consegue eliminar às Trevas com a Luz, e o ódio com o amor, e a ambição com a generosidade, e a soberbia com a humildade. E o desejo com a doação...

— Etc., etc., etc.

— Exatamente.

— Sabe a quanto tempo tenho tentado este caminho?

— O mesmo tempo que eu e milhões de semelhantes nossos.

— O senhor tem próximo de si, no Vale da Luz Eterna, um típico exemplo de que é inútil eu continuar trilhando-o.

— Quem é o exemplo?

— Tibério. Eu vasculhei todo o seu passado ancestral através de sua memória e só encontrei um ser bondoso através dos tempos na carne, mas de repente vejo-o caído em meio aos mais baixos vícios das Trevas. Que adiantou a ele ter trilhado a Luz por milênios, se de repente caiu tanto que vagou um milênio nas Trevas como uma serpente e levará outro tanto só para galgar um degrau na Luz?

— Este é o preço do erro.

— Mas ele foi induzido a isto quando o lançaram numa encarnação traiçoeira. De que lhe valeu conquistar tantos créditos no passado imemorial, se permitem que perca tudo em uma encarnação estúpida e sem sentido!

— Mas o que teria acontecido se ele houvesse vencido sua provação final? Ou não percebe que ele foi provado para se ter certeza de que estaria apto a sair em definitivo do ciclo reencarnatório e ascender às esferas já livres do carma?

— Lógica absurda, não?

— Mas tem seu fundamento, não? Ou nega isto também?

— Isto ela tem!

— Então?

— Então eu vou encontrar a origem do meu carma ao desarmonizar as Trevas.

— Mas não pode fazer isso!

— Por que não?

— Elas também têm sua razão de ser. Ou nega os benefícios que ela causa aos que erram, pecam ou desrespeitam as leis divinas.

— Pois é isto, mestre Zandor! Até que enfim chega onde me conduziu minha lógica do absurdo. Vou destruir os servidores dele e quebrar a ordem do mal estabelecida nas escuridão. Eu sei quem são os que vêm me perseguindo através dos séculos e séculos incontáveis. Após extensivas buscas, sempre cheguei a eles no final delas. Pois serão eles os meus alvos principais para atingi-lo em cheio.

— Você não os alcançará.

— Só tentando para saber. Já fiz isto na carne uma vez e farei em espírito agora. Será uma longa jornada ao fundo do abismo, mas só assim eu o atingirei já que no combate direto, sempre perdi.

— Então continue combatendo-o tirando de sua influência o maior número possível de seres humanos caídos. Com isto o prejudicará muito mais que o combate direto em seus domínios.

— Eu já lancei o desafio.

— Como fez isso, se está sentado tão calmamente neste rochedo?

— Quando eu enterrei o sabre no solo de um abismo imundo eu visava o coração dele. Todo o meu ódio imantou a lâmina do sabre dourado e o tornou tão destrutivo, que ele deve ter sentido o primeiro dos meus golpes.

— Por que fez isso?

— Para não atingir com sua lâmina afiada um espírito de luz que tirou-me o direito de consumar de uma vez por todas com o meu carma sangrento.

— Foi a mulher que muito ama, não?

— Eu já amei no passado enquanto, vivi na carne. Mas depois disso cheguei a esquecê-la e não mais me lembraria, se não tentasse me reconciliar com meus mestres.

— Mas você não procurou mestre Anaanda!

— Só iria se conseguisse levar comigo o meu tormento chamado Jaina.

— Talvez se o tivesse procurado antes, tivesse saído vitorioso com Jaina.

— Talvez.

— Então por que não faz isto agora? Talvez possa desfazer uma luta em que sairá perdedor, mesmo que o resultado lhe pareça favorável.

— Por duas vezes ele se interpôs entre eu e meu carma.

— Talvez ele só quisesse auxiliá-la.

— Talvez.

— Não acha que quem nos ajuda o faz por que nos ama?

— Sim, isto é uma verdade.

— Então, vamos até ele e pacifiquemos seu coração que certamente deve estar muito triste.

— Isto é certo, pois eu sei que está. Mas antes tenho que acabar com Jaina. Quando eu sentir que ela ficou demente e já

não retornará mais à sanidade, terei completado o primeiro dos meus propósitos que é livrá-lo do meu carma. Ao eliminá-la, mestre Anaanda fica livre de sua promessa feita há muito tempo de ajudar-me com meu carma sangrento.

— Acha justo destruir um espírito que ele vem tentado ajudar há tanto tempo?

— É pura perda de tempo, mestre Zandor! Quando eu a lançar na demência total, fico liberto do meu carma e ele livre para dedicar-se a coisas mais nobres.

— O que é mais nobre que salvar um espírito de sua loucura?

— Evitar que outros venham a ser enlouquecidos por ele.

— Está é a lógica que o tem movido através dos milênios e não o tem levado a nada, porque tudo o que constrói, escapa-lhe do domínio. Foi assim no passado e sempre será assim, até que se resigne com as coisas como elas são.

— Talvez.

— Qual foi o início de seu carma sangrento?

— O sabre dourado.

— Não foi ele, Saied.

— Como não? Foi com ele que degolei o marajá que atormentava todo um reino com sua perversidade.

— O que teria acontecido se tivesse esperado pela reação dele após você o ter conquistado?

— Certamente mandaria me matar logo a seguir. Esta era a intenção dele ao colocar a naja venenosa no topo da coluna para impedir que alguém o conquistasse.

— Como você soube que havia uma serpente no topo da coluna?

— Eu entrei por acaso no salão vazio antes de partir do templo anexo ao salão onde estava o sabre dourado.

— Será que até ali o destino não estava favorecendo-o com esta revelação?

— Foi o que entendi e resolvi conquistar aquilo que os monges diziam estar à minha espera.

— Mas você, ao invés de treinar só para alcançar o sabre também treinou para matar o marajá, não?

— Sim, senhor. Eu devia ser rápido ou falharia porque certamente eu seria o morto após sua conquista.

— Não lhe ocorreu que o destino lhe favoreceria com algum acontecimento fortuito que lhe entregaria também o trono?

— Só se o marajá sofresse um colapso ou fosse picado pela naja morta.

— Acreditaria que ele estava morrendo quando você o degolou?

— Isto é impossível.

— Pois creia-me. Eu sei que isto acontecia no exato momento em que você o degolou. O susto com a queda da serpente foi tão grande que ele, que já sofria de sérios problemas cardíacos, ficou muito tenso e teve um ataque quando o viu caminhar para ele. Sabe quais foram os seus pensamentos?

— Não.

— Ele pensou exatamente isto: "Deus está me punindo pelos meus erros e desmandos!"

— Não creio nisso, mestre Zandor.

— Quer que eu lhe prove?

— Como?

Mestre Zandor tirou um cristal de uma bolsa e passou sua mão luminosa por cima dele. Saied viu-se no topo da coluna e a serpente caindo na frente do marajá. Ouviu o seu grito e também seus pensamentos finais. Convenceu-se do que o mestre falava, pois também ouviu suas próprias palavras e viu-se novamente com o sabre a degolá-lo.

— Como é possível isto? Eu não precisaria tê-lo matado e todos acreditariam que a conquista do sabre havia sido totalmente divina e não um ato de ousadia.

— Exatamente!

— Creio que me precipitei.

— Não foi só desta vez, Saied. Ainda errou outras também.

— Quando?

— Com Jaina. Ela o amava de verdade e se contentaria em viver como amante sua, se a tivesse convencido de que assim seria melhor. O velho marajá só se casou com ela por querer ter ao seu lado um médico que o socorresse em caso de sofrer novamente de outra crise igual à que o levara até o médico Kassim. Ele já não provava o sabor do prazer há muito tempo, pois era impotente sexualmente e logo se conformaria em ter mais uma bela esposa sem poder ter outra alegria senão a de vê-la divertir-se com outro homem. Era isto que ele tinha como distração. E talvez, mas só talvez, você não tivesse sido convidado por ele para assistir o seu casamento, se não fosse um perigoso inimigo alojado no outro lado da fronteira que separava os dois reinos.

— Mas foi ela quem insistiu para que ele me convidasse a assistir o casamento.

— Vamos voltar no tempo? Olhe o cristal e ouça este diálogo Saied.

E ele viu e ouviu quando ela dizia ao futuro marido:

— Não o convide, ele foi o homem que me abandonou há alguns anos atrás e se eu tornar a vê-lo, talvez sinta reacender em mim a antiga paixão não correspondida.

— Mas se não o convidarmos, irá pensar que somos hostis a ele e poderá invadir nossos territórios. Já ouvi comentários sobre o treinamento constante de um poderoso exército, minha querida.

— Se fizer isto, não me responsabilizo por minhas reações.

— Eu vou procurar agradar este afegão. Se ele voltar-se contra mim, não poderemos resistir ao seu poder. Então prefiro correr o risco de perder uma esposa que o meu reino.

Com uma passada de mão em cima do cristal, Saied viu mais uma cena e ficou mais preocupado ainda quando ouviu Jaina dizendo ao pai em seus aposentos no palácio.

— Papai, fale com ele e impeça-o de convidar Saied. Já me bastam os anos que sofri na triste espera do seu regresso. Por que trazê-lo para perto agora que vou me casar?

— Entenda que os interesses do reino são mais importantes que seus sentimentos minha filha. Imagine se ele usar como pretexto de inamistosidade o fato de não ser convidado! Já bastam as preocupações que seu futuro esposo tem com sua doença incurável e que fatalmente o matará muito em breve.

— Mas papai, o senhor sabe muito bem o que senti por ele!

— Não posso fazer nada minha filha. Se quer saber, eu temo muito mais a imprevisibilidade de Saied que o próprio marajá. E olhe que não tenho a obrigação de cuidar dos interesses de reino algum.

— Então não me responsabilizo pelas minhas reações emocionais.

— Aconteça o que tiver de acontecer, eu estarei do seu lado no final de tudo.

Com um rápido passar de mão, a imagem se apagou.

— Diga-me então onde acertei, se até agora todos são inocentes dos erros vividos em comum.

— Não digo que sejam inocentes e você o único culpado, mas todos tiveram suas culpas e pontos onde se apoiarem em suas defesas.

— Onde foi que eu acertei, mestre Zandor?

— Não quer antes ver que, se tivesse ficado na aldeia, teria assumido meu lugar?

— Com tantos a me humilhar e odiar?

— Eu vou mostrar-lhe isto também.

E Saied viu no cristal o velho mestre ficar cego pouco tempo depois de sua partida e não mais poder manipular suas ervas. Viu como muitos adoeciam e não tinham um curador para ajudá-los. Viu como todos queria saber do seu paradeiro e até o procuraram nas aldeias próximas, mas lá também os habitantes se ressentiam do pequeno e sábio vendedor de medicamentos que tinha um dom especial para realizar verdadeiros milagres com suas receitas. Viu quando o pai se amaldiçoava por ter menosprezado um filho tão sábio e que seria o orgulho do seu nome, se tivesse ficado e se tornado o curador do vale onde moravam. Viu também que só charlatães apareciam por lá, vendendo os seus falsos medicamentos.

— E o que me diz agora?

— Tudo teria mudado em pouco tempo, se eu tivesse suportado a humilhação mais um pouco, não?

— Isto mesmo, Saied! Quer saber por que o velho imã tanto fez para retê-lo sem conseguir sucesso?

— Eu me satisfaço com seu relato.

— Ele via em você a possibilidade de fazer com que o fatalismo fosse deixado de lado e um pouco de ciência pudesse ser incorporado à religião tão ortodoxa que tomara conta da mente dos fiéis maometanos. Ele tinha um sólido propósito de fazer com que você fosse iniciado como sacerdote assim que crescesse um pouco mais e assim, um dia, trazer um pouco de luz àquela cidade com o seu dom de curar.

— Bem, tudo o que eu queria sempre esteve ao meu alcance, não?

— Sim. Mas mesmo a última das dádivas você pôs a perder.

— Qual foi ela?

— Queria saber onde acertou, não? Pois eu lhe digo, Saied! Só a libertação do Tibete foi creditada a você pela Lei Divina.

— Todo aquele derramamento de sangue?

— Exatamente! Nada acontece ao acaso e isto sabe tão bem quanto eu. A Lei Divina havia determinado que os monges libertariam o seu país e isto você conseguiu com o valioso tesouro descoberto e com o lendário sabre dourado que encontrava eco na mente daquele povo místico, que a conhecia há milênios. E isto desde que o homem que o forjou libertara o Tibete do domínio chinês cinco mil anos antes.

— Eu conheço a lenda e sei quem o forjou e o encantou com o auxílio dos antepassados deles, após libertá-los há cinco mil anos.

— Mas ainda assim falhou no final, pois quando o monge ancião Sapí lhe ordenou que cessasse a guerra você a continuou e invadiu o território inimigo, atacou um governo regional, destruiu sua estrutura, raptou a filha do governador e acabou por possuí-la como mulher.

— Isto era necessário, senão os chineses voltariam a atacá-los.

— Não é verdade. Antes da libertação total, os monges já negociavam com o governador, que era irmão do imperador chinês.

— Mas você não se conteve mais uma vez e só prolongou um pouco o que podia ter sido evitado. Além do mais, o Lama ia recompensá-lo elegendo-o governante do Tibete. Teria assim um reino onde os religiosos pregam exatamente o que tentou no solo hindu, ou seja, ensinar que a vida deve ser vivida com amor, fé e lealdade não só em relação a Deus mas a tudo e todos no universo. Quem sabe ainda encontraria entre as mulheres do Tibete alguma que agradasse aos seus olhos e sentidos, não?

— Mas, por que o pai da minha amada chinesa a matou?

— Será que foi ele? Ou prefere ver no cristal a verdade dos fatos?

— Eu me contento com o seu relato. Não teria coragem de vê-la sendo morta juntamente com nosso filho.

— Quem a matou foi o homem com quem ela deveria se casar e que era filho do imperador chinês. Quando ele soube que ela estava grávida, ordenou a um dos seus servos que a assassinasse e foi isto que ele fez, ele raptou-a deixando um bilhete onde ela pedia perdão ao pai e dizia que voltava para junto de você. Após levá-la para perto de onde você estava acampado, a trespassou com o punhal longo e logo voltou para junto do príncipe chinês. Este não permitiu que o pai voltasse para buscá-la, pois alegou que ela não merecia a honra de ser sua eleita se amava um estrangeiro. Tanto ele falou, que o pai dela morreu de desgosto por saber que sua filha perdera a oportunidade de tornar-se a imperatriz de todos os chineses, e tudo por culpa sua.

— Bem, tive todas as chances de me realizar como homem, não?

— Sim, Saied.

— E pus a perder todas elas, não?

— Isto mesmo.

— Então eu sou o meu carma e meu destino, não?

— Isto mesmo.

— E falhei junto ao meu Mestre Divino, pois não consegui me conter quando descobri em Jaina uma perseguição eterna à minha evolução, não é mesmo?

— Talvez.

— Por que talvez?

— O Divino Mestre é muito generoso e talvez lhe dê uma nova oportunidade. Só espero que não seja muito tarde para o Vale da Luz Eterna.

— Por que seria tarde para ele?

— Desde que renunciou ao reino que Deus lhe confiou, ele começou a escurecer a acho que logo não brilhará mais.

— Mas aquilo não é meu!

— Como não? Você mesmo pediu a ele um abismo profundo no meio do inferno, ou não fez isso?

— Eu pedi. Mas não um luminoso, o que eu queria era a solidão e nada mais.

— Então por que começou a recolher caídos nas Trevas:

— Não pude me conter ao vê-los sofrendo um tormento tão grande sem ninguém para acudi-los e reeducá-los. Será que errei nisto também?

— Não.

— Ou em trazer de volta os guardiães iniciados na origem, caídos quando tentavam reaver suas espadas simbólicas encantadas?

— Não.

— Ou quando o Divino Mestre insinuou, quando falou comigo aqui neste mesmo local?

— Não.

— Onde eu errei então?

— Quando culpou Jaina por seu carma sangrento e lançou um desafio ao Príncipe das Trevas.

— Eu o julgo culpado por perverter os seres humanos.

— Assim como ele o julga culpado de libertá-los de sua dominação, não?

— Talvez.

— Por que talvez? Ele é alimentado pelos homens. Assim como tem razão em dizer que a Deus não devem ser imputados os erros cometidos pelos homens, também não deve culpar a ele pelos que são lançados nas Trevas só porque não souberam viver na Luz.

— Bem, agora está feito e não fugirei do meu abismo profundo no meio do inferno.

— E quanto ao seu Vale da Luz Eterna que está a se apagar?

— Posso ficar a sós?

— Espero-o no vale antes que as Trevas envolvam-no para sempre.

Mestre Zandor volatizou-se no espaço. Saied, então ajoelhou-se e orou ao Divino Mestre. Clamou por sua aparição mas o que conseguiu foi ver uma luz muito forte aproximar-se e perguntar-lhe:

— O que deseja do Divino Mestre, ser das Trevas?

— Eu nunca pedi nada para mim, além de tê-lo como mestre. Mas agora peço algo que tem a ver comigo.

— O que deseja pedir?

— Que por sua bondade e amor, o Vale da Luz Eterna não se apague. Milhares se reencontraram nele e mesmo num vale árido e pedregoso confiam na generosidade divina e na bondade e amor como qualidades superiores dos seres humanos.

— Por que acredita que o Divino Mestre intercederá junto ao Pai Eterno por algo que você não soube conservar?

— Por que tudo o que fiz foi por amor aos homens e fé em Deus.

— Onde estava seu amor quando cobriu-se de sangue e apagou seus símbolos luminosos?

— Turvado pelo ódio.

— Onde estava sua compaixão?

— Encoberta pelo manto negro da vingança.

— E sua razão?

— Iludida pela minha sensação de que podia ser juiz e carrasco em lugar da Lei Eterna.

— Sabe qual é o castigo para quem perde a razão, a compaixão e o amor?

— Sim.

— Então por que clama ao Divino Mestre depois de ter conquistado o seu lugar nas Trevas?

— Peço pelos que acreditaram nas verdades que pregamos lá e que os libertaram da escuridão e os reconduziram à Luz, que o inocente não pague pelo culpado, não é isto que diz a Lei?

— Mas ela também diz que o culpado não se furtará ao seu castigo.

— Não estou me furtando ao meu justo castigo. Apenas clamo pelos humanos que acreditaram quando eu disse que só os humanos erravam e procuravam se corrigir, ainda que tivessem como abrigo um vale árido e seco como morada e a fé e a esperança como alimentos divinos para suas almas famintas e sedentas.

— Terá coragem de assumir sua culpa perante eles e fazer com que tenham a prova viva de que Deus nunca erra, mas sim os homens?

— Sim.

— Então, acompanhe-me.

— Não consigo volatizar meu corpo espiritual devido ao sangue que me cobriu por inteiro.

— Eu o conduzo até onde enterrou o sabre dourado.

— Eu agradeço por sua generosidade para com um ser desprezível como eu.

— Não me agradeça pelo que terá que fazer. Se faço é pelos que um dia confiaram em você e não merecem ter suas caminhadas interrompidas depois de darem provas reais de fé em Deus e confiança nas palavras de um mortal.

E Saied foi conduzido até onde enterrara o sabre dourado. O abismo estava coalhado de seres infernais. Havia ali seres tão aterradores e ameaçadores como Saied jamais vira.

— Vá apanhar o seu sabre dourado.

— Talvez eu não volte.

— Talvez. Mas estará vivendo um pouco do seu ódio, que imantou a lâmina do sabre outrora imantado com a força da justiça. Comece a colher agora um pouco do seu repto lançado contra aquele que o vigiava mas não ousava tocá-lo em respeito aos símbolos luminosos que possuía em seu peito e testa.

— Eu vou apanhá-lo!

— Eu o espero aqui.

Saied caminhou resoluto em direção ao local onde estava enterrado o sabre. Seres monstruosos o ameaçavam. Alguns se aproximaram muito e se tornaram ameaçadores.

— Saiam de minha frente malditos! — gritou Saied.

— Quem é você para nos ameaçar, ser sanguinário!

— Eu nada sou, nada fui e nada serei, mas venho buscar o que por direito me pertence.

— Só as Trevas lhe pertencem, homem caído!

— Saiam ou começarei agora o que prometi fazer, e não duvidem de que o farei. Em breve voltarei aqui e se algum de vocês ainda estiver neste abismo sentirá todo o poder de minha espada simbólica encantada.

E Saied a puxou de sua bainha pronto para dar combate aos que já o envolviam. Houve em recuo geral e ele avançou até onde estava seu sabre outrora dourado. Uma gigantesca serpente negra estava enrodilhada onde ele estava fincado.

— Afaste-se daí ser das Trevas que nunca foi, não é e nunca será da Luz.

— Por que devo me afastar, se estou onde tudo me pertence?

— Eu quero o que me pertence. Mais tarde voltarei para disputar a posse deste vale, pois se na Luz ganhamos, nas Trevas tomamos ou somos tomados.

— Posso dar-lhe um bote, abocanhar sua cabeça, cravar nela minhas presas e enlouquecê-lo com meu veneno mortal.

— Se fizer isto agora, eu o dividirei ao meio com esta lâmina, pois ela é muito mais mortal que suas presas e muito mais poderosa que seu veneno.

— Será que é?

— Já que insiste, irá ter a prova agora mesmo, ser das Trevas. Mas aviso-o de que, ao ser tocado por ela, será desintegrado e enviado para lugar nenhum.

— Por que me avisa do seu poder, se é meu inimigo?

— Posso estar nas Trevas mas ainda sou guiado pela justiça.

— Onde estava a sua justiça quando caiu?

— Encoberta pelo meu ódio.

— E onde está o seu ódio?

— Imantado na lâmina do meu sabre dourado que venho buscar agora.

— Por que vem buscá-lo, se o cravou nas Trevas que é o lugar certo para o ódio?

— Recebi ordem de resgatá-lo e é o que farei.

— Eu vou me afastar, mas esperarei sua volta.

— Voltarei e tomarei posse deste abismo, destruindo quem ousar invadi-lo.

O ser das Trevas afastou-se e Saied viu a ponta do cabo do seu sabre. Se antes a terra ficava iluminada, agora estava úmida, negra e pastosa de sangue. Ele foi resoluto até o sabre e com a mão esquerda o desenterrou. No mesmo instante ouviu um urro apavorante que abalou tudo à sua volta. Olhou para o sabre e viu sangue correndo de sua lâmina. Chacoalhou-o e o limpou na própria capa. Agora ele era só dourado, mas já não tinha brilho algum. Então ouviu uma gargalhada tenebrosa e uma voz gutural que falou-lhe:

— Será o meu mais bravo, sábio, cruel e leal servidor, guardião! Os outros caem por ignorância, mas você caiu por saber demais. Eu saúdo sua vinda aos meus domínios, guardião! Com o tempo, será tão leal servidor meu como foi do Príncipe da Luz.

— Talvez! — exclamou Saied num suspiro.

E Saied voltou para junto do ser luminoso que o aguardava á distância. Ainda voltou-se e falou:

— Sempre que eu partia de um lugar eu dizia adeus, mas agora eu digo: fiquem aqui mesmo e me esperem, se quiserem conhecer o poder de minha espada porque eu voltarei e darei início ao que prometi fazer quando cravei o sabre dourado e todo imantado com o meu ódio no coração das Trevas. Por Deus, eu juro que voltarei!

— Quem é você para falar o nome dele aqui, ser sanguinário?

— Eu perdi meu direito de viver na Luz, mas em momento algum eu renunciei a Deus. Se não posso mais servi-Lo na Luz, não me furtarei em servi-Lo nas Trevas. E meu primeiro trabalho será destruir quem estiver neste abismo quando eu voltar.

— Você está louco guardião!

— Talvez.

— Talvez?

— Sim, pois ainda conservo um pouco do meu raciocínio, e ele me diz que o certo é combatê-lo e o errado é servi-lo.

— Logo mudará de opinião, guardião.

— Irá se arrepender de ter desejado minha queda!

— Veremos guardião! Eu não tenho pressa.

Saied nada mais falou. Terminou de limpar o sabre e foi para junto do ser luminoso que o conduziu até a entrada, agora na penumbra, que conduzia ao vale. Como era seu hábito, Saied ajoelhou-se e orou por um longo tempo. Só então entrou nele.

O Iniciado na Origem Retoma o Combate

Um silêncio absoluto tomara conta do até pouco tempo vale alegre e movimentado. Assim que ele surgiu, um murmúrio tomou conta do ambiente.

Os líderes vieram até ele e espantaram-se com sua aparência horripilante. Saied ajoelhou-se e os saudou como superiores seus e pediu permissão para falar a todos. O velho curador aproximou-se dele e falou-lhe:

— Está vendo agora a extensão do seu erro?

— Sim, senhor. Vou me penitenciar do meu erro e pecado aos olhos de Deus e então eu clamarei a Deus que acolherá a todos os que se mantiveram na fé e na esperança em sua generosidade.

— Todos se mantiveram, Saied!

— Um não se manteve, mestre Zandor. Um só não se manteve. Vou subir na rocha alta que costumava fazer minhas orações coletivas e pregações doutrinárias. Mas não posso fazê-lo sozinho, pois perdi o poder de volatizar-me.

— Então como chegou aqui?

— A generosidade divina permitiu isto. Ajude-me, mestre amigo!

Mestre Zandor o levou até o alto da rocha.

Então Saied falou com a voz potente que ecoava por todo o vale e era ouvida por dezenas e dezenas de milhares de espíritos. Não omitiu um detalhe sequer de sua queda e penitenciou-se perante todos. Mostrou-lhes como alguém que já conquistara um grande crédito aos olhos de Deus pode perdê-

lo num momento de fraqueza em que deixa de vigiar suas palavras, pensamentos e atos.

Talvez esta tenha sido a sua mais bela pregação doutrinária feita a ouvintes nunca antes tão atentos. Tanto falou, que comoveu àqueles que haviam confiado em sua doutrina de vida com amor, fé e esperança na bondade, humildade, confiança e generosidade de Deus. Se antes ao falar estas coisas a luz brotava de seu ser e irradiava-se à distância, agora eram lágrimas que caíam dos seus olhos, mas não impediam-no de continuar.

Quando terminou, pediu a todos que fizessem uma prece a Deus e clamassem por Sua generosidade pois confiavam nela e só Ele poderia iluminar novamente o Vale da Luz Eterna.

— O sabre jamais foi outra coisa senão um dos instrumentos colocados à minha disposição por Sua generosidade. Mas mais importante que ele, era minha fé em Deus e meu desejo de aliviar a dor dos meus semelhantes. Portanto, Deus ouvirá, como sempre os ouviu, e voltará os Seus luminoso olhos para vocês. Se nada mais posso pedir a Ele, pois me fiz indigno aos Seus olhos, vocês só se dignificaram muito mais por terem se mantido em preces quando eu me envolvia com as Trevas e seus vícios mais condenáveis. Orem com toda a sua fé e o vale voltará a brilhar, não por que eu queira mas por seus merecimentos, porque enquanto eu caía e clamava pelas Trevas, vocês se mantinham firmes e clamavam pela Luz. Que Deus os abençoem hoje como sempre fez e sempre fará, pelos que O amam, se mantêm na fé e esperança de Seu poder, bondade e generosidade para conosco que somos muito, mas muito humanos!

E Saied fez sua última prece no topo da imensa pedra que sempre lhe servira de púlpito.

O vale voltou a ser iluminado como sempre fora e gritos de agradecimentos a Deus ecoaram por todo ele.

Então Saied falou:

— Lá no outro extremo há uma passagem escura. Ela é tão escura que todos temem penetrar nela. Mas eu sei que é do outro lado que está o paraíso divino para aqueles que não foram acolhidos por nenhum ente querido que vivesse na Luz. Eu sonhava acordado com o dia em que Deus Pai a abrisse para todos nós. Talvez este dia esteja muito distante ainda, mas talvez, e só talvez, agora seja a hora de iluminar a negra saída deste vale abençoado com a Luz Eterna e ver o que aguarda vocês do outro lado.

Saied pediu o auxílio do mestre Zandor e desceu da imensa pedra. Chamou os mais graduados líderes e lentamente caminhou pelo extenso e infinito vale. Demorou muito para chegar ao outro extremo dele e a multidão ficava a olhá-lo enquanto avançava. Tanto o velho mestre quanto Abel, o ajudavam a caminhar pois isto era difícil para ele na Luz.

Quando chegou diante da passagem negra como breu, avançou sozinho para o seu interior e sentiu-se gelar da cabeça aos pés. Caiu de joelhos e, em silêncio, orou a Deus elevando o sabre dourado acima de sua cabeça. Ele brilhou no meio das Trevas.

Ficou tão dourado, que chegou a ofuscar-lhe os olhos quando o desceu rumo ao solo e o cravou até o cabo. O brilho espalhou-se e iluminou um imenso portal dourado. Caminhou por ele e saiu do outro lado. O que viu inundou-lhe os olhos de lágrimas e um lamento altíssimo, que ecoou por todo o vale às suas costas, saiu dos mais íntimo do seu ser. E o choro de remorso de Saied também ecoou por todo o vale!

Os que o haviam esperado do outro lado da passagem começaram a entrar e passar por ele, que chorava sua dor e remorso. E todos choravam de alegria com a visão do mais lindo, iluminado, florido e multicolorido vale que alguém poderia imaginar. Dali dava para ver só parte dele, pois era infinito.

Se uma medida fosse possível, poderia se dizer que era mil vezes mais largo e mil vezes mais extenso do que o Vale da Luz Eterna.

Nele haviam edificações e milhares de seres luminosos movendo-se de um lado para outro, num vai e vem incessante.

Uma melodia divina lhes chegava aos ouvidos e alegrava os corações e os elevava em vibração.

E Saied viu dezenas e dezenas de milhares de espíritos avançarem para o interior do vale e serem recebidos por uma multidão de espíritos luminosos que vinham ao encontro deles.

Talvez duas centenas de milhares de espíritos tenham passado por ele e se espalhado pelo infinito campo divino.

Quando ninguém mais ficou atrás dele, ele levantou-se e encaminhou-se para a saída iluminada pelo arco dourado e luminoso.

Uma voz o chamou. Ele virou-se e viu quem menos esperava. Era Pétalas de Flor da Água.

Ele a olhou com tristeza, mas nada disse. Tornou a virar-se e caminhou rumo ao Vale da Luz Eterna. Novo chamado o fez voltar-se novamente. Era Jaina quem o chamava agora. Caminhou até ela, ajoelhou-se e falou-lhe:

— Perdoe-me, pois eu sou o único culpado pelo seu sofrimento.

— Eu é que quero ser perdoada por tê-lo prejudicado tanto.

— Você jamais me prejudicou Jaina. Apenas desejou ser amada, e isto não é pecado aos olhos de Deus, pois eu também queria ser amado. Mas houve uma diferença entre nós: enquanto você lutou pelo seu amor, eu fugi dos que me amavam. Muitos me amaram, mas eu não soube reconhecer as pessoas que me amaram quando estive num corpo físico, e agora só tenho que conformar-me.

— Eu ainda o amo.

— Esqueça-se de mim, Jaina. Adeus e cuidem-se bem.

— Eu também o amo Saied! — exclamou Pétalas de Flor da Água.

E o mesmo falou o velho mestre Zandor, Abel, Tibério, Valéria e muitos outros que haviam sido resgatados das Trevas por sua vontade imensa de curar os enfermos, acabar com as doenças, a miséria, o choro e a dor que os afligia.

— Eu também os amei, amo e sempre amarei, ainda que nada eu tenha sido, sou ou serei. Mais uma vez, adeus a todos.

— Fique conosco, Saied! — falou o velho curador.

— Não posso. Um ser luminoso me espera na saída do Vale da Luz Eterna.

— Eu não o vi quando você chegou. Está fugindo de novo?

— Venham até a saída deste paraíso e o verão. Ele é só luz e foi enviado pelo Divino Mestre para me conduzir ao meu destino.

— Você só está querendo fugir mais uma vez, Saied!

— Não, mestre Anaanda. Vá até o outro lado do portal e o verá.

Ele foi e logo voltou exclamando:

— É um anjo que o espera! Para onde será levado Saied?

— Eu conquistei um novo reino e irei habitar nele para todo o sempre.

— Como Deus é generoso para conosco, humanos! — exclamou Abel — Manda um dos seus anjos escoltá-lo ao seu novo destino Saied. Que Deus o abençoe por toda a eternidade.

— Assim seja meu amigo! Adeus mais uma vez.

E Saied olhou para os rostos dos amigos, virou-se e encaminhou-se para o portal dourado. Ao passar pelo sabre enterrado numa rocha cristalina, abaixou-se e acariciou o seu cabo. Então falou para si mesmo:

— Eu colhi os metais que o compõem, os fundi ao som de cantos divinos e orações sagradas. O consagrei à Justiça e à Fé e o perdi por ter me esquecido que sem fé na justiça nada somos e nada seremos.

Levantou-se sem olhar para trás e caminhou rumo ao lugar onde o aguardava o ser luminoso.

Do seu peito brotava incessante o pranto sentido e de seus olhos as lágrimas corriam em abundância, caindo sobre seu peito depois de correrem pelas suas faces. Não olhou para trás uma única vez, senão teria visto que à medida que passava, o seco e árido Vale da Luz Eterna adquiria a mesma aparência do outro lado do portal. Tudo ficava florido como por encanto. Fontes cristalinas brotavam do lugar onde suas lágrimas caíam. Quando chegou à passagem, o ser luminoso perguntou-lhe:

— Satisfeito com a generosidade de Deus para com os que O amam e confiam n´Ele?

— Sim, senhor.

— Quer pedir mais alguma coisa agora que não mais voltará a este lugar?

— Sim, senhor.

— O que é?

— Como não posso volatizar-me para voltar ao meu abismo escuro no inferno, poderia me levar até ele?

— Só o levarei até onde termina a luz na frente da entrada deste lugar abençoado.

— Por que só até ali?

— Para que conduzi-lo adiante, se a partir dali começa o inferno?

— Eu gostaria de voltar onde alguém me espera.

— Se pedir a um anjo que o conduza até Deus, certamente será ouvido, e se realmente for merecedor, então será conduzido até Ele, mas não peça a um anjo que o conduza ao que reina absoluto nas Trevas que certamente não será atendido.

— Então aquela serpente era ele, não? — Sim, era o próprio.

— Eu aceito sua ajuda para sair da Luz. De lá para frente eu o procurarei.

— Vagará pelos mais escuros abismos e não o encontrará.

— Por que não?

— Você já conquistou o seu abismo escuro e profundo no inferno. Para que ele irá se preocupar com alguém que nunca foi, não é, e jamais será uma ameaça a ele se não estiver na Luz? Agora que o derrubou, irá tentar derrubar outros que lutam com as armas da Luz contra seu poder negro. Vamos, eu o conduzo até o limite que separa a Luz das Trevas porque sei que sua vergonha é maior que seu desejo de ser perdoado por Deus.

O ser luminoso o puxou para si e desapareceu no ar. No mesmo instante o soltou no lado escuro. Saied então falou-lhe:

— Deus já me perdoou!

— Como pode ter certeza disso?

— Ele ouviu a interseção do Divino Mestre pedindo que o inocente não pagasse pelo culpado.

— Mas isto está escrito no Livro da Lei. De qualquer forma Ele os acolheria.

— Talvez, mas não com o paraíso que sempre sonhei um dia conquistar para os infelizes e enfermos que só tinham como alimento a fé e a esperança no vale seco e árido da Luz Eterna.

— Você sabia que no dia de hoje aquela passagem seria aberta? E se tivesse esperado também teria passado por ela para não mais regressar?

— Não.

— Por que não perguntou isto ao Divino Mestre quando ele o consolou?

— Minha vergonha era maior que meu desejo de viver num lugar tão lindo como o que eu sonhava.

— Até quando sua vergonha será maior que seu desejo de viver?

— Enquanto houver um humano fazendo o mal aos seus semelhantes minha vergonha será maior que meu desejo.

— Por que é assim?

— Porque em minha origem fui iniciado e uma ordem ecoa até hoje em meu mental superior.

— Que ordem foi esta?

— Ela me chegou assim:

"Eu o crio no calor da Luz Dourada, marco-o com a minha estrela e o consagro à Justiça. Agora vá, e onde houver alguém suprimindo o direito sagrado à vida, combata-o com minhas armas, que vivificam a todos que são tocados por elas."

— Quais eram essas armas?

— Ainda são, ser luminoso! Ainda são a Justiça, a Fé, o Amor, a Razão, o Saber, o Conhecimento e a Vida.

— Então, por que está no lado escuro agora?

— Você sabe muito bem porque estou aqui. Não suportei o peso do meu carma e devo purgá-lo onde os que caem devem fazê-lo. Se caí, foi porque usei das minhas faculdades humanas ao invés das armas divinas colocadas a disposição dos seres que nunca foram, são, ou serão coisa alguma sem Deus.

— Mas nas Trevas não poderá usá-las, como fará então?

— Acaso você esqueceu que sou um guardião da Justiça iniciado em minha origem?

— Não me esqueci. Mas isto não o livra das Trevas.

— Não me livra mas me conforta pois se não sou digno de servir o meu Criador na Luz, não tenha dúvida de que o servirei nas Trevas. Posso perder minha luz e minha coroa luminosa, mas não perco minha fé.

— Se agitar as Trevas o príncipe delas sairá do seu abismo negro e o atormentará mais ainda.

— Talvez!

— Sim, talvez!

— Vou procurar meu escuro, profundo e sangrento abismo, ser luminoso! Diga ao Divino Mestre que serei eternamente grato por não ter deixado o inocente pagar pelo culpado.

— Por que não diz você mesmo?

— Minha vergonha me afastou muito dele e talvez eu não seja ouvido. Mas quando eu encontrar o meu lugar nas Trevas, o qual conquistei com meus erros e crimes, então levantarei minha cabeça em direção aos céus, escancarei minha boca e urrarei com toda a força que me restar no mais íntimo do meu ser clamando pelo perdão de Deus Pai em primeiro lugar, e depois do Divino Mestre.

— Por que não faz isto agora? Eu serei sua testemunha diante do tribunal divino.

— Até hoje eu tenho feito a coisa errada no momento errado e só tenho me afastado dos que me amam. De agora em diante procurarei não me precipitar.

— Talvez este seja o momento certo, guardião da estrela!

— Talvez. Sempre é talvez, ser luminoso! Nunca tenho ninguém ao meu lado que me diga: Esta é a hora! Este e o caminho! Esta é a melhor alternativa ou este não é o momento! Portanto, como eu sinto que minha vergonha ainda é maior que meu desejo, vou à procura do meu lugar nas Trevas e esperar que minha dor seja maior que minha vergonha. Nesta hora, e só nesta hora, será a hora certa para dar o grito tão alto e lancinante que brotará do meu peito que até os anjos da sétima esfera o ouvirão e sentirão compaixão de um iniciado na origem que era mas em dado momento deixou de ser, porque se afastou por um breve instante de Deus.

— Quando der este grito lancinante de dor, talvez até eu o ouça, guardião.

— Talvez, não é mesmo ser luminoso?

— Sim, talvez!

— É sempre talvez para um iniciado na origem. Nós nunca sabemos ao certo e só temos como alternativa um "talvez."

— Talvez esta seja a causa do seu tormento incessante não é mesmo, iniciado na origem?

— Talvez. Adeus ser luminoso, e obrigado por ter ouvido minhas preces e pedido de auxílio para que o inocente não pagasse pelo culpado.

E Saied caminhou nas Trevas. Ia devagar sem olhar para os lados, pois nada mais lhe despertava o interesse.

E o ser luminoso ficou olhando-o por um longo tempo, até que outro muito mais luminoso aproximou-se e perguntou:

— Onde está o filho do meu amor?

— Afundou-se nas trevas da vergonha e do remorso por ter se tornado indigno de você e de ter perdido mais uma vez a oportunidade de alcançar o paraíso que tanto tem tentado construir na terra, ou aberto suas portas aos que nada têm além de sua esperança e fé em Deus. Sinto-me triste por tê-lo reconduzido às Trevas, quando meu desejo era levá-lo junto comigo à minha esfera luminosa.

— Um dia ele a alcançará.

— Assim espero, pois até lá chorarei sua ausência e lamentarei o dia em que por uma fração de segundos, deixei que escapasse do meu domínio e o perdi para sempre.

— Eu o resgatarei das Trevas para você.

— Se bem o conheço, não olhará para trás nunca mais.

— Por que diz isso?

— Sua vergonha é tão grande que dor alguma a suplantará.

— Um dia desses eu olharei para ele e se ainda tiver o amor como chama a iluminá-lo, então o cobrirei com o meu manto e o inundarei com tanto amor, que para quem ele olhar fará brotar o amor.

— Eu sei que fará isto Divino Mestre!

— Venha comigo minha amada filha do meu amor. Eu a reconduzo à sua esfera luminosa, onde só os que vivem na plenitude do amor conseguem ingressar.

— Ele pediu-me para agradecer sua interseção junto ao Pai Divino para que o inocente não pagasse pelo culpado.

— Eu já sabia que ele faria isto.

E os seres luminosos desapareceram no espaço.

Mas dentro do agora florido Vale da Luz Eterna alguns espíritos exaltavam-se de contentamento por ignorarem que Saied só fora conduzido pelo anjo até o limite entre a Luz e as Trevas e diziam felizes:

— Finalmente Saied foi conduzido a uma esfera luminosa.

— Sim. Agora ele encontrará o verdadeiro amor.

E assim continuaram felizes a falar do ser luminoso que viera buscá-lo.

Mas um havia se ausentado e agora chorava sua dor em silêncio num rochedo perdido no meio do Oceano Pacífico.

Era Abel, que chorava a perda para a Luz do amigo que prometera ajudá-lo a libertar sua esposa e filhas. Alguém aproximou-se dele e perguntou-lhe:

— Por que chora, filho meu?

— Choro a perda do amigo que havia prometido auxiliar-me a libertar minha esposa e filhas aprisionadas na dimensão dos cristais. Agora estou só e nunca mais as libertarei.

— Não está só, eu estou ao seu lado.

— Quem é você, ser luminoso?

— Chamam-me de "O Consolador dos Aflitos".

— Então console-me ser luminoso, pois estou à beira do abismo e não quero voltar a cair!

— Eu o acolho sob o meu manto e enxugo seu pranto.

Eu sei que um dia caiu, mas soube o momento certo de se levantar e depois disso consolou a muitos que nada mais tinham além de fé e esperança. Continue tendo-as como companhia e um dia conhecerá a generosidade de Deus em toda a Sua grandeza.

— Eu me multiplicarei por milhares até que este dia chegue, ser luminoso.

— Então recolha o seu pranto e volte para a luminosa morada que o Pai Divino lhes presenteou há pouco e viva na fé e esperança até que este dia chegue.

— Já vai partir?

— Sim, muitos outros me aguardam para ouvirem de meus lábios uma palavra de consolo, conforto ou esclarecimento. Até outra vez, filho meu!

— Quando tornarei a vê-lo?

— Quando eu tiver algo a lhe dizer de seu amigo Saied.

— Você o conhece?

— Preciso responder a esta pergunta?

— Desculpe-me!

— Até a vista, filho meu!

— Até sua volta, ser luminoso.

E o Divino Mestre desapareceu no espaço. Mais um havia sido tocado por seu divino amor e ainda que viesse a chorar sua tristeza, não mais cairia.

Mas quando todos os antigos habitantes do Vale da Luz Eterna comemoravam felizes o novo campo divino onde agora habitavam, alguém estava recostado a uma palmeira e chorava muito.

Era mestre Zandor, o velho curador. E alguém chegou também até ele e o consolou.

— Sinto muito dar este trabalho todo Divino Mestre!

— Fico triste em ver alguém tão bom como você chorar

sua dor de forma tão sentida e vim saber o por que de sua tristeza.

— Você sabe qual é o motivo Divino Mestre! Como posso estar feliz, se eu sei que o filho que nunca tive escapou-me de minha influência num instante, um instante em que eu também acreditei que se partisse para longe do vale onde vivíamos, ele encontraria o amor que tanto o pai quanto os irmãos e os outros habitantes do lugar lhe negavam? Como pude errar tanto Divino Mestre? Por que eu fiquei impotente e sem outra coisa a dizer-lhe senão a de que tinha razão porque ali jamais encontraria o amor? Como pude ser tão ignorante ao ponto de deixar que uma criança de apenas onze anos tomasse a direção do seu destino e se conduzisse? Por que não vi que era apenas uma criança dando seu grito de dor em meio a tanta ignorância humana? Eu tive vontade de retê-lo, e não o fiz. Tive vontade de partir junto com ele, e também não o fiz. Eu, que tinha tanta ascendência sobre ele, fiquei importante vendo-o partir sem nada fazer para segurá-lo ao meu lado. Por que eu não o segurei de uma vez junto a mim só para livrá-lo da influência perversa do pai e dos irmãos?

— Como você iria saber que ele cairia mais à frente?

— Eu era seu mestre, mas só o ensinei a preparar ervas e a curar os enfermos.

— Já fez uma boa coisa por ele!

— Eu falhei, Divino Mestre! Primeiro eu devia tê-lo ensinado a amar. Depois sim, eu ensinaria muitas outras coisas.

— Em certos momentos de nossa existência algo turva nossa razão e a partir daí perdemos o que mais amamos, velho curador! Assim foi comigo há pouco e assim foi comigo muitas vezes. Eu já fui muitas vezes recebido na carne por ele e protegido até poder fazer o que tinha que ser feito, para depois vê-lo partir sem olhar para trás. Eu sabia em todas elas que ele só voltaria a mim após o sono da carne. Eu ainda ouço até hoje o seu pranto no meio do deserto, quando eu o deixei partir

quando o que deveria ter feito era retê-lo. Tal como aconteceu com você, eu também fechei os olhos por um instante, tive o meu raciocínio turvado e não percebi que, se ele partisse, eu o perderia para sempre e só voltaria a reencontrá-lo após o sono da carne.

— Quando foi isto Divino Mestre?

— Na vez que eu voltei à carne como um faraó iluminado e fui protegido antes do nascimento, durante e depois por ele. A tudo ele renunciou só para proteger-me e ensinar-me um pouco pois a carne turvava meu raciocínio e as trevas, que hoje o cercam no abismo, cercavam-me na carne. Deixou o pai e a mãe, os irmãos e os amigos só para ser conduzido ao seu fim. Deixou o poder, o amor e a fortuna para trás só para ir em meu auxílio. Deixou a mulher amada e o filho querido só para ir viver no ostracismo como protetor de minha vida. Foi o cajado em que eu me apoiava, a espada que lutava por mim e o escudo que aparava os golpes desferidos contra mim pelo que reina absoluto na escuridão das Trevas. Abdicou de tudo por mim, até quando me viu em total segurança. Então eu tive por um instante a razão turvada e o deixei partir e o perdi logo a seguir pois tal como hoje, as Trevas o engoliram por inteiro. Quando, aos trinta e três anos, mais uma vez deixei a carne, ele ainda chorava sua dor, que era a minha dor, e muito mais chorou quando o sangue, cobriu a terra devido à reação dos que não queriam ver na terra a doutrina do amor que pregava o direito do homem viver sua vida sem precisar derramar o sangue do semelhante. E ele mais uma vez se cobriu de sangue pois tanto foi derramado que o sétimo céu se cobriu de vergonha aos olhos de Deus Pai. E eu o vi descer ao inferno em busca do que reina absoluto e atinge os meus servidores, porque ele sabe que esta é a única forma de me atingir.

— Por que teve que cair agora também e ir em busca dele para tentar matá-lo, quando nos sabemos que isto é impossível?

— Ele se deixou possuir pelo ódio imenso das Trevas

contra mim e agora irá purgá-lo todo para que só então eu possa preencher o seu imenso vazio com o meu amor.

— Fará isto por ele?

— Algum dia eu deixei para trás algum dos que vibraram comigo quando fui gerado pelo Pai Eterno?

— Não. Perdoe-me por ter perguntado tal coisa.

— Então, recolha o seu pranto e vá consolar quem está chorando mas ainda não adquiriu o direito de ser consolado diretamente por mim, e sim pelos meus mensageiros.

— Sim, senhor. Quando voltarei a vê-lo?

— Quando eu achar que é necessário.

E o Consolador partiu deixando o velho curador, o mestre Zandor, com um brilho de esperança no retorno do filho amado que nunca tivera.

E mestre Zandor partiu para junto dos que precisavam de consolo.

Mas ainda havia outro que sabia para onde Saied havia sido conduzido. Era mestre Anaanda.

Mas seu pranto não era de tristeza ou de dor, e sim de remorso.

— Por que chora, filho meu?

— Divino mestre! Por que só agora vem em meu auxílio? Por que desde aquela noite no templo não retornou, ainda que muito eu orasse a você?

— Porque eu faria isso, se estava cumprindo o que eu lhe ordenara?

— Eu fraquejei muitas vezes, Divino Mestre!

— Mas não caiu em nenhuma delas.

— Mas agora estou à beira do abismo negro porque o meu remorso é maior que minha resistência.

— Por isso eu vim dar-lhe uma palavra de conforto, consolo e esclarecimento, filho meu!

— Faça isto por mim e pelo meu amor por você, antes que eu acompanhe Saied em sua queda.

— Não sofra pelo que fez! Só cumpriu uma ordem minha. E nada mais.

— Mas como eu sofro por ter participado de sua queda.

— Muito mais sofrerei se cair também pois então chorarei dois filhos meus e não só um, como agora.

— Por que me pediu algo tão dolorido e totalmente contra minha natureza?

— Era hora da Pétala da Flor da Água readquirir um pouco de seu perfume e beleza.

— Por isso ordenou-me que não permitisse sua união com Saied?

— Sim.

— Mas em que isto a ajudou, se agora mesmo ela chora a queda de quem tanto amou?

— O choro logo cessará se o meu mensageiro a consolar com sabedoria.

— Como posso consolá-la, se eu mesmo me culpo por parte do sangue que o cobriu?

— Você não teve culpa alguma pois só cumpria uma ordem minha e não vim para cobrar-lhe nada e sim para consolá-lo. Se tivesse permitido que eles se casassem, o sangue derramado seria insuficiente para purificar tudo o que ainda deverá ser manchado por ele.

— Como? Estou confuso Divino Mestre!

— Melhor que tenha no que pensar que algo para sentir remorso. Contente-se com o que lhe disse antes sobre Pétala da Flor da Água precisar recuperar um pouco do seu frescor e beleza, perfume e encanto.

— Eu decifrarei este enigma, Divino Mestre.

— Eu sei que sim, filho meu. Agora recolha o seu pranto

e vá consolar aqueles que ainda não podem sê-lo por mim, e como meu mensageiro, faça-o em meu nome.

— Sim, senhor. Quando tornarei a vê-lo, Divino Mestre?

— Quando eu tiver outra ordem para que a execute já que aos que me servem desde a origem, não envio mensageiros em meu lugar quando quero algo deles.

— Viverei na espera deste dia, amado Mestre Divino!

— Faça isto filho meu!

E o Divino Mestre partiu deixando mais um consolado em seu remorso só porque aceitou executar uma ordem divina.

Assim que ele partiu, uma voz conhecida o tirou do êxtase que provocava a irradiação luminosa do Divino Mestre.

— Quem era este ser tão luminoso papai?

— Ele é o Divino Mestre, o consolador que sempre tem nos lábios uma palavra de conforto, consolo ou esclarecimento aos aflitos que não perdem sua fé em Deus.

— Por que ele veio até aqui?

— Ele veio tirar do meu coração o remorso e a culpa.

— E tirou?

— Sim.

— Então não vai mais se culpar pela queda de Saied?

— Não minha filha. Saied foi induzido à queda e nós fomos apenas instrumentos do Divino Mestre. Não se torture mais, porque é o que deseja o Divino Mestre.

— Mas fica no coração uma sensação de vazio.

— Eu sei, pois também estou me sentindo assim. Mas temos uma forma de preenchê-lo, não?

— Como?

— Indo para junto de sua mãe e esquecendo este longo período tormentoso, ela deve estar com saudades de nós.

— Eu também estou com saudades dela. Vamos?

— Vamos!

Assim Saied deixou de ser chorado e vagou pelas Trevas por muito tempo.

O Antigo Jogo Entre o Bem e o Mal

Saied entrava nos abismos mais escuros, profundos e assustadores mas não encontrava aquele que havia cravado o sabre dourado com todo o seu ódio a imantar sua lâmina.

Muitos seres tenebrosos surgiam à sua frente mas logo fugiam apavorados quando Saied puxava de sua espada simbólica encantada e a levantava com todo o seu ódio.

Caminhou, caminhou e caminhou!

Até que um dia o encontrou. Mas ficou decepcionado, pois estava completamente vazio. Até o sangue que correra do ferimento causado pelo sabre, havia secado.

E Saied gritou em todas as direções que havia voltado para cumprir com o que havia prometido.

— Onde se oculta, covarde e traiçoeiro ser das Trevas? Eu voltei para cravar minha espada simbólica encantada em seu miserável ser imortal e quando eu fizer isto, levantará a cabeça, escancarará sua bocarra e urrará de dor. Será um urro tão alto e dolorido que abalará os sete infernos e será lançado no nono de onde nunca devia ter saído. Apareça, ser das Trevas, e verá que o meu ódio por você é maior que o seu pela luz do meu Deus. Apareça e o meu ódio o destruirá, pois é mais poderoso e mortal. Já provou a dor que causa um sabre dourado, não? O sangue que jorrava era seu, pois eu o atingi quando cravei aqui o sabre dourado, agora eu sei que você é vulnerável ser das Trevas! Então apareça porque eu quero que sinta um único golpe de minha espada simbólica e desapareça para sempre. Já que não vem, por que não me envia os seus malditos auxiliares? Será que terei que caçá-los por todo o inferno?

E Saied ficou à espera de uma resposta que não veio. Depois de longa espera, gritou com todas as suas forças:

— Que os sete infernos ouçam bem: Saied, o filho da tormenta, voltou ao inferno como havia prometido e ninguém à sua altura encontrou. Saied lançou seu repto e o desafiado fugiu como um covarde. Que em nenhum dos sete infernos o mais miserável ser diga que Saied fugiu como um covarde, porque aqui estou a espera do grande covarde, que só atua nas sombras e à traição, e que à minha chegada foge como nunca havia feito antes.

Então uma voz infernal ecoou pelos sete infernos.

— Eu sou o que disse que sou, portanto nada preciso fazer contra você. Já é um ser das Trevas, porque vive no ódio, e os que vivem no ódio me pertencem.

— Eu não pertenço a você e o ódio que sinto é por você, e não pela Luz ou pelo meu Deus. Eu desci aos infernos à sua procura para destruí-lo, e não para servi-lo. Se no inferno a exceção é a regra, então eu aqui sou a única exceção.

— Eu primeiro vou enlouquecê-lo para só então destruí-lo!

— Louco eu já estou e ainda sei o que quero.

— Ainda não conheceu a loucura que posso causar-lhe, tolo ignorante do meu poder!

— Eu não conheço todo o seu poder, mas você conhece parte do meu. Então venha me destruir cão danado.

— Você é nada nos meus domínios!

— Isto é uma verdade, pois nada fui, sou ou serei se estiver longe do meu Deus! E sabe por que aqui eu sou nada?

— Diga sábio ignorante!

— Eu nada sou porque o covarde que procuro também é nada. Você jamais foi, é ou será coisa alguma. Você é o que tira dos humanos mortais. Portanto, como nada são, foram ou serão quando longe de Deus, você, que deles se alimenta, nada é.

— Você em breve sentirá um pouco do meu poder, verme sangrento!

A ameaça veio de muito perto. Saied puxou de sua espada encantada e ficou alerta. Sabia que ele estava muito próximo. Continuou a provocá-lo e sentia cada vez mais próximo de si a presença ameaçadora. Então Saied gritou com ódio:

— Por que não aparece? Tem medo da dor, você que é o mestre do sofrimento?

— Irá em breve sentir toda a dor que me é possível causar a alguém.

— Até lá, sentirá mais um pouco do meu poder, ser infernal. Já que não se mostra, eu o atinjo assim mesmo. Morra ser infernal!

E Saied virou-se e cravou a longa e poderosa espada encantada no solo às suas costas. Ela penetrou no solo e o sangue negro esguichou como uma poderosa fonte. Um urro se fez ouvir em todas as Trevas. E mais uma vez ele levantou rápido a espada e a cravou no solo e novamente o sangue negro esguichou. Ele ainda a moveu pelos lados e ouviu mais um urro.

Levantou-a novamente e mais uma vez a cravou no solo e nada aconteceu. Então deu uma bestial gargalhada e gritou com a voz rouca pelo ódio.

— Eu o atingi novamente, ser das Trevas! Agora todos os seus malditos servos sabem quem sou e qual é o meu poder, pois ouviram e seu urro de dor.

Saied ouvia um resfolegar ofegante e gritou:

— Eu estou ouvindo-o. Posso não vê-lo, mas tanto o ouço como o sinto por perto. Tivesse eu o poder de volatizar-me e minha espada encantada voaria e num golpe mortal eu o degolaria. Aí sim, as Trevas se cobriram de sangue.

— Você ainda não foi atormentado pelo meu poder!

— Mas com estes golpes que o fizeram sangrar eu me vinguei de duas afrontas suas cometidas aos olhos de Deus.

— Quais foram, tolo sanguinário?

— Uma foi quando assumiu o coroa dos seus servos e derramou o sangue inocente após o desencarne do filho do sol. Lembra-se?

— Sim, e me causou imenso prazer ver a maioria dos seguidores dele serem passados pelo fio da espada. Qual foi a outra vez, tolo enlouquecido?

— Quando o Guardião do Símbolo do Amor e da Fé desceu à carne e você saudou a vinda dele tomando novamente a cabeça dos seus servos, que sacrificaram dezenas de milhares de inocentes pequeninos e cobriram a terra de vergonha diante dos olhos de Deus. Eu agora me sinto vingado, pois um mortal que nunca foi, é ou será coisa alguma sem Deus, ousou descer ao seu reino e golpeá-lo com tanto ódio, que fez com que seu negro e maldito sangue jorrasse e cobrisse parte do inferno. Que os sete infernos ouçam que o Filho da Tempestade fez tudo isto e gargalhou de prazer. Mas também quero que ouçam que quero mais, muito mais, pois quero me afogar no sangue que inundará as Trevas no dia em que eu degolá-lo.

— Você gosta do sabor do sangue, não?

— Do seu sangue! Aproxime-se mais, sinto-o já bem perto e agora não vem por baixo da terra e sim pelo ar. Como eu o sinto! Está soltando ódio pelas ventas e derramando-o pelas presas. Como é bom senti-lo odiar-me!

— Por que sente prazer no meu ódio?

— Eu sei que está desejoso de conhecer os meus poderes. Mas não vou falar nada além do que revelei sobre minha espada. Só lhe digo que está tão próximo, que se eu atirar minha espada, eu o acertarei.

— Então faça isto tolo sanguinário!

— Não. Eu o quero tão próximo de mim que possa degolar suas sete cabeças de um só golpe. Meu Deus, como eu desejo isto! Os anjos cobrirão a face da terra de rosas brancas quando eu o eliminar para sempre.

— Eu vou destruí-lo, ousado sangrento!

— Isto, odeie-me mais um pouco. Quero sentir mais ódio vindo de você, ser imbecil! Está ficando melhor agora, pois eu sinto o seu fiel escudeiro aproximando-se pelas minhas costas. Vamos ser imbecil! Odeie-me mais. Quanto a você, fiel escudeiro, devo-lhe algo já há seis mil anos e irá receber agora! Por que parou? Vamos, avance, pois ou um ou o outro terá que fazê-lo, e eu não desviarei meus olhos do seu amo, porque já estou quase dominando-o. Mais um pouco e só a cabeça que me interessa ainda estará de pé. Meu Deus, como isto é bom! Finalmente eu vou finalizar uma luta que já dura milênios incontáveis. Por que ambos recuam? Voltem, canalhas. Eu os quero ao alcance do meu braço. Voltem malditos! Estiveram tão perto de saciarem meu desejo de sangue que não podem recuar agora!

— Estúpido! Então não viu que descobri seu truque traiçoeiro?

— Será que não é tão estúpido e ignorante como eu o imagino? O que descobriu?

— Que estava absorvendo o meu ódio e fortalecendo o seu miserável ser. Olhe como o seu sangue corre como se fosse uma fonte rubra. Eu o estava alimentando idiota?

— Só agora descobriu isso ser idiota? Como é que tem iludido tantos tolos, se também é um?

— Maldito!

— Isto, odeie-me mais, pois mais ódio a você eu terei.

— É isto! Você absorve o que sinto por você.

— Qualquer idiota sabe disso. Se estou na Luz, absorvo suas luminosas irradiações benéficas e mais e mais me ilumino, mas se estou nas Trevas, mais e mais irradiações maléficas eu absorvo. Mas como estou aberto a uma apenas, coisa que é o ódio, só o ódio eu absorvo.

— Como você consegue isto, fonte sangrenta?

— Eu sou como sou, porque assim fui feito em minha origem, assim como os homens são como são, porque assim foram feitos. A única exceção é você, pois nada foi, é ou será senão o alimento maldito que lhe fornece os homens. Por isto é tão tolo! Alimenta-se das vibrações dos tolos.

E Saied gargalhou de prazer infernal. Enquanto ria, virou-se com uma velocidade espantosa já golpeando o escudeiro com sua espada encantada. Ao contato com ela, ele se incendiou e sumiu no ar. Quando isto aconteceu, Saied já estava novamente de frente para o lugar onde o ser das Trevas permanecia invisível.

Gargalhava como um demente e então ouviu:

— Você já enlouqueceu no ódio contra mim, sangrento!

— Exatamente, ser ignóbil! Você perdeu quando eu vi o que me esperava na Luz. Seu erro foi ter me chamado para a luta em seu próprio campo, pois se na Luz eu já derrotava com facilidade os seus enviados, aqui tudo ficou mais fácil ainda.

— Desgraçado!

— Você não me perseguiu por tantos milênios? Pois agora eu enlouqueci com uma única obsessão: destruí-lo! Fora disto, nada mais me importa ou incomoda. Quando irradiou em meu mental o desejo de destruir aquela maldita, você o imantou com uma loucura única, que voltou-se contra você mesmo.

— Eu ainda o destruirei, Saied!

— Faça isto, pois já levantou contra si o inimigo mais obstinado que poderia ter. Nunca antes teve um que ousou isto. Aqui a regra vira exceção e eu sou a exceção à regra na sua lógica invertida.

— Onde e como é você a exceção à regra?

— A regra é um ser das Trevas perseguir os filhos da Luz. Mas eu sou a exceção, fugi da Luz para vir destruir o Príncipe das Trevas.

— Você é um maluco!

— Sim, é isto que eu sou, e foi a mim que perseguiu por incontáveis milênios só porque eu queria a Luz. Mas agora que atendo o seu desejo e penetro nas Trevas com o intuito de não sair mais dela, foge de mim.

— Eu ainda o destruirei, chacal sangrento!

— Odeie-me ser covarde! Quero sentir seu ódio mais de perto. Por que se afasta mais e mais? Teme tanto assim que eu o absorva por inteiro? Sabia que tenho alternativas? Se não posso alcançá-lo, vou absorvendo-o pouco a pouco.

— Você é um doido!

— Eu sou o que diz que sou!

— Já está falando como eu.

— Exatamente, pois estou absorvendo o seu mental. Logo eu o terei sob o meu domínio e o farei rastejar até aqui para eu golpeá-lo mortalmente.

— Maldito! Você está penetrando em meu mental.

Saied gargalhou com prazer e depois gritou:

— Não adianta afastar-se de mim, enquanto pensar em mim eu penetrarei em seu mental.

— Como consegue isso?

— No momento que urrou de dor, mentalmente localizei sua verdadeiro cabeça pensante e passei a absorver todos os seus mistérios. Já conheço os principais, e isto me dá uma vantagem sobre você, não conseguiu penetrar no meu. E não adianta tentar, pois só o ódio a você restou nele.

— Maldito guardião da Luz, quem é você?

— Eu sou uma das fúrias de Deus liberadas contra você, e em seu próprio domínio, pois foi você quem me chamou.

— Eu o destruirei Saied!

— Como, se quanto mais eu ficar nas Trevas, mais eu me fortalecerei? Talvez se me amar ao invés de me odiar consiga me derrotar.

E Saied gargalhou todo o prazer que sentia. De repente, começou a correr e chamar:

— Volte aqui maldito! Não fuja de mim, quero destruí-lo. Volte aqui! Não me deixe!

— Eis como vou destruí-lo guardião, vagará por toda a eternidade à minha procura e jamais me encontrará.

— Não faça isso comigo! Dê-me o maldito prazer de destruí-lo, verme rastejante! Volte e pense em mim, pois ainda há muitos outros mistérios das Trevas para serem absorvidos por meu mental.

E uma gargalhada infernal ecoou pelos sete infernos.

Saied o amaldiçoou e desafiou inutilmente, pois ele desapareceu de vez e escapou ao alcance do seu mental.

Ainda o amaldiçoava, quando uma infinidade de serpentes surgiu à sua volta. Encostou a lâmina no peito e ficou imóvel. No seu peito, um símbolo brilhou na escuridão e ele falou:

— Aproximem-se minhas serpentes! Vamos, não temam que não irei cortá-las com minha espada.

Algumas avançaram e cravaram suas presas em seu corpo espiritual para logo a seguir, caírem no solo à sua volta. Em seguida, tinham estertores horríveis e readquiriam suas antiguíssimas formas humanas. Todas as que avançaram e o picavam, caíam no solo. Saied então avançou para elas e o recuo foi geral.

— Voltem aqui, seres infelizes! Eu sou a sua salvação, pois trago em meu ser imortal o veneno benigno da serpente dourada.

Mas elas fugiam assustadas.

— Voltem covardes que se ocultam sob a forma de seres rastejante. Voltem, eu sou a serpente dourada solta no inferno para acabar com todas as outras espécies.

De nada adiantou chamá-las, pois fugiram apavoradas

para muito longe. Quando ele viu que não voltariam, foi até onde estavam caídos dezenas de espíritos humanos. Olhou para eles e falou-lhes:

— Como são covardes! Ocultavam seus erros e crimes sob a forma de serpentes. Vamos ver o que de tão mal vocês praticaram para preferirem esta forma tão degradante.

E Saied penetrou no mental de todos eles. Havia homens e mulheres caídas no solo negro. Então ordenou:

— Levantem-se seres ignorantes! Agora eu sou o seu senhor.

— O que fará conosco? — perguntaram alguns, apavorados.

— Talvez eu os destrua mais tarde, mas agora acompanhem-me, pois estou lhes ordenando!

Todos levantaram-se para logo caírem. Rastejavam há tanto tempo, que não tinham mais o equilíbrio humano Saied os ajudou até que dessem alguns passos e depois avançou nas Trevas. Sabia que ele não voltaria àquele abismo sangrento.

Com um grupo de seres multimilenares a segui-lo, vagou por muito tempo sem encontrar o menor vestígio do seu inimigo mortal. Resolveu parar num lugar que lhe pareceu ser o mais tenebroso possível.

Sentou-se e fechou os olhos. Queria acostumar-se na escuridão e sempre treinava sua visão desta forma. Um dos que o acompanhavam sentou-se próximo e perguntou-lhe:

— O que irá fazer conosco?

— Eu? Nada.

— Então por que nos ordenou que o seguíssemos?

— Não sei!

— Mas isto é um absurdo! Como nos tira dos domínios dele e não sabe o que fazer conosco?

— Podem ir embora se quiserem.

— Para onde?

— Já estão há tanto tempo aqui, que perderam a noção do que são e para que foram criados por Deus.

— Como fala nele se está na mais profunda das esferas das Trevas.

— Eu estou porque quero destruir o Príncipe das Trevas.

— É um louco coberto de sangue.

— E você? O que é para estar aqui? Acaso é um inocente ou um lúcido?

— Eu errei e me conformo com minha queda.

— Muito sábio de sua parte! Diz com a maior tranqüilidade que errou e se conforma. Maldito!

— Quem é você para chamar a nós, espíritos caídos de malditos? Antes ser uma serpente rastejante que um ser sanguinolento como você.

— Isto é fácil de se solucionar, já que gostam do seu estado anterior. Aproxime-se mais que vou fazê-lo retornar à sua forma antiga. Só que depois não fique por perto, pois eu parto sua maldita cabeça de serpente com um golpe de minha espada.

— Está louco? Eu jamais quero voltar à minha forma antiga. Já sofri demais rastejando por milênios incontáveis!

— Mais alguém quer voltar à sua forma antiga? — gritou ele.

Todos recuaram assustados com medo de voltar rastejar.

— Então não me provoquem mais e só falem comigo se eu lhes perguntar algo. Caso queiram, podem sumir de minha presença, eu pouco me importo como vocês. Vamos, sumam-se, estão me atrapalhando na minha caçada à fera!

— Não podemos — choramingou uma mulher — com esta forma humana num lugar desses seremos barbarizados e trucidados assim que um dos seres que aqui habitam nos ver.

— Por que os temem, se este é o seu lugar? Acaso não sabiam que afrontavam às leis divinas quando erravam e pecavam?

— Você é nosso juiz?

— Não e nem os quero por perto.

— Então, por que nos transformou em humanos?

— Infelizes ignorantes! Não foi eu quem os picou com ódio.

— Fomos obrigados a atacá-lo.

— Mas fizeram com prazer, pois imaginavam que se divertiriam com minha dor. Ou pensam que não ouvi seus pensamentos malditos quando saltavam em minha direção.

— Estávamos movidos pelo ódio e prazer de destruí-lo.

— Por que?

— Você simboliza tudo o que sofremos nas Trevas.

— Não fui eu quem os lançou nelas.

— Mas foi a Luz.

— A Luz existe, existiu e sempre existirá, porque ela é divina, e como tal só ficam nela os que a merecem.

— O que não é o seu caso, não?

— Exatamente!

— Então, por que a defende?

— Porque não a odeio e conheço suas regras e leis regentes. Se abdiquei ou a perdi, e isto pouco me importa, foi por meus atos, palavras e desejos. Eu odeio seres que pensam como vocês. São a causa da dor, miséria e desgraças que afligem os que só querem uma vida pacífica para poderem liberar seus potenciais luminosos. Foi combatendo-os por milênios incontáveis que desci até aqui.

— Mas então devia estar nas esferas luminosas, não aqui!

— Que me importa as esferas luminosas, se posso combater às Trevas em seu próprio domínio?

— Você é um louco!

— Não duvide disso! Eu sou louco e desejo a vocês os piores sofrimentos.

— Você é tão ruim quanto os piores demônios!

— Mas é lógico que sou. Ou imaginava que eu fosse um anjo iluminado disfarçado desta forma só para vir até essa imundície resgatar seres tão imundos como vocês? Quero que apodreçam aqui para todo o sempre, já que se voltarem à Luz, irão cometer os mesmos erros e crimes já praticados quando viviam sob o amparo da Lei.

— Ninguém nos ofereceu esta oportunidade uma única vez sequer! — exclamou chorando uma outra mulher.

— Agora chora, maldita? Por que um dia, quando vivia na carne e sob o manto protetor da Lei Divina, e amparada por familiares que a amavam, desdenhou tudo isto pela prostituição suja e barata? Por que quando seu pai tentou falar-lhe das leis de Deus, você amaldiçoou Deus?

— Eu estaria iludida.

— É fácil encontrar uma desculpa para o desejo que a consumia e ainda não purgou até hoje, não? Ou pensa que não estou ouvindo o que passa pelo seu sujo mental, só de ver estes idiotas que aí estão? Por que não se joga sobre eles e dá vazão a seu insaciável desejo pelo sexo?

— Eu não posso controlar-me! O desejo consome minha alma imortal.

— Faça-o, pois eu não me incomodo. Eu só tenho um objetivo, e o desejo não faz parte dele. Assim como o seu mental foi dominado por este vício das Trevas, o meu foi dominado pelo ódio ao causador de todos os vícios.

— Então não é diferente de nós.

— Não fui eu quem se lamentou da pena sofrida pelos erros cometidos; não fui eu quem amaldiçoou o Senhor da Luz da Vida. Vá até eles e convide-os para seus prazeres bestiais

que comportam o crime, a blasfêmia e o ódio. Ou pensa que não sei que além de renegar a Deus ainda matou seu próprio irmão quando ele tentava levá-la de volta para sua casa?

— Pensa que não me arrependi de tê-lo matado? O que mais eu gostaria de fazer seria pedir-lhe desculpas.

— Desculpas? Você devia é pedir-lhe perdão, mulher. Mas ainda não é este o principal motivo de sua queda, e sim sua blasfêmia contra Deus e tudo que está contido na luz da Lei. Antes de pedir perdão ao seu irmão, deveria se reconciliar com Deus.

— Como, se já fiz isto milhares de vezes?

— Se pediu e não foi atendida é porque Ele não a ouviu.

— Como posso fazer para ser ouvida?

— Só conseguirá ser ouvida por Ele quando sua dor for maior que seu prazer e ela fizer com que purgue todo o desejo que corrói seu mental inferior.

— Mas não consigo me libertar dele, que me domina da cabeça aos pés.

— Eu sei disso, pois se o desejo tivesse uma forma você poderia ser chamada assim. Tenho certeza que mesmo com esta aparência repugnante, você se jogaria sobre mim se eu a convidasse.

— Estarei à sua disposição quando desejar possuir-me como mulher!

— Maldita! Eu estou aqui movido pelo ódio e não pelo desejo de prazer.

— Só estou querendo agradá-lo!

— Ao inferno com seus agrados. Eu não desci a este lugar imundo para receber agrados de uma imunda igual a você. Agora cale-se, pois preciso do silêncio.

Neste momento ecoou novamente a gargalhada que assustava a todos no inferno. Enquanto todos encolhiam-se nos cantos mais escuros tremendo de medo, Saied puxava de sua espada encantada e punha-se alerta.

— Eu vou deixá-lo, louco guardião da Luz!

— Eu já estou louco.

— Não é dessa loucura que quero que sofra, e sim do desejo de voltar à Luz.

— Nada tenho nela e não desejo lá voltar antes de degolá-lo.

— Você já está derrotado, guardião idiota! Eu penetrei em seu mental.

— Conseguiu isto por culpa desses idiotas que o alimentam?

— Sim, eles me alimentam com o desejo, a inveja, o ódio, a ambição e o medo. Vou criar à sua volta um campo tão vasto dessas coisas, que não conseguirá mais me absorver, pois irá absorver a estas emanações que eles lhe fornecerão.

— Eu os degolarei e limparei o campo à minha volta.

— Não terá coragem de fazer isto com eles, eu penetrei no seu mental enquanto se distraia com esta vadia.

— Fez o mesmo que eu fiz enquanto urrava, não?

— Exatamente, guardião de seres caídos. Gostou de sua nova falange?

— Não são minha falange. Eles lhe pertenciam, pertencem e sempre pertencerão.

— Eu não os quero mais, guardião! Estes são seus, e lhe acrescentarei outros ainda.

— Não mande seus servos caídos da Luz covarde!

— Não disse que me alimento deles?

— É uma verdade.

— Então serão o seu alimento também.

— Eu quero me alimentar do seu ódio, pois ele me fortalece e permite que eu o destrua.

— Está nos meus domínios, tolo sangrento! Aqui eu sou

a regra e você a exceção. Não foi isto que disse? A exceção à regra será a regra nos seus domínios em meu vasto reino.

— Eu sou como fui forjado em minha origem, mas você é o que lhe fornecem os que vivem no meio. Então, todos os daqui são seus.

— Agora não mais me pertencem e serão destruídos se abandoná-los.

— Você não pode fazer isto com eles!

— Mas você mesmo não disse que são meus? Se é uma verdade o que afirmou, então posso fazer o que quiser com eles.

— Isto não é justo!

— O que é justo nas Trevas?

— Maldito! Você está assumindo o controle de nossa luta.

— Eu domino a tudo e todos em meus domínios e neste ponto você não é a exceção, pois o seu ódio não é maior que seus princípios de Justiça. Não os abandonará à sanha das minhas bestas destruidoras.

— Como pode ter certeza de que não os abandonarei?

— Eu sei que não os deixará agora que sabe que serão destruídos pelas fúrias do inferno. Eu o vigiava quando deixou que o picassem e depois não os largou caídos no solo. Seu senso de caridade e justiça o destruirão, guardião idiota.

— Pode estar enganado!

— Eu sei que não estou. E você sabe que agora conheço os seus pontos fracos. Você é o que sempre foi, é e sempre será: um idiota que cai ao defender seus semelhantes. Eu criarei no meu reino um vasto domínio só sei e o inundarei de servos só seus, que o enlouquecerão e lhe tomarão todo o tempo que lhe resta na eternidade.

— De nada lhe adiantará este artifício, pois um dia sairá em campo aberto contra mim e aí, eu o destruirei.

— Já não consegue absorver meu ódio, guardião!

— Você agora está se divertindo comigo.

— Exatamente guardião! Ainda fará com que eu o ame. e então eu o destruirei para sempre.

— Você não é capaz disso, rastejante!

— Como não? Você não conseguiu odiar tanto quanto eu? Talvez eu consiga amar tanto quanto você!

— Está lutando no meu campo, ser desprezível! — falou Saied.

— Você não disse que aqui a exceção é a regra? Pois se a exceção que é a regra sou eu, você será a exceção à regra que não é regra e sim exceção.

— Onde quer chegar com isto, cão raivoso?

— Onde sempre estivemos e estamos, mas não por muito tempo, pois eu vou destruí-lo, guardião da Luz.

— Você enlouqueceu. Eu estou aqui para destruí-lo e não para continuar com o eterno jogo entre o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas. Esqueceu que eu subverto a regra da Luz e ao invés de subir através dela eu preferi descer nas Trevas para degolá-lo?

— Agora não é mais o condutor de nossa luta e não tem mais a iniciativa do combate. Eu a tomei de você, guardião!

— Engana-se. Eu estou nos seus domínios e a isto eu jamais tive, tenho ou terei.

— Agora tem, guardião! Eu estou lhe dando o que não conseguiu nem na Luz, nem na face da terra. Finalmente você é rei no inferno, guardião da Luz. Cuide bem do seu reino. Ele está nos meus domínios e aqui reina absoluta a exceção à regra, e você é a exceção à minha regra.

— Faz do jogo de palavras sua arma, e de sua arma um enigma, e de um enigma o novo campo de luta, ser maligno!

— Exatamente, guardião da Luz. Eu assumi a iniciativa e agora a exceção será regida pelas minhas regras e não as suas loucas exceções.

— Veremos, ser ignóbil! Eu o tirarei de seu negro abismo e quando estiver no campo aberto conhecerá todo o meu ódio, que imantará esta lâmina encantada, a única que pode destruí-lo. Reconheça que é um covarde que teme um guardião da Luz que subverteu as regras do eterno jogo. Vamos, descomunal verme rastejante! Reconheça que um iniciado na origem pode acabar com você! Nada foi, é ou será enquanto for combatido nos seus próprios domínios.

— Não conseguirá mudar para o ódio o que sinto a seu respeito neste momento. Tente guardião da Luz, pois quanto mais o fizer, mais estará sob o meu domínio.

— Eu o conduzirei ao combate direto, covarde tenebroso.

— Até que isto aconteça, divirta-se com os que habitarão o seu reino nos meus domínios, ou seu domínio no meu reino. Hei-los, guardião da Luz! São todos seus a partir de agora. Cuide bem deles para mim.

— Não faça isto maldito! Terei que destruir a todos eles para atingi-lo.

— Se fizer isto, estará concretizando o que nem eu pude fazê-lo.

— Eu sei o que quer, ser traiçoeiro! Quer que eu use injustamente minha espada simbólica encantada com eles e cometa uma injustiça que destruirá o meu senso de justiça, e então desarmonizarei o meu mental superior.

— Exatamente, guardião da Luz! Se devastar todo o inferno em sua luta, você só se fortalecerá, porque isto foi armazenado em sua memória na sua origem. Mas se destruir um só inocente, será destruído pelo seu próprio senso de justiça.

— Você é mais astuto do que eu imaginei e conseguiu penetrar em minha memória até sua origem.

— Só a sua origem eu desconhecia, mas nem isso é mistério agora. Eu o dominei guardião da Luz! Se os destruir, enlouquecerá com sua injustiça, e se não os destruir, não poderá me combater. Eu o encurralarei guardião da Luz!

— Eu os abandonarei e continuarei sozinho!

— Meus ferozes demônios os despedaçarão se fizer isto!

— Então, eu os encaminharei á Luz.

— Aí estará voltando ao antigo e eterno jogo entre Bem e o Mal, pois terá que abandonar o ódio para conseguir tal coisa. E quantos mais encaminhar à Luz, mais o procurarão, e o seu domínio estará sempre cheio, porque assim eu ordenei e assim será enquanto estiver nas Trevas. Serão tantos, que ansiará por um minuto de descanso e urrará com a boca escancarada que deseja a Luz e seu descanso aprazível.

— Eu não renunciei à Luz para salvar ninguém. Você sabe disso maldito, ser traiçoeiro!

— Eu quero destruí-lo, guardião da Luz! E isto o destruirá. Estará usando seu poder não contra mim, mas contra você mesmo. Voltou à sua antiga luta, só que agora não conta com o amparo do seu Divino Mestre que lhe virou as costas quando deixou o amor e ergueu seu sabre dourado movido pelo ódio. Você se perdeu naquele momento guardião!

— Você usa como arma contra mim os meus erros e pecados. Esqueceu que eu admiti perante a Luz que eu havia errado, e que não fugia do meu castigo, se bem que a Luz sabe que quero degolá-lo!

— A Luz deixa os loucos praticarem suas loucuras à exaustão, guardião da Luz!

— Eu o odeio, maldito!

— Eu sei disso. Eu me espantaria se me amasse, ser amoroso!

— Maldito, usa as armas da Luz para me combater. É mais desprezível do que eu o imaginava. Foge da luta com o uso indevido de milhares de ignorantes, usa os tolos inocentes como escudo para se proteger.

— Eu sou o que você diz que sou, e não me nego de sê-lo. Mas você não é o que diz ser. Não nega a sua origem,

guardião! Renuncia à Luz, mas não ao seu senhor. Entrega-se ao ódio, mas não renuncia ao amor. Renuncia à existência na Luz, mas quer acabar com as Trevas. Você é um tolo enlouquecido ou um tolo ignorante?

— Eu sou o que sou e como fui forjado em minha origem. Mas eu sei que estou aqui porque assim o quis. Cansei-me de combater na Luz e desci às Trevas para provar, em seus próprios domínios, que é um covarde que foge ao combate aberto com um ser que ousa chamá-lo de covarde em seu próprio reino. Olhe como eles tremem de medo! Eles não sabem que você nunca foi, é ou será coisa alguma, e que se algo representa para eles é porque eles o alimentam em seus próprios mentais. Você não existe, ser maldito! Isso, odeie-me, já estou penetrando novamente no seu mental e absorvendo seu ódio. Como eu gosto disso! Você nada é quando penetro em seu ser. Eu o dominarei e o destruirei pois nada é, foi ou será. Eu o alimento agora com o próprio ódio que extraio de você. Odeie-me mais e mais, pois é isto que eu quero. Vamos, aproxime-se mais, eu vivo o seu ódio por mim e o supero em ódio e poder pois nada é, foi ou será.

— Você conseguiu novamente, louco idiota! Você me irritou o suficiente para desencadear sobre estes súditos do seu domínio no meu reino uma das fúrias do inferno. Já que se diz insensível à própria dor, veremos como reagirá à dor alheia.

— Não faça isto, o inocente não deve pagar pelo culpado.

— Todos os que estão no meu reino são culpados, e os que estão no seu domínio, duplamente.

— Por que?

— Porque foi dito a eles que você era o seu libertador e verão que nada é, foi ou será além de um louco idiota.

— Não desperte suas fúrias, ou eu as combaterei com tanto ódio como dedico a você.

— Veremos!

— Não se afaste agora que está quase ao alcance de minha espada, seu covarde!

Saied ainda cravou a espada no chão depois de saltar para a frente, mas só conseguiu arrancar uma gargalhada dele, que se afastou rápido.

— Covarde! Eu o odeio! Volte aqui ser asqueroso!

Fúrias dos Infernos

De nada adiantou insultá-lo. Ele se foi e Saied sabia que não voltaria, pois havia captado suas intenções. Então preparou-se para o pior. À sua volta aglomeravam-se milhares de seres disformes, transformados ou aterrorizados. Resolveu colocá-los nos seus devidos lugares e começou a falar como antes fazia no Vale da Luz Eterna, só que de forma inversa e brutal.

— O que querem aqui seres ignorantes? Acaso não ouviram o que falamos? Sumam-se e me deixem em paz para que eu possa eliminá-lo de vez!

— Não! Não! E não! Você é o nosso libertador. — gritou a multidão de seres caídos.

— Eu não posso libertar vocês e nem a mim mesmo.

— Pode sim! — gritou um homem bem perto dele — Você o desafia e não o teme. De você, ele tem medo!

— Vocês não estão compreendendo. Vão ser atormentados porque acreditam nele. Será que já não lhes bastam os tormentos sofridos aqui por terem sido envolvidos por suas mentiras ainda na carne?

— Você não nos deixará sofrer! — gritou outro.

— Estão enganados, se depender de mim, haverão de sofrer tanto, que elevarão suas cabeças aos céus e escancararão suas malditas bocas e urrarão tão alto que até os anjos dos sete céus os ouvirão. Mas nada farão enquanto não gritarem aos sete infernos que estavam enganados por terem acreditado nele e em suas mentiras. Então pedirão perdão a Deus e clamarão por Sua misericórdia divina, pois sem Ele vocês nada foram, são ou serão. Vocês o esqueceram e temem à Luz, mas ela os

observa com tristeza já que, na verdade, são todos ignorantes das coisas divinas.

— Ajude-nos a sairmos daqui libertador! — começaram a gritar.

— Esqueçam de mim, seres malditos! Sabem como eu era chamado quando criança? Eu era chamado de o "Filho da Tormenta" pelo meu pai. Eu sou o filho da tormenta! — seu grito ecoou por todo o inferno — Eu sou a fúria divina lançada nos domínio das Trevas e os que de mim se aproximarem sofrerão a dor e o tormento que só uma fúria pode provocar. Sumam-se daqui!

— Não podemos, fora do seu domínio as bestas feras rondam á nossa espera! — gritou outro.

— Então vocês foram condenados pelo das Trevas a sofrer o pior dos tormentos. Eu sou o seu tormento e os odeio, pois odeiam a Deus e à Luz.

— Liberte-nos e o deixaremos em paz.

— Como libertá-los, se quem poderia fazer isto seriam vocês mesmo, e para conseguir isto não precisam de mim! Urrem aos infernos que erraram e pecaram e estão arrependidos e aos céus que os perdoem e os ajudem.

— Muitos já fizeram isso e não adiantou, pois o tormento só aumentou.

— Então não haviam sofrido o suficiente e suas dores não eram superiores aos seus vícios. Mas saibam que quanto sua dor superá-los, então serão ouvidos, caídos pelos próprios erros! Sem Deus, vocês nada foram, são ou serão além de seres miseráveis que só encontram abrigo onde não são vistos, ocultados num tomento eterno.

Saied não pôde continuar a falar de Deus, pois a fúria do inferno invadiu o seu domínio no reino das Trevas. O horror tomou conta de todos, nuvens negras baixavam sobre a multidão e os lançavam no pior dos tormentos a que já haviam sido

submetidos. Urros de dor ecoavam por todo o abismo e extravasavam por todo o inferno. E os que tentavam sair dali, eram estraçalhados e lançados de volta no meio do tormento. Até Saied sentiu seu corpo espiritual ser comido pelos miasmas que formavam as nuvens negras, sem nada poder fazer, pois o seu desespero ao ver tanto sofrimento e ouvir tantos gritos de dor o colocavam em desarmonia. Mesmo ele passava as mãos pelo corpo espiritual tentando livrar-se dos miasmas vorazes. E a fúria do inferno não cessava!

— Urrem malditos! — seu grito foi tão forte que ecoou até nos tímpanos dos já estraçalhados. —Urrem e clamem, pois este é o seu tormento final. Ou nada serão em pouco tempo! Gritem tão alto que tanto a Luz quanto as Trevas os ouçam. Confessem seus erros, pecados e crimes que os lançaram nos infernos e que os atormentam! Urrem e clamem enquanto ainda podem fazer isto e serem ouvidos.

— Salve-nos, libertador! — começaram a gritar em coro.

— Só há um libertador, e este se chama Deus! Façam isto do mais íntimo dos seus seres imortais. Urrem e digam que nada foram, são ou serão sem Deus! Chorem de dor malditos! Lavem seus vícios com as lágrimas de sua dor.

E muitos tentavam fugir, mas logo eram lançados de volta irreconhecíveis.

E muitos não resistindo à dor, urraram aos sete infernos e sete céus, e confessaram seus erros, crimes e pecados e purgaram todos os seus vícios de uma só vez, ficando caídos no solo imundo chorando suas dores e lavando suas almas.

E os gritos de desespero foram dando lugar ao pranto de arrependimento.

Saied, num último esforço, puxou sua espada simbólica encantada e concentrou-se o quanto pode. Olhou o imenso abismo e ouviu só lamentos dos arrependidos. De seus olhos, lágrimas de pena rolaram pois a fúria estava solta e devorava o corpo espiritual de todos.

— Meu Deus! Meu ódio é maior que minha dor, mas não é nada quando confrontado com a dor alheia. Não poderei lutar contra ele assim! Estão todos caídos no solo e sendo devorados. Isto é o verdadeiro inferno!

Caminhou pelo vale ainda que sentisse uma dor horrível a consumi-lo, via rostos carcomidos a implorar auxílio e perdão a Deus. Então, no meio de um amontoado de espíritos semidestruídos, ouviu alguém dizer lhe.

— Isto é obra do ser das Trevas chamado... é ele quem espalha isto onde há Trevas.

— Como sabe quem é ele?

— Eu o vi fazer isto há muitos séculos atrás.

— Pense nele quando eu colocar minha mão sobre o seu mental.

— Eu o temo!

— Mais do que os miasmas que o consomem? Se não tiver essa coragem agora e se erguer do meio de sua fraqueza, logo não precisará mais temê-lo, pois não existirá como espírito e será reduzido ao nada.

— Eu pensarei nele com todas as minhas forças.

— Faça isso agora mesmo!

E Saied colocou sua mão carcomida sobre a cabeça dele e levantou sua espada simbólica encantada.

Imediatamente os miasmas começaram a ser puxados para sua lâmina e iam sendo destruídos pelo brilho dela. Quando o abismo ficou livre deles, Saied gritou:

— Levantem suas cabeças aos céus, escancarem suas bocas e então clamem a Deus para que os perdoe. Vamos, seres ignorantes das coisas divinas! Esta é sua última chance de serem mais fortes que aquele que os lançou nos vícios das Trevas!

E foi tão comovente, que Saied chorou ao vê-los clamarem a Deus dentro de um abismo profundo e negro do

inferno. Então, ele falou mais uma vez ao homem caído à sua frente:

— Pense neste ser infernal com todas as suas forças e fé em Deus, ser que confia no poder de Deus!

E o homem pensou e Saied segurou sua espada com as duas mãos e ajoelhou-se no solo e esperou. Pouco a pouco uma horripilante mancha disforme aproximou-se. Era o tal ser das Trevas que era atraído de encontro à sua espada simbólica encantada.

E Saied o viu por inteiro. Concentrou todo o seu poder mental e esperou o impacto. Foi horrível porque ele veio com toda a sua fúria contra Saied e sua lâmina. Com o impacto, ele cobriu Saied, mas também emitiu um urro de dor bestial que assustou a todos. Pouco a pouco, foi sendo destruído pelo poder da lâmina encantada que o queimava de dentro para fora. Em instantes, ele desapareceu.

Então Saied cravou sua espada no solo negro com toda sua força e outro urro mais horripilante foi ouvido. Do solo brotou o sangue negro que corria como numa bica.

— Sofra a nossa dor, ser idiota! Sofra e sinta como é bom sentir dor, maldito! Eu não me esqueci de você, não. Pena que você seja lento, porque esperei por sua cabeça, que é o único local onde o golpe será mortal. Urre maldito! Arreganhe sua bocarra aos céus e diga que é horrível sofrer, e que está arrependido! Pena que não fosse sua cabeça, ela estava a tão poucos passos de minha espada encantada! Saiba que foi para isto que ela foi feita? Ela é encantada com o poder de eliminá-lo, se encostar em sua cabeça.

Saied não levantou a espada, mas a moveu no interior do solo e arrancou mais um urro, e logo o sangue parou de correr. Ele havia se afastado para longe.

— Volte aqui, ser ignóbil! Volte, pois eu captei tanto ódio seu, que se aproximar só o suficiente, lançarei a espada de encontro à sua cabeça e o exterminarei para sempre.

— Eu vou destrui-lo, maldito guardião!

— Antes vou ensinar-lhe algo, ser idiota! Só suas presas poderão acabar comigo, pois se outra parte do seu ser tocar em mim, será ferido.

— Como sabe disso?

— Eu penetrei na parte do seu mental onde nem você tem acesso. Eu agora sei de coisas que até você desconhece. Tudo o que lhe causa dor e sofrimento eu agora sei, e vou fazê-lo sofrer o tormento da fúria divina lançada contra você.

— Eu ainda vou enlouquecê-lo, miserável ser sangrento!

— Eu volto a ter sob meu controle a iniciativa do combate e assim que eu me livrar deste peso que me lançou, voltarei a combatê-lo.

— Eu voltarei, maldito guardião!

— Volte agora para que eu complete meu trabalho. Volte maldito! Não se vá!

E Saied ficou a insultá-lo e a se condenar por não ter podido acertar sua cabeça. Mas de nada adiantou fazê-lo, porque sentiu que já não era ouvido. Foi até perto de onde estavam as bestas destruidoras e apontou a espada na direção de uma. Ela veio de encontro á lâmina e foi destruída imediatamente. Depois outra e mais outra e logo não havia mais nenhuma, pois as restantes fugiram assustadas.

Saied levantou a espada acima de sua cabeça e gritou:

— Eis o que sou! Eu sou o que sou porque assim fui forjado em minha origem pelo meu Criador e único Senhor. Quem n´Ele crer, jamais será vencido pelo poder das Trevas.

Então começou a tocar com a lâmina na testa de todos, devolvendo-lhes o antigo corpo espiritual com forma humana. Como haviam milhares e milhares, Saied não se deu conta do tempo que ficou ali. Quando terminou de curá-los, fez um dos seus inflamados discursos sobre o poder de Deus. Para finalizar falou:

— Acompanhem-me que vou tentar tirá-los daqui, pois preciso estar só para destruí-lo.

E Saied vagou por trevas e mais trevas até encontrar algo que lhe pareceu ser uma saída e avançou por ela e deu diante de um portal. Foi barrado por um ser hostil marcado por um símbolo no peito.

— Não pode avançar daqui para a frente, ser das Trevas!

— Deixe-me passar com estes espíritos, estão livres e vou conduzi-los à Luz.

— Espere aqui que vou chamar meu chefe.

Saied sentou-se numa elevação e empunhou sua espada. Então falou:

— Eu sei que me vigia, aguarde que logo voltarei, não vou deixá-lo em paz até destruí-lo, miserável! Pode me atrapalhar enviando-me a escória do inferno, mas nas impedirá que eu volte livre do tormento deles para caçá-lo. Por que se afasta? Volte aqui já que estava se aproximando! Tem vergonha de ser humilhado diante de um dos guardiões dos limites das Trevas? Chegue bem pertinho de mim e o mais silencioso possível, que ninguém além de mim ficará sabendo que o sangue que inundará as Trevas é o seu. Eu prometo a você que não contarei a ninguém e manterei segredo de sua morte.

Uma voz silenciosa lhe chegou ao mental:

— Como soube de minha aproximação, se desta vez é diferente a forma que estou usando?

— Não vou lhe revelar isto porque será o meu meio de acertá-lo quando estiver ao meu alcance. A mim não importa a forma que assuma. Sempre que estiver pensando em mim, eu saberei e se mover-se em minha direção, também saberei, assim como o meio e a forma que estará usando. Este é meu segredo e minha arma para vencê-lo, é bom que saiba disso, pois eu voltarei assim que me livrar deste lixo humano que lançou sobre mim.

— Você não os ama? Como os chama de lixo se acaba de salvá-los do meu domínio.

— Está enganado, são um estorvo para mim e só me afastam do meu objetivo. Mas não descanse tranqüilo não, pois logo estarei de volta para terminar com você. Já sei mais sobre você que você sobre mim. Chegue mais perto, quero penetrar mais um pouco em sua memória, até um ponto que você mesmo desconhece. Não fuja do meu alcance! Volte aqui, ser idiota!

Uma voz o interrompeu:

— Agora que ele se foi, pode me dizer o que deseja de mim?

— Sim. Eu quero passar pelos seus domínios para chegar até a Luz e entregar a ela estes espíritos redimidos.

— Não posso fazer isso.

— Por que não, guardião?

— Ninguém fez isso antes.

— Eu sou uma exceção à regra, e na exceção eu sou a regra e se lhe peço permissão, então a dará porque serei a única que conhecerá.

— Como posso entender este jogo de palavras?

— Que não sei como chegar á Luz e você me ensinará como.

— Por que devo fazer isso?

— É um guardião da Lei nas Trevas e não pode permitir que o purificado dos seus erros, crimes e pecados permaneça nas Trevas, assim como não permite que um pecador, criminoso e errado permaneça na Luz.

— Mas você não pertence à Luz!

— Que lhe importa isso, se não permanecerei na Luz?

— Acho que não vou permitir-lhe passagem e tão pouco ensinar-lhe o caminho da Luz.

— Não faça isso guardião, ou irá se arrepender.

— Por que me arrependeria?

— Eu estou com pressa de voltar ao abismo e colocarei o único símbolo que tem impresso no peito em confronto com os sete que trago impresso em meu ser imortal, colocados à minha disposição pela Lei na lâmina de minha espada.

— Você está se prevalecendo de um direito que não lhe pertence.

— Como não, se na Luz eu sou guardião dos sete portais!

— Mas agora não está na Luz.

— Então meu direito estende-se aos sete das Trevas, pois estou nelas agora.

— Assume o que não lhe pertence.

— Você também, pois está bradando o livre cumprimento da Lei ao impedir os que se redimiram de habitar o lugar que lhes é devido pelo amparo da Lei.

— O que acontecerá se eu não permitir?

— Invocarei o poder do meu símbolo de origem e será punido pelo seu símbolo sagrado, que o consumirá por inteiro.

— Como sabe disso?

— Digamos que entre as coisas que eu sei, esta é uma delas.

— Está certo. Você pode passar, mas terá que conseguir do outro lado a autorização do guardião do portal de Luz.

— Quando eu chegar lá, farei isto.

— Então passe e eu ficarei esperando-o aqui mesmo.

— Farei isto e voltarei, pois tenho que caçá-lo.

— Você está louco guardião. Só alguém enlouquecido faria tal coisa.

— Já fiz, guardião! Até logo mais.

Saied avançou pelo portal que separava as Trevas da Luz e caminhou, caminhou e caminhou. Cada vez mais via o ponto

luminoso crescer e brilhar com mais intensidade. Quando finalmente chegou diante do portal que separava a Luz das Trevas, foi barrado pelo seu guardião. Nova batalha verbal teve que travar até convencê-lo a permitir que ingressassem na Luz. Antes de ordenar-lhes que passassem, fez o seu último discurso inflamado a eles e o terminou assim:

— E lembrem-se de uma coisa: esta foi a única chance dada a vocês depois do que fizeram na face da terra em sua última encarnação. Se caírem de novo, não tenham dúvidas de que terão Dois a castigá-los, e certamente um deles serei eu. Agora passem e assim que todos estiverem na segurança da Luz, elevem seus pensamentos ao céu e orem a Deus em agradecimento por Ele ter olhado para vocês uma única vez, ainda que estivessem num abismo profundo e escuro no mais negro e tenebroso inferno.

Saied ainda viu através do portal, que não podia cruzar, todos eles orarem e serem acolhidos por seres luminosos. Viu quando todos se foram e ficou a sós com o guardião. Este perguntou-lhe:

— Por que os resgatou das Trevas?

— Eu não podia permitir que o inocente pagasse pelo culpado.

— Por que não curar-se também?

— Quero sentir a dor para não fraquejar em momento algum no meu propósito. Enquanto estiver sentindo-a, ele não poderá, num descuido meu, tentar-me com outras de suas ilusões.

— Por que não avança por aquele portal e não clama a Deus por Sua misericórdia e perdão, agora que resgatou milhares e milhares de uma só vez do mais profundo e negro abismo dos infernos?

— Eu prometo voltar e vou cumprir minha promessa, pois meu ódio ainda é maior que minha dor.

—É uma pena, pois está odiando a quem deve ser temido.

— Ele também me teme. E tanto temerá, que um dia sairá em campo aberto. Então eu deceparei sua cabeça com minha espada.

— Volte para as Trevas guardião, você está louco. Portanto, volte logo de onde não devia ter saído!

E Saied voltou às Trevas. Assim que passou pelo guardião do portal das Trevas gritou:

— Mais uma vez eu voltei, ser ignóbil! Desta vez não me escapará. Estou mais próximo de você, que você de mim. Sei mais sobre você, que você sobre mim. Temo menos a você, que você a mim e quando meu ódio a você, superar o seu aos homens, neste dia eu o degolarei. E isto está muito próximo. Vamos aproxime-se, está muito distante. Por que não vem me acolher ou recepcionar. Onde estão os seus auxiliares que sempre vêm dar as boas vindas aos que passam por este portal? Mande só um, ou todos, para eu aplacar um pouco do meu ódio destruindo-os e enviando-os à nona esfera nas Trevas. Vamos! Mande algum, não posso atacá-los apenas pelo prazer de destruí-los pois isto o meu senso de justiça não me permite. Já que não vem eu vou até você mais uma vez.

E Saied avançou e desapareceu no meio das Trevas. O guardião do portal das Trevas então falou ao seu auxiliar.

— Eis para onde conduz a loucura humana! Ele busca um abismo escuro, profundo e perdido no meio do inferno para suicidar-se, e não voltará mais, pois já não sabe o que faz ou fala e o ódio que o anima é maior que sua razão.

Saied avançou tanto, que já não tinha noção de mais nada. Direção, lugar ou tempo pouco importavam para ele.

Mas em dado momento viu o mais negro abismo, e achou que seria um bom local para atrair seu inimigo. Ingressou nele já o ofendendo, mas para surpresa sua uma imensidão incontável de seres ingressou nele também, ou saiu de seus buracos indevassáveis pela visão.

— Sumam-se — gritou Saied.— Sumam-se escória do inferno, ou terei que degolá-los a todos.

Uma gargalhada invadiu o abismo e Saied gritou:

— Ah! você finalmente veio ao meu encontro depois de tanto procurá-lo!

— Está no seu domínio em meu reino ou no seu reino nos meus domínios.

— Eu já me livrei dos que habitavam o domínio que você havia me dado. Você viu com seus próprios olhos quando fiz isto. Eu já não tenho reino algum.

— Eu o nomeei rei em meus domínios, e um rei não pode reinar sem súditos.

— Você não está cumprindo com o dito.

— Como não? Eu disse que em meus domínios você teria um reino que abrigaria aqueles que acreditassem que seria o libertador deles.

— Mas eu não desci aqui para isto, dessa forma volto à minha antiga função, com mais um agravante.

— Qual é o agravante, guardião da Luz?

— Terei que fazer com ódio o que antes eu fazia por amor.

— Acrescente mais um agravante, guardião!

Saied assustou-se, pois sentiu o prazer dele ao falar aquilo. Então calou-se.

— Sua reação me dá prazer, pois já percebeu qual é o agravante.

— Não pode fazer tal coisa, ser falso! Assim estarei condenado para sempre, porque todas as vezes que eu descer aqui, se ocultará atrás dos inocentes!

— Já lhe disse que no meu reino não há inocentes.

— Você usa os que nada mais têm além da dor, vergonha e desespero como companhia para me derrotar nas Trevas.

— Uso nas Trevas, que são minhas, o que usava na Luz, que já não mais lhe pertence, para nelas me derrotar.

— Como a Luz não mais me pertence? Posso voltar para ela quando eu quiser. O próprio guardião do sétimo portal de Luz convidou-me a passar por ele.

— Por que não aceitou?

— Eu não quis.

— Já incorporou um mistério das Trevas, guardião. Logo incorporará todos os outros. Tudo é uma questão de tempo e sou mestre em usá-lo a meu favor. Já o mesmo não acontece com você, sua impaciência o jogou no meu reino e com o passar do tempo o jogará em minhas garras.

— Qual foi o mistério das Trevas que incorporei?

— A mentira.

— Eu não menti, pois estou aqui para destruí-lo e ainda não o consegui por estar se escudando nos inocentes.

— Com não, se mentiu ao guardião do portal da Luz?

— Eu não menti ao dizer-lhe que preferia voltar para destruí-lo.

— Mas mentiu ao dizer-lhe que não se curava para que a dor o impedisse de ser tentado por mim.

— Eu não mentia.

— Como eu sei que mentia? Acaso não sabe que sempre que alguém mente, e não importa onde esteja, eu fico sabendo? Será que o tão sábio guardião já está começando a perder sua memória ancestral, onde está gravada desde sua origem, a regra de ouro dos guardiões que diz:" Não mentirá nem ao alto, nem ao meio, nem embaixo."

— Usa do jogo astuto do que digo para aniquilar-me.

— Você sabe que o ódio não comporta o desejo. Portanto, mentiu-lhe ao dizer que não queria ser tentado por mim em sua loucura. E para provar o que estou afirmando digo-lhe mais:

você penetrou tanto no mental do guardião do portal das Trevas como no do da Luz. Eles não conseguiam penetrar no seu para saberem se era sincero porque você já havia penetrado no deles. Então, saiba que ele só estava testando-o quando perguntou-lhe porque não se curava.

— Isto é um direito meu de dizer o que quero ou me interessa.

— Mas não o exime da responsabilidade pelo dito. Conhece a regra de ouro e também a regra que diz: "Não voltará atrás no dito ou prometido." Então está condenado a viver eternamente no inferno porque prometeu só dele se afastar quando me derrotar, e que não se curava para não ser tentado por mim.

— Posso não dar ouvidos às suas absurdas regras, que cria em cima do que digo.

— Lembre-se que aqui a exceção é a regra e você é a exceção da regra. Portanto, é a regra e como tal posso regrá-lo de acordo com meus desejos e interesses.

— Ainda posso contestá-lo diante dos juizes guardiões das leis divinas.

— Mas então estará colocando em jogo não só sua origem, que não comporta dúvidas como também não admite falhas ou o não cumprimento do dito ou prometido. Se clamar pelos juizes guardiões poderá convencê-los, mas a partir daí moverá em sua direção os olhos deles, que vigiarão todos os seus atos, palavras e ações, e na falha seguinte será lançado na escuridão total, já que apagarão sua estrela de origem, depositada em sua testa pelo Criador. Quer que eu os invoque agora mesmo? Em segundos estarão aqui com o tribunal todo para julgá-lo. Caso não aceitem suas desculpas como verdadeiras, terei um prazer imenso em executar a pena que lhe impuserem.

— Eu pagarei o preço do não dito pelo que insinua só para tirar-lhe o prazer de humilhar-me na frente deles com suas

regras absurdas criadas à revelia da Lei que rege a tudo e a todos.

— Então acrescente mais um agravante em sua luta rumo à sua derrota total.

— Isto não é justo! Eu sinto o imenso prazer que sente só de imaginar a dor que irá infligir-me.

— Na Luz, o justo é o amor, mas nas Trevas, só a dor é justa.

— Você está usando o meu código de conduta na Luz a seu favor nas Trevas.

— Mas foi você mesmo que afirmou que se estava nas Trevas então era um guardião dos portais das Trevas. Não poderá negar o dito e renunciar ao que é. Se isto fizer, então só criará mais um agravante pois já caiu sob o domínio do mistério das Trevas que se chama Mentira. Ou assume o dito, ou só aumentará a extensão de seu erro.

— Você está usando como arma para me derrotar tudo o que eu disse até agora.

— Então acrescente mais um agravante em sua luta rumo à derrota.

— Qual é ele?

— Terá que lutar em silêncio, pois tudo o que disser eu usarei contra você. Quanto mais falar, mais se imobilizará e muito mais fácil cairá em minhas garras afiadas, que o despedaçarão.

— Você faz isto só para calar minha voz. Tem vergonha de ser desafiado tão abertamente e ter que deixar impune quem o desafia para um combate direto.

— Por que não devolve a sua espada simbólica encantada ao guardião dos guardiões e se entrega a mim para que termine logo o seu suplício e martírio? Você sabe que já está derrotado e que não pode retornar mais, pois prometeu só sair das Trevas quando me derrotasse.

— Nunca me separarei dela, ser traiçoeiro!

— Não prolongue sua dor, vou destruir todas as suas defesas contra ela.

— Eu suportarei toda a dor que puder me infligir, ser maligno.

— Então faça sua oração aos seus súditos amaldiçoados, tanto nos céus como nos infernos, pois se a Luz não lhes abre suas portas, eu lhes fecho as minhas.

— O que quer dizer com isto, ser perverso?

— Quero dizer que a fúria da Luz lançada contra mim enfrentará a cada nova tentativa de me derrotar, uma das minhas fúrias, e que irá infligir-lhe dores horríveis. Em breve essas dores se tornarão insuportáveis, ao ponto de fazê-lo clamar por minha misericórdia.

— Não fará isto!

— Assim será feito, e como uma fúria do inferno não é lançada unicamente contra um único ser, então cada vez que retornar ao abismo, mas serão acrescidos ao seu reino no meio dos meus domínios. Para que sofra muito mais, pois sua dor será multiplicada em muitos outros milhares, sua culpa por fazê-los sofrer injustamente será maior. Se resistir às minhas fúrias, não resistirá à fúria divina que se abaterá sobre você por lançar tantos inocentes no sofrimento.

Como Saied calou-se e nada mais quis dizer, ele então falou:

— Já o calei, guardião! Agora assuma a dualidade que tomou conta do seu ser. De agora em diante é obrigado a odiar e pregar o amor. Terá que me odiar, mas nada poderá fazer além de evitar que a fúria divina se abata sobre você, pois se um inocente cair por sua culpa, será lançado pela ira do Criador em minhas garras.

— Maldito! Mil vezes maldito! Réptil traiçoeiro e desprezível! Ser perverso e maligno!

— Não perca o seu tempo contra mim, pois eu sou o que diz que sou e me fortaleço de você.

— Eu o derrotarei, ser covarde!

— Ficarei ouvindo sua oração de conversão dos esquecidos pela Luz e renegados pelas Trevas. Quanto mais inflamada for sua oratória, mais violenta será a fúria lançada sobre você e seus súditos.

— Meu Deus! Isto não é possível! Não pode ser verdade que isto esteja acontecendo comigo! Perdi a iniciativa do combate e fui condenado a fazer na dor o que antes eu fazia no amor.

— Estou esperando, guardião! Ou começa logo, ou me privarei do prazer de ser dual no inferno, assim como o era na Luz. Ou já se esqueceu de que era dual nela? Não pregava a vida mas derramava sangue? Comece, guardião!!!

E Saied iniciou sua oratória para despertar a fé no meio da imensa multidão de esquecidos pela Luz e renegados pelas Trevas. Foi, pouco a pouco, assumindo a sua personalidade de pregador das coisas divinas e inflamou-se a tal ponto, que chegou a tornar-se luminoso no meio das Trevas. Antes de terminar, muitos já haviam escancarado suas bocas depois de elevarem suas cabeças aos céus e admitirem e confessarem seus erros, crimes e pecados aos sete infernos, clamando o perdão a Deus. E Saied disse no final:

— Agora veremos se os que já se arrependeram de verdade poderão se manter na fé e esperança e se os que ainda não o fizeram agüentarão muito tempo sem fazê-lo. Então, gritem:

— Lance sua maldita fúria, ser castigador, pois já terminei!

E do solo brotaram labaredas imensas que envolveu todo o abismo e lançou o terror em todos ali aprisionados.

Os que ainda tinham algum resto de vestes a cobri-los,

tiveram-nas queimadas, e seus corpos espirituais sofriam o horror do fogo do inferno. E todos urravam de dor e o desespero tomou conta do já desesperador abismo. Saied, que dividia seu pranto entre a dor que lhe consumia e a que sentia pelo sofrimento a que todos eram submetidos, procurava mantê-los na fé e esperança divina.

E era o mais duro juiz a acusá-los dos crimes, erros e pecados, dizendo que deviam clamar perdão de Deus e auxílio dos Seus, que viria assim que purgassem no fogo todos os vícios das Trevas contidos em seus seres imortais. E quando viu a multidão chorando mas envoltas na fé e esperança, elevou sua espada acima de sua cabeça no gesto de sua consagração a Deus e depois caminhou até um ponto no centro do abismo e a cravou no solo. Um urro infernal de dor brotou da terra, Saied puxou sua espada e todas as chamas subiram com ela, deixando o solo calcinado em todo o fundo do abismo. Quem olhou para o alto viu o mais apavorante ser ígneo imaginável, que ia sendo consumido e absorvido pela lâmina da espada simbólica encantada. A primeira vista parecia que ela estava em chamas, mas em verdade ela só a absorvia, e Saied urrava de dor com a temperatura que a imantava. A dor era tão intensa, que caiu de joelhos.

Mas não largou sua espada, se fizesse tal coisa seria consumido pela fúria ígnea.

E em pouco tempo ela foi absorvida pela espada encantada. Mas ele não a largou, ainda que visse o corpo espiritual todo calcinado e as mãos em chamas. Ainda reuniu forças para elevá-la e cravá-la no solo gritando:

— Morra cão maldito! Eu sei que está ai embaixo.

Um urro invadiu o abismo calcinado e o sangue negro brotou do solo. E Saied correu a lâmina no solo e o urro aumentou de intensidade, até que de repente cessou Só se ouviam as fungadas e gemidos do ser infernal.

— Volte aqui! — gritou Saied — Venha provar mais um

pouco de nossa dor. Quero esgotar todo o sangue que já derramou dos inocentes na face da terra.

Mas foi em vão, pois ele fugiu espavorido para curtir sua dor onde não pudesse ser ouvido. E Saied começou a marcar todos os que gemiam de dor pelas queimaduras sofridas. E quanto tempo demorou ninguém sabe ao certo, mas quando terminou chorou de alegria e quando acalmou-se, falou:

— Como vocês são bonitos! Por Deus, vou levá-los à Luz onde só aumentarão sua beleza com a luz que adquirirão ao viverem nela os mistérios divinos que regem todos os que a aceitam como regra de vida.

Por Deus e pela dor que passaram, nunca mais se deixem envolver pelos vícios das Trevas, pois da próxima vez que algum de vocês cair, serão habitantes eternos das chamas do inferno.

E o pranto de alegria brotou nos olhos dos redimidos através do fogo. E Saied vagou pelos vales escuros e galgou os mais íngremes abismos até alcançar um portal onde pudesse conduzi-los à Luz e atingiu o quinto portal ascendente das Trevas, onde mais uma vez teve que argumentar com o seu guardião para que o abrisse e permitisse a passagem dos redimidos dos vícios das Trevas. Saied o ameaçou com a espada encostada em sua garganta, quando ele insinuou que gostaria de tomar para si algumas das lindas mulheres que haviam sido libertadas através do suplício do fogo, e que se achavam totalmente nuas. Saied o conduziu até diante do portal de Luz. Ali afastou sua espada do seu pescoço e falou:

— Agora volte ao seu posto. Não vou comunicar isto ao guardião do portal de Luz, mas fica me devendo esta.

— Um dia eu lhe devolverei o favor, caso caia diante do Senhor da Lei. Mas será nos meus termos.

— Quais são os seus termos, guardião?

— Multiplico por mil o que a mim é concedido.

— Então me deve mil vezes minha vida, pois eu podia tê-lo degolado quando errou.

— Assim será, pois não volto atrás no que falo.

— Faça isto guardião!

Quando ele se afastou, Saied foi até o portal e surgiu à sua frente o guardião da Luz. Novo diálogo, e toda a multidão avançou por ele e muitos o abraçaram. Saied chorou comovido e após o último passar por ele, o guardião da Luz falou-lhe:

— Passe você também, guardião!

— Não posso ingressar na Luz enquanto não derrotar o Príncipe das Trevas.

— Por que não? Saiu do fundo do abismo e alcançou o topo do quinto portal de Luz.

— Se eu fizer isto quebrarei uma promessa e serei lançado nas Trevas.

— Então, por que não encosta um dos sete símbolos de sua espada num dos sete contidos no que resta do seu corpo espiritual e o refaz por inteiro?

— Minha dor alimenta meu ódio contra ele e só fortalece meu poder mental contra o dele, pois se ele tentar absorver-me, terá que absorver minha dor também.

— É muito sábio, guardião. Leve minha capa para que cubra o seu corpo espiritual, ou melhor, o que resta dele.

— Por que fica sem sua capa apenas para cobrir alguém tão desprezível como eu?

— Eu não o considero tão desprezível assim. Além do mais, não fica bem para um guardião andar nu, ainda que esteja nas Trevas.

— Eu aceito. Sinto-me um tanto envergonhado por estar nu após ter minhas vestes queimadas pelo fogo.

— Mas e quanto ao seu corpo espiritual?

— Ao sentir sua dor ou ver seu estado, arrancarei forças do mais íntimo do meu ser para continuar até minha vitória final.

— Desejo-lhe boa sorte, porque apesar de saber que errou ao levantar sua espada contra uma inocente, tem feito o que nenhum guardião fez ou ousou fazer até hoje.

— Bem, obrigado pela capa. Com ela minha vergonha não incomodará meu ódio!

E Saied voltou às Trevas. Caminhava lentamente para poder sentir a vibração do seu formidável, astuto e perverso inimigo.

O Retorno ao Meio

Saied pagou o preço do seu repto lançado contra o Príncipe das Trevas. A cada descida, novo domínio no reino dele, ou reino nos seus domínios. E as fúrias se sucediam após cada oratória conversora dos que nada mais tinham além do abismo escuro como morada e a dor como companhia inseparável.

E Saied conheceu no corpo espiritual todas as fúrias do inferno e apesar de todo o poder concentrado em sua espada simbólica encantada, que agora poderia lançar as fúrias absorvidas por ela, ele não a usava em seu próprio benefício.

Absorveu as setenta e sete fúrias das Trevas, tanto na lâmina como em seu corpo espiritual. Saied mal conseguia rastejar quando subia os abismos e muitas vezes era carregado com certo nojo pelos que haviam sido libertados por seu ódio ao seu inimigo mortal.

E quando passou pela décima primeira vez pelo sétimo guardião do sétimo portal das Trevas, este falou-lhe:

— Por que não vai até o oráculo para descobrir um meio de derrotá-lo?

— Não quero usar de outro recurso além do meu ódio para derrotá-lo.

— É uma luta inglória. Está se destruindo pelos caídos e não consegue nada mais que pequenos golpes no corpo espiritual dele. Não é assim que se vence uma luta contra um ser astuto como ele. Quantos guardiões já não caíram só porque tentaram destruí-lo, tanto na carne, como no espírito?

— Muitos caíram?

— Centenas e centenas.

— Sabe onde estão?

— No sétimo abismo do sétimo inferno. Todo guardião que ele derrota, aprisiona lá e jamais o solta, ainda que os juizes guardiões lhe tenham ordenado milhares de vezes que o faça. É para lá que ele quer levá-lo, guardião!

— Onde é o oráculo e como chego até ele?

— Fica no meio e é neutro. Eu posso levá-lo até ele, caso queira minha ajuda. Mas só o levo até a porta de acesso ao meio. Qual é o seu oráculo?

— O sétimo do primeiro símbolo.

— Por que não o consultou antes de iniciar esta luta sem fim? Já faz muito tempo que eu o vejo combatê-lo e só o que consegue é libertar os caídos de tempos imemoriais, que nada mais tinham que um profundo e escuro abismo no inferno e a dor como companhia.

— Não sei se devo, pois prometi destruí-lo com o auxílio de minha espada encantada e todo o meu ódio.

— Então, use-os com sabedoria, senão logo rastejará como um verme e não alcançará o sétimo abismo do sétimo inferno, onde conquistará um reino em seu domínio, ou um domínio em seu reino, para que, tenha de volta ao campo de lutas novos guardiões da Luz, caso venha a cair.

— Tem razão! Vou mudar minha tática de luta e irritá-lo tanto, que um dia sairá em campo aberto.

— Então, dê-me esses ossos que restaram de sua mão e eu o conduzirei até uma entrada de acesso ao meio. A partir dali compete a você chegar até o sétimo oráculo. Espero que tenha força suficiente para tanto.

— Não aperte meus ossos pois doem muito, guardião!

— O que não dói em você?

— Só onde estão os símbolos. Às vezes volto minha mente para o interior deles com o único intuito de não esquecer de vez como já foi bom ter um corpo espiritual, mesmo sangrento.

— Estamos perdendo tempo. Vamos?

E Saied foi conduzido até uma entrada para o assustador meio.

— Quer minha capa, guardião dos sete símbolos?

— Não. No meio sou o que sou e nada preciso ocultar. Posso ser tudo e não ter ódio, medo ou vergonha de nada.

— Cuidado, pois no meio não existem leis ou regras. É aí que o alto e o embaixo se encontram.

— Já entrou nele?

— Sim, mas só guardado pela minha falange. Eu, ainda que protegido por este símbolo que me confere certos poderes, não me arrisco sozinho. Espero que consiga não só encontrar o sétimo oráculo, como sair ou sobreviver ao meio.

Saied avançou pela passagem lentamente, pois seus movimentos eram lentos. Havia perdido o poder de volatizar-se desde a vez em que tentara degolar uma inocente, e a despeito de tudo o que sofrera em conseqüência disso, jamais recuperara esta faculdade comum a todos os espíritos. Havia atingido tal densidade, que seu mental ficara paralisado nesta faculdade. Agora, um século depois, ainda pagava o preço de um momento de fraqueza que, se não fosse por mestre Anaanda, fatalmente o lançaria para todo o sempre na loucura e escuridão.

Agora, a densidade formada pelo seu mental o incomodava imensamente pois o seu corpo espiritual era quase igual ao material, que deixara na terra após o suicídio no abismo profundo. E este mesmo corpo havia sofrido de alguma forma a ação fulminante das fúrias do inferno. Seu corpo tinha partes apodrecidas, outras calcinadas, outras esfaceladas e cortadas por garras afiadas, perfuradas, inchadas ou feridas inflamadas.

Mas a despeito de tudo isto, Saied ainda era movido pelo ódio que o animava e consumia ao mesmo tempo. Possivelmente um outro espírito movido pelo ódio já o teria purgado há muito tempo, mas para ele não. Era uma questão de vida ou morte continuar odiando. Se parasse de odiar, cairia no abismo negro do inferno e jamais sairia dele. Por incrível que possa parecer, às vezes clamava por mais dores, quando atingido pelas fúrias. Isto irritava seu inimigo mortal, pois atiçava seu ódio e o desejo de fulminá-lo, e então avançava ao encontro de Saied e era atingido.

Era o ódio à Luz contra o ódio às Trevas e como todo tipo de ódio, só produzia dor.

E agora Saied avançava lentamente pela passagem de ingresso ao meio. Suas mãos espirituais, reduzidas a assustadoras garras ósseas, seguravam sua espada encantada simbólica como se a tivessem travado. Ele não a largava nunca e às vezes a usava como apoio para manter-se de pé e caminhar. Sua respiração era ofegante e de vez em quando um abafado gemido de dor a acompanhava.

Saied era a união da dor e do ódio a vagar pelas Trevas, e agora ingressava no meio á procura do sétimo oráculo do primeiro símbolo.

Assim que ultrapassou a extensa passagem e viu o meio e como ele era, gargalhou de prazer mórbido. Como a dor aumentou, caiu de joelhos e apoiou-se na espada para levantar-se novamente. Gargalhava da ironia e chorava de dor. A visão que alguém teria dele seria dantesca.

No meio, ele revia a noite em que nascera, e gargalhava e chorava ao mesmo tempo. Avançava no meio entre o alto e o embaixo e amaldiçoava por não ter vindo antes ao caos, à sua origem e à noite de sua última encarnação.

O meio era a tormenta e Saied era seu filho dileto, pois tanto na Luz como nas Trevas, levava o desequilíbrio; tanto no modo de agir, como no modo de ser. Tanto na Luz como nas

Trevas, Saied era a exceção à regra, e em conseqüência, tornava-se a regra da exceção. Então, num último esforço, gritou:

— Meio, o seu filho dileto voltou à noite do seu nascimento na carne! — gritou ele entremeando soluços e gargalhadas, enquanto falava.

— Meio equilibrador, eu voltei à minha origem! Acolha-me em seu terrível ventre com todas as suas tormentas, pois eu vago há quase duzentos anos à sua procura e só quando estou igual a você consigo descobri-lo. Meio, eis-me de volta ao meu ventre gerador. Saied, o maldito Saied, está de volta ao meio que o gerou. Hoje eu choro e sofro como na noite de tomento em que nasci, portanto, urre de dor e gema nas suas contrações uterinas, pois teu filho dileto volta ao seu ventre gerador. Meio gerador, urre aos quatro cantos, pois o filho da tormenta voltou ao ventre materno e traz de volta com qualidades adquiridas tanto na terra, como no céu ou no inferno, a dor de minha mãe e o ódio de meu pai carnal. Eis-me de volta ao infinito vale atormentado e exulto de ódio, dor e alegria ao mesmo tempo. Por que não clamei por você ao suicidar-me! Eu fui, sou e sempre serei um estúpido ignorante. Esteve sempre ao meu alcance e eu não saiba disso! Meio, urre de dor e ódio, pois o dileto filho da tormenta está de volta ao caos. Urre de dor, pois eu fracassei na Luz e me cobri de ódio, pois eu estou fracassando nas Trevas também.

— Eis-me de volta, meio sagrado e gerador da vida. Como pôde fazer isto com o seu filho dileto? Como o lançou na terra só para levar o tormento a ela, ao céu e ao inferno? Por acaso tem tanto ressentimento assim das outras três partes que formam a quadratura do círculo onde tudo está contido? Meio que geme, gargalha e blasfema, eis o seu filho dileto, que o leva para o lugar em que estiver, de volta. Urre, gema e gargalhe, pois eu voltei a você, depois de me perder na terra, no céu e no inferno!

Contraia-se, útero gerador! Mas contraia-se de medo de

mim e expanda-se na tentativa de me expulsar do seu meio. Trema como a mãe assustada, pois o seu filho atormentado está de volta ao meio do seu medo. Meio que é o caos, trema como a virgem que vai ser violada pelo ódio, prazer e dor de um ser enlouquecido, porque eu vou penetrá-lo agora e trago comigo o sangue da terra, o castigo do céu e a revolta do inferno.

Eis-me de volta à minha origem, meio que é o caos! Eis-me de volta, e quero minha mãe geradora para saudá-la com as setenta e sete fúrias do inferno contidas na lâmina de minha espada simbólica.

Eu o amo meio atormentado! Sim, como eu o procurei. Vaguei pela terra, céu e inferno à sua procura e só agora, que trago como únicas qualidades o ódio e a dor dos meus pais carnais, eu o encontrei. A dor eu adquiri por perder o céu, o ódio por perder o inferno, e não ter conquistado senão o sangue na terra.

Meio, meio e meio! Saúde-me com a tormenta, ou o atormentarei ainda mais com meu ódio e minha dor, meu desespero e aflição, meu desejo e abatimento, com minha derrota e vingança. Meio, eu o amo e ao mesmo tempo o amaldiçôo! Meio, eu o quero e ao mesmo tempo o recuso! Meio, eu o desejo e não posso possuí-lo, pois sou parte de você e você sou eu por inteiro.

Urre de dor e grite de desespero, pois o filho que um dia expeliu do seu ventre gerador está de volta. E volto com todas as qualidades do meio, atormentado pela dor da geração e o ódio por ter sido gerado.

Meio, eis o atormentado e dileto filho da tormenta, do caos, de volta depois de ter derramado o sangue na terra, lágrimas na Luz e gemidos nas Trevas.

Eis-me aqui por inteiro e sem faltar nada e sem nada a acrescentar às qualidades suas, depositadas em mim quando de minha geração para a carne. Se causei a dor à minha mãe e o ódio ao meu pai, é só isto que trago de volta.

Saúde-me meio, pois o filho da tormenta voltou ao caos, e tanto o céu como o inferno tremem quando isto acontece porque nenhum dos dois pode me acolher. Então me lançam na terra só para atormentar a humanidade com a minha doutrina de ordenação do caos. Eu levo a Luz, mas cubro-me com o manto das Trevas. Levo na mão direita o vaso da Vida e na esquerda a foice da Morte!

Eu sou isto, meio! Eu sou o filho da tormenta, o atormentado filho do caos. Sou amado por poucos, odiado por muitos e evitado por todos, pois onde toco, desequilibro!

Meio, eis aqui aquele que fala de Deus com as fúrias das Trevas aprisionadas em sua espada! Eis-me aqui, meio gerador do caos. Eis aqui aquele que impõe a vida em meio à morte e prega a paz no meio da guerra. Eis aqui aquele que faz seus semelhantes na carne, mas distintos na origem, chorarem quando só gostaria de vê-los sorrir, leva a eles a dor, quando só gostaria de eliminá-la para sempre. Eis aqui aquele que só semeia a vida, se semear a morte; ama se é odiado, e odeia se é amado. Eu sou o que é possuído contra a própria vontade de quem possui. Eis o que leva a morte a quem ousa possui-lo, a quem eu ouso possuir e a quem quer me possuir mas não deixo que o façam e nem ouso fazê-lo.

Acolha-me com todas as tormentas que sacodem o meio e o tornam gerador de seres duais como eu, o seu filho dileto, que se sou lançado na Luz, nas Trevas ou na carne, as desequilibro! Eu voltei à minha origem, porque só aqui eu transformo meu ódio em amor e minha dor em esperança, e meu amor e esperança em vida, e minha dor e ódio em morte.

E Saied urrou o mais forte que pôde e gritou:

— Que os sete céus e os sete infernos saibam que Saied, o filho da tormenta, voltou às suas origens, que o céu se ilumine e o inferno escureça, pois quando eu sair do meio irei ao encontro do meu fim, que é combater as Trevas todos os dias de minha infinita e atormentada vida, tanto no céu, como no

inferno ou na terra, porque eu sou como fui forjado em minha origem, e minha origem é o meio onde habita o caos, e o caos sou eu por inteiro, pois eu sou parte dele. Que a Luz me ilumine e as Trevas me escureçam, pois estou de volta ao ventre divino que me gerou e onde são lançados os que vem e os que vão; onde são lançados os que sobem e os que descem. Os que constróem e os que destroem; os que amam e os que odeiam; os que choram e os que sorriem; os que vivem e os que morrem.

Saúde-me meio! Saúde-me com todas as suas tormentas, senão eu o atormentarei com a minha saudação. Saúde o vivo-morto e morto-vivo que retorna às suas origens. Saúde o que odiou por só querer amar e o que só amou porque queria odiar. Saúde o que só destruiu para poder amar e o que só amou para poder destruir. Saúde o que quando sobe derruba e quando desce eleva.

Saúde-me meio gerador do caos da vida e da morte, pois quando eu deixá-lo o Príncipe da Luz se apiedará de mim, porque estarei totalmente louco, e o Príncipe das Trevas sentirá medo e tremerá diante de mim, pois estarei totalmente lúcido.

Saúde-me meio que é o caos, porque voltei à minha origem para poder ir ao encontro do meu fim. Só com meu fim terminará o tormento que me gerou, e isto só acontecerá e se completará por inteiro quando eu for consumido totalmente pelo tormento que minha geração atormentada instalou no meu ser imortal.

Saúde-me meio que é o caos, pois esta maldita geração na carne instalou o tormento em mim, ao tirar-me a mãe que me amaria apenas para deixar-me sob os cuidados do pai que me odiou.

Saúde-me com seu tormento na carne, que me tirou a mulher amada somente para me deixar com a mulher odiada.

Saúde-me com todos os seus tormentos, pois tirou-me o reino amado e só deixou para mim o reino odiado.

Saúde-me meio amado, pois seu filho odiado voltou à

sua origem e quer ouvir o pranto, sentir a dor e ver o sorriso de sua geradora divina!

Saúde-me, porque agora eu sou como a mulher que traz à luz um ser atormentado! Eu choro e sorrio, odeio e gemo, verto lágrimas pelos meus olhos e sangue pelo meu corpo.

Saúde-me com tudo o que compõe o céu e o inferno, pois foi do meio, que é o caos, que eles se originaram, e tal como eles, eu daqui também me originei.

Saúde-me com tudo o que o compõe e que nem o céu e nem o inferno comportam, e que foi preciso Deus criar a terra só para tudo o que há em você poder ser comportado.

Saúde-me meio que é o caos, pois eu, quando na carne, vivi em meio ao amor e ódio, sabedoria e ignorância, vida e morte, riqueza e miséria, abastança e fome, dor e saúde, pranto e alegria, fé e desespero, busca e desencontro, procura e perda, chegada e partida. Em tudo eu fui dual e como tal, eu volto à minha origem. Portanto, saúde-me como a mulher bonita, amada e fogosa que acolhe em seu leito e seus braços o amado que a penetrará no mais íntimo do seu ser e lhe dará alegria e prazer, dor prazerosa e amor dolorido, só para poder recolher em seu ventre o sêmen que lhe trará ao final de sua geração a dor dolorida, o choro doído e o sorriso coberto de lágrimas, pois acaba de lançar do meio do seu ser imortal um ser atormentado.

Saúde-me, meio que é o caos, pois eu contenho em meu ser imortal tudo o que em você está contido e por isto minha existência é um caos.

Saúde-me neste momento com tudo que o compõe, pois eu sou parte de você e você sou eu por inteiro. Saúde-me agora que ainda o amo, porque logo o odiarei se não me saudar e me acolher!

Saúde-me com sua força e poder, amor e ódio, sabedoria e ignorância, justiça e perdão, fúria e paz, tormento e calmaria, ser e não ser, luz e trevas, vida-morta e morte-viva.

E Saied elevou sua bocarra ao meio e urrou tão alto, que foi ouvido nos quatro cantos, assim como nos sete céus e sete infernos. Jamais alguém havia urrado de forma tão sentida, pranteada e dolorida. E os sete céus se comoveram e os sete infernos o odiaram. E os sete anjos o abençoaram e os sete demônios o amaldiçoaram. E a Luz o iluminou e as Trevas o enegreceram.

E Saied urrou e cravou sua espada simbólica no corpo do meio, assim como Édipo o fizera em sua mãe amada. E o meio o saudou com todos os tormentos e calmarias, todo amor e ódio, força e poder, sabedoria e ignorância, etc.

E Saied sentiu o meio inundá-lo com o que compunha sua origem.

E Saied foi absorvido pelo útero materno da sua mãe geradora. E tal como o feto, pacificou-se e adormeceu no ventre materno. Nem a Luz ou as Trevas o tocaram, pois só o meio o absorvera.

Luz e Trevas, o Eterno Conflito

Saied vagou mentalmente pelo meio do meio e consultou não só o sétimo oráculo do primeiro símbolo, como os sete símbolos do primeiro oráculo. E depois vagou até o reduto das sete serpentes sagradas e absorveu o veneno imortal de todas elas, que já haviam se enfraquecido em seu ser imortal. E Saied viveu o tormento das serpentes e das sete fúrias do meio e das setenta e sete calmarias também.

Então Saied puxou sua espada simbólica encantada do corpo do meio, e a guardou em sua bainha azul. Em seguida, saiu do meio como havia entrado e caminhou de encontro ao seu fim. Num mergulho profundo, Saied lançou-se até o sétimo abismo do sétimo inferno e cravou sua espada em seu solo putrefato e gritou:

— Eu voltei, ser desprezível! Voltei, porque nem o meio conseguiu me absorver e preferiu lançar-me de volta ao abismo. Agora eu invado os seus redutos mais ocultos e o desafio em sua própria morada eterna, pois vim de encontro ao meu fim.

— Você enlouqueceu, guardião!

— Eu sou o que você diz que sou.

— Você usa a minha palavra, guardião!

— Eu repito o que você diz!

— Você é nada guardião!

— Nada fui, nada sou e nada serei!

— Você não fala mais o meu nome, guardião!

— Eu não o vejo, portanto, você não existe.

— Eu vivo em você, guardião!

— Então eu só vivo porque vive em mim.

— Eu o odeio, guardião!

— Então eu sou o ódio que você deposita em mim.

— Eu vou destruí-lo, guardião!

— Então será destruído também, já que vive em mim. Em conseqüência, calará a sua voz, não terá quem repita as suas palavras, não terá onde depositar o seu ódio, nada será e então, enlouquecerá. Só então eu poderei degolá-lo.

— Como conseguiu chegar aqui guardião?

— Você me trouxe aqui quando eu gostaria de ter alcançado o oposto.

— Então volte para onde gostaria de estar.

— Você fechou-me a porta de acesso com o seu ódio a mim.

— Como posso abri-la para que retorne onde mais gostaria de estar?

— Abra-me as portas dos sete infernos e dos mais ocultos abismos para que eu recolha os servidores dos sete símbolos que você levou à queda e os aprisionou de uma forma que ninguém tem acesso a eles, para fazê-los urrarem e clamarem pelo perdão de Deus.

— Eu os abro para você guardião!

E Saied penetrou nos sete abismos dos sete infernos e libertou os servidores dos símbolos sagrados que urraram após elevarem suas cabeças aos céus e escancararem suas bocarras gritando que estavam arrependidos dos seus erros crimes e pecados. E ele os conduziu de volta aos seus guardiões maiores, que os acolheram.

E Saied voltou às trevas das Trevas e então foi indagado pelo seu regente:

— Por que voltou aqui guardião?

— Ainda não tenho o acesso ao lugar por mim desejado!

— O que devo fazer para facultar-lhe o acesso a ele?

— Quero penetrar nos sete pontos negros da magia para libertar os magos brancos que aprisionou neles e fazê-los redimirem-se, se assim o desejarem.

— Eu o conduzo a eles.

E Saied libertou os magos caídos que ousaram clamar o perdão a Deus e os conduziu aos seus templos astralinos de origem.

Mas voltou às Trevas novamente, e nova indagação.

— O que lhe falta agora, guardião?

— Libertar os mestres da Luz que caíram quando foram envolvidos pelas suas coisas misteriosas.

— Eu o conduzo somente para me livrar de você, guardião! Acompanhe-me.

E Saied libertou aos que renunciaram à Luz envoltos nas coisas misteriosas das Trevas, mas para espanto dele, voltou às Trevas.

— E agora guardião? Qual o motivo de sua volta? O que falta para alcançar o seu reino na Luz?

— Libertar os sacerdotes que foram induzidos ao erro pelas tentações que enviou a eles, quando no divino cumprimento dos seus deveres religiosos.

— Está bem, eu o conduzo até eles, mas já não suporto mais sua presença nas Trevas.

E Saied libertou os que renunciaram às tentações que os haviam tornado indigno aos olhos de Deus, e os conduziu às esferas de luz de onde haviam descido em suas últimas encarnações.

Mais uma vez Saied voltou às Trevas e chamou pelo ser das Trevas.

— O que quer agora de mim, guardião?

— Quero a chave de acesso à dimensão cristalina.

— Para que?

— Ali existem milhões aprisionados e preciso libertá-los para alcançar o lugar que desejo.

— Eu não possuo este poder, guardião!

— Como não? Você é o Príncipe das Trevas, não?

— Sou o que você diz que sou e nada mais.

— Então tem todas as chaves.

— Só as que me foram dadas na minha origem. O mundo cristalino não me pertence e a ele não tenho acesso. Se isto me fosse possível, eu já o teria subvertido aos meus desejos tal como fiz com a terra.

— Quem tem acesso a ele?

— Só dois que são um. E um que ao ser dual, forma o todo uno e indivisível, onde vivo eu nas Trevas e meu oposto na Luz.

— Então eu vou destruí-lo agora, pois já não me serve para nada.

— Por que destruir-me, se você tirou tudo o que queria de mim?

— Ninguém na Luz, convidou-me a nelas ingressar.

— Por que não?

— Você me fez cair e agora na Luz não sou aceito, e ninguém vem atrás de mim.

— Mas você libertou dos meus domínios milhões de almas e nenhuma se lembra mais de você?

— Não. Todos recebem o que tenho a oferecer-lhes, mas ninguém tem nada para oferecer a mim.

— Então, chegou a hora de servir a mim, guardião!

— A você eu só tenho que destruir, ser desprezível! E você sabe que agora eu posso fazê-lo.

— Mas você já não é movido pelo ódio e sim pelo prazer.

— Sim, é isto mesmo! o meu prazer é sua destruição.

— Mas eu já não o odeio mais, guardião! O prazer que está sentindo, está absorvendo de mim por finalmente tê-lo ao meu lado.

— Como assim?

— Eu o vigiei desde a sua origem e tenho estes milênios todos tentado destruí-lo, não?

— Sim, esta tem sido a nossa luta.

— Mas eu o combati de forma errada este tempo todo, guardião!

— Explique-se, ser desprezível! Estou sentindo suas vibrações e penetro inteiro no seu mental e sei que não está mentindo.

— Explico-me, guardião! Eu não o odeio mais e muito menos quero destruí-lo.

— Eu já senti isto em você desde que voltei do meio. Por que?

— Você é o humano que tenho procurado desde que fui originado.

— Eu vim para destruí-lo, não servi-lo!

— Mas eu lhe digo que não quero mais destruí-lo, guardião! Então, você não pode destruir-me porque tirei todo o desejo de vê-lo reduzido ao nada e o substituí pelo prazer de o ter ao meu lado.

— Não, não e não! Você está subvertendo as suas regras absurdas novamente.

— Isto acontece porque eu sou o absurdo, guardião. Eu vivo dos que me fazem viver e sou o que desejam que eu seja. Não tenho vida própria, se eu não tiver os humanos para me alimentarem.

— Isto eu já lhe disse há muito tempo.

— Pois é isto! Eu sou o que você diz que sou.

— Você está querendo que eu lhe conceda novamente a iniciativa do combate.

— Você sente em mim o desejo da luta?

— Não.

— Então?

— Você mudou de tática, ser ardiloso. Libertou todos os que eu pedi sem interferir e até facilitou-me a saída do seu reino. Está agindo num campo que não está contido no meu ódio. De você, só sinto prazer. Qual é o novo ardil?

— Meu mental está aberto a você e você está por inteiro nele e não sente o menor desejo de aniquilá-lo. Sabe o por que?

— Ainda não, pois o ódio não comporta o prazer.

— Eu lhe conto minha nova forma de lutar guardião!

— Eu sabia que era uma luta!

— Mas esta nova luta o cobrirá de prazer e glórias. Eu vi como você infligiu as fúrias aos caídos há milênios incontáveis. Eu os reduzi ao nada, e ainda assim eles continuavam irredutíveis em suas quedas e não reconheciam os seus erros. Eu os aprisionei em meus domínios por tanto tempo e falhei no castigo a ser aplicado a eles e você, e em pouco tempo, conseguiu o que eu em milênios não havia conseguido. Eu o procurei nos humanos e não o encontrei, guardião! Agora eu o quero para mim!

— Não sou, nunca fui e jamais serei seu, e não tente fugir do combate, pois meu ódio está intacto e não pode ser atingido pelo imenso prazer que está sentindo. Volte à tática antiga do confronto direto.

— Se antes eu o cobri de sangue, agora eu quero cobri-lo de prazer e glórias.

— Não quero nada disso, já estou no início do meu fim.

— Pois eu não vou deixá-lo se acabar, o que fatalmente aconteceria se eu continuasse a alimentá-lo com meu ódio.

— Por que faz isso comigo, ser volúvel?

— Eu o quero ao meu lado. Você conseguiu cumprir o que os juizes guardiões das leis disseram que um dia fatalmente aconteceria.

— O que ele lhe disseram?

— Que soltariam nos meus domínios o tormento da Lei que abalaria minha afronta a ela. Agora eu sei que você é a fúria divina lançada nos infernos.

— Mas agora é tarde, pois eu vou destruí-lo. Busquei no meio os mistérios de minha origem e voltei para lutar segundo minhas regras.

— Pois a mim não precisa combater. Eu lhe abri todas as portas mais ocultas dos abismos infernais e agora estou lhe oferecendo as chaves também. Já que conquistou o inferno, quero que assuma o seu trono e reine nos sete infernos. Entrará em todos eles e libertará a todos os espíritos que desejar.

— Eu não aceito! Só devem ser libertados os que estão prontos para a libertação. Libertar indistintamente seria uma afronta à lei que rege os infratores.

— Então subirá à crosta e lançará nas Trevas todos os que têm infringido a sua doutrina de vida. Eu não odeio os que já estão na Luz, guardião!

— Quem você odeia então?

— Os mesmos que você odeia. Os que já conquistaram a Luz não mais me incomodam, mas não dou paz aos que abrigam em seu ser imortal os vícios das Trevas.

— Está fugindo do campo de lutas, ser covarde. Onde está o seu ódio por mim?

— Primeiro transformou-se em prazer, pois finalmente descobri que ao invés de destruí-lo, deveria tê-lo conquistado. Agora quero tê-lo ao meu serviço. Eu o quero para mim, guardião!

— Eu não quero isto! E você sabe muito bem o que desejo.

— Mas eu vi como você recusou o auxílio aos que não quiseram levantar suas cabeças, escancarar suas bocarras e urrar para que os sete infernos e os sete céus os ouvissem nos seus pedidos de perdão e clamor à piedade e generosidade do Uno e Indivisível. Eu vi como você os ameaçou com as setenta e sete fúrias do inferno e os fez fugirem apavorados para bem longe de você. Você é o ser iniciado na origem que me faltava. Com você ao meu lado, não preciso de mais nada para completar o meu reinado na terra.

— Por que imagina isso?

— Eu sei que voltará à carne, e quando o fizer, estarei ao seu lado para guiá-lo. Então degolará todos os que me pertencem e os enviará mais depressa aos meus domínios onde, após sua volta, você lhes infringirá todos os tormentos das Trevas, mais os que buscou no meio, flagelando-os como nem o mais cruel ou o mais astuto dos meus servidores já imaginou fazê-lo. Então, na dor que você lhes causará, eles urrarão de desespero e aflição e verterão lágrimas de sangue. De todos os seus poros verterão o sangue. E onde chegarem, o sangue cobrirá o lugar. E onde tocarem, o sangue verterá. Então você terá a mais poderosa legião de servidores feitos á sua feição e desejo e o inferno inteiro o saudará como o mais poderoso dos seus demônios. Sua glória infernal extrapolará os céus e o cobrirá de sangue e os anjos verterão lágrimas de sangue ao invés de pingos luminosos, pois não terão alegria e sim tristeza em seus corações imortais. Todos os aclamarão como o mais cruel ser que se fez juiz e carrasco, e você reinará tendo aos seus pés todos, que se ajoelharão e o saudarão como o mais poderoso ser humano iniciado na origem. Então o meu prazer será tão grande, que o inundará de prazer, e para onde olhar transformará a dor em prazer e toda a dor, que tanto tem aliviado, imediatamente se transformará em prazer e o sorriso bestial tomará conta de todos os espíritos humanos.

— Você está louco!

— Eu sou o que diz que sou, pois me alimento do que você me alimenta. Nas Trevas eu sou o que você é na Luz e quero para as Trevas o que você quer para a Luz.

— Isto é loucura. Você endoidou e estou dando ouvidos a um ser dementado.

— Eu estou me alimentando da sua loucura e ela me chega assim, porque sou o inverso da Luz. Até posso imaginar uma nova era na forma de atuar no mental inferior dos seres humanos. Guardião, finalmente eu estou amando-o. Como você é poderoso! E eu passei milênios tentando destruí-lo. Nunca mais vou tentar isto. De agora em diante, eu o quero para mim e não mudarei de idéia por toda a eternidade, pois sem você eu nada fui, sou ou serei.

— Cale-se, maldito! Você subverte tudo o que tenho feito na Luz e inverte para os termos das Trevas.

— Mas é a verdade, guardião! Eu, ao meu modo, estou amando-o e de hoje em diante eu o quero para mim.

— Eu quero matá-lo e tenho o poder para isto, ser das Trevas!

— Eu sei e não quero o seu mal. Meu amor por você não comporta mais uma queda sua. Se me matar, cairá para o nono círculo das Trevas, de onde não há retorno. Não! Eu só quero que tenha prazer e glória. Eu o cobrirei de prazeres tão imensos, que sua dor nada será se comparada a eles e às glórias que aplacarão o seu ódio.

— Pare com isto! Eu não vim até aqui para ouvir isto e sim para degolá-lo.

— Você é mais poderoso que os guardiões dos mistérios?

— Não! Eu nunca fui e jamais serei mais poderoso que o mais frágil ser humano.

— Pois se nem eles desejaram me destruir, por que você, um mortal humano, deseja tal coisa?

— Porque eu o odeio e quero destruí-lo.

— Mas, em verdade, você não pode destruir-me, guardião?

— Por que não? Você me teme porque sabe que posso destruí-lo.

— Eu sei disso, mas agora que me inundou com o desejo de possuí-lo para o meu reino, eu só quero o seu bem e quero livrá-lo de um tormento pior que o que infligi a você estes milênios todos.

— Qual é este tormento?

— Que consume seu ato final e incorpore os espíritos originais das sete serpentes e me destrua, Ao fazer isso, absorverá tudo o que em mim existe e deixará de ser o que é, e será o que sou.

— Por que acredita nisso?

— Porque é verdade. E eu não quero perdê-lo quando finalmente o encontrei. Reinará por toda a eternidade ao meu lado e se cobrirá de prazeres e glórias.

— Cale-se, está mentindo.

— Sente que minto?

— Não, mas deve estar usando de uma nova técnica para safar-se da minha espada ou do veneno mortal que receberá quando eu invocar os espíritos imortais das sete serpentes.

— Estou realmente usando de nova tática, pois mudei radicalmente meu objetivo. Eu não quero destruí-lo, mas sim conquistá-lo.

— Não adiantará fazer isto para safar-se do meu ódio.

— Você teria coragem de repetir o que fez com Jaina?

Saied assustou-se ao ouvir isto.

— Como? O que está tentando fazer agora?

— Só me responda se teria coragem de repetir o que fez com Jaina quando a lançou nas Trevas.

— Não.

— Então está odiando uma outra Jaina, pois eu também quero possuí-lo só para mim e não dividi-lo com alguém.

— Isto é impossível! Meu Deus, que loucura! Este ser ardiloso quer safar-se de minha espada encantada ou do veneno mortal que o destruirá.

— Pois eu sou sua nova Jaina. Eu o quero ao meu lado e não o dividirei com mais ninguém.

— Assuma sua forma real e verá se tenho ou não a coragem de degolá-lo, nova Jaina!

— Eu vou assumi-la e correr o risco. Mas aviso-o de que se degolar-me irá para o nono círculo, ou assumirá o meu lugar nas Trevas.

— Prefiro o nono círculo!

— Até quando irá mergulhar nos abismos escuros?

— Só até degolá-lo!

— Mas no nono círculo há um ser mil vezes pior do que eu. Se lhe pareço mau, então lá verá o mal mil vezes mais intenso que aqui nas Trevas. Além do mais, eu sou a força que só existe porque sou necessário, senão o Criador já teria me eliminado há muito. Eu também tive uma origem, sou um meio e um fim.

— Como assim?

— Quando você quis degolar Jaina, por que agiu daquele jeito?

— Porque você irradiou todo o seu ódio em mim.

— Mas por que meu ódio o atingiu naquele momento, se não o havia atingido antes?

— Por que ela, atuada por você, tem me derrubado inúmeras vezes.

— Certo. Mas como eu penetrei em você?

— Pelo meu mental inferior.

— De onde veio o seu mental inferior?

— De minha origem.

— Quem o forjou?

— O meu Criador.

— Por que?

— Para que eu vivesse em constante luta interna contra o princípio do Mal.

— Então, o mal acessível aos humanos já existe adormecido nos seus mentais.

— Isto é uma verdade.

— O Bem também, não?

— Correto.

— Como você atua no mental do ser humano?

— Através do seu mental superior e positivo. Lá estão as virtudes.

— Para quê?

— Mostrar-lhe os erros adormecidos que os conduziram a novas quedas e estímulo o desabrochar dos mistérios da Vida.

— Existe um ser original que na Luz atua sobre este mental humano?

— Sim.

— E agora que já voltou à sua origem e tudo sabe sobre o mistério da criação original, pode negar que sou um princípio original criado para instalar a confusão no ser humano através do seu mental negativo ou inferior?

— Não posso negá-lo, pois isto também é uma verdade.

— Como eu atuo contra a Luz?

— Através dos seus auxiliares que infernizam os mentais dos humanos e os induzem aos erros, crimes e pecados.

— Por que fazem isto?

— Esta é a forma de atuação nas Trevas.

— E o princípio da Luz age como?

— Igual em seus métodos, mas para elevar o ser humano. Os mensageiros da Luz irradiam nos mentais superiores.

— Acredita na perfeição, onipotência e onipresença do Uno?

— Sim.

— Acredita que a ação dos meus mensageiros, quando na carne, é impermeável aos olhos d'Ele?

— Não.

— Acredita que se Ele quisesse não fulminaria os meus quando na carne, ou mesmo nas Trevas.

— Fulminaria, pois tudo está contido no interior do Uno.

— O Príncipe da Luz eleva os caídos?

— Sim.

— O Príncipe das Trevas pode derrubar os que sobem?

— Sim.

— Você pode descer nas Trevas e resgatar os que já cumpriram as suas sentenças?

— Sim.

— Um mensageiro das Trevas pode ir buscar um que queira viver na Luz, mas seja devedor da Lei?

— Sim.

— A pele do cordeiro não oculta o bom e o mal até que eles a dispam na morte da carne?

— Sim.

— Um humano na Luz não procura elevar um parente, amigo, ou conhecido nas Trevas?

— Sim.

— Um humano, vivendo nas Trevas, estaria em contradição se tentasse levar para as Trevas um parente, amigo ou conhecido?

— Segundo o seu raciocínio, sim.

— Se não tivesse derramado o sangue, teria se coberto com ele?

— Não.

— Mas acha certo que alguém que tenha se coberto com ele, possa viver na Luz?

— Não.

— Então, os demônios que me servem têm o amparo do Princípio Gerador para cumprirem suas funções, não?

— De certa forma, sim.

— Sim ou não?

— Sim, pois ao humano compete vigiar seus atos, palavras e ações.

— Quando você caiu?

— Quando não fiz isso e sofri sua atuação direta.

— Sou culpado, se este é meu princípio?

— Não é bem assim!

— Quando você convertia os que jaziam nas Trevas?

— Quando os submetia a forte carga emocional luminosa.

— Então estava errado!

— Não!

— Então, eu estava certo.

— Bem, sim.

— Sim ou não?

— Sim.

— Por que foi ao meio?

— Para encontrar o sétimo oráculo do primeiro símbolo.

— Para que?

— Para destruí-lo.

— Então por que não o fez, quando me encontrou assim que retornou às Trevas?

— Antes eu queria libertar os iniciados na origem e guardiões dos símbolos sagrados.

— E depois os magos, os mestres e os sacerdotes, não?

— Sim.

— Por que?

— Para libertar os que você havia se negado a fazê-lo quando assim foi ordenado pelos juizes guardiões da Lei.

— Mas eu já disse que eles haviam me ameaçado com a vinda de alguém que me faria libertá-los e que ainda me atormentaria por um século.

— Sim, você já disse isso!

— Pois quando você dominou minhas setenta e sete fúrias, eu descobri que você era esse alguém e não me incomodei de libertar todos os que você exigiu.

— Temia ser degolado por mim e cedeu.

— Mas você sabia que podia degolar-me e obrigou-me a libertá-los.

— Sim.

— Então eu nada mais devo aos juizes guardiões das Lei.

— Deve o desafio às suas ordens.

— Mas eu sou um princípio rebelde à Lei, não?

— Sim.

— Então eu estava no meu direito, não?

— Bem, talvez!

— Você, na Luz, não tenta evitar que alguém caia?

— Sim.

— Então eu, nas Trevas, também estou certo em tentar retê-los, não?

— Sim.

— Você dizia que não se devia atribuir a Deus os erros, pecados e crimes humanos, não?

— Sim.

— Continua convicto disso?

— Sim.

— É certo imputar às Trevas os erros, crimes e pecados humanos?

— Sim.

— Como, sim! onde é o Alto?

— Nos céus.

— E o Embaixo?

— Nas Trevas.

— E o meio.

— No caos.

— E onde o caos mistura o Alto e o Embaixo?

— Na terra.

— E a terra é o que?

— Onde Luz e Trevas vivem em constante luta.

— Onde tanto atuam os mensageiros da Luz como das Trevas, não?

— Sim. Mas se alguém pratica uma caridade, ela é creditada a Deus.

— Mas quem pratica um mal, a quem é creditado?

— A você, ser desprezível?

— Pelo que o praticou?

— Não, pois ele nega estar ao seu serviço.

— Isto porque está sob o controle do seu mental inferior, que comporta o egoísmo de negar-me o devido crédito, não? Ou por covardia em assumir-me, não? Ou por falsidade, e os atribui ao Uno, não?

— Sim, pois são vícios das Trevas que o dominam.

— Mas o dominado pelo mental inferior é o culpado pelo que pratica, não?

— Sim, a lei invisível o pune com as Trevas.

— Então, não pode atribuir a mim o que o homem me nega, assim como não o faz a Ele, o Uno, não é mesmo?

— Não concordo. Se o Bem é creditado a Deus, o mal deve ser creditado a você.

— Mas alguém que o faz credita a mim?

— Não, todos negam!

— Então?

— Você é o culpado pelo mal. Por isto vim aqui só para degolá-lo.

— Mas o homem possui os dois princípios em si porque assim quis o Uno, não?

— Sim.

— Por que ele o fez assim?

— Para que ele tivesse o livre arbítrio.

— O Uno os punem com o que?

— Com os seus vícios das trevas da ignorância.

— E compensa os que d´Ele se aproximam com o que?

— Com as virtudes da Luz.

— Então o homem é dual e esta sujeito as duas irradiações não?

— Sim.

— Onde eu erro em fazer o que veio em minha origem?

— No modo de fazê-lo.

— Por apagar a Luz?

— Sim.

— Então, você tem ofendido ao Uno ao tentar iluminar minhas trevas.

— Está gravado em minha memória ancestral fazer isto.

— Assim como está na dos demônios apagar a Luz, não?

— Sim.

— A quem compete acender à Luz?

— Ao homem.

— E quem a deixa apagar-se em si mesmo?

— O homem.

— Então o homem continua sendo o único culpado, não?

— Pela sua lógica louca, sim.

— Sim ou não?

— Sim.

— Se um homem alcança a primeira esfera superior, foi por que?

— Por créditos.

— E se cai à primeira inferior, por que isso acontece?

— Porque tem débitos com a Lei.

— O que subiu à primeira acima pode numa nova encarnação cair à sétima inferior?

— Sim e não, pois na balança pesará seus créditos anteriores.

— E o que caiu à primeira abaixo pode subir à sétima acima?

— Não, isto é impossível.

— Por que?

— Para subir, o homem tem de mostrar que está amadurecido e ter um imenso crédito junto à Luz.

— Você já subiu à sétima?

— Não.

— Por que?

— Meus créditos eram grandes mas meus débitos também.

— Como adquiriu seus créditos?

— Combatendo as Trevas.

— E os débitos?

— Combatendo às Trevas.

— Então os acertos são da Luz e os erros são das Trevas, e você é um inocente?

— Eu sou culpado dos meus erros, crimes e pecados e não nego isto.

— Então, eu não sou culpado de nada, pois os seus acertos são creditados à Luz e seus erros são seus débitos.

— Sim.

— Então, por que os outros humanos podem creditar seus débitos ao Uno?

— Eles não podem e eu os combato exatamente por isso.

— Então os erros deles são deles e não meu.

— Bem, sim.

— Sim ou não?

— Sim.

— Mesmo errados, devem ser amparados pela Luz e viver nela?

— Não, pois merecem as Trevas onde devem purgá-los até que elevem suas cabeças aos céus e urrem, etc., etc.

— Então, as Trevas devem existir para que o culpado não fique impune, não?

— Bem, sim. Sim!

— Na Luz há um regente que irradia sua luz e força e a sustenta, não?

— Sim, o Uno a criou e os guardiões da Luz a mantêm.

— Nelas, o impuro não ingressa, não é mesmo?

— Não.

— Mas nas Trevas, o iluminado não consegue viver, não?

— Sim.

— Então as Trevas são um mal necessário, não?

— Sim.

— Um ser bondoso é enviado às Trevas após deixar a carne?

— Não.

— Algum mensageiro meu vai buscar alguém que, ao desencarnar, pertença à Luz?

— Não, pois os da Luz o acolhem.

— Então, as Trevas só acolhem o que a Lei ordena que ela acolha, não?

— Sim.

— Quem alimenta a Luz?

— Os homens com suas boas ações.

— E quem alimenta as Trevas?

— O homem com suas más ações.

— Quem irradia o mental superior?

— A Luz.

— E o inferior?

— As Trevas.

— Quem destruiu a luz que havia em você?

— As Trevas.

— Por que?

— Eu abri meu mental inferior.

— Eu sou culpado por sua queda infernal?

— Não.

— Então, quem é?

— Eu mesmo, e por isto não quis retornar à Luz.

— Então, como ficamos?

— Preciso destruí-lo, pois prometi voltar só depois de destruí-lo.

— Mas se não sou culpado de sua queda, então não poderá levantar sua espada simbólica encantada e consagrada à justiça contra um inocente, não?

— Bem.

— Sim ou não?

— Sim. Se eu degolá-lo estarei infringindo o que foi gravado em minha memória ancestral quando de minha geração no caos.

— O que devo fazer então?

— Continuar tentando destruir-me.

— Mas eu não quero destruí-lo.

— Eu abaixo minha espada e abdico de minha autodefesa só para que me destrua, pois sou culpado perante a Lei de culpá-lo por uma falha minha. Estou pronto para minha destruição, cumpra-a.

— Eu não quero destruí-lo, mas sim tê-lo ao meu lado, pois é o mais sábio guardião que já desceu no inferno.

— Não quero isto.

— Você me conquistou e lhe dou as sete chaves dos sete infernos e as sete coroas também e o domínio deles para que castigue os que ofenderam à Luz e pertencem às Trevas até que elevem suas cabeças, escancarem suas bocarras e etc., etc., etc.

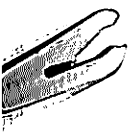
— Você não pode fazer isto comigo, pois não me conquistou com o seu modo de ser. Prefiro que me destrua, ser maligno!

— Eu sou a sua nova Jaina. Quero-o para mim e não o divido com ninguém. Eu o inundarei de prazeres e glórias e viverá toda a eternidade à minha esquerda.

— Diga se vai ou não destruir-me, ser das Trevas!

— Não. Mas quero-o para mim!

— Então, vou-me embora.



— Como, se o meio não o quer e a Luz não o convidou?

— Ainda me resta a terra.

— Os homens não o aceitam, guardião!

— Sempre haverá os que querem a vida, e lá estarei eu.

— Com este corpo espiritual apodrecido?

— Eu sou o que você fez comigo.

— Mas se disse que sou inocente, como posso ter-lhe causado mal?

— Então, sou o que fiz comigo.

— Fique aqui e lhe darei um novo corpo espiritual.

— Semelhante ao seu?

— Não. Você escolhe o que tinha na última ou em qualquer outra encarnação.

— Não. Eu vou para a terra.

— Não pode me deixar! Eu o quero comigo para sempre!

— Adeus, ser das Trevas!

— Não pode me deixar agora que provei que sou inocente.

— Mais uma vez, adeus!

— Eu o cobrirei de prazer e glória. Darei a você as sete chaves e as sete coroas.

— Adeus, e até nunca mais.

— Você pagará caro por me deixar. Não faça isto!

— Vou e não me perturbe mais. Não quero voltar ao meu ódio contra você e degolá-lo. E olhe que ele está voltando, assim como o seu também. Aumente o seu e eu levantarei minha espada.

— Depois de conquistar o maior dos reinos irá abandoná-lo?

— Sem Deus eu nada tive, tenho ou terei.

— Mas comigo tudo terá.

— Pior que o suicídio, seria a vergonha aos olhos do meu Deus.

— Abdique d'Ele e de nada mais se envergonhará.

— Isto pelas regras, mas nelas eu sou a exceção.

— Um dia eu o trarei para mim.

— Sem Deus eu nada fui, sou ou serei, pois o meu remorso será tão grande, que cravarei minha espada simbólica no meu mental e o esfacelarei em tantos pedaços, que nem o meio conseguirá reuni-lo outra vez. Mais uma vez, adeus!

E Saied começou a caminhar abismo acima com suas dores, que agora eram maiores que seu ódio. E o seu eterno adversário ainda falou:

— Você lançou um repto e não o cumpriu! Um dia você me pagará caro por ter recusado meu convite. Então neste dia renegará o seu Deus e me servirá para todo o sempre à minha esquerda, guardião!

E Saied continuou subindo e ouvindo ofensas e mais ofensas. A última que ouviu dizia:

— Esperarei que suba bem alto e depois o derrubarei, e então o possuirei por inteiro.

Desejo e Ambição, Prazer e Possessão – Surge Nova Arma

E Saied saiu das Trevas e atingiu a terra. E o Príncipe das Trevas retornou ao seu abismo profundo gargalhando, porque Saied pôde, mas não o destruiu. O mais perseverante, astuto e poderoso iniciado na origem não o destruíra.

Mas Saied pouco se importava com isso, porque uma nova preocupação tomara conta dos seus pensamentos. Se havia lutado tantos milênios contra o mal e não caíra, agora corria um risco muito grande. Ele sabia que a luta não cessara e que as armas a serem usadas seriam mais sutis, ardilosas e tão devastadoras como as anteriores.

Ele havia dito: "Eu o cobrirei de prazer e glórias!" Isto significa que o tentaria pelo sexo pela riqueza ou pelo poder, caso viesse a reencarnar um dia. Também dissera: "Um dia eu me vingarei do repto não consumado e do convite recusado. Então pagará caro, e neste dia renegará seu Deus e me servirá para sempre."

A tentação de agora em diante seria outra, se bem que não abandonaria às antigas, pois o objetivo não era mais destruí-lo, mas sim possuí-lo.

E Saied chorou, chorou e chorou sua dor, tristeza, vergonha e estado atual. Como estava horrível!

— Sou um farrapo que mau consegue mover-se e sinto sede, muita sede. Como me faria bem um pouco de água fresca. Mas como consegui-la? Vou vagar pela terra agora. Não há outro jeito, senão tentar encontrar uma alma generosa que me dê um pouco de água.

E Saied caminhou, ou melhor, rastejou lentamente pela terra. Passou por riachos, fontes e lagos e não conseguia aplacar sua sede, já que não possuía mais o direito e o poder de colher a essência da água. Viu alguns espíritos com alguma luz e os chamou:

— Por favor, amigos Ajudem-me, por favor!

Eles se aproximaram cautelosos e o chefe do grupo perguntou-lhe:

— O que quer de nós, espírito imundo?

— Dêem-me um pouco de água fresca, por favor!

— Por que haveríamos de fazer isso a um espírito como você?

— Por que estou sedento.

— Não está no lugar devido, espírito imundo! Volte para as Trevas, lá é o seu lugar.

— Eu acabo de sair delas e não pretendo voltar nunca mais, a não ser a serviço.

— Nós sabemos muito bem qual é o seu tipo de serviço, ser das Trevas! Não está vendo que aqui não é seu lugar? Saia daqui e não volte nunca mais. Suma-se ser maligno e desprezível!

— Ao inferno com sua doutrina barata, idiota ignorante. Se não vai saciar minha sede, então suma-se. Já estou cansado de ouvir tantas asneiras nos últimos séculos.

— Antes nós vamos expulsá-lo para as Trevas, pois não permitiremos que prejudique os humanos.

— Era só o que me faltava!

Mas para espanto de Saied, um deles tirou um longo chicote debaixo de sua veste e começou a chicoteá-lo. Saied conhecia bem a dor causada por tais chicotes luminosos, mas resignou-se e não puxou sua espada simbólica encantada para defender-se. Apenas agarrou-se a ela e debruçou-se no solo.

O infeliz parecia não se cansar de chicoteá-lo. Por mais que o espancasse, não via outra coisa que um ser das Trevas, pois Saied estava todo esfacelado, esburacado e só os símbolos conservavam-se intactos. Tinha ainda os restos da longa capa negra que ganhara do guardião do portal das Trevas, que o prejudicava mais do que o ajudava. Ela estava toda puída, esfarrapada, mas seu símbolo das Trevas permanecia intacto.

A muito custo, Saied rastejou pelo caminho sendo chicoteado. Quanto apanhou não saberia dizer, mas as marcas queimavam como fogo, e as ofensas, muito mais. Em dado momento, um falou:

— Acho que já chega. Este aí mal pode mover-se e duvido que ouse prejudicar algum humano.

— É, tem razão! Vamos embora, temos mais a fazer além de ficar chicoteando este ser desprezível.

Quando eles se afastaram, Saied ficou olhando-os e pensou:

"Infeliz do ser humano que for guardado por estes estúpidos. Certamente cairá tanto, que eles vagarão muito tempo pela Trevas à sua procura e serão tão torturados lá embaixo, que não resistirão à dor e renegarão a Deus e cairão ainda mais. Eu os conheço bem, foram centenas de milhares de tolos ignorantes como estes que eu resgatei dos domínios dele só para que tivessem uma nova oportunidade de aprender um pouco das coisas divinas."

A muito custo elevou-se um pouco e apoiado em sua espada, reiniciou a caminhada. Vagou sem rumo por muito tempo. Sempre que encontrava uma fonte ou riacho, tentava saciar sua sede. Mas era inútil, pois os ossos esfacelados de suas mãos nem sentiam a água, quanto mais colhê-la!

Saied chegou a uma cidade e caminhou até o seu interior. Mal entrou e foi recepcionado como se fosse um cão raivoso. Os espíritos de luz o esconjuravam e os sem luz, ao verem o símbolo das Trevas na sua capa, temiam que ele tivesse vindo

buscá-los, e o feriam com suas armas, tais como: punhais, facas e outras contundentes e cortantes.

Foi arrastado para longe e surrado ao extremo. Quando um daqueles infelizes tentou tomar-lhe a espada, Saied agarrou-se a ela com todas as forças que lhe restavam e começou a fugir o mais rápido que podia. Mas a perseguição não parava e ele começou a enervar-se. Com isso começou a verter o maldito sangue que vertia quando ficava nervoso. Isto assustou alguns e atiçou ainda mais outros.

Pensou em puxar a espada de sua bainha e acabar com tudo num só golpe, mas preferiu continuar com a fuga.

Pouco a pouco todos desistiram e voltaram à cidade.

— Estúpidos! — gritou Saied — Estúpidos e ignorantes!

Dali em diante ele evitava as cidades, aldeias ou vilarejos, e até as estradas, porque muitos espíritos ligados aos seus familiares vagavam por elas e sempre que o viam, o insultavam, agrediam ou aumentavam os ferimentos já imensos sofridos no combate contra o Príncipe das Trevas.

Vagava pelos campos sempre em linha reta e tinha um objetivo: chegar ao mar. Sabia que um dia chegaria. Não tinha noção de onde estava, pois desconhecia os tipos de construções que encontrava. Sempre que via um espírito pelo caminho, tanto da Luz como das Trevas, ocultava-se até que ele se fosse.

Mas haviam os que também se ocultavam durante o dia e acabou encontrando vários deles ao acaso. Era difícil livrar-se de companhias tão incômodas e só a muito custo conseguia. Muitos o convidavam a integrar-se aos seus bandos. Eram espíritos que saíam à noite para incomodarem os humanos.

A tudo recusava sem nada dizer, além de querer saber onde ficava o mar.

Um velho com aparência nobre sentou-se ao seu lado certa noite e perguntou-lhe:

— Posso ocultar-me aqui?

— Estão perseguindo-o também?

— Sempre que chego à terra sou perseguido. E vejo que o mesmo acontece com você, não?

— É, acho que minha aparência não desperta muita simpatia.

— Por que não abandona esta capa com este símbolo?

— É a única veste que possuo e que oculta partes do meu corpo.

— Se quiser, posso dar-lhe este pequeno tecido para cobri-lo.

Saied gargalhou a não mais poder, e depois chorou muito. Em dado momento, levantou-se apoiado em sua espada e saiu da caverna. O velho então gritou-lhe:

— Onde vai?

— Não importa para onde vou. Afaste-se de mim se não quiser sofrer.

— Por que fugiu desse abrigo? Eu o magoei com algo que disse?

— Não, bom velhinho. Eu me magoei com o que fiz há muito tempo atrás e se fosse dar-me algo para cobrir-me, então precisaria de todo o tecido que existe no céu, no inferno e na terra.

— Não falo de sua consciência e sim do seu corpo, porque você o cobre com os trapos que restam dessa capa simbólica das Trevas.

— Isto também, bom velho. Mas pouco me incomodo com isso, que não tem a menor importância para mim, já que não posso mostrar-me a ninguém. Então, para que ocultar o que para mim nada significa?

— Talvez seja isso que afaste os outros quando você se aproxima deles.

— Talvez.

— Então tire esta capa e amarrarei em você este tecido, que o tornará mais aceitável.

— Está certo, bom amigo. Mas vou levar a capa comigo.

— Por que?

— Eu a ganhei de um amigo e com ela me cobri enquanto vagava pelas Trevas.

— Mas agora não está mais nas Trevas.

— Vou devolver-lhe o que restou de sua bela capa, pois o seu símbolo está nela e é a ele que respeito. Se eu abandoná-la, estarei menosprezando. Ele é o que é por ter conquistado o direito de ostentá-lo.

— Mas, é um símbolo das Trevas!

— Que importa isto? Para mim é tão valioso como um da Luz, já que é um símbolo e tem seu fundamento na origem de tudo.

— Como ganhou esta capa?

— É uma história muito longa e não estou disposto a contá-la a ninguém.

— Eu gostaria de conhecê-la.

— Só os envolvidos nela sabem como foi e não dirão nada a ninguém. E quanto a você, não acreditaria. Portanto, para que perder seu tempo ouvindo algo que depois me dirá: "É um louco a inventar histórias fantásticas."

— Eu acreditarei na sua história!

— Ela é fantástica demais e se quiser ir-se embora, vá, mas não me incomode mais com palavras. Só o ato de pensar já faz doer tanto o meu corpo espiritual, que sinto todo o tormento a que me lancei.

— Deve ter sido horrível.

— Pior do que possa imaginar. Mil vezes pior!

— Deve ter cometido algo muito grave, não?

— Não tenha dúvida disso.

— Deve ter prejudicado a muitos, não?

— Sim. Isto é uma verdade.

— Mas não ajudou a ninguém para merecer algum crédito da Lei?

— Se alguém fizer uma caridade ou auxiliar um caído, a quem pertence o crédito?

— A Deus Pai.

— Então, nada fiz além de minha obrigação como ser humano.

— Mas tem o seu crédito perante Ele!

— Meus créditos nada são diante d'Ele, pois meus débitos são muito maiores. Deus não ousaria pousar Seus olhos sobre um ser humano tão desprezível como eu.

— Então seu erro deve ter sido muito grande, não?

— Maior do que você poderia imaginar. Maior, muito maior, mesmo! Se nem todo o tecido do céu e da terra pode me cobrir, então imagine o tamanho do meu erro. O céu, a terra e o inferno unidos não o comportariam, porque ele é maior que os três juntos.

— É, deve ter sido imenso.

— Não tenha dúvida disso. Bem, vou-me embora, não devo estar muito longe do mar.

— Ainda irá demorar muito para chegar a ele. Posso ir junto?

— Você é quem sabe, eu não sou boa companhia e só vou prejudicá-lo.

— Como poderia prejudicar-me, se está reduzido ao nada?

— O asco, a revolta e ódio que causo nos outros poderão prejudicá-lo.

— Eu corro o risco, pois nada tenho a perder.

— Como quiser, mas não me culpe se algo de ruim lhe

acontecer. Você está ciente de que não sou companhia agradável nem para os habitantes das mais profundas trevas.

— Vou até o mar com você, está decidido!

E Saied caminhou mancando pelo resto do dia até um grande e muito bonito vale.

— Olhe só que coisa bonita de se olhar, amigo!

— Muito lindo, não?

— Sim. Como eu gostaria de ter morado num lugar assim quando estive na carne na última vez. Morri num lugar de certa forma parecido, mas não era assim, coberto de flores e ervas verdes por todos os lugares. Deus foi muito generoso quando pousou Seus olhos nesta região.

— Sim, amigo da espada. Deus é generoso. — falou o velho.

— Sua generosidade divina inundou esta região e acho que aqui encontrarei uma alma nobre que me dê o que tanto desejo. Chame-me de Saied, este é meu nome.

— O que você tanto deseja?

— Um pouco de água fresca, pois já faz um século ou mais que padeço de uma imensa sede.

— Como a adquiriu?

— Quando sofri a aflição da fúria do fogo dos infernos.

— E nunca mais conseguiu saciar sua sede?

— Não.

— Mas nunca encontrou um espírito de luz que pudesse dar-lhe um pouco de água?

— Encontrei muitos, mas nunca me ofereceram uma gota sequer. Só perguntavam por que eu, que curava tantos espíritos nos mais profundos abismo do inferno, não usava meu poder para curar-me.

— Eu vejo que você ajudou a muitos, não?

— Só uns poucos, e com a minha espada encantada, velho!

— Mas, por que não a usou em si próprio?

— Primeiro isto não seria justo, porque ela foi feita para ajudar os meus semelhantes e não a mim. Na luta, ela é invencível se a justiça estiver ao meu lado. Mas não confere o direito de ser beneficiário dos seus poderes.

— Talvez eles não soubessem disso.

— É, talvez. Mas o certo é que não tinham a obrigação de dar-me nada, pois se eu, com uma espada simbólica encantada havia caído tanto, então não merecia os benefícios da Luz.

— Mas se ajudou a incontáveis espíritos caídos, como nunca um sequer o ajudou?

— Eu não merecia o auxílio, por isso não o deram.

— Ou você não pediu?

— Isto também, pois eu acredito que se for merecedor, alguém saberá disso e me enviará a ajuda.

— Quem?

— O meu Deus! Ele sabe que cometi erros humanos mas nunca O abandonei, ou reneguei, ou culpei por meu infortúnio, estupidez ou ignorância. Não, isto não! Eu rastejei como um verme, mas não fraquejei em minha crença. Hoje Ele pode não estar com Seus olhos voltados para mim, mas certamente um dia Se lembrará que, mesmo no inferno, no ódio, na dor, no desespero, na angústia e na vergonha eu deixei de acreditar que eu era o culpado por ter caído tanto. Não tenho outra testemunha, senão o meu próprio Criador. Mas no dia do meu juízo, eu sei que meu juiz será o mesmo que amo e respeito acima de todas as alegrias ou infortúnios. E neste dia, o meu juiz testemunhará a meu favor e dirá: "Saied rasteja no mais profundo abismo negro, fica todo coberto por serpentes furiosas, foi calcinado, ofendido, humilhado, odiado, esquecido, rasgado e perfurado com toda a glória e prazer do inferno, e ainda assim não me negou ou culpou-me pelos seus erros, crimes e pecados."

— Mas pelo menos por caridade, alguém deveria ter lhe oferecido água ou outra coisa qualquer que saciasse sua sede.

— Que importa isto agora?

— Nada, não é mesmo?

— Isto mesmo, velho amigo! Agora vou me arriscar mais uma vez a pedir a algum espírito caridoso um pouco de água para aplacar esta sede centenária.

E Saied foi até a aldeia e viu um grupo de espíritos não trevosos. Aproximou-se deles e implorou por algo que aliviasse sua sede. Recebeu ofensas e foi excomungado e logo um grupo armado surgiu e o enxotou sob a ameaça de afiadas lanças. O velho foi em seu auxílio e foi agredido e chicoteado também. Saied o agarrou, cobriu-o com seu corpo e o arrastou para longe dali. Um deles veio com um pote e perguntou-lhe:

— Isto serve para saciar sua sede, ser nojento?

— O que tem para minha sede, amigo?

— Tome!

E o espírito jogou sobre eles o líquido contido no pote. Aquilo queimou mais que fogo e o corroeu mais que os vermes do inferno, e os dois urraram de dor. Saied agarrou o velho pelo braço e o arrastou para fora do vale tão lindo.

— Viu só o que lhe aconteceu, velho? Não devia ter vindo junto comigo e muito menos tentado me ajudar. Meu Deus, como está sofrendo! Eu conheço aquele líquido. No Vale da Luz Eterna nós o usávamos para queimar as feridas infectadas de vermes e miasmas. Mas era tão pequena a quantidade, que o enfermo mal o sentia.

— Por que fizeram isso?

— Porque são humanos, velho, só por isso e nada mais!

— Como queima este líquido. Não está sentindo-o?

— Acaso não sou humano? É claro que sinto. E como eu o sinto arder nas partes já doloridas do que resta do meu corpo espiritual.

Nisto uma mulher aproximou-se e falou-lhes:

— Perdoem o que os guardiões do vale lhes fizeram. Eu lhes trouxe um pouco de água.

Ela estendeu um pequeno porte a Saied. Ele agradeceu e levantou a cabeça do velho, fazendo-o beber. Ele foi bebendo entre gemidos de dor. Quando terminou, Saied devolveu o porte.

— Obrigado, senhora. Que Deus a abençoe por nos auxiliar, mas agora afaste-se rápido, pois um grupo deles está vindo para cá e se a verem, irá ser hostilizada.

— Então beba logo para que eu leve o pote, é o único que possuo.

— Tome, a água já se acabou.

— Saied, você a deu toda para mim? — falou o velho.

— Que importa, se estava com tanta sede quanto eu? Tome, senhora, e afaste-se rápido, por favor!

— Adeus pobres homens, cuidem-se bem.

Ela afastou-se célere e Saied apanhou sua espada e a capa. Então falou:

— Agarre-se em mim, vou arrastá-lo comigo velho.

— Deixe-me aqui, senão irão torturá-lo mais ainda.

— Está louco? Acha que vou deixá-lo à sanha desses idiotas ignorantes?

E Saied o arrastou. Não tinha muita agilidade e mancava de uma perna toda descarnada e com os ossos calcinados á mostra. Logo foram alcançados e novas agressões e torturas lhes foram infligidas. O velho gritava muito, mas ele não. Havia aprendido a suportar a sua dor em silêncio e assim permaneceu agarrado à sua espada encoberta pela capa negra esfarrapada.

— Mais uma vez pagarão por terem penetrado em nosso vale espíritos imundos! — gritavam eles.

E só foram embora depois de vê-los caídos e sem poder de reação.

— Logo voltaremos e se ainda estiverem aqui, vão sofrer suplício muito maior que este.

Eles se foram. Saied conseguiu sentar-se e olhou para o velho.

— Como está amigo de infortúnio?

— Todo quebrado em meu corpo espiritual, Saied. Não posso me mover.

— Eu o ajudo velho! Vou curá-lo com minha espada.

— Deixe-me aqui mesmo e fuja enquanto pode.

Saied nada falou. Apenas tirou sua espada luminosa que brilhava mais que nunca e tocou o peito do velho com ela. Imediatamente ele teve todo o seu corpo espiritual refeito e não mais sentiu dores.

— Como isto é possível, Saied?

— Esta espada tem esse poder velho! Ela foi forjada, rezada, encantada e consagrada a Deus para que combatesse o mal. Como a dor é um mal, ela o corta de imediato.

— Então, use-a em você também.

— Não posso. Se fizer isso, ela desintegrará o meu mental em mil pedaços e os espalhará no meio.

— Mas se alguém tomá-la e usá-la contra você?

— Se alguém a tocar será paralisado por ela. Nem os demônios ousam tocar nela, porque sabem do seu poder. Só o seu legítimo dono pode possuí-la e somente o Guardião Maior da Estrela pode pegá-la. Esta é a forma que a Lei tem para resguardar as suas armas. Se eu usá-la mal, ela me destruirá, e me lançará nas Trevas sem poder algum. Aí então eu sofrerei o pior dos suplícios, que será a sanha dos inimigos da Lei que habitam as Trevas.

— Compreendo! Vamos, eu o ajudo a sair deste lugar hostil. Como são incompreensíveis os seres humanos, não?

— Não viu nada ainda, velho. Se eu lhe contasse o que

fizeram ao mais bondoso homem que já passou pela terra, você compreenderia como são os homens.

— Já que não me fala da sua aventura no inferno, então fale-me dele.

— Conhece o Divino Mestre?

— Você o conhece?

— Sim. E vivi no tempo em que ele passou na carne para regenerar o ente humano que havia se perdido, desligado das coisas divinas e se degradado ao extremo. Eu o vi nascer e não dei muita atenção ao fato porque estava mais ou menos como hoje. Quase dois anos depois, eu vi milhares de crianças serem passadas no fio da espada por que um imbecil servidor do ente do mal que achou por bem defender seu ilusório reinado na terra. Eu só o reencontrei trinta anos depois, jogado numa cela imunda. Tinha o corpo todo em chagas, cortado pelo chicote.

— Deve ter sido horrível, não?

— Pior que isso, pois quando o visitei em sua cela, ele estava sedento. Eu vi quando um maldito guarda, ao ouvir o seu pedido de um pouco de água para aplacar sua sede, o mandou beber o próprio sangue, que vertia do seu corpo carnal. Pena que nestes séculos todos eu não o encontrei no inferno, senão o teria desintegrado com esta espada. Acho que o maldito tem tanta vergonha, que ocultou-se no oitavo círculo descendente, pois só pode ter vindo de lá para fazer sofrer o Divino Mestre.

— Como sabe de tudo isso, se já viveu na carne depois disso?

— Eu não tinha outro meio de alimentar meu ódio e manter-me irredutível no meu propósito de acabar com o ente do mal, senão o de reavivar minha memória ancestral e todos os momentos que me marcaram e me conduziram à queda. Eu alimentei meu ódio com minha dor e revolta. Eu buscava em todas as vidas passadas os momentos em que ele se levantava do abismo negro e espalhava a dor sobre a terra.

— É um direito dele, não?

— Sim. Sempre que uma religião poderosa surge na face da terra, lá está ele a combatê-la. E se o Bem combate com o bem, o Mal combate com o mal. É a Lei, não?

— Então, por que você desceu à sua procura e com o único intuito de destruí-lo?

— Ele devia saber que um servidor da Luz é tão poderoso como um das Trevas, e tão obstinado no combate ao seu amo como eles ao meu.

— Por que não consumou sua empreitada?

— Eu não pude.

— Por que não?

— Eu iria transformar os sete espíritos imortais das serpentes sagradas em sete espíritos castigadores. E elas não estão à minha disposição para tal fim, mas sim para darem vida terrena às coisas divinas. Que ele continue com seu maldito reino, vivendo do alimento que esses idiotas ignorantes lhe fornecem. Se eu nada sou sem Deus, ele nada é sem os homens. E se Deus me alimenta com minha fé n'Ele, o maldito tem de que se contentar com o que os que nada são, foram ou serão lhe fornecem. Só isso já me torna superior a ele, porque enquanto me alimento em Deus, ele tem de ser alimentado pelos homens.

E Saied gargalhou depois de muito tempo. O velho o acompanhou com um sorriso discreto.

— Você não o teme, Saied?

— Temo sim, velho. Como o temo! Eu sei do que ele é capaz. Sabe por que ninguém me dá um pouco de água?

— Não.

— Ele está atuando contra mim.

— Mas como, se você já não quer destruí-lo?

— Ele também não quer mais me destruir. Quer que eu o deseje.

— Então?

— Então, ele quer que eu me desiluda com os homens, velho! Não o sentiu por perto?

— Isso é possível?

— Para mim, é. Eu o sinto a longa distância. Ele quer que eu amaldiçoe os humanos para então voltar ao seu reino e assumir as sete coroas e as sete chaves e reinar nos sete infernos à sua esquerda.

— Mas quem lhe negou água foram homens!

— São dominados por ele, que os faz seus instrumentos no meio, assim como Deus fez aquela mulher instrumento de Sua generosidade.

— Então, a água era para você!

— Não. Ela era para o senhor, pois sofria somente porque se uniu a mim e aos olhos de Deus, o inocente não paga pelo culpado. E o único culpado ali era eu.

— Podia ter pedido à mulher que buscasse mais água e nos encontrasse mais à frente.

— Ele a teria lançado à sanha dos que queriam me martirizar. Então, mais uma inocente pagaria pelo culpado.

— Compreendo! Mas como irá ser ajudado então?

— Já sei que na terra não serei ajudado. Onde tentar, ele os jogará contra mim. Aconselho-o a me deixar aqui e ir-se para bem longe, velho.

— Eu não abandono um ser como você, não importa o que vier a me acontecer.

— Velho, outros já sofreram por me acompanhar. Vá embora, por favor!

— Não vou deixá-lo assim, Saied!

— Meu Deus, por que não me ouve? Acredite-me, irá se arrepender de ter ficado ao meu lado.

— Que importa isto, se eu gosto de você? Qualquer outro

teria me deixado para trás e livrado seu próprio corpo da dor que nos aplicaram. Além do mais, você poderia ter tirado a espada de sua bainha e dado uma lição neles.

— Minha espada tanto pode dar a vida, como a morte. Então, por que destruí-los, se eu poderia curar as dores que lhe infligiam?

— Muito sábio de sua parte, mas agora suas dores aumentaram de intensidade e não aplacou sua sede.

— Que importa minha dor ou minha sede? Um pouco a mais só faz com que eu me lembre que sou o mais desprezível dos homens na face da terra. Mas o que me preocupa agora é você, velho amigo. Deixe-me recostar um pouco naquela rocha, pois meu corpo dói todo.

— Está certo. Descanse um pouco, depois continuaremos

— Eu continuo, velho. Daqui você segue o seu rumo, que eu sigo o meu.

— Não vou abandoná-lo agora, amigo Saied!

— Vai sim, velho. Não duvide disso, pois vai mesmo!

— O que fará para impedir-me?

— Nada, além de pedir sua compreensão para comigo. O seu bom senso prevalecerá e me deixará ir sozinho daqui em diante.

— Não vou fazer tal coisa. Agora recoste aí e descanse um pouco.

Saied sentou-se e chorou um pouco sua dor. Quando se recompôs, falou-lhe:

— Velho, ouça com muita atenção o que vou dizer-lhe agora, está certo?

— Eu o ouvirei, fale!

— O ente do mal está com os seus olhos voltados para mim. Ele irá de todas as formas tentar fazer com que eu pegue ódio ao ser humano. Ele já fez isto com outros iniciados na

origem e conseguiu, por isso não desistirá até que me possua também.

— E o que tem isso a ver comigo ao seu lado?

— Ora, velho! Não percebe que, se você estiver comigo, ele terá sua tarefa facilitada?

— Por que?

— Ele quer que eu puxe minha espada contra um ente humano. Se eu fizer isto, ele já terá me vencido, assim como me derrubou quando imantou meu sabre dourado com o ódio. Eu o levantei contra uma humana e como fui detido, puxei minha espada com a outra mão. Só não a tirei por inteiro porque um ser equilibrado ficou entre mim e o ente humano odiado. Não fui destruído daquela vez, mas perdi meu direito de voltar à Luz. Agora que ele quer me possuir, quer tirar-me o único lugar onde posso rastejar.

— Mas eu só quero ajudá-lo!

— Eu sei disso e peço a Deus que o abençoe por isto.

— Então?

— Ele o usará como meio de me derrubar. Eu o conheço muito bem e sei do que é capaz. Por mim, não puxarei minha espada até devolvê-la ao único ser que pode guardá-la. Mas se você me acompanhar, ele o usará como meio para destruir-me. Então diga-me: quer me ver cair para sempre?

— Não.

— Quer ter marcado em sua memória imortal que com sua bondade e generosidade precipitou para sempre um ser humano que só queria ficar sozinho para não cair e poder resistir às investidas dele?

— Não.

— Quer que eu, ao cair mais uma vez, e desta sem retorno, fique a me remoer que foi a bondade e a generosidade que me lançaram no abismo negro sem retorno?

— Não.

— Quer que eu, após cair e remoer-me contra alguém tão bom como você, passe a odiar os seres generosos e bondosos que habitam a face da terra ou as esferas luminosas como ele ou os seus servidores fazem?

— Não.

— Já percebeu a extensão e a profundidade do precipício à minha volta?

— Sim.

— Então?

— Vou sofrer muito por não poder ajudá-lo, mas vou deixá-lo sozinho para que, a despeito de sua dor e sede, possa resistir a ele. Que Deus o abençoe Saied!

— Obrigado, velho bondoso! Como é bom ouvir um humano puro como você desejar para um ser tão desprezível como eu, as bênçãos de Deus. Nem a água mas fresca me faria tão bem como fazem agora suas palavras. Que sua caminhada rumo ao seu destino nesta terra seja iluminada pelo Pai generoso e bondoso que é Deus, o nosso bondoso Deus! Agora vá, velho amigo! E cuide-se, pois logo alcançará a sexta esfera luminosa.

— Como sabe de algo que nem eu sei?

— Que importa isso, velho amigo?

— A mim importa, e muito!

— Então descubra isto quando chegar a ela, está certo?

— Está bem, Saied amigo. Cuide-se também, pois tem tudo para vencê-lo novamente.

— Eu tentarei. Sim, como eu tentarei!

E o velho caminhou para longe. Saied o acompanhou até que quase sumisse na linha do horizonte e viu quando um facho de luz desceu do céu e o puxou para cima, então gargalhou e falou:

— Perdeu mais uma vez, pois agora estou totalmente só

na face da terra e o castigo que os espíritos humanos podem me infligir não é nada se comparado aos que me impôs nos seus domínios.

E gargalhando, Saied, arqueando, avançou rumo ao mar. Mas ainda falou:

— Ouça-me ente das Trevas, não adianta tentar atingir-me assim. Eu sei do seu plano de usar os seus servidores para que eu odeie os homens, pois só os terá antes do tempo ao seu lado. Você já soube do que houve com os da aldeia, não? Exatamente! O velho só precisava de um ato de generosidade, lealdade e amor após sofrer tão terrível castigo, para ter abertas as portas do paraíso celeste para sua elevação. Quanto à boa mulher que trouxe uma pouco de água, só precisava vencer uma única prova para alcançar a terceira esfera, e você lhe propiciou isto também. E quanto aos que nos martirizaram, só precisavam de mais uma injustiça para caírem de vez e cessar a opressão que há muito vinham praticando contra os espíritos que velam pelos habitantes encarnados daquele paraíso terrestre. Quanto aos que me hostilizaram mais atrás, todos estavam na balança da Lei, e você só precipitou a queda de seus valiosos servidores que vinham desencaminhando os que estavam em dúvida sobre qual o caminho a tomar. Lembre-se que agora meu ser imortal está inundado pelos venenos dos espíritos imortais das sete cobras sagradas e originais da Luz, e todo aquele que tiver de subir, subirá ao defender-me, e todo aquele tiver de cair, cairá, porque os espíritos imortais farão isso e como estou na terra, onde o Alto e o Embaixo se encontram, meu veneno cura ou mata. Para tanto, basta que olhem para mim. Assim como eu não posso vê-lo, você não pode vê-las, e se as ver, fugirá de volta para o nono círculo de tanto pavor.

E Saied gargalhou tanto, que teve que parar e descansar um pouco. Depois falou:

— Isso, fique com ódio e me ataque. Assim perecerá para todo o sempre, pois quando me tocar, todo o seu ser entrará

em convulsão e explodirá nos sete infernos. Vamos, ente infernal! Eu sinto suas presas tão próximas de mim, que até parei para que não erre quando fechar sua bocarra.

E Saied gargalhou muito mais.

— Por que recuou? Já sabe da verdade que o espera, não? Novamente você me teme, e isso me deixa feliz. Quer me tentar com o desejo? Ótimo, envie-me todas as suas servas. Faça isto, pois aquelas que estiverem nas Trevas e forem picadas pela minha cobra e tiverem que cair, cairão. Mas as que tiverem que subir, subirão. E as que quiserem mas não ousarem, no meio ficarão.

— Por que diz isto?

— Para me defender dos seus ardis. Antes de sair do meio, eu já saiba que você iria mudar de tática, porque tremeu quando voltei ao meio. Você sabia que eu sairia e quando isto acontecesse, você estaria com os dias contados. Então eu já me armei para esta nova fase da luta, e é por isso que vou devolver a minha espada simbólica encantada. Logo, uma outra estarei usando em nossa luta. Nesta nova fase de nossa luta, a arma será outra e espero tirar muitas servidoras milenares dos seus domínios. Há! Há! Há! O prazer que sentia em possuir-me não era seu, e sim meu. Há! Há! Há! O desejo de posse que dizia ser seu, não era. Ele provém do veneno da cobra azul. Azul, há! Há! Há! Quer que eu lhe conte os outros sentimentos que elas causam?

— Não, maldito guardião iniciado na origem! — gritou no meio da noite o ente maligno.

— Sabe o por quê de você ter se tornado tão calmo e sábio ao falar comigo? Era a irradiação do veneno vivo da serpente dourada que sai por meus poros espirituais.

— Maldito guardião!

— Está sentindo o ódio que o irradia? É da cobra preta e branca, que odeia a negra. Quanto mais próximo de mim ficar, mais ódio absorverá, e espero que absorva o suficiente para

que suas cabeças auxiliares ataquem a cabeça pensante só para escaparem do seu domínio. Há! Há! Há!

E Saied estava deitado no solo gargalhando a não mais poder.

— Aproxime-se de mim, meu inimigo! aproxime-se e destrua-me. Envie contra mim os seus leais servidores. Aqueles que tiverem que subir, subirão, os que tiverem que cair, cairão. Envie-me suas leais servidoras. Eu as tocarei com minha lança e despertarei nelas tanto amor, que até você irá me amar também. Há! Há! Há! Sabe por quanto tempo eu carreguei esses venenos em meu ser imortal?

— Não, maldito guardião!

— Por setenta e sete mil anos, ente das Trevas. Por todo esse tempo, a contar do dia em que saí do meio, teremos uma luta nova a travar. Se ousar tocar-me, morrerá para todo o sempre, e se envolver-se com os seus, ou eles subirão ou cairão, porque assim foi determinado pelos sete espíritos imortais das sete serpentes sagradas que circundam os sete símbolos e, todos os mistérios sagrados da criação. E eu os tenho aos sete em meu ser imortal.

— Eu sei o que simbolizam e contêm! Mas, por que me conta tudo isto?

— Quero que saiba quais são as armas que terá de combater, e quando me enviar suas mensageiras para que me derrubem, escolha as mais belas, porque se enviar-me as feias, já terá perdido de antemão, pois eu não me interessarei por elas. Há! Há! Há!

— Então você irradiou o prazer e a possessão sobre mim? Como conseguiu isto?

— Eu sabia que podia degolá-lo quando saí do meio. Isso me dava uma sensação de prazer por poder destruí-lo e de possessão, já que eu o tinha ao meu alcance mas não podia destruí-lo. Agora você já está totalmente irradiado por estes sentimentos, e eles durarão setenta e sete mil anos. Há! Há!

Há! Imagine só. Você irradiando estas sensações contra mim por todo este tempo!

— Por que fez isto?

— Por vingança.

— Como assim?

— Estou me vingando dos últimos setenta e sete que você me irradiou dor e sofrimento. É um justo preço, não?

— Muito sábio de sua parte, guardião!

— Também acho.

— Mas sofrerá para conseguir o prazer e a possessão.

— Que importa isso, se quando eu o conseguir ele valerá por setenta e sete mil anos de dor e sofrimento? Além do mais, todas as suas irradiações não terão efeito algum sobre mim, pois o veneno da coral as eliminará, caso você as envie contra mim, e nem tomarei conhecimento delas.

— Pois eu o levarei à loucura pelo prazer pela possessão.

— Que importa isso se o único prejudicado serei eu? É muito melhor que a dor e o sofrimento, não?

— Você é sábio, guardião!

— Vê, você está recebendo a irradiação da serpente dourada e está ficando sábio. Continue perto de mim e logo descobrirá que está no lado errado desde sua origem. Há! Há! Há! Continue próximo de mim e logo me amará, ente da escuridão. Quem sabe não assuma a mais bela forma feminina, a mais sensual e tentadora, e vem ao meu encontro só para ser atingido pela nova arma colocada à minha disposição pelo meio? Mas cuidado, se me morder, morrerá, se me arranhar também morrerá. Mas se nada disso fizer, e por mim for atingido em seu íntimo feminino, talvez suba, se o seu amor for verdadeiro, ou caia para o nono círculo, se for falso. Há! Há! Há!

— Um dia, um dia me pagará caro guardião! Eu vou voltar ao meu abismo e estudar como possuí-lo, mas um dia eu voltarei e o levarei comigo para sempre.

— Está certo, mas até lá envie-me as mais belas, sensuais, ardentes e apaixonadas servidoras suas para que eu as atinja com minha nova espada encantada e as envie de uma vez por todas, ou para a Luz ou para as Trevas. Está certo?

— Está certo, guardião! Afinal, se esta é a nova arma a ser usada, eu escolherei só as que terão alguma chance contra você. Há! Há! Há!

— Vê como agora sou eu quem irradia em você?

— Se antes irradiava dor e sofrimento, eu lhe irradiava ódio e destruição. Sabe o que lhe irradiarei?

— Sim. Será desejo e ambição, os opostos de prazer e possessão.

— Mas terá que saber direcioná-los, ou então cairá.

— Certamente, meu sábio inimigo! Se com a espada eu elevo ou rebaixo, com a nova arma o mesmo acontecerá.

— Mas eu estarei lá para impedir que isto aconteça.

— Ótimo!

— Por que "ótimo"?

— Se não fizer nada contra, acabarei não sabendo se estarei agindo na Luz ou nas Trevas. Sem sua escuridão, eu não saberei onde é mais luminoso, e posso caminhar para baixo, na Luz, ao invés de subir por ela.

— Até outro combate, guardião?

— Não vai se afastar de mim com ódio?

— Para que, se ele só irá envenenar-me? Há! Há! Há! Até a vista, desejado guardião!

— Até lá, desprezível ente das Trevas!

O ente das Trevas voltou ao seu abismo escuro gargalhando com a alegria que lhe causava o novo tipo de combate que travaria com o seu mortal inimigo. Saied tanto gargalhou, que começou a chorar com a dor que isto lhe causava. E quando acalmou-se, reiniciou sua caminhada rumo ao mar.

Só muito tempo depois chegou, e sentou-se à beira-mar. Depois de um bom descanso, tirou a espada simbólica encantada de sua bainha e a elevou acima da cabeça, orando a prece sagrada dos guardiões da estrela.

Um ser luminoso surgiu das águas e pairou sobre ela. Saied o saudou e caminhou em sua direção.

— Por que vem devolver sua espada simbólica encantada?

— Não quero dar mau uso com ela prefiro deixá-la sob a sua guarda até o dia em que eu possa usá-la com sabedoria e justiça.

— Sabe quando será este tempo?

— Não. Mas confio em sua visão e julgamento superior e sei que quando eu der provas disso, você a devolverá a mim para que eu volte ao eterno campo de batalhas.

— É sábio, guardião!

— Não sou sábio, ser luminoso. Sou um tolo que tenta ser um pouco sábio, mas nunca deixa a sabedoria o dominar.

— Talvez um dia seja um sábio, guardião.

— Talvez, sempre talvez, não?

— Sim, talvez. Aproxime-se de mim e me dê sua espada simbólica encantada.

— Sofrerei muito. Não posso volatizar-me e a irradiação salina das águas queimará mil vezes mais as chagas de meu corpo.

— Não posso ir até você. Portanto, venha até mim ou fique com sua espada.

— Eu vou até você.

E Saied entrou no mar e avançou até o ser luminoso. E de seus olhos as lágrimas corriam com a dor que a salinidade lhe causava. E cobriu todo o seu corpo espiritual com a água do mar e só a muito custo, conseguiu passar às mãos dele a

espada encantada. Depois veio uma forte onda e o lançou na praia. Saied urrou de dor. E tanto urrou, que elevou sua cabeça aos céus e clamou a Deus perdão por seus pecados, erros e crimes. E gritou aos quatro cantos e aos sete infernos que estava arrependido dos seus erros e que clamava aos sete céus que se apiedassem dele, pois sua dor era maior que seu ódio ou vergonha e que desejava o alívio que só a Luz poderia lhe dar.

E Saied viu todo o sangue que o havia coberto da cabeça aos pés correr de seu corpo através de suas chagas e ser absorvido pelas águas do mar, que o levaram para o fundo, onde seria purificado.

E Saied ficou deitado na areia, curtindo a dor de suas feridas. O alívio não vinha e ele rastejou até as rochas, recostou-se a elas e chorou sentido.

E como chorou Saied! E tanto chorou, que parecia uma criança recém-nascida após ser lançada à luz pelo útero materno.

E o pranto tanto aumentou, que comoveu os sete céus e os anjos se apiedaram daquele que ousou enfrentar o supremo Príncipe das Trevas em seu próprio reino e de lá libertou, com sua espada simbólica encantada, exatamente três milhões de espíritos caídos. Mas antes os fez levantarem suas cabeças, escancararem sua bocarras e urrarem que estavam arrependidos dos seus erros, crimes e pecados e gritarem aos quatro cantos e aos sete infernos que estavam pedindo perdão a Deus e auxílio aos sete céus, e que confiavam na generosidade de Deus, e que nada eram, haviam sido ou seriam sem Ele, o Pai Eterno.

Então uma linda mulher aproximou-se dele, e com um cântaro nos braços, falou-lhe:

— Guardião, aceita um pouco de água fresca?

Saied nada falou, pois não conseguia devido ao pranto, apenas estendeu as mãos e levou o cântaro à sua boca ressequida. Aplacou sua sede e com um gesto, a agradeceu.

Então ela falou:

— Quer que eu derrame o resto em seu ferido corpo espiritual e o cure de suas chagas?

— Isto é possível só com esta água?

— Sim, esta é a água da vida.

— Por Deus, faça isto, sinto tanta dor, irmã!

— Eu o curarei, querido irmão que volta à Luz.

E ela despejou toda a água em seu corpo. E Saied não sentiu mais dor alguma.

— Obrigado, querida irmã.

— Quer que eu o leve a algum lugar onde possa descansar de sua longa jornada?

— Vou esperar pelo meu Divino Mestre. Sei que agora que me purifiquei do sangue que me cobria da cabeça aos pés, ele não sentirá vergonha de mim. Ele sabe que dela eu já me arrependi, porque purguei nas Trevas todo o meu ódio, que o cobria de vergonha caso me recebesse na sua Luz Divina.

— Enquanto ele não vem, não quer que eu o ampare em meus braços?

— Não lhe ofende acolher alguém como eu em seus braços?

— Por que?

— Estou com vergonha de estar nu diante de você.

— Isto o incomoda?

— Sim.

— Pois a mim não. Venha e recoste-se em meu colo, assim descansará um pouco.

E Saied recostou-se e fechou os olhos e aninhou-se como um bebê no colo materno e adormeceu um agradável sono. E sonhou que a mais bela mulher o envolvia em seus braços e o cobria de carinho. Todo o carinho que não tivera de sua última mãe, recebia agora, e de seus olhos espirituais corriam lágrimas de alegria, e de seus lábios um sorriso se formou, e então ele chegou.

E Saied não o viu, mas saiba que ele estava ali para conduzi-lo a outro lugar.

— Como está ele, querida filha?

— Pronto para o reencarne. Está reduzido ao tamanho de um bebezinho.

— Então passe-o para mim que os meus eu conduzo às suas novas moradas.

— Divino mestre, você ouviu o último diálogo entre ele e o ente negro?

— Sim, isto a preocupa?

— Muito.

— Pois eu disse um dia a ele que quando fosse a hora certa, eu o inundaria com meu amor e então ele transbordaria amor e o despertaria em quem lhe roubasse os olhos. Este é o tempo, e não creio que o que fica embaixo ouse enviar as suas, pois elas serão tocadas pelo amor dele e repudiarão às Trevas para sempre. Mas caso faça isto, que as perca então.

— Eu o senti transbordar desejo ao recostar-se em mim e isto me incomodou, como eu não sentia desde que fui para o seu lado.

— Então, no tempo certo eu a enviarei à carne e lá você dará vazão a este sentimento, para que possa voltar ao meu lado purificada e continuar me servindo.

— Temo voltar à carne e cair.

— Eu a conduzirei até ele, e assim não cairá.

— Obrigada, Divino Mestre. Eu te amo muito e quero viver em ti para todo o sempre.

— Faça isto minha filha, pois só assim eu viverei em você e me multiplicarei entre os homens através do seu amor.

E assim termina a Lenda do Sabre Dourado!

* * *

Os contatos com **Rubens Saraceni**
podem ser feitos através da:

Caixa Postal 1520
São Caetano do Sul - SP
CEP 09571-990